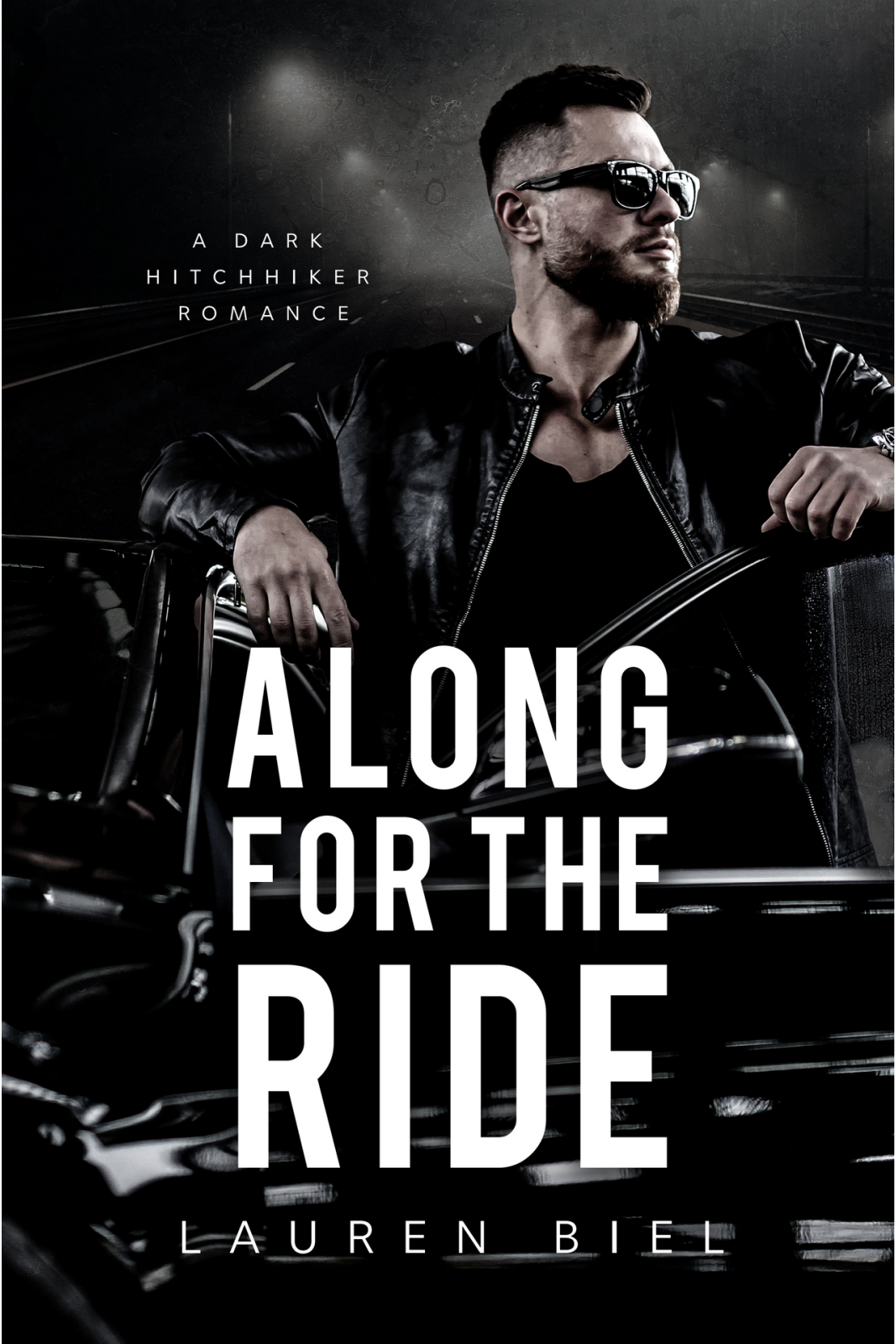


A man with a beard and sunglasses, wearing a black leather jacket, is leaning against the hood of a dark car at night. The background is dark with some light flares, suggesting a city street or parking lot. The overall mood is mysterious and romantic.

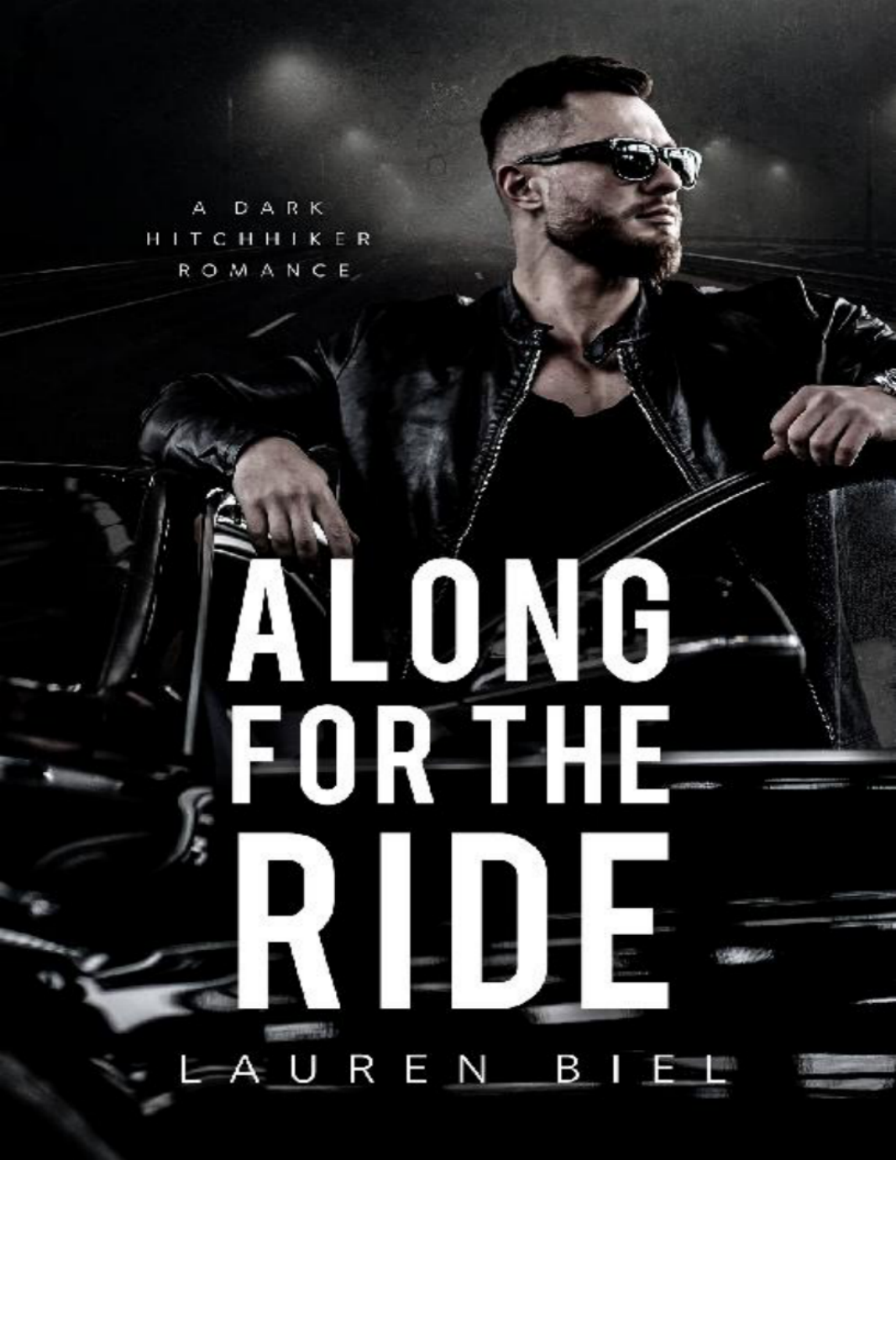
A DARK
HITCHHIKER
ROMANCE

ALONG FOR THE RIDE

LAUREN BIEL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A black and white photograph of a man with a beard and sunglasses, wearing a leather jacket, leaning against a car. The background is dark and moody, suggesting a nighttime setting. The text is overlaid on the image.

A DARK
HITCHHIKER
ROMANCE

ALONG FOR THE RIDE

LAUREN BIEL

ALONG FOR THE RIDE

R I D E O R D I E . 2

A tradução foi efetuada pelo grupo SB, fãs e admiradores da autora, de modo a proporcionar ao leitores e também admiradores o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os aos admiradores, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para seus admiradores adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo SB poderá, sem aviso prévio e quando entender que necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstando-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo SB de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por a

to ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

ALONG FOR THE RIDE

RIDE OR DIE, 2

SUN
BOOKS



RIDE OR DIE

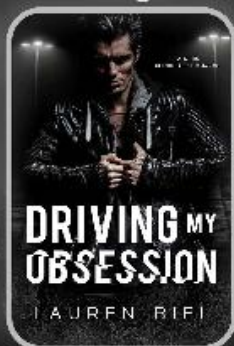
#1



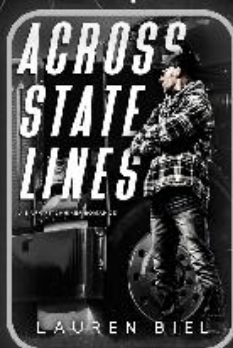
#2



#3



#4



RIDE OR DIE

LANÇAMENTO

A DARK
HITCHHIKER
ROMANCE

ALONG FOR THE RIDE

LAUREN BIEL

ALONG FOR THE RIDE

RIDE OR DIE, 2

SINOPSE

O amor é uma língua desconhecida para todos nós, mas estamos aprendendo

Leana

Enquanto fugia de um namorado violento, acabo no carro com dois assassinos insensíveis. Gentry e Karson me levam em uma viagem que eu não sabia que precisava, e eu me torno o sopro de ar fresco entre dois irmãos que sufocam sob ondas de animosidade.

Em batalhas travadas e cicatrizes conquistadas, forjamos uma tríade de destruição e deixamos inúmeros corpos em nosso rastro. Só precisamos garantir que não estejamos entre eles ao final de cada dia. É mais fácil falar do que fazer quando nossas maiores ameaças podem ser uns aos outros.

Posso escapar de meu passado e ajudar esses irmãos "Kursed" a se reconciliarem? Será que vou sucumbir à escuridão ou lançar luz sobre homens que andam nas sombras? Temos 4.400 quilômetros para descobrir isso.

Gatilhos

Infidelidade (não entre MCs), violência doméstica (não entre MCs), assassinato, violência, sequestro, consentimento duvidoso/não consentimento (entre MCs), esturpo (não entre MCs), comportamento sociopata, mocinha viciada em drogas, dependência química, *cock warming*[1](#), degradação, elogio, cuspir, cenas ao ar livre/carro, jogo primal, brincadeira de gozada e enchimento, sexo anal, piercing no pênis, brincadeira de sangue, autassassinofilia, tripsolagnia, reprodução sem gravidez, esguichos, *snowballs*[2](#), brincadeira com água, felação vaginal, voyeurismo, exibicionismo, comportamento ciumento/possessivo, sado-masoquismo, toque nela e morra, diferença de idade.

Este livro é para meus leitores que não aprenderam da primeira vez que é perigoso pegar um presidiário sexy e tatuado na beira da estrada.

Dirija ou morra!

Prólogo

Gentry

Eu avanço em direção à minha porta da frente com as mãos cobertas de sangue e o sussurro de uma dor de cabeça por trás dos meus olhos injetados. Estou exausto depois desse golpe e tudo que quero fazer é me deitar na cama e dormir por uma semana. Este era um verdadeiro lutador.

Quando chego à porta, paro na maçaneta destrancada e minha respiração fica presa. Na minha área de trabalho, você não pode deixar de se preocupar em levar trabalho para casa. Não figurativamente, mas literalmente. Olho por olho. Vida por vida.

Não tenho filhos com quem me preocupar, mas tenho uma esposa com quem me importo, pelo menos um pouco. Se ela morresse em um acidente de carro, eu ficaria um pouco triste – gosto dela o suficiente para possivelmente até sentir falta dela – mas se ela morrer por causa de uma vingança, eu me sentiria culpado.

Eu saco minha arma, envolvendo meus dedos em torno do punho enquanto abro a porta. Sons abafados penetram no silêncio e minha mente muda do assassinato para a tortura. Se alguém estiver lá torturando o que me pertence, receberá o mesmo em troca. Levanto a arma e saio da sala escura. As fortes luzes fluorescentes acima da cozinha revelam algo muito pior do que alguém torturando minha esposa.

Ela está curvada sobre a mesa da cozinha, um homem atrás dela e empurrando-a.

Pior?

O homem que está atrás dela é a porra do meu irmão.

É quase como me ver fodendo minha esposa. Se eu fosse alguns centímetros mais baixo e com muito menos músculos, claro. Compartilhamos o mesmo cabelo escuro, olhos escuros e sede de sangue. Somos sócios no negócio há anos e, embora ele sempre tenha tido problemas, ele foi a única pessoa em quem pude confiar minha vida.

Até agora.

Uma chama vermelha varre meus olhos. Nunca vi tal matiz. Aquece o sangue em minhas veias até que sinto que estou queimando. Meu foco está menos nas estocadas fortes e rítmicas dos quadris de Karson e mais no gemido solto que sai de seus lábios. Um som que não ouço há algum tempo.

Coloco minha arma no coldre antes de cometer um grande erro.

Minha sombra passa por eles quando dou um passo à frente e os olhos de Karson se arregalam de surpresa. Ele se afasta da minha esposa, forçando-a para frente quando sua mão deixa seu peito.

— G! — Ele brada — Não é o que parece! — Ele olha para seu pau e fecha as calças — Bem, é, mas não é o que você pensa! — Sua garganta apertada luta para empurrar as palavras através de suas cordas vocais trêmulas, porque ele sabe que estou a uma fração de segundo de explodir sua cabeça.

— Querido — minha esposa diz enquanto puxa o vestido para baixo e estende a mão para mim.

— Porra, não! — Eu rosno, empurrando-a para o chão. Ela bate no chão de ladrilho com um grito e bate nos armários. Jogo Karson contra a parede, a prateleira de temperos caindo e caindo aos meus pés.

— Minha esposa, Karson? Sério? — Eu inclino meu peso nele, cortando seu oxigênio enquanto minhas mãos envolvem seu pescoço. Imagino matá-lo de vinte maneiras diferentes, cada uma mais dolorosa que a anterior.

— Espere, deixe-me explicar! — Ele engasga enquanto sua mão envolve meu pulso. Ele suspira na minha frente. Considero deixá-lo, mas o que ele poderia dizer? Qual poderia ser a porra da desculpa dele? Algo escurece seus olhos e eu afrouxo meu aperto.

— Ela está te traindo!

— Claramente — eu respondo. Que observação brilhante.

Karson tosse.

— Não! Bem, sim. Mas quero dizer antes de mim.

— Explique do que diabos você está falando e faça isso antes que eu perca a paciência mais do que já perdi.

— Não dê ouvidos a ele! — Minha esposa grita do chão.

— Foda-se — eu digo para ela. Volto minha atenção para meu irmão. É melhor que ele tenha uma boa desculpa ou vou enterrar os dois em alguma cova rasa em algum lugar.

— Paulina está brincando com você há meses. Eu estava aqui por uma coisa — Ele levanta a camisa para expor sua lâmina favorita no quadril — Para matá-la por você.

— Você tropeçou e caiu nela com seu pau primeiro? Que parte de a matar envolveu fazer isso? — Eu me movo entre eles com a arma. Paulina solta um grito e cobre a porra do rosto traidor — Você ao menos tem provas de que ela estava me traindo, Karson? Tem?

Meus olhos se estreitam sobre ele. A única coisa pela qual ele veio não envolveu dobrar minha esposa sobre a maldita mesa da cozinha. Eu não acredito nele de qualquer maneira. Karson dirá qualquer coisa para salvar a própria pele. Aperto ainda mais seu pescoço até que seu rosto fique vermelho. Ele pega sua faca e eu o deixo ir o tempo suficiente para arrancá-la e enfiá-la na parte de trás da minha calça.

— Achei que seria divertido cortar sua garganta enquanto eu estava transando com ela. Juro que era apenas para vingar, Gentry! Se você não acredita em mim, olhe o telefone dela! — Ele ofega.

Eu o solto e me viro em direção ao balcão. Minha esposa se ajoelha e salta para pegar o dispositivo, mas meu braço balança para trás e voa em direção ao seu rosto antes que ela possa alcançá-lo. Talvez ela tenha algo a esconder, afinal.

Percorro seu telefone, olhando primeiro suas mensagens de texto. Os músculos da minha mandíbula se contraem em nós com cada mensagem obscena que leio. A cada foto trocada. Noites comemoradas em detalhes gráficos. Existem até trocas entre ela e Karson. Em sua última mensagem, ele avisa que vai passar por aqui e “cuidar” dela. Talvez ele quisesse matá-la, mas não precisava transar com ela primeiro.

Uma raiva incandescente toma conta de mim, e tiro a faca de trás de mim e levanto Paulina pelos cabelos.

— Por favor, não! — Ela implora — Eu me senti sozinha, Gentry. Às vezes você fica fora por semanas e não tenho notícias suas há dias.

Ela não sabe muito sobre o que eu faço no trabalho, mas sabe o suficiente para entender por que não posso conversar ao telefone quando estou me preparando para o que preciso fazer. Nunca fui do tipo que recebe mensagens de boa noite ou check-ins diários. Eu não sou um maldito amante. Sou durão, e tenho sido durão desde o dia em que ela me conheceu. Foi ela quem disse que me amava, independentemente do meu exterior duro, e não fui eu quem mudou. Não fui eu quem saiu do nosso casamento.

— Puta, puta! — Eu grito antes de enterrar a lâmina em seu peito e torcer.

Um olhar de traição e choque atravessa sua expressão, o que é irônico, já que ela é o Judas. Bem ao lado do meu irmão. Seus olhos focam na frente dela, em algum lugar além de mim, e eu deixo cair seu corpo sem vida no chão. Arranco a lâmina do peito dela e viro a ponta vermelha na direção do meu irmão. A raiva transborda de mim em ondas.

— Você teve que transar com ela primeiro, Karson?

Ele dá de ombros. Apenas encolhe os ombros da maneira mais Karson.

No fundo do seu coração fodido, ele pensou que estava me ajudando. Mas ele é um homem egoísta. Karson não faz absolutamente nada, a menos que consiga algo com isso.

Aproximo-me e jogo meu peso nele novamente.

— Foda-se você também. — Eu rosno — Fodam-se vocês dois.

Por mais que eu queira enfiar a faca em seu peito, não consigo. Não acabamos como assassinos contratados obcecados por assassinatos porque tivemos uma infância feliz, repleta de jantares em família e noites de jogos sem traumas. Passamos por um inferno juntos e Karson saiu pior do que eu. Do seu jeito fodido, acredito que ele estava tentando fazer algo pelo irmão mais velho, e foi por isso que o deixei viver. É por isso que empurro o cabo da lâmina contra seu peito até que ele a pegue.

Porque somos tudo o que temos no final do dia e nada ficará entre nós.

Leana

O escapamento do diesel enche meus pulmões. Se eu tossir muito perto de uma chama, provavelmente iniciarei um incêndio florestal. Os pontos de ônibus não são lugares limpos, mas é onde garotas como eu vão.

Meninas que fogem de lares desfeitos.

Meninas cujas mães não acreditam quando dizem que o padrasto lhes faz coisas indescritíveis.

Eu não poderia ficar naquela casa. Meu aniversário de dezoito anos estava se aproximando rapidamente, então eles também não podiam me obrigar a ficar. Quando fiz uma mala e bati a porta da frente atrás de mim, ninguém me seguiu. Também não foram registrados relatos de pessoas desaparecidas. Eu não estava desaparecida. Eu fui esquecida. Peguei um ônibus atrás do outro até ficar sem dinheiro e me encontrar do outro lado do país.

Nova York. A terra das oportunidades.

Estou aqui há uma semana e até agora parece mais a terra onde os sonhos vão morrer. Faço parte de uma comunidade de moradores de rua que fica perto desta rodoviária. Às vezes, alguns trabalhadores ficam com pena de nós e nos permitem limpar o banheiro, mas apenas se não estivermos bêbados ou viciados em drogas. Eu também não toco.

Não vou mentir e dizer que não estou tentada. Quando vejo aquele olhar distante nos olhos de Greasy Tom depois que ele cheirar uma linha ou o sono profundo em que Chicken Wing entra depois de se injetar, anseio pela mesma fuga. Por algumas horas, eles não ficam desabrigados, famintos, sujos e perdidos. Eles se vão, explorando algum lugar em suas mentes que não envolve o inferno que os trouxe aqui.

Sim, provavelmente tentaria se algum deles se oferecesse.

Mas eles não o fazem. Fiquei limpa e aproveitei os privilégios do banheiro algumas vezes esta semana. É uma troca justa, eu acho, mas ainda não é suficiente. Algo tem que mudar.

Pensei em me tornar uma profissional do sexo, mas nem recebi proposta desde que cheguei. Não sou uma deusa loira, mas estou um pouco ofendida por ninguém ter perguntado quanto custa uma viagem prática ou rápida ao Red Room Inn, no fim da rua. Eu provavelmente daria um soco no primeiro cara que perguntasse se isso significava passar uma noite inteira na cama. Eu nem me importaria de ser agredida um pouco. Isso acabaria com o doce amor que todos os garotos do ensino médio queriam fazer. Pontos de bônus se for

consensual.

— Você precisa de ajuda, senhorita? — Diz uma voz sombria e suave ao meu lado. Viro minha cabeça e encontro os olhos de um homem bonito. Ele é alto, largo e seu cabelo castanho despenteado lhe dá uma aparência bagunçada e sem importância. Ele se senta ao meu lado, estende a mão em direção ao meu rosto e coloca uma mecha do meu cabelo loiro atrás da minha orelha, lambendo os lábios enquanto encontra meus olhos azuis novamente.

— Uma garota bonita demais para estar aqui nas ruas — ele sussurra.

O que um garoto bonito como ele sabe sobre a vida aqui?

Ele abre o zíper da jaqueta e sua mão desaparece em um bolso interno. Quando ele tira um saquinho com um comprimido redondo, não consigo olhar para mais nada. É como se ele lesse meus pensamentos íntimos, como se soubesse o quanto anseio por uma fuga. Meus dedos se movem em direção à sacola, mas ele a tira fora do alcance.

— Ah, ah! — Ele repreende — O que você faria para aliviar a tensão?

Qualquer coisa. Eu faria qualquer coisa.

— O que você quer? — Pergunto, mas encontro a resposta olhando para a massa que pressiona seu zíper.

— Venha até meu carro e me mostre o que você está disposta a trocar por uma solução. — Ele se inclina para mim e passa o polegar pela minha mandíbula — Mostre-me o quão pouco você se respeita.

Passei a vida inteira me respeitando. Inferno, meu respeito próprio foi o que causou tanta discórdia entre mim e minha mãe. Mas posso deixar isso passar. Não me levou a lugar nenhum até agora.

Eu me apoio nele enquanto caminhamos em direção ao estacionamento. Ele tira as chaves do bolso quando chegamos a uma Mercedes preta, e meus olhos se arregalam. Este carro, com seu

interior em couro preto e o perfume da opulência, é a coisa mais cara que já toquei. Está prestes a ser o lugar mais caro que já transei, porque ele abre a porta dos fundos e me deixa entrar. Quando ele me segue, abandono a pouca dignidade que me resta enquanto ele tira o comprimido e o coloca na boca. Ele se inclina e me beija, colocando-o na minha língua. No momento em que engulo, sua mão passa por trás da minha cabeça, agarra meu cabelo e me puxa para seu colo.

— Talvez eu tire você dessas ruas, querida. — Ele diz com um gemido frustrado — Faça de você meu lindo projeto. Mas primeiro, mostre-me o que você pode fazer com a boca.

Talvez Nova York não seja tão ruim, afinal.

Capítulo um

Seis anos depois

Gentry

Sou um homem livre há uma semana, mas pensei no meu irmão todos os dias durante minha estada na prisão. Não foi o assassinato da minha esposa que me prendeu. Pedimos um favor a George, nosso encarregado, e ele mandou sua equipe de limpeza cuidar da bagunça. Sem ninguém para sentir falta dela - além dos homens que a estavam enganando - escapamos ilesos. O que me levou à prisão foi um caso de falta de tempo e bolsos vazios.

Os assassinos geralmente são bem pagos por seus serviços, mas meu irmão e eu não éramos assassinos típicos. Em vez de trabalhar por um grande pagamento, trabalhamos por uma aposta. O comprador pagou a George, George nos deu os detalhes e pudemos levar o que quiséssemos da cena. Deixar de fora as transferências bancárias não significava nenhum rastro de papel, e George tinha uma equipe que limpava as cenas para nós, então geralmente parecia uma troca justa. Tínhamos que matar — o que gostávamos muito — e não precisávamos nos preocupar com o que aconteceria depois. No entanto, esse acordo nem sempre funcionou a nosso favor. Nossos dois últimos golpes foram de pouco dinheiro, o que significava que também estávamos com pouco dinheiro. Precisávamos de dinheiro, então Karson e eu pensamos em voltar à nossa adolescência e fazer um assalto rápido.

Esse roubo rápido se transformou em seis longos anos em uma cela para mim.

Ainda posso ouvir o som da voz de Karson sentado em uma caixa de madeira e cantando como um canário para se proteger. Eu o encorajei a fazer isso, mas ainda assim foi uma merda. Ele nunca

esteve certo da cabeça, e cumprir pena em uma jaula teria resultado em uma implosão de sua mente. Ainda não o tinha perdoado por ter fodido a minha mulher, mas tinha que o proteger.

Já matávamos juntos muito antes de isso se tornar um trabalho, quando era apenas por esporte e não importava quem fosse pego no fogo cruzado. Éramos chamados de irmãos — Kursed. Foi uma brincadeira com nosso sobrenome — Kursicki — juntamente com o fato de que as pessoas ao nosso redor sempre pareciam desaparecer.

Costumávamos gostar da companhia um do outro.

Antes.

Antes de eu encontrá-lo transando com minha esposa e dividirmos nossos negócios. Eu não confiava nele, e a confiança era fundamental num negócio como o nosso. Nunca pensei que chegaria um dia em que teríamos que seguir caminhos separados. Ou um dia em que comecei a odiar o trabalho para o qual nasci. *Tudo* começou a me irritar, e tudo girava em torno de Karson e seu comportamento de merda. Ele arrastaria qualquer um para o inferno com ele, desde que tivesse alguém para lhe fazer companhia. É por isso que não nos falamos mais e planejei continuar assim.

De qualquer forma, a maioria dos homens em nosso ramo vivia vidas solitárias. Uma dupla era inédita. Como ursos pardos na floresta, fazemos contato para transar ou matar. Você não nos vê até que seja tarde demais.

Nossa maneira de pensar é única e só conheci um homem cujo cérebro funcionava como o meu e o de Karson. Ele foi meu breve companheiro de cela, Lexington Rowe. Grande, mas não tão largo quanto eu, com tatuagens de prisão cobrindo seu corpo. Dez marcas em sua carne contavam todos os anos em que ele estava preso, mas ele teria muito mais quando terminasse de cumprir sua vida inteira na prisão. Na primeira noite em que dormi com ele, ele quebrou minha mão por tocar em sua cama e eu fiz de tudo para quebrar seu nariz em retaliação. Depois disso, éramos *quase* amigos, ou o mais próximos de amigos que as pessoas com a nossa mentalidade podem ser. Lembro-

me de quando ele voltou para a cela depois de cometer um homicídio entre prisões.

— O que você fez, Lex? — Perguntei quando ele voltou da solitária.

— A boa e velha vingança. — disse ele.

— Violência não é a resposta.

Ele caiu no colchão embaixo da minha cama e grunhiu.

— A violência é sempre a resposta.

Nunca senti um entendimento tão próximo assim com ninguém além do meu irmão. Alguém que entendeu que assassinato é tão mundano quanto escovar os dentes pela manhã. É apenas algo que você fez.

Então ele escapou, e eu tive que passar o resto do meu tempo com pessoas que tinham tendências homicidas moderadas, e não uma propensão constante para isso. É por isso que dói que Karson e eu estejamos tão distantes. Porque ninguém conhece o mal como alguém possuído pelo mesmo demônio. Mas alguém tão próximo pode machucar você mais do que qualquer outra pessoa, e não vou dar a ele a oportunidade de cagar em mim novamente.

Meu telefone vibra no meu bolso. Eu o retiro e vejo um nome familiar na tela.

— Olá?

— Gentry, você está pronto para um emprego ou ainda está se adaptando? — George pergunta.

Tenho vivido com dinheiro guardado desde que saí, e a pequena pilha diminuiu para quase nada. O trabalho parece muito bom agora.

— Estou pronto — digo — mas preciso de um pagamento garantido.

— Que tal vários?

Passo a mão pela barba e considero isso. Vários ataques perto de

casa logo após sair da prisão? Não parece inteligente.

— Posso fazer um, mas não vários. Não acho que seja uma boa ideia trabalhar muito perto de casa neste momento.

— Eu não pago para você pensar. — diz George com uma risada seca. Ele deveria parar de fumar.

— Você não me paga nada. — Eu digo.

— É justo, mas deixe o pensamento comigo mesmo assim. Já tenho tudo planejado. Você e seu irmão vão fazer uma pequena viagem. Você encontrará uma van e seu equipamento em...

— Eu não trabalho mais com Karson.

George ri, e o som atinge todos os nervos do meu corpo.

— Você não tem escolha. Ele errou um golpe, Gentry. Aconteceu algumas semanas antes de você sair, mas não parece bom para ele.

— Ele se meteu nisso e terá que sair disso. — Não vou sair do meu caminho por um homem que me empurrou para fora do dele.

— Eu não acho que você entende. Ou você o leva com você e o mantém sob rédea curta ou nós o enforcaremos em uma delas.

O tom de George ficou sóbrio, então ele fala sério. Karson está numa merda e agora tenho que deixá-lo afundar ou passar por isso e tirá-lo de lá. Porra.

— Tudo bem, vou levá-lo comigo. — O que poderia dar errado?

Poderíamos acabar no lado errado de uma lista de alvos por causa do Karson, é isso. E não terei ninguém para culpar além de mim mesmo por deixá-lo voltar à minha vida. Eu não tenho escolha, no entanto. Ele é um idiota, um risco, uma cobra e um grande pedaço de merda.

Mas ele também é meu irmão.

Recebo os detalhes do primeiro golpe e encerro a conversa. Com um suspiro e um aperto mortal no meu telefone, disco o número de Karson. Ele atende no primeiro toque.

— Ei, G — ele diz — Como ainda não estamos nos falando, só posso presumir que você está ligando para falar sobre minha morte iminente. — Ele segue sua frase rindo e depois mastigando o que quer que esteja comendo.

— Você ouviu?

— Não, mas eu sei que isso está chegando. Custou muito dinheiro a George consertar aquele trabalho. Eu não deveria ter jogado tanto, mas simplesmente não pude evitar — *Trituração*. O som faz meus olhos tremerem. Como ele pode discutir sua morte com tanta frieza enquanto come o lanche mais barulhento que o homem conhece? Não creio que Karson leve alguma coisa a sério. Não a minha vida e nem a dele.

— O que você dirá no meu funeral, G? Você provavelmente precisará de um caixão fechado para o que planejam fazer na minha cara.

— Pelo amor de Deus, Karson. Estou ligando para lhe oferecer uma saída.

Além de mastigar sem parar, ele fica em silêncio.

— Venha trabalhar comigo e eles deixarão você viver... provavelmente.

— Trabalhar com você? *Debaixo de você*? Não, obrigado. Vou me entregar ao pelotão de fuzilamento dele antes de trabalhar para você novamente. Estou bem sozinho.

— Claramente. Tenha uma boa vida, ou o que resta dela — Afasto o telefone do ouvido para desligar.

— Espera, *espera*! — Ele grita, alto o suficiente para parecer que ele está no viva-voz. Coloco o telefone no ouvido — Tudo bem, eu farei isso. — De alguma forma, ele diz isso como se estivesse concordando em *me fazer* um favor. Como ele distorce a merda em sua mente, está além da minha compreensão. Acredite em mim, ele não está me fazendo nenhum favor.

Dou-lhe os detalhes e digo-lhe para me encontrar em minha casa dentro de alguns dias.

Os irmãos Kursed estão de volta aos negócios.

Leana

Jogo as roupas em uma bolsa, mas antes de passar a alça por cima do ombro, congelo. Assim como antes deste e antes daquele, não consigo completar os movimentos. Eu não posso ir embora. Meu corpo se rebela, implorando por mais drogas antes mesmo que minha dose mais recente saia do meu sistema. Mickey é um idiota, mas ele negocia narcóticos como se fossem doces, e esses são meus amigos.

Esfrego a mão nas marcas antigas em meu braço e penso em quando Mickey me encontrou pela primeira vez fora daquela rodoviária. Ele me acolheu. Me alimentou. Drogou-me e tornou-me dele. As correntes em meus pulsos e tornozelos são invisíveis, mas ainda me prendem no lugar.

Minha mão vai para outras marcas na minha pele. Contusões que ainda estão sensíveis sob meus dedos trêmulos. Uma cicatriz perto da base do crânio desde a primeira vez que disse não ao Mickey. Se eu for embora e a retirada não me matar, ele o fará.

Abandono a bolsa e a chuto para baixo da cama, indo até a cômoda. Escondido dentro da gaveta de cima está meu escasso estoque de comprimidos. Eu os conto obsessivamente. O número cada vez menor me deixa ansiosa, mas pedir mais garantirá outra surra. As drogas valem a pena, no entanto. E além disso, não há dor que elas não aliviem.

Eu engulo a seco uma das pílulas e aguardo a decolagem que

anseio. Quando isso acontecer, cada célula do meu corpo ficará sem peso até que eu flutue acima de tudo. Deito-me, esperando a liberação começar. No momento em que estou caminhando em direção à paz, a porta do quarto se abre com um rangido que aperta meu estômago. Não me incomodo em abrir os olhos. Eu sei quem está se aproximando. Eu sei quem está parado perto de mim, provavelmente olhando para mim como se eu fosse uma mancha de merda inconveniente na sola do sapato.

— Você está uma merda. — Ele diz enquanto arranca suas roupas cobertas de graxa.

Abro os olhos quando ele as joga em mim, mas estou longe demais para pegá-las antes que colidam com meu rosto. O cheiro forte de suor, gasolina e óleo me sufoca.

Ele zomba e balança a cabeça.

— Alta também, pelo que vejo.

Suas palavras zombam de mim, mas sou o monstro que ele criou, acorrentado a ele por um vício que me congela só de pensar em escapar.

Já pensei em entrar em contato com minha mãe e implorar por ajuda, mas prefiro permanecer na minha situação atual do que pedir desculpas por ter contado a verdade sobre o que o marido pedófilo dela fez comigo. Embora eu tenha feito as malas e tentado reunir coragem para enfrentar as ruas sozinha, isso também não é uma opção. Não tenho carro e Mickey me encontrará se eu estiver a pé. Ele tem conexões por toda a cidade, e os sem-teto são alguns de seus melhores clientes. A maioria deles me denunciaria sem pensar duas vezes.

— Lave a porra das minhas roupas. — diz Mickey enquanto tira um cigarro da calça jeans descartada. Ele acende e a fumaça envia outro desejo rastejando pelos meus ossos.

— Posso pegar um? — Eu pergunto.

Sua mão se estende como uma cobra enrolada e se enrola em meu cabelo, puxando as raízes até eu chorar. Ele força meu rosto

contra a pilha de roupas sujas e eu fico o mais imóvel que posso. — Você fica deitada na porra da casa o dia todo e fica chapada, e quer fumar? Você tem que ganhar isso. Lave minhas malditas roupas, prepare meu maldito jantar, chupe meu maldito pau e não peça nada até que esteja pronto.

Quando ele solta meu cabelo, pego suas roupas da cama e do banheiro, e vou para a lavanderia no andar de baixo. Eu sei que tipo de humor ele está hoje e preciso ficar fora do caminho dele. Mesmo que eu faça tudo o que ele manda, não haverá cigarro. Ficarei grata se ele me permitir comer alguma parte do jantar que prepararei.

No meu caminho pelo corredor, um de seus amigos traficantes agarra meu braço e interrompe minha jornada de um só destino.

— Quando você vai passar um tempo conosco, Lee — ele diz, seus olhos indo de um hematoma em outro como uma bola prateada em uma máquina de pinball. Esse ato pretende mostrar que ele simpatiza com minha situação, mas ele não é melhor que Mickey. De certa forma, ele é pior. Suas meninas não têm hematomas na pele, mas isso só porque ele não quer danificar a mercadoria.

Eu puxo minha mão de seu aperto.

— Não, obrigada — eu sussurro.

Mesmo que eu, de alguma forma, quisesse pertencer a algum harém estranho e dopado, Mickey me encontraria e garantiria que o ditado *“se eu não posso ter você, ninguém pode”* soasse verdadeiro. Ser a única destinatária do carinho de alguém não é muito melhor, mas é melhor o diabo que conheço do que o diabo que não conheço.

Chego à lavanderia e o ar quente corre em minha direção quando abro a porta de vidro. Fecho os olhos e respiro fundo o ar com cheiro de lençol de secar. Se eu bloquear o som de uma criança chorando e de uma mulher gritando para ela calar a boca, quase consigo me imaginar na minha infância. Na época em que minha mãe lavava roupa toda segunda-feira e eu a ajudava a dobrar as toalhas. Antes de ela se casar com um filho da puta doente. Mas essas são memórias distantes que

parecem ter acontecido com outra pessoa. Sinto como se fosse uma viciada espancada há muito mais tempo do que quando era criança.

Jogo suas roupas sujas na máquina de lavar e bato a tampa. Mesmo através da névoa da minha euforia, minhas emoções estão agitadas e não consigo contê-las. Caio no chão, pressiono as costas contra a máquina e choro.

Eu odeio chorar. É visto como um sinal de fraqueza, mas sou eu tentando ser forte quando não tenho coragem de enfrentar meus medos e ir embora. Eu enxugo as lágrimas do meu rosto e faço uma promessa a mim mesma.

Eu vou sair. Eu vou embora.

Talvez não hoje, mas em breve.

Capítulo Dois

Karson

Não estou feliz com isso. Trabalhar ao lado do meu irmão não era o que eu tinha em mente. Concordamos em seguir caminhos separados e eu me saí bem enquanto ele estava na prisão. Bem, até que fiquei com um pouco de zelo excessivo durante uma matança e fiz uma bagunça. Nosso chefe não gosta de bagunça.

Gentry não precisava se intrometer e me salvar das repercussões de foder tudo tão regamente, no entanto. Ele não é meu herói. Eu teria descoberto ou morrido como o idiota que sou. A morte não parece um resultado tão terrível para mim. Eu provavelmente gozaria antes do meu último suspiro.

Ele deve sentir que me deve por aquela vez em que salvei sua pele quando éramos muito mais jovens. Ele cometeu um erro de novato e os policiais bateram na porta perguntando onde ele estava naquela noite. Ele hesitou, mas antes que um olhar de culpa pudesse cruzar seu rosto, eu disse a eles que ele esteve comigo a noite toda e que não havia nenhuma maneira de ele ter jogado um cara em uma ravina depois de esfaqueá-lo vinte e cinco vezes com uma faca cega. Talvez ele não perceba que fiz isso para evitar que a polícia encontrasse *meus* corpos. Eu estava protegendo minha bunda tanto quanto a dele, então ele não me deve nada.

Mas aqui estamos, de volta a um negócio conjunto. Nenhum outro trabalho permite que pessoas como nós façam as coisas que gostamos. Que temos uma necessidade inerente de fazer. Uma propensão genética para o assassinato que não pode ser saciada enquanto se trabalha em um emprego típico das nove às cinco.

As coisas parecem diferentes desta vez e não é uma boa

mudança. Gentry nunca foi um cara amigável, mas agora ele é um idiota miserável que responde com grunhidos e acenos de cabeça em vez de falar comigo. Ninguém é tão tenso quanto ele, com um idiota tão enrugado que muda seu andar quando anda, mas agora está pior do que nunca. Pelo menos ainda posso desfrutar de um dos meus passatempos favoritos: irritá-lo. Incomodá-lo me dá uma grande alegria.

O que não me dá muita alegria é ter que trabalhar com ele novamente. Antes de ele ir para a prisão, eu não me importava muito, mas isso foi antes de eu experimentar fazer as coisas do meu jeito. Ele quer mortes limpas, entrando e saindo sem muito barulho ou alarde, e eu quero jogar. O focinho que ele coloca no meu rosto me impede de ficar fora de controle. Não posso brincar com minha presa quando Gentry está segurando minha coleira. Sou uma coisa selvagem e desequilibrada e, como qualquer coisa selvagem, às vezes ele tem que me soltar.

Talvez eu o lembre disso depois de terminarmos este trabalho. Por enquanto, vou deixá-lo assumir a liderança.

Gentry

Um silenciador ecoa na sala silenciosa quando retiro a faca. Eu decidi ir à velha escola com esse idiota. Karson está sentado na grade da varanda, cavando as unhas com o canivete.

— Uma ajudinha? — Eu o chamo enquanto limpo a lâmina da minha faca em um pano antes de guardá-la no bolso.

— Você está indo muito bem sozinho — ele diz com uma rápida inclinação de cabeça.

Eu limpo minha testa.

— Traga sua bunda aqui antes que eu te empurre daquela varanda. *Preguiçoso pedaço de merda.* — Eu sussurro a última parte. Meu irmão mais novo é um pé no saco. Ele sempre foi um risco pelo qual me arrisquei, mas estou começando a me arrepender de tê-lo sob minha proteção para tentar manter seu idiota vivo.

Karson escorrega do corrimão de metal liso, deixando suas botas atingirem o concreto com um baque dramático. Ele apaga o cigarro na palma da mão e o guarda no bolso. Seus olhos escuros combinam com os meus enquanto ele me empurra quando passa.

— Posso denunciar a responsabilidade por você a qualquer momento, sabe — lembro a ele.

Ele zomba de mim e coloca um par de luvas de couro preto nas mãos para que possamos caçar nosso dia de pagamento. Nosso trabalho oficial é matar nosso alvo, mas o trabalho não oficial é pegar qualquer dinheiro ou objetos de valor que encontrarmos antes que seus parentes malcriados coloquem as mãos sujas neles. Retiramos parte da riqueza geracional para nós mesmos, já que com certeza nunca tivemos nenhuma.

Karson e eu éramos pobres pra caralho quando criança, mas isso nos tornou melhores assassinos. Era pegar o que você quer ou ficar sem, e ficamos cansados de ficar sem isso bem rápido. Também somos uma combinação perfeita no inferno da saúde mental. Eu sou o psicopata com personalidade antissocial, e Karson é mais o sociopata. Ou eu inverti? Já se passaram duas décadas desde que recebemos nossos diagnósticos oficiais, então não me lembro. De qualquer forma, estamos ambos exponencialmente fodidos da cabeça.

Vasculhamos gavetas, armários e cofres, pegamos o máximo que podemos e colocamos em uma mochila. Enquanto procuramos dinheiro não rastreável, pegamos uma caixa de joias ocasional para jogar na lateral de uma ponte na cidade vizinha, porque somos idiotas assim. Vender merda na rua ou numa casa de penhores não é uma opção. É assim que os idiotas são apanhados e eu recuso-me a voltar

para a prisão. Tenho quase certeza de que meu irmão compartilha desse sentimento.

Karson sai do quarto com um grande maço de notas espalhado entre as mãos.

— Esse cara tem o suficiente para fazer chover — diz ele enquanto joga as notas na minha cara como se eu fosse seu dançarino pessoal. Enquanto elas giram no ar e caem no chão, juro por Deus que ele será o próximo homem morto se não desistir.

— Você está falando sério agora? — Rosno enquanto arranco o dinheiro de suas mãos e jogo na minha bolsa.

— Tão sério quanto um assassinato.

Eu o odeio.

Ele se vira e caminha ao lado da parede, arrastando a mão pelo mármore frio até parar diante de uma fileira de quadros.

— Olhe para os netos dele — Karson murmura. Ele sorri e aponta os dedos em direção à moldura, jogando-a no chão em uma poça de vidro quebrado e metal torto. Ele continua seu caminho de destruição, eliminando cada quadro um por um e cantarolando uma melodia alegre. Quando chega a um vaso complexo e de aparência muito cara, ele para e fica em silêncio. Ele o pega, esfregando um dedo ao longo do padrão paisley azul antes de abrir o zíper da calça jeans e puxar o pau flácido da cueca. Enquanto ele se acaricia até ficar duro, ele lança um sorriso diabólico em minha direção.

Eu deveria me virar, mas ele é um maldito acidente de carro e meus olhos estão grudados na cena.

— Jesus, você precisa? — Eu pergunto.

Karson se apoia na ponta dos pés, sua mão trabalhando mais rápido até que ele entra no vaso com um gemido de satisfação.

— É assim que você tem operado desde que eu parti? É uma maravilha que você não tenha sido pego. Eles vão tirar seu DNA disso, idiota.

Ele vai largá-lo.

— Ah, ah, você tem que trazer sua jarra de porra conosco.

Os lábios de Karson franzem a testa enquanto ele coloca o vaso debaixo do braço, e fico impressionado com o quão parecidos somos. Tirando a diferença de idade de oito anos e a diferença de altura e constituição física, quase poderíamos ser gêmeos. Sou mais alto e mais musculoso, mas temos o mesmo cabelo preto, olhos escuros e pelos faciais grossos.

Seus dedos tamborilam contra a lateral do vaso e um sorriso malicioso cruza seu rosto.

— Esta é a segunda coisa mais valiosa que já recebi — Uma faísca divertida ilumina seus olhos e eu sei onde ele quer chegar com isso.

— Não faça isso — eu aviso.

— A primeira coisa foi sua esposa.

Sim. Está prestes a ocorrer um segundo homicídio nesta mansão chique. Eu tento muito esquecer o fato de que ele fodeu minha esposa. Minha ex-esposa.

Minha ex-mulher, agora muito falecida.

Luto contra a vontade de arrancar aquele vaso de seus braços e deixar sua porra criminosa se espalhar pelo tapete persa sob suas botas, mas fazer isso significaria que eu teria que me preocupar com sua bunda estúpida se dobrando sobre mim. E é uma preocupação válida. Karson fará o que for preciso para permanecer um homem livre.

Enfio as notas nos bolsos e examino a sala para ter certeza de que não deixamos nada para trás. Karson já saiu do prédio e eu não ficaria surpreso em encontrá-lo batendo com o pau no vaso novamente. Afinal, o assassinato é seu afrodisíaco. Para mim, é um meio para um fim. Eu quero alguma coisa, eles têm, então eu aceito. Não vou mentir e fingir que não gosto, mas para mim é mais como um medicamento programado do que uma dose de Viagra. Eu fico chapado com isso, e essa é a única maneira de ficar chapado, porque não mexo com drogas

de verdade.

Não depois do que as vi fazer a uma pessoa.

Nunca conhecemos nossa mãe, porque ela morreu quando éramos jovens, então crescemos tendo nosso pai como nosso... Não sei como chamá-lo. Ele não era pai ou tutor. Fui forçado a esse papel tanto para Karson quanto para nosso pai. Quando ele estava muito cansado para fornecer comida, eu fazia trocos pela vizinhança para garantir que tivéssemos algo para comer. Eu precisava de uma solução melhor, então minha primeira morte foi o traficante do meu pai. Achei que se eu cortasse a cabeça da cobra, seria o fim de tudo. Meu pai poderia largar as drogas e começar a cuidar de nós. Mas havia mais cobras esperando para atacar e meu pai nunca ficou limpo.

Essa morte me ensinou algo, no entanto. Quando saqueei seu cadáver inerte e voltei para casa com mais dinheiro do que poderia ganhar fazendo um trabalho honesto durante uma semana, aprendi como era fácil tirar uma vida.

E aprendi que gostei.

Capítulo Três

Leana

A mão em volta da minha garganta aperta até que uma névoa negra se espalha pelos meus olhos. Os aromas amargos de bile e álcool tomam conta de mim, e luto contra a vontade de vomitar. Agarro os pulsos de Mickey e olho para o anel que ele colocou no meu dedo quando me pediu em casamento. Que monte de mentiras. E eu fui estúpida o suficiente para acreditar nele.

Não era assim que eu queria acordar hoje.

Meu olhar se eleva para o franzido de raiva em suas sobrancelhas enquanto seus olhos vidrados se estreitam de raiva. Não sei o que fiz para merecer isso desta vez. Não que eu tenha feito alguma coisa para merecer o inferno que ele me fez passar. Minha existência parece suficiente para deixá-lo furioso a qualquer momento.

Não consigo imaginar viver com tanta raiva no coração. Na verdade, posso imaginar. O amor que eu tinha por ele há muito se transformou em uma amargura tão azeda quanto seu hálito, e eu também tenho uma raiva crescente.

— Você está dormindo comigo, Lee? — Ele pergunta.

Aí está. A razão atual para o ataque de abusos é uma acusação de trapaça. Ontem foi porque ele pensou que eu tinha roubado parte do seu estoque, o que infelizmente era falso. Que novas alegrias o amanhã trará?

— Responda-me, vadia! Você está me traindo?

Eu balanço minha cabeça. *Seus* amigos tentam me afastar dele, mas eu nunca os abordei ou aceitei suas ofertas. Um de seus amigos revendedores provavelmente ficou cansado das minhas constantes

rejeições e decidi me fazer pagar por isso.

— Puta de merda — ele rosna, espremendo o resto do meu ar. Empurro seu peito enquanto tudo dentro de mim se aperta para perseguir o oxigênio.

Justamente quando penso que estou prestes a morrer, ele me solta. De alguma forma, ele sempre sabe o momento antes de ir longe demais. Eu ofego, tentando encher meus pulmões de ar. Imagino-os inchando em vez de parecerem feijões murchos ali dentro.

Eu me afasto de seu alcance e corro para a porta. Pegó minha bolsa pendurada em um espelho de pé, paro quando avisto meu reflexo. Não sou mais uma jovem vibrante. Exausta e abatida, pareço-me mais com a sensação que sentiam os meus pulmões momentos atrás. Lágrimas caem do meu cabelo loiro rebelde em minhas bochechas, e meus olhos azuis estão injetados de sangue por causa do estrangulamento.

— Se você for embora, Leana, eu vou te encontrar. Você me ouve?
— Ele grita, o álcool manchando suas palavras — Eu vou te encontrar e vou te matar!

Ele dá um passo cambaleante em minha direção e depois se inclina contra a parede enquanto a bebida tenta arrancar suas pernas. Com base na maneira como seus olhos se movem de um lado para o outro, posso presumir com segurança que a sala parece estar girando sob seus pés. Suas ameaças são reais, mas esta é a melhor oportunidade que terei para escapar. Ele não estará sóbrio o suficiente para encontrar nada além do armário de bebidas tão cedo.

Antes que ele consiga se recompor, saio e bato a porta, levando apenas minha bolsa comigo. Nada naquele apartamento vale a pena voltar. Tenho alguns comprimidos guardados na bolsa, então terei que racioná-los para não ficar doente. Por mais esperançosa que eu esteja, não será suficiente para evitar a abstinência para sempre. É algo com que terei que lidar, mas primeiro preciso colocar distância entre mim e meu goleiro. Não tenho ideia do que está reservado para mim fora da casa dele, mas tem que ser melhor que isso.

Qualquer coisa tem que ser melhor que isso.

O cascalho range sob meus pés enquanto caminho por baixo de uma ponte. Grafites pretos e azuis cobrem os pilares verdes descascados que sustentam o concreto. Fornece uma boa sombra onde posso escapar do sol por algumas horas durante o dia, e é um ótimo lugar para tirar uma soneca em uma noite como esta. É um local popular para quem mora na rua, mas estou feliz por estar sozinha no momento. As alças da minha mochila roçam nas minhas queimaduras solares. Eu tinha dinheiro apenas para comprar a bolsa e algumas roupas, sobrando muito pouco para comida. A situação não é terrível o suficiente para me mandar de cara para uma lata de lixo em busca de restos de comida, mas está chegando a esse ponto.

Estou fugindo há vários dias. Se Mickey está me procurando, ele ainda não me encontrou. É apenas uma questão de tempo se eu não sair desta cidade. Mantenho a cabeça baixa quando ando pelas calçadas e evito outras pessoas tanto quanto posso. Mickey tem olhos por toda parte.

Tiro a mochila dos meus ombros sensíveis e tento abri-la, mas o zíper fica preso, porque minhas mãos estão muito trêmulas. O pânico imediato de um defeito tão simples me lembra por que estou tão ansiosa agora. A sensação de arrepio na pele que deixa meu corpo arrepiado no calor do verão. A náusea que revira meu estômago. Estou sentindo falta da minha felicidade e preciso de uma dose. Finalmente tiro o pedaço de tecido do caminho para que o zíper possa se mover livremente e procuro o recipiente de hortelã.

Esta pequena lata abriga o que resta do meu estoque cada vez menor. Quando acabar, estou fodida. Talvez seja isso que Mickey esteja esperando. Meus olhos vão de sombra em sombra, certificando-me de que estou realmente sozinha antes de abrir a tampa de metal. Certa de minha segurança mais uma vez, pego um comprimido da embalagem e

coloco-o debaixo da língua para produzir saliva suficiente para engoli-lo. Quando finalmente desliza pela minha garganta ressecada, a ansiedade central desaparece e espero que a droga em si cuide do resto.

Agora preciso de um lugar para superar minha alta. Alguns arbustos desgrenhados na beira do cascalho devem me esconder se eu me deitar atrás deles, então caminho até eles e coloco minha bolsa no chão. Eu afofo e caio no chão. No momento em que minha cabeça bate no náilon, meu corpo libera a tensão que estava segurando. O som do trânsito acima de mim deixaria a maioria das pessoas maluca, mas eu não sou a maioria das pessoas. Eu gosto disso. É calmante. E é melhor do que ser morta pela pessoa que diz que me ama e me quer morta ao mesmo tempo.

Sim. Aceitarei o ar fresco e o barulho da estrada qualquer dia.

Eu só queria não ter esperado tanto para ir embora. Toco o hematoma desbotado em minha bochecha e a marca de mão em meu pescoço. Eu gostaria de ter ido embora na primeira vez que ele colocou as mãos em mim. Melhor ainda, gostaria de nunca tê-lo conhecido. Tento imaginar onde estaria hoje se ele nunca tivesse me encontrado naquela rodoviária, mas meu cérebro está muito confuso para evocar esse tipo de fantasia. Meus pensamentos circulam pelo ralo, tocando em coisas que aconteceram em vez de coisas que poderiam ter acontecido.

Estou sempre fugindo de abusadores.

Mas isso é passado e posso sentir o gosto da liberdade na minha língua agora. Ou talvez sejam apenas as drogas. De qualquer forma, estou mais leve. Se eu evitar que as partes ruins da viagem aconteçam novamente, ficarei bem. Nada pode ser feito sobre a total vulnerabilidade que advém de ser uma mulher solitária em um mundo que não segue as regras da sociedade, mas se eu conseguir ficar longe de Mickey – e de homens como Mickey – eu conseguirei.

Luzes piscam ao meu redor enquanto os faróis dos carros e caminhões atravessam as rachaduras no concreto. De vez em quando, um farol estranho sai da estrada ao meu lado e se filtra pelos arbustos.

É tão relaxante para mim quanto um móbile girando preguiçosamente sobre o berço de um bebê.

Não tenho ideia do que farei ou para onde irei, mas isso é o suficiente por enquanto. Tem que ser, porque não tenho outra escolha. Tentei ganhar dinheiro oferecendo-me para trabalhar, mas as pessoas olham para mim e me rejeitam. Não que eu os culpe. Com todos os hematomas e bolsas escuras sob os olhos, pareço uma típica drogada. Fazer truques não é uma opção, porque o amigo de Mickey poderia descobrir que uma nova garota trabalha em sua área, e então eu estaria realmente em apuros. Pegar um ônibus para sair dessa merda parece ser a opção mais inteligente, mas não tenho dinheiro suficiente para viajar três metros, muito menos dezesseis quilômetros. E eu definitivamente não tenho o suficiente para conseguir mais pílulas depois que essas últimas acabarem.

Não é de admirar que as pessoas recorram a ser criminosas. É muito mais fácil. E mais rápido.

Entre as buzinas periódicas acima da minha cabeça, as folhas farfalham contra o vento. As drogas passam pelo meu sistema e cortam a minha abstinência, mas não são suficientes. Aproximo meu suéter do corpo, tentando manter o calor dentro de mim. Eu me enrolo e dobro os joelhos em direção ao peito.

Ainda é melhor do que em casa, lembro a mim mesma.

E isso é. Dormir debaixo de um viaduto que cheira a mijo e asfalto depois de uma chuva forte é exponencialmente melhor do que ser espancada e usada.

Tremo até sentir calor e meus olhos estão pesados demais para ficarem abertos por mais um momento. Com a canção de ninar da cidade vibrando ao meu redor, dou as boas-vindas ao abraço reconfortante de um sono tão necessário.

Capítulo Quatro

Karson

George precisava que fizéssemos mais uma batida perto da cidade antes de partirmos em nossa viagem, e Gentry estava chateado com isso. Eu não. Eu adoro fazer sucessos. Se eu estivesse preso em um trabalho diurno, provavelmente me enforcaria e seria muito dramático antes de fazê-lo.

Eu adoro matar. Nasci para fazer isso. Assim como um artista ou músico tem vontade de desenhar ou tocar música, tenho um desejo inato de cortar gargantas e praticar macramê com intestinos. Ir contra isso seria assim... não natural.

Tiro o silenciador e coloco minha pistola no coldre. Terminamos o trabalho, mas parece incompleto. Às vezes, uma arma não é suficiente. Falta emoção, porque é muito rápido. Tão fácil. Um puxão de gatilho e *bam*, eles se foram.

Tedioso.

Gosto de brincar com minhas vítimas. Uma boa mistura de tortura psicológica e tormento físico geralmente é suficiente para me satisfazer, mas, às vezes, continuo depois que eles morrem. Às vezes, matá-los não é suficiente.

Gentry *odeia* quando eu jogo. Ele é muito sério. Ele vê isso como um meio para atingir um fim e, embora também goste da emoção, não entende minha necessidade de prolongá-lo. É *suposto* excitar você. Se não fosse tão divertido, as pessoas não fariam isso em série. Se você ama seu trabalho, nunca terá que trabalhar um dia na sua vida, certo? Bem, eu adoro meu trabalho quando posso fazê-lo do meu jeito.

Deixei Gentry assumir a liderança em nosso último trabalho, mas agora estou saindo da minha pele para me divertir um pouco com este. Eu folheio a sala e ouço. Gavetas abrem e fecham atrás de mim em rolos quase silenciosos – móveis ricos nunca rangem e guincham. Gentry está vasculhando a merda em busca de algum dinheiro, então me viro para o homem caído no chão, na minha frente. Sua mão pálida pressiona seu abdômen, lutando para reter o sangue dentro de seu corpo. É uma batalha perdida. Uma mancha vermelha já está se espalhando pela sua calça jeans. Seus lábios se abrem em uma respiração ofegante enquanto ele tenta respirar mais. Não há nada de errado com seus pulmões, mas ele não tem sangue suficiente para levar oxigênio ao cérebro e provavelmente sente que está se afogando.

Amável.

Pego minha faca no bolso e a abro. No momento em que vê a lâmina de metal brilhante, seus olhos se arregalam e ele abre a boca para gritar. Eu salto em direção a ele e cubro sua boca com a mão enluvada antes que o som inicial saia de seus pulmões. Ele se esforça contra o meu alcance, mas me recuso a deixá-lo alertar meu irmão sobre o meu jogo. Não estou com vontade de ser bloqueado por uma faca.

— Shh, garoto rico. Você precisa conservar sua energia para morrer. — eu sussurro com uma risada. Eu provoço seu pescoço com a lâmina, passando o brilho prateado contra a pele levemente pulsante.

Lágrimas caem de seus olhos, mas não sinto pena. Eu particularmente não gosto do tipo dele – pessoas abastadas que são mais jovens do que eu. Esse filho da puta não pode ter mais de vinte e cinco anos e tem mais dinheiro que Deus.

Foda-se ele.

Com um movimento brusco do pulso, corto a pele sensível logo abaixo de sua orelha. Seus olhos se arregalam novamente e ele grita por trás da minha mão. Essa pura demonstração de pânico instintivo me deixa duro. Não importa quem eles sejam, o medo deles vai direto para o meu pau.

Procuro a bolsa vazia em seu ombro direito e enfio a faca nele. Seus olhos saltam das órbitas e seus pés pressionam o chão, mas ele está perdendo o fôlego. Puxo a faca de sua carne. *Pop*. Eu vivo para aquela sensação momentânea de sucção enquanto o aço luta para permanecer enterrado onde o coloquei. Quase me deixa tonto.

Um fio fraco de sangue escorre da nova ferida, e esse cara não sabe o que fazer consigo mesmo. Ele tira a mão do buraco de bala em sua barriga e a coloca no ombro. A vida é cheia de decisões e suponho que a morte também. Ele acabou de fazer uma terrível.

Eu me abaixo e enfio a faca em seu ferimento à bala, torcendo-a dentro do vale de seu ferimento já grave. As comportas se abrem e criam uma piscina carmesim em volta de seu colo. Cada respiração que ele respira fica menor, até que são pouco mais do que suspiros rápidos pelas narinas dilatadas.

Satisfeito por ele não ter mais forças para gritar, retiro minha mão de sua boca e mergulho meu dedo enlurvado em seu ferimento na barriga. Sai encharcado e escorregadio. Inclinando-me de joelhos, crio uma pequena obra de arte acima de sua cabeça caída. Meus dedos giram enquanto escrevo e continuo tendo que mergulhar o dedo para adicionar mais tinta. Sua boca simplesmente abre e fecha como um peixe preso na terra cada vez que mergulho de volta no tinteiro. Ele não consegue nem manter os olhos abertos agora, e eles se tornaram pequenas fendas enquanto sua força vital é drenada dele.

Acima de sua cabeça há uma mensagem escorrendo em um padrão misterioso. Parece algo saído de um filme de terror ou algo assim, mas em vez de algo enigmático como *REDRUM*³, escrevo — *Kiddie diddler*⁴.

Tiro uma foto e viro a tela do telefone para ele, mas ele nem reage à porra da minha arte. Rude.

Quando fico entediado, acabo com ele, cortando sua garganta e deixando-o sangrar como o porquinho rico que ele é. O som de uma faca atravessando a carne do pescoço realmente me incomoda um pouco. Realmente esmagador.

— Muito melhor — eu sussurro.

Limpo minha lâmina em um pano e guardo-a no bolso enquanto me levanto.

— Está escrito diddler, idiota — Gentry diz atrás de mim. Pontada de julgamento — Claro que não parece que o tiro o matou, Karson. Como explicaremos isso a George?

— Tudo o que fiz foi atirar nele. Juro.

Gentry levanta a cabeça caída do homem, que está quase desconectada do pescoço.

— Bala bem afiada.

Eu dou de ombros.

— Eu o ajudei. O trem vinha muito devagar e ele estava sofrendo.

— Você não é um maldito santo — Ele deixa a cabeça cair para frente novamente. — Você complica as coisas quando usa múltiplas armas. Entramos, eliminamos, roubamos e saímos.

— Sabe, Gentry, antes da prisão era muito mais divertido. Costumávamos brincar de “quantas armas podemos usar antes que morram”, lembra?

Os lábios de Gentry se apertam.

— Você se lembra — eu continuo — Você foi o campeão de corrida. O que foi isso? Bala, lâmina, martelo, chave de fenda e não um, mas *dois* pregos nos olhos antes de finalmente morrer — Eu suspiro — Foram três pregos. Dois nos olhos, um na orelha.

— Temos ótimas lembranças de infância — digo balançando a cabeça e olhando ansiosamente para a janela.

— Vamos — Gentry grita da área do mudroom. Hall de entrada? Como quer que os esnobes chamem.

— Estou chegando.

Entramos na van e tiramos as luvas. É a primeira coisa que

fazemos depois de um trabalho, porque essas merdas são restritivas. Segurança em primeiro lugar, no entanto.

— Quanto conseguimos? — Pergunto enquanto Gentry dirige a van pela estrada sinuosa.

Ele balança a cabeça e suspira.

— Insuficiente.

— Temos que sair do controle de George. Nós fazemos todo o trabalho duro e ele recebe todo o pagamento. Sim, ele nos joga algumas sobras, mas deveríamos viver como reis, em vez de malditos camponeses.

— Esse é o plano — diz ele, e eu gostaria que ele dissesse mais. Estou ficando cansado de suas frases curtas.

Decido pressioná-lo.

— Que plano? Quer compartilhar com seu parceiro?

— Não. Na verdade.

Antes que eu possa perguntar qualquer outra coisa, o telefone de Gentry toca. Eu me inclino mais perto, tentando ouvir a conversa assim que ele responde, mas ele apenas me afasta.

— Todo esse caminho? Não há mais ninguém... — Gentry é silenciado por um tom crescente do outro lado da linha — Quanto... Tudo bem. Tudo bem — Ele encerra a ligação e estala o pescoço depois de rolar os ombros.

Eu me inclino para trás e coloco os pés no painel.

— E aí?

— Temos que ir para a porra de Hollywood, para um trabalho.

— Como... dirigindo?

— Não podemos colocar nossas armas em um avião, não é? Então, sim, dirigindo. George disse que precisaríamos fazer uma viagem, mas não percebi que ele queria dizer que teríamos que

atravessar o país.

— Oh, cara, são cerca de trinta e seis horas na estrada. Comigo — Eu rio. — Boa sorte, irmão.

— Vou superar minha lista de itens de assassinato em um só corpo se você não se comportar.

— Quando é que eu me comporto mal?

— Todo dia que termina em A — Ele para na estrada principal e direciona a van para a rodovia — Vamos acabar logo com isso.

— Quem é o atingido? — Eu pergunto.

— Algum ator que se meteu em merdas que não deveria. Alguém que pode comprar uma Lambo novo, mas não pode pagar suas dívidas. Mas ele também é alguém com *muita* segurança.

— Trabalho mais difícil significa melhor salário, certo?

Gentry encolhe os ombros e olha pela janela.

— Ele diz que ganharemos mais com este trabalho do que jamais ganhamos. Se ele estiver dizendo a verdade, talvez possamos diversificar por conta própria novamente. Cortar o intermediário.

Nunca gostei de ter um intermediador, então esse plano me parece uma ótima ideia. Enquanto eu conseguir sobreviver a esta viagem, as coisas vão melhorar.

A luz do motor acende, brilhando em laranja brilhante no painel. Um cheiro doce e enjoativo enche a frente da van e uma onda de vapor sobe do capô. Gentry bate as mãos no volante. Quase não fizemos nada em nossa direção. Ainda estamos escondidos em colinas arborizadas, a quilômetros da rodovia principal. Ele vai ficar muito bravo. E insuportável. Ótimo.

Ele encosta no acostamento e saímos da van. Gentry abre o capô, falando baixinho todos os palavrões que conhece, e eu caio de joelhos. Uma trilha escura e molhada vai de onde estávamos na estrada até onde paramos. Coloco o cheiro doce e me levanto.

— Radiador quebrado — digo a Gentry, erguendo os olhos para um rosto tão contorcido de raiva que não acho que seja possível destorcê-lo neste momento.

— Você está brincando comigo? — Ele passa a mão pelo cabelo — Temos *que* fazer isso.

Pego meu telefone para chamar um reboque. O que mais podemos fazer? Gentry arranca o celular da minha mão e o afasta de mim

— Relaxe. Só estou tentando pedir um reboque.

— E o que? Manda-los rebocar a van cheia de armas e dinheiro roubado? Tenho certeza de que nem notarão o sangue nas suas luvas. Porra, Karson. Pense com a cabeça, pelo menos uma vez na vida.

Encosto-me na van fumegante e tiro um cigarro do maço que está no bolso. Eu acendo, o que enfurece Gentry infinitamente. Parece que sua cabeça pode entrar em combustão e jogar seu cérebro por toda a grama, e eu deveria me sentir mal por trazê-lo a esse nível de raiva.

Mas eu não sinto.

— Então vamos pegar carona? — Pergunto, trazendo a fumaça para meus pulmões.

— Outra sugestão estúpida. Quem diabos pegaria dois homens como nós? — Gentry joga as mãos no capô enquanto o fecha.

Eu dou de ombros.

— Vai parecer um homem até que eu apareça e aponte uma arma para eles.

— Isso é... — Gentry começa, sua voz curta e pronta para me fazer um novo idiota — Na verdade, não é uma má ideia.

Meu irmão me deu um maldito elogio? Eu estou morto? Onde estão as chamas e o calor do inferno?

— Mas você precisa ser o rosto — diz ele — Ninguém vai parar para um homem do meu tamanho. Eles ainda podem não parar já que

você também é homem, mas você é um pouco menos imponente.

— Desculpe, eu não tive acesso ao sistema de treino da prisão nos últimos seis anos — eu digo com outra tragada no meu cigarro, e isso quase deixa Gentry no fundo do poço. Não é uma boa hora para cutucar o urso, mas não consigo evitar.

— Basta pegar as malditas malas. Ficaremos com as pistolas, mas abandonarei as armas longas na floresta. Vou esperar aí enquanto você *tenta* acenar para algum idiota.

Não vou apenas tentar. Mostrarei a Gentry que minhas ideias podem ser tão boas — se não melhores — que as dele.

Capítulo Cinco

Leana

Estou muito cansada. Estou nas ruas há uma semana, mas parece muito mais tempo. Parece uma eternidade. Isso foi mais fácil quando eu viajava, quando era uma adolescente corajosa. Antes de eu ser viciada em pílulas e parecer que a morte havia esquentado. Na época em que meus olhos azuis ainda estavam cheios de esperança.

Fico com minha placa, esperando que o brilho de algumas moedas caiam na pequena caixa de papelão aos meus pés. Se eu tiver sorte, alguém acrescentará uma refeição pela metade ou um refrigerante sem gás. Geralmente recebo homens gritando: — Mostre-me seus peitos! — enquanto esperam que a luz mude. Merda, estou tão desesperada que já pensei nisso em mais de uma ocasião.

O suor se acumula na minha testa e escorre em direção aos meus olhos. Eu limpo antes que ele alcance meus cílios. Minha pele queimada de sol aquece as pontas dos dedos e não tenho certeza de quanto mais posso aguentar. O calor está me matando. A pouca água que ingiro é convertida em suor no esforço desesperado do meu corpo para esfriar. Correr de volta para Mickey com o rabo entre as pernas parece uma péssima ideia, mas está ficando mais tentador a cada dia.

Levanto a mão até a testa e protejo os olhos do brilho severo enquanto olho para o motel do outro lado da rua. Eles teriam água. Eles podem até me deixar usar o banheiro do saguão para que eu possa refrescar o rosto e enxaguar a areia da pele. Se eu pedir com educação, talvez eu consiga um Tylenol para essa dor de cabeça latejante também. Estou quase no fim do meu estoque de drogas, e o pouco que uso é apenas o suficiente para afastar os tremores.

Dobro a placa de papelão e coloco-a debaixo do braço. Minha

caixa de papelão continha pouco mais do que um monte de lixo de um garoto malcriado em um SUV, então a deixo para trás. Quando a barra está limpa, atravesso a estrada e atravesso o estacionamento. Apesar da gloriosa onda de ar fresco beijando minha pele, sinto como se fosse desmaiar quando passo pelas lentas portas automáticas. Manchas de tinta preta dançam diante dos meus olhos e obscurecem minha visão. Pego um mostruário de folhetos de viagem para me equilibrar, tomando cuidado para evitar que ele caia.

— Você está bem, senhora? — A mulher atrás da mesa pergunta.

Eu tropeço para frente e me inclino contra o balcão do saguão, sentindo meu peito pesado a cada inspiração.

— Eu realmente preciso de um pouco de água. Você tem alguma?

A mulher olha em volta antes de chegar embaixo da mesa e me entregar duas garrafas. — Elas são para convidados, então não me diga se você não for um deles — diz ela com um sorriso tenso.

Concordo com a cabeça e rasgo a tampa de uma das garrafas. Embora o líquido esteja em temperatura ambiente, ele acalma meus lábios rachados e cobre minha garganta ressecada. Bebo até pensar que vou vomitar, forçando-me a parar enquanto meu estômago implora por mais um gole. Ele flui pelos lados da minha boca e já estou usando metade dele quando abaixo a garrafa. A mulher enfia a mão embaixo da mesa mais uma vez e me passa outra garrafa antes de apontar com o queixo para a porta automática.

Eu entendo a mensagem. Ela fez a boa ação do dia e agora preciso desaparecer. Os sem-abrigo não são bem-vindos por todos, mesmo por aqueles que sentem a menor pontada de pena pela nossa lamentável situação. Somos desprezados, mas apenas quando alguém se dá ao trabalho de olhar. A maioria nem sequer olha para nós, como se pensassem que abrigamos alguma doença contagiosa que poderiam contrair ao reconhecerem a nossa existência.

— Obrigada. — Digo a ela, passando as costas da mão pela boca. Suspiro enquanto saio do conforto do ar-condicionado e enfrento o

calor mais uma vez.

O sol não está fazendo prisioneiros hoje.

Forço minhas pernas a me carregarem pelo estacionamento, meus olhos focando em uma enorme árvore cuja copa me daria uma sombra deliciosa se eu conseguisse reunir forças para alcançá-la.

Estou quase chegando ao limite do estacionamento quando vejo um SUV escuro parado sem ninguém dentro dele. A fumaça preta sai do escapamento antigo e os raios de sol brilham nas seções de tinta que não foram removidas. Redireciono meus passos até estar ao lado da porta do motorista. Minha cabeça gira em todas as direções enquanto procuro um dono, mas não há ninguém por perto. Provavelmente pertence a um hóspede do motel.

Meus dedos roçam a maçaneta de metal quente da porta e minha boca se abre quando descubro que ela está destrancada. *Não faça algo ilegal*, tento dizer a mim mesma, mas a forma legal não funcionou até agora e estou exausta pra caralho. Estou desesperada para sair de Nova York. É apenas uma questão de tempo até que Mickey venha me reivindicar, e eu já abusei bastante da sorte.

A culpa é deles por terem deixado a chave na ignição, racionalizo.

Abro a porta e sento-me egoisticamente no banco. Meus olhos passam por cima do interior rasgado, pontas de cigarro nos porta-copos e garrafas de bebidas meio vazias. O tanque de gasolina está cheio e isso é tudo que realmente importa se eu pretendo fazer isso.

Eu pretendo fazer isso?

Meu corpo responde a pergunta para mim, e eu dou ré no SUV e saio da vaga de estacionamento. Ao dar ré, observo as fileiras de portas e janelas em busca de movimento. Espero que alguém saia correndo do prédio e me ensine uma lição por tentar pegar o que não é meu.

Mas isso não acontece.

Ninguém me nota quando saio do estacionamento e entro na

estrada. Eu me misturo ao trânsito leve e acelero o máximo que posso, sem sequer me atrever a olhar pelo espelho retrovisor enquanto coloco quilômetros entre mim e o inferno.

Já está escurecendo quando me aproximo da rodovia que me levará ao próximo estado. Os ocasionais faróis que se aproximam nesta estrada secundária machucam meus olhos, e minha visão já está sensível por causa da dor de cabeça que bate na base do meu crânio. O estresse de roubar um carro não ajudou. A retirada também não. É como vapor em minhas veias, crescendo e crescendo sem ter para onde ir, sem a válvula de escape.

Vejo algo à frente, no acostamento da estrada e reduzo a velocidade do SUV para poder ver melhor. É uma van branca com o capô aberto. Um homem com o polegar pálido no ar está ao lado dele. O puxão para parar me atrai para ele. Sei o que significa contar com a ajuda de outras pessoas e conheço a sensação de desamparo quando cada carro passa por você sem ao menos diminuir a velocidade para sua segurança.

Não faça isso, Leana.

Não é sábio. Eu sei que não é. Pelo que sei, esse homem pode ser um serial killer, e a razão pela qual roubei esse pedaço de merda foi para ficar em segurança. Agora estou pensando em me colocar em perigo mais uma vez. Não posso.

Meu pé solta o freio e se move em direção ao pedal do acelerador. Eu passo pela van...

Contra o meu melhor julgamento, paro no acostamento. Se eu continuar, não sou melhor que as centenas de pessoas que passaram por mim hoje. Eu também não me importaria de entregar as chaves para alguém em melhor estado de espírito para dirigir, especialmente com essa dor de cabeça incômoda no fundo dos meus olhos.

O homem se aproxima da minha janela com um sorriso e me sinto um pouco mais à vontade. Ele parece ter quase trinta anos. Seu cabelo escuro e rebelde balança um pouco com a brisa. Não consigo ver

a cor dos olhos dele contra as sombras, o que significa que provavelmente também são escuros. Barba alinha sua mandíbula forte e, embora ele não seja um homem largo, posso ver a força em seus braços tonificados. Ele é atraente, de um jeito selvagem, e sinto vergonha da minha aparência abatida pela primeira vez em muito tempo.

— Ei — ele diz enquanto ajusta a alça da mochila no ombro.

— O que há de errado com sua van? — Eu pergunto.

— Radiador quebrado. Preciso de uma carona até a loja a alguns quilômetros daqui. Eles têm um carro emprestado esperando por mim, mas só podem pegar meu pedaço de merda mais tarde — Ele aponta em direção à sua van.

Tudo parece bem até agora e minhas defesas começam a diminuir. Se ele está mentindo sobre isso, está fazendo um trabalho bastante convincente. Além disso, são apenas alguns quilômetros. Então estarei sozinha novamente.

— Entre — digo a ele, puxando minha bolsa do banco do passageiro.

O homem dá a volta no SUV, batendo no capô enquanto passa. Ele sobe no banco, mas em vez de fechar a porta para que possamos seguir em frente, ele olha para as árvores ao longo da estrada. Estou prestes a mudar de ideia e pedir para ele sair quando ele se vira para mim e... apenas fica olhando.

À medida que seus olhos endurecem, os cabelos do meu pescoço ficam em posição de sentido. Pego o câmbio, pensando que posso jogá-lo para fora do carro se eu sair rápido o suficiente, mas um clique metálico impede minhas mãos de fazer qualquer coisa. Meu estômago dá um nó quando viro a cabeça e encontro o cano de uma pistola apontada para meu rosto.

— Não quero problemas — digo, mantendo a voz firme.

— Infelizmente, problemas são exatamente o que você tem — diz ele, apontando para as árvores.

Uma cortina de silêncio de chumbo pesa sobre o veículo, só quebrada quando ouço o barulho de botas pesadas emergindo da floresta. Meu coração sobe até a garganta e eu engasgo.

Outro homem se aproxima do SUV, este muito maior que o homem sentado ao meu lado. Sua barba cheia e escura obscurece a metade inferior do rosto, mas posso ver seus olhos e eles são igualmente escuros. Seu cabelo é muito mais arrumado que o do outro homem, mas parece que foi cortado do mesmo tecido.

Meu estômago revira, e não é apenas pelo horror do sanduíche de merda que se encontra preso dentro dele. Estou enjoada e a água de antes não está feliz onde está.

O homem maior se senta atrás daquele que aponta a arma para mim.

— Obrigado pela carona — diz ele enquanto fecham as portas.

— Eu realmente não tive muita escolha, não é? — Eu estalo. Eles podem me matar, mas me recuso a sair como uma criança sorridente. Passei os últimos seis anos implorando ao Mickey para pegar leve comigo. Recuso-me a gastar mais um segundo implorando a um homem para desistir.

— Bocuda — diz o homem ao meu lado com uma risada — Gosto delas com um pouco de fogo. Então, novamente, poderíamos nos livrar de você e simplesmente levar seu carro — Ele saca uma faca de algum lugar na escuridão e coloca o metal na minha garganta.

Quando engulo, minha pele fica tensa sob a lâmina.

— Não é nem meu carro. Eu peguei.

O homem inclina a cabeça e um rosnado baixo sai de sua garganta. Ele se vira para o homem no banco de trás.

— O que temos aqui, G? Parece que pegamos uma pequena ladra.

Eu não estou no clima. Meu interior está prestes a se tornar meu exterior, minha pele está arrepiada, calafrios estão se instalando e agora tenho que lidar com isso. Eu só queria me afastar do meu

agressor e agora me deparei com dois psicopatas que provavelmente vão me estripar. Ou pior.

A ideia do que eles podem fazer comigo é suficiente para fazer meu estômago revirar, e eu abro a porta a tempo de vomitar na calçada. O homem ao meu lado solta um gemido de desgosto, mas o grande atrás parece mais chateado do que enojado. Ele abre a porta, dá a volta no veículo e me levanta pelas costas da camisa como uma mãe gata carregando um gatinho. Com o mínimo esforço, ele me joga no banco de trás.

Ele senta no banco do motorista e eu me inclino para trás para controlar as ondas de náusea que ameaçam me afogar.

A atenção do passageiro volta para mim com um giro brusco de cabeça.

— Você sabe o que fazemos com os ladrões?

— Mata eles? — Eu digo.

A voz profunda do motorista ecoa pelo SUV, parecendo mais alta com os olhos fechados. Suas palavras são suaves como a seda.

— Não. Nós os levamos para passear.

Capítulo Seis

Gentry

— Estacione! — Ela diz do banco de trás. O tom desesperado em sua voz me diz que não há como questionar a validade dessa exigência urgente. Eu puxo para o acostamento e ela quase salta do carro para vomitar na grama.

Eu saio e caminho até a forma curvada. Ela caiu de joelhos devido à força do aperto no estômago, mas trouxe pouco mais do que bile. Quando me agacho, ela baixa o olhar.

— Qual o problema com você? — Eu pergunto — Você está grávida ou algo assim?

— Você nunca pergunta a uma mulher se ela está grávida, idiota — ela rosna, enxugando uma linha de baba pendurada em seu lábio inferior — Mas não. Eu não estou grávida.

É noite, mas os faróis lançam brilho suficiente para deixar sua pele arrepiada. O suor se acumula na parte inferior de suas costas, onde a camisa subiu o suficiente para revelar uma mancha de pele pálida.

Estendo a mão para sua testa, e ela está muito trêmula e fraca para lutar contra meu toque indesejado. As pontas dos meus dedos se conectam com a pele úmida.

— Você está doente?

— Uma espécie de enjôo, eu acho — diz ela, virando a cabeça para vomitar mais uma vez.

Minhas sobrancelhas franzem. Ela parece rude - claramente sem-teto, mas não exatamente como uma drogada. Mesmo assim, já vi alguém nesse estado antes e não posso negar a semelhança. Nosso pai

era um drogado e passei muitas horas da minha infância ao lado dele enquanto ele tremia e vomitava. Quando um viciado abandona o vício, ele fica reduzido ao que vejo diante de mim agora: uma casca indefesa e trêmula.

— Você está doente? — Pergunto, esperando que ela tenha uma razão alternativa para seu estado atual.

Ela cai de costas, tomando cuidado para não cair no vômito.

— Sim, e acho que acabei de expurgar minha alma do meu corpo.

Porra. A última coisa que precisamos agora é cuidar de alguém que está passando por abstinência.

— Você tem mais drogas com você? — Pergunto, esperando que ela o faça. Quando meu pai ficava doente, apenas uma solução interrompia a espiral descendente.

Ela balança a cabeça e seu cabelo loiro bagunçado farfalha na grama.

— Negativo.

Isso é lamentável. Significa que teremos que cuidar dela enquanto ela enfrenta a abstinência.

Que porra estou pensando? Seria melhor acabar com a vida dela. Ela é um problema neste momento – tem sido desde que viu nossos rostos – e temos um longo caminho a percorrer antes de chegarmos ao nosso destino final. O que pretendo fazer com ela no final da estrada? Mesmo que ela estivesse bem, só há uma resposta para essa pergunta.

Minha mão vai para a pistola em meu quadril. *Não é diferente de abater um cervo moribundo na beira da estrada*, digo a mim mesmo.

Mas eu não posso fazer isso.

Sinto um pouco de simpatia por ela. Por mais estúpido que tenha sido, ela parou quando viu uma van quebrada e agora terá que pagar o preço máximo por um ato de bondade. Não parece justo acabar com a vida dela agora. Neste momento, ela parece quebrada. E eu reconheço

quebrantamento como esse. Já vi o suficiente de seu sarcasmo para saber que ela será uma lutadora quando estiver melhor, então talvez possamos esperar até que ela nos dê um motivo para matá-la.

Eu pego seu corpo trêmulo em meus braços e a carrego para o banco de trás. Sua cabeça pende para o lado, mas ela não luta comigo. Cercada pelo meu corpo enorme, ela parece tão pequena e frágil, como se eu pudesse quebrá-la se apertasse com muita força. Apesar da doença infectar sua mente e devastar seu corpo, posso ver o brilho baixo de um fogo extinto em seus olhos azuis.

Eu me forço a desviar o olhar. Depois do que aconteceu com minha esposa, recusei-me a ser sugado por uma mulher novamente. Esta garota indefesa em meus braços não vai mudar isso. Ela é linda e admiro sua atitude, mas não vou deixá-la abalar minha determinação. Vou deixar Karson acabar com ela quando ela estiver melhor, mas ela merece morrer quando não estiver exausta e miserável. É assim que retribuirei a gentileza dela.

Eu a coloco no banco de trás e ela levanta o braço sobre os olhos para proteger suas pupilas da luz interna. Sua língua se move sobre os lábios para umedecê-los, e meu corpo fica tenso, imediatamente me arrependendo da decisão de mantê-la por perto. Ela é um perigo para mim em mais de um aspecto.

Volto ao banco do motorista antes de fazer algo estúpido. Afastando as visões do que eu poderia fazer com uma garota como ela, ligo a ignição e pego a estrada novamente.

— Devíamos matá-la, você sabe. — diz Karson, sem fazer nenhuma tentativa de abaixar a voz — Neste ponto, pode ser misericordioso.

A garota vira a cabeça, os olhos firmemente fechados.

— Foda-se — ela sussurra.

Quase me faz sorrir, mas enfurece Karson. Ele tira a faca do cinto e se vira no banco, mas tiro a mão do volante e agarro seu pulso para bloquear seu movimento em direção a ela.

— Não. — Eu digo.

— Porra, por que não? — Ele estala.

— Porque eu sou o chefe e você ouve o que eu digo. Não esqueça que estou salvando sua pele. — É uma resposta melhor do que a verdade. Não tenho ideia de por que não posso deixá-lo cortá-la como se fosse um presunto de Natal. Talvez eu tenha pena dela, porque encontrei nosso pai morto depois de um ataque particularmente difícil de abstinência. Talvez salvá-la signifique que eu compensei por não salvá-lo. De qualquer maneira, ele não pode acabar com ela... ainda.

Esta não é a coisa mais inteligente que fizemos, eu sei - de modo geral, levar alguém para fora do nosso par é uma estupidez - mas estou intrigado com esse vira-lata que pegamos.

Karson zomba.

— Ela está ferrada com as drogas, não é?

Eu balanço minha cabeça.

— Fodida, porque ela está *livre* das drogas.

As costas de Karson batem contra seu assento e sua cabeça cai sobre o punho cerrado.

— Eu não me inscrevi para um trabalho de babá.

— Eu disse a mesma coisa.

Ele não pode argumentar contra isso, então continuamos noite adentro em um silêncio abençoado.

Leana

Quando o passageiro disse que deveriam me matar, não tive forças para argumentar além das duas palavras que disse. Não quero morrer, mas estou doente demais para impedi-los, se é isso que planejam fazer, e parece provável neste momento. Os músculos sob minha pele doíam. A reviravolta dos meus intestinos me sufoca. Meu pescoço está dolorido e considero tirar os olhos das órbitas para acabar com a pulsação dolorosa atrás deles. Cada solavanco e empurrão na estrada faz meu estômago entrar na boca.

Alguém acende um cigarro e o aroma inebriante é ao mesmo tempo tentador e nauseante. A fumaça espessa me envolve, confortando o tremor do meu corpo em um cobertor familiar. Talvez um pouco de nicotina aliviasse o estresse, mas poderia me mandar para o acostamento novamente, vomitando o vazio do meu estômago. Também me lembro da reação comum de Mickey quando eu pedia um cigarro, e pedir um só poderia me matar mais rápido. Eu não deveria abusar da minha sorte.

Então, novamente, nunca me considereei sortuda.

A vida me deu várias mãos ruins, mas sou forçada a sentar à mesa e continuar apostando. Uma infância feliz arruinada pela morte do meu pai. O casamento da minha mãe com um animal predador. Uma fuga para um inferno igualmente horrível. E agora, estou presa como refém, doente demais para fugir.

Eu gemo e sento para olhar pela janela. Saímos da rodovia novamente e árvores escuras se elevam contra um céu estrelado. Não sei onde estamos ou até onde viajamos, mas pelo menos estamos nos afastando de Mickey e indo em direção a algum destino desconhecido. Perguntar para onde estamos indo seria inútil. Eles não revelaram seus nomes, então duvido que divulguem mais alguma coisa.

Encosto-me no vidro frio da janela e olho para a nuca do passageiro. Passei a vê-lo como o perigoso. Seu temperamento explosivo e total desrespeito pela minha vida foram expostos mais de uma vez, e preciso ter cuidado com ele. Meus olhos se voltam para o motorista. Ele me mostrou um pouco de simpatia, o que é bom, mas

ainda não posso confiar nele. Tenho cerca de noventa por cento de certeza de que as mãos enormes que seguram o volante acabarão enroladas em minha garganta em algum momento, e não no bom sentido.

Eu rio com o pensamento.

— O que há de engraçado aí atrás? — O passageiro pergunta.

— Apenas esta situação. — Eu digo — Dois esquisitos e uma garota drogada em uma viagem.

O passageiro vira a cabeça, olhando para mim com olhos negros como breu.

— Você é a estranha, garota.

— Porque vocês dois são o crême de la crême da normalidade, certo? Dois caras grandes brincando juntos na floresta no meio da noite. — Minha cautela em relação ao selvagem vai embora pela janela, porque minha cabeça dói e isso está me deixando mal-intencionada. Eu segurei minha língua durante a maior parte da minha vida e agora que meus dias estão contados, posso finalmente dizer o que quiser. É incrível.

— Apenas uma pequena fatia e eu posso acabar com você, ladra. — diz ele. Ele levanta a faca novamente, e as luzes do painel refletem na lâmina com um brilho verde misterioso.

— Faça isso então — eu rosno, uma risada estranha levantando o fim da minha exigência — Porra...

— Basta! — O motorista grita, me silenciando no meio de uma maldição. É apenas uma palavra, mas ela se projeta e percorre todos os nervos do meu corpo. Isso permanece. Este homem, com certeza, pode fazer alguém ouvir. Até o amigo dele ficou em silêncio, mas eu posso dizer que isso é uma luta, porque os músculos de seus braços ondulam com o esforço. Parece que ele está usando tudo de si para não bater na minha bunda.

Não seria a primeira vez que os punhos de um homem

chicoteariam sobre mim. Aprendi o quanto o corpo humano pode aguentar, e é muito mais do que eu acreditava. Sabendo disso, decido arriscar. Não suporto o passageiro e quero cutucá-lo um pouco. Além disso, parece que o grandalhão iria tirá-lo de cima de mim antes de me matar.

Provavelmente.

Reúno minha energia minguante e a uso para colocar meu joelho no encosto do banco do passageiro. Seu peito sobe enquanto suas costas se arqueiam para escapar da pressão repentina atrás dele. Antes que eu possa reagir, ele está no console central e ao alcance de uma briga – ou de uma matança. Olhos negros me encaram, mas não me arrependo do que fiz. Talvez eu tenha um desejo de morte. Eu sorrio, e isso o deixa louco. Sua lâmina pisca por um milésimo de segundo antes que o motorista afaste seu braço.

O SUV dá uma guinada e salta no acostamento enquanto o motorista arranca a lâmina da mão do amigo. Em vez de acalmar a situação, coloco minha perna sob os galhos e as frutas do passageiro com um baque surdo. Ele ruge de raiva, caindo contra o painel enquanto o motorista faz o SUV parar bruscamente. Eu reprimo uma risada, porque foda-se esse cara. Ele mereceu.

— Karson! Você está dirigindo — diz o motorista enquanto tira o cinto de segurança e corre pela frente do SUV. Tenho medo que ele arranque a porta do passageiro das dobradiças quando a abrir.

— O que? Por que eu? — Karson pergunta, com a mão ainda segurando a virilha.

— Porque vocês dois estão agindo como crianças. Não posso manter o carro na estrada e ser o maldito árbitro ao mesmo tempo. Ela está claramente doente demais para dirigir, então isso deixa você. Agora sente-se no banco do motorista antes que eu perca a cabeça.

— Oh, vá se foder, Gentry — Karson murmura antes de rastejar sobre o console central e sentar-se atrás do volante — Vou matar aquela vadia na primeira chance que tiver — Ele sussurra esta última

parte, mas é alto o suficiente para eu ouvir.

É um aviso que devo levar a sério, mas estou doente demais para me importar agora. Se ele me matar, pelo menos peguei um pedaço dele antes de partir. Isso é mais do que posso dizer sobre minha situação com Mickey. Nunca terei a chance de me vingar daquele pedaço de merda. Pela forma como Karson reagiu a mim, estou mais certa do que nunca.

Para onde quer que estejam indo, não estarei viva quando chegarem ao destino.

Capítulo Sete

Karson

Não conversamos pelo resto da viagem e finalmente estaciono o veículo no estacionamento de um hotel. George nos instruiu a dirigir em direção a Hollywood, mas é melhor ele alinhar mais sucessos ao longo do caminho para fazer valer a pena. Não é barato dormir num hotel todas as noites, mas, às vezes, temos que dormir. Gentry parece pensar que esta série de acertos será a última sob o comando de George, que o pagamento será maior do que jamais vimos, mas não tenho a mesma confiança em nosso idiota sorrateiro. Se ele nos enganar, não será a primeira vez.

Gentry sempre se certifica de que eu saiba o quão estúpido sou, mas meu irmão é quem está sendo estúpido. Não estou falando apenas de sua crença de que George cumprirá suas promessas. Essa garota é um problema. Não levamos pessoas em viagens como esta. Envolver outras pessoas é um risco que não precisamos, e ela pode estragar nosso disfarce a qualquer momento. Ela poderá escapar. Ela poderá nos denunciar para a primeira pessoa que encontrar, uma oportunidade que ela terá quando reservarmos este quarto. De jeito nenhum vou voltar para a prisão por causa de uma prostituta drogada que Gentry parece ter adotado como um cachorrinho doente na beira da estrada. Mas não posso dizer isso a Gentry. Ele acha que sabe *tudo*.

Ele aprenderá quão pouco sabe em breve. Quando aquele cachorrinho se sentir melhor, ele se virará e morderá a mão que o alimentou. Ela já é uma vadia mal-humorada.

Não me importo de ver Gentry cuidando de seu novo animal de estimação, então pego minha mochila, jogo-a por cima do ombro e vou em direção à entrada do hotel. Não é o Hilton, mas também não é um motel barato. O lobby é pequeno, mas limpo, com algumas cadeiras e

um sofá circulado em torno de uma mesa baixa. Há uma cafeteira em um balcão próximo e uma TV sem som está pendurada acima dela. As legendas piscam na parte inferior da tela.

Ignoro a área de estar e vou direto para a mulher mais velha sentada atrás da mesa do saguão.

— Dois quartos, por favor — eu digo. Eu me recuso a ficar com aqueles dois. A demonstração de gentileza de Gentry me deixa fisicamente doente e, de qualquer forma, não consigo dormir no mesmo quarto que aquele ladrão. Seria mais inteligente se nos revezássemos para vigiá-la, mas ela ainda está tão doente que duvido que consiga fugir.

A mulher na recepção digita no teclado sem olhar para mim. Quando ela me dá o total, trocamos dinheiro por cartões-chave e volto para a entrada, para esperar meu irmão e sua bagagem. Eles atravessam o estacionamento e meu queixo aperta ao vê-los. Ela está encostada nele em busca de apoio, as pernas instáveis e balançando sob os quadris. Ele parece um homem levando sua namorada bêbada para o palácio, depois de uma noite no bar. É um bom disfarce, na verdade, mas ainda me dá vontade de arrancar os olhos com um bastão cego. Eu não gosto de como eles parecem aconchegantes.

Eu jogo a chave para Gentry quando eles se aproximam de mim. — Você está no 35. — eu digo — Estou no quarto ao lado do seu. — Antes que ele possa responder, viro-me e vou em direção ao elevador.

A curta viagem até o nosso andar deixa a ladra doente novamente. Ela inclina a cabeça loira contra ele e geme, apertando a barriga e quase desmaiando. Seu braço envolve-a, um gesto protetor que faz meus olhos revirarem. Este não é o irmão que conheci durante toda a minha vida. Claro, ele não é tão agressivo quanto eu, mas nunca se importou. Não assim.

Isso vai ser um maldito problema.

Saímos do elevador e eu passo por eles para chegar ao meu quarto. Não aguento mais um segundo dessa merda.

— Karson — Gentry diz antes que eu possa colocar o cartão-chave na abertura.

Cerro os dentes e me viro para encará-lo. O que quer que ele tenha a dizer, não estou com vontade de ouvir.

Gentry manda a garota ir para o quarto deles, ajudando-a a entrar como se ela fosse uma inválida que não me chutou no pau antes. Ele fecha a porta atrás dela e se junta a mim na frente do meu quarto.

— O que estamos fazendo? — Eu pergunto. Não dou a ele a chance de falar primeiro. — Como você acha que isso vai acabar, Gentry?

— Eu sei como isso termina.

Ele sabe? Não estou convencido.

— Então por que prolongar o inevitável? Devíamos tê-la matado na beira da estrada quando ela estava doente. Agora você está cuidando dela como planeja mantê-la. Diga-me que estou errado. Por favor.

Seus lábios se apertam.

— Quando chegar a hora, vou me livrar dela.

Eu balanço minha cabeça.

— Se você não fizer isso, eu mato vocês dois e depois eu mesmo.

As sobrancelhas de Gentry franzem.

— Apenas deixe-me cuidar disso.

— Claro, Gentry. Você é o chefe. — eu digo, e ele não perde o tom sarcástico das minhas palavras.

Deixo-o parado no corredor e vou para o meu quarto. Gentry sempre foi o chefe até certo ponto, mas estou cansado de ficar na coleira. No momento em que me solto, estou me livrando do excesso de bagagem. A pequena ladra não é o único cachorro com dentes.

Gentry

Fico na frente do meu quarto, no corredor silencioso e fantasmagórico. Karson não entende. Para ser justo, eu também não, mas este é o meu programa e eu o dirigirei como quiser. Se ele não gostar, pode arriscar com George.

O leitor de cartão-chave pisca em verde e eu abro a porta de metal pesado. A garota está deitada na cama, o peito arfando, como se a caminhada até o nosso quarto fosse uma tarefa mais monumental do que eu poderia imaginar. Um abajur na mesa de cabeceira lança uma tênue luz amarela sobre seu rosto, e as sombras sob seus olhos se destacam como dois vales escuros de cada lado de seu nariz fino. Seu cheiro vem em minha direção, e eu gostaria que ela não tivesse caído no edredom enquanto cheirava a vômito.

— Vá tomar banho. — Digo a ela. Quero que ela esteja limpa, porque nunca conseguirei dormir se tiver que sentir aquele perfume rançoso a noite toda, mas me preocupo com a aparência dela quando aquela fina camada de sujeira e suor não estiver cobrindo sua pele. Já estou lutando contra uma estranha atração por ela quando ela parece uma bagunça, então não sei como reagirei quando ela estiver macia e limpa.

Ela sai da cama como se estivesse lutando contra um corpo que pesa mil quilos. É uma ação familiar e difícil que meu pai fez tantas vezes. Talvez seja por isso que estou tão intrigado com ela. Talvez eu precise ver se ela morrerá como nosso pai ou se encontrará vontade de viver.

Mas então como posso matá-la?

Porque você não tem escolha.

Ela entra no banheiro e o som da água corrente silencia meus pensamentos. Tiro os sapatos na porta, me jogo na cama e ligo a televisão. Assistir TV é um luxo realmente mundano que a maioria das pessoas não pensa duas vezes. Não tivemos uma enquanto crescia. Bem, *tecnicamente* tínhamos, mas o grande pedaço de merda era apenas um peso de papel gigante. Não me lembro de sua tela acender. Karson se divertia arrancando as pernas dos insetos no quintal cheio de ervas daninhas, e eu preferia passar a infância tentando ganhar alguns dólares para podermos comer algo mais do que sanduíches de manteiga de amendoim e biscoitos salgados velhos.

O chuveiro é desligado e a garota sai pela porta do banheiro em meio a uma nuvem de vapor. Engulo em seco, porque ela fica mais do que bonita quando está limpa. Ela está vestindo um roupão de banho, o cinto bem amarrado em sua cintura fina. Ela provavelmente não tem nada para vestir e com certeza não consegue vestir as roupas encharcadas de vômito que usava antes.

Mas há outro problema mais presente em sua mente. Estou deitado na única cama do quarto e não tenho intenção de abrir mão do meu lugar.

— Sem roupas? — Eu pergunto.

— Meu erro. Eu não esperava viajar pelo país quando deixei minha caixa de papelão esta manhã.

Balanço a cabeça e tiro a camisa, lutando contra uma risada. Sua inteligência irrita Karson, mas eu gosto disso.

— Aqui, pegue isso — eu digo, jogando a camisa em seu colo. Vai ficar ótimo nela, mas é melhor do que aquele roupão áspero.

— Tenho outra roupa na mochila, mas fede mais do que o conjunto de vômito. Não é fácil lavar roupa na rua. — diz ela.

Recolho suas roupas descartadas e encontro a mochila logo depois da porta do banheiro. Enquanto procuro sua roupa extra, minha mão atinge algo pequeno e quadrado. É uma carteira. Eu a retiro e abro, lendo o nome em sua carteira de motorista. Escondida atrás dela

está outra licença. Já expirou há vários anos, mas essa é definitivamente a foto dela.

Leana Moore.

Pelo menos agora sei o nome da intrigante estranha. Devolvo a carteira à mochila e saio do banheiro antes que ela me veja bisbilhotando.

— Vou lavar isso — digo enquanto passo pela cama.

Quando alcanço a maçaneta da porta, sua voz suave me impede.

— Por que você está sendo tão legal comigo?

Pergunta realmente estranha. Não estou sendo muito gentil ao dar roupas para ela vestir e não matá-la... ainda.

Em vez de responder, calço os sapatos e saio da sala.

Não acho que ela tenha energia para fugir, mas ainda preciso ser cauteloso. Paro no quarto de Karson, no caminho pelo corredor e peço que ele a ouça. Ele está chateado, mas faz o que ela manda e se senta ao lado da minha porta.

A lavanderia no local não é difícil de encontrar. Fica no primeiro andar, escondida em uma alcova na área do lobby. Pela aparência das máquinas antiquadas, eles se preocupavam mais com a aparência de sua entrada do que com as comodidades do cliente. Deixo as roupas dela na máquina de lavar e vejo uma mancha na minha calça jeans. Não preciso cheirar para saber o que é. Eu tiro minhas calças e as jogo também, me deixando apenas com minha boxer. Não me preocupo que alguém me diga algo sobre isso, porque não tenho o rosto mais acessível. Além disso, é tarde e o hotel parece bastante vazio.

Quando chego ao nosso corredor, Karson não está mais sentado perto da porta. Ele abandonou o posto ou...

Minha respiração fica presa na garganta. Eu estava preocupado que ela pudesse escapar, mas não tinha considerado o que Karson poderia fazer com ela se eu não estivesse lá para detê-lo. Eu não deveria me importar, mas me importo. Eu praticamente a entreguei ao

meu irmão em uma maldita bandeja de prata.

Puxo a chave do quarto do côs da minha cueca boxer e coloco-a na abertura. O semáforo fica vermelho e percebo que o segurei do lado errado por causa do meu pânico. Eu viro e a luz fica verde. Quando corro pela porta, consigo respirar novamente. Leana está deitada na mesma posição na cama, vestindo minha camisa preta em vez do roupão. Seu cabelo molhado gruda na pele e umedece a gola da minha camisa. Seus olhos azuis brilhantes olham para a televisão.

Ela vira a cabeça e franze as sobrancelhas quando me vê sem nada além de cueca.

Eu respondo sua pergunta antes que ela possa perguntar.

— Decidi lavar meu jeans também.

Ela balança a cabeça e sua atenção volta para a televisão.

Eu sabia que minha camisa ficaria grande nela, mas praticamente a engole inteira. Estou impressionado novamente com o quão pequena ela é.

— Como uma garota como você sobreviveu na rua?

Ela dá de ombros.

— Eu não tive escolha.

Ela se vira de lado e a gola da camiseta cai enquanto seu cabelo cai do pescoço. Contusões amarelo-esverdeadas se destacam em sua pele, envolvendo sua garganta como um laço desbotado. Alguém fez essa garota passar pelo inferno.

— Do que você está fugindo? — Eu pergunto.

Seus olhos caem e ela se reajusta, cobrindo os hematomas mais uma vez.

— Eu não quero falar sobre isso.

Ando até a beira da cama e afasto as cobertas, cansado demais para arrancar informações de seus lábios selados.

Seus olhos se arregalam e ela se vira para olhar para mim.

— Você não está dormindo no chão?

Não consigo conter a risada dessa vez. Porra, não, não vou dormir no chão. Eu fiz o suficiente disso enquanto crescia. Só tínhamos uma cama em casa e deixei Karson ficar com ela. Meu pai tinha um lugar permanente no sofá quando estava em casa. Quando ele não estava, eu não dormia lá, porque sempre cheirava a suor e mijo.

— Sem chance — digo a ela enquanto vou para a cama. Ela tenta sair de debaixo das cobertas, mas eu agarro seu braço e a puxo para baixo novamente — Ninguém está dormindo no chão.

— Eu não vou dormir na cama com você! — Ela luta ao meu alcance, mas não tem chance contra mim.

Envolvo meu braço em volta de sua cintura e a puxo para trás antes de forçá-la a descer. Ela não percebe o efeito que tem sobre mim, e essa luta só piorou a situação. Se ela souber o que é bom para ela, ela irá parar.

Porque, em breve, não poderei.

— Você não vai sair desta cama, Leana.

Ela se acalma ao som de seu nome, a vontade de lutar evaporando de seus olhos — Como você sabe meu nome?

Eu a solto e viro de lado, de costas para ela, para não ficar tentado. Ela não tentará sair novamente.

— Vá dormir, andarilha.

Ela se move um pouco e coloca um travesseiro entre nós. Um sorriso abre caminho em meu rosto. Se eu quisesse levá-la, ela realmente acha que um travesseiro me impediria? Eu não vou levá-la, no entanto. Eu nem vou tocar nela. Ela pode parecer muito boa ou ter um gosto muito doce, e então eu realmente não serei capaz de me livrar dela. Por mais tentadora que ela seja, me recuso a ceder.

Fico acordado até ela roncar baixinho, depois me permito

adormecer.

Capítulo Oito

Leana

Acordo na cama com ele. O Alto. A merda de tijolo de um homem. Eu nem sei como adormeci ao lado desse estranho corpulento. Provavelmente, porque meu corpo precisava tanto de sono que não importava se eu estava deitado ao lado do próprio diabo, desde que estivesse na porra de uma cama.

Depois de passar seis horas inteiras em um colchão de espuma viscoelástica, também estou me sentindo muito melhor. A náusea se acalmou e se tornou um sussurro, então posso ignorá-la. Ainda estou com uma leve dor de cabeça, mas provavelmente tem mais a ver com desidratação do que com abstinência. Ainda me sinto uma merda, mas menos merda. Funcional, pelo menos.

O que significa que preciso dar o fora daqui.

Espio por cima do travesseiro que separa minha pele da dele. Ele está de costas, com o rosto voltado para mim e, embora esteja dormindo profundamente, ainda é imponente. Seus músculos foram esculpados em mármore e tenho quase certeza de que seus abdominais têm abdominais. Imagino-o sem camisa e com um machado na mão, puxando-o por cima do ombro e atirando-o contra um bloco de madeira com a facilidade de uma faca quente na manteiga. Suor escorrendo pelas curvas ao redor de seus peitorais e...

E o que diabos há de errado comigo?

Ele não é um lenhador sexy fazendo armadilhas para a sede nas redes sociais. Ele é o homem que me mantém como refém, e eu preciso ficar longe dele.

Saio silenciosamente da cama, tomando cuidado para não acordar o gigante adormecido ao meu lado. Quando olho em volta,

percebo o quanto estou fodida. Minhas roupas – incluindo o conjunto extra na minha mochila – estão em uma lavanderia, em algum lugar deste hotel. Não posso sair do quarto assim, vestindo apenas sua camiseta enorme e uma calcinha minúscula. Também não posso pedir ajuda. Não quando eu fui a idiota que roubou o SUV que nos trouxe até aqui.

A prisão não é uma alternativa para mim. Estar amontoada em uma sala com mulheres que fizeram coisas indescritíveis — e que podem fazer coisas indescritíveis comigo — é tão ruim quanto viver com Mickey.

Estou presa.

Em vez de fugir agora, terei que esperar o momento oportuno. Um momento onde estarei melhor preparada. E vestida. Provavelmente é melhor assim, porque quando chego à porta do banheiro, minhas pernas ameaçam ceder quando uma enorme onda de náusea se apodera de mim. As luzes giram diante dos meus olhos e eu agarro o batente da porta para impedir que meu corpo caia no chão de ladrilhos. Um gemido alto perfura meus ouvidos.

Assim que meu aperto afrouxa e começo a cair para frente, estou envolta em calor e poder. Minha cabeça cai para trás e vejo seu rosto. Seus lábios se movem por dentro da barba, mas não consigo ouvir o que ele está dizendo. Pisco até que a névoa comece a diminuir.

— Você precisa se deitar — Sua voz vem de quilômetros de distância, mas está cada vez mais perto.

Ele me leva para a cama e me coloca em cima do edredom antes de ir embora. Momentos depois, ele retorna com um pano frio e o coloca na minha testa. Tento afastar suas mãos. Eu não quero a ajuda dele. Esta foi uma lição que aprendi da maneira mais difícil há muitos anos. Os homens não ajudam.

Eles magoam.

— Sai de cima de mim — murmuro.

Ele se afasta novamente e eu fecho os olhos, pensando que ele

entendeu a mensagem, mas ele retorna com uma garrafa de água do frigobar do quarto. Ele se senta na beira da cama e a estende para mim, e eu a aceito, porque as necessidades do meu corpo superam o meu orgulho. Sento-me e arranco a tampa antes de beber o líquido frio.

Sua mão avança e puxa a garrafa da minha mão.

— Que porra é essa? — Eu digo — Primeiro você me força a me ajudar, e agora você está roubando-a. Decida-se.

— Você vai vomitar se inalar assim — Ele o segura na minha direção novamente, mas o afasta quando eu o pego — Beba.

Eu me inclino para frente e arranco-o de sua mão, odiando que ele provavelmente esteja certo. Maldito seja.

Tomar pequenos goles de água é uma tarefa monumental, mas consigo reunir força de vontade suficiente para fazer isso acontecer. Cada gole gelado desliza pela minha garganta como uma pedra fria caindo no poço vazio do meu estômago. Depois de alguns goles, me forço a parar, feliz por conseguir segurar o estômago.

— Como você sabe tanto sobre o que estou passando? — Pergunto enquanto enrosco a tampa na garrafa — Você é um viciado em recuperação ou algo assim?

Ele balança a cabeça, abre a boca e decide guardar seus segredos. Provavelmente é melhor. Quanto menos aprendermos uns sobre os outros, melhor. Eu nem sei por que perguntei. Eu certamente não dou a mínima.

Quando ele se levanta novamente, engulo em seco. Contra a minha vontade, meus olhos deslizam para a enorme ereção ao nível dos meus olhos. Ele aponta para o umbigo e quase aparece na parte superior da cueca boxer, mas a espessura é o que chama minha atenção. Repugnantemente grosso. Terrivelmente grande. Foda-se um machado. Ele provavelmente poderia cortar lenha com *aquela* coisa.

Me *partiria ao meio*, penso, e minhas bochechas ficam quentes.

— Não aja como se você nunca tivesse visto um pau antes. — Ele

diz com um sorriso, e eu finalmente desvio o olhar de sua virilha protuberante, envergonhada por ter sido pega olhando.

— A maioria dos estranhos não tem o hábito de empurrar sua ereção matinal na minha cara, então você vai ter que desculpar a porra da minha surpresa. — Eu digo — Onde estão minhas roupas? Eu gostaria de me vestir agora.

Ele vai até a cômoda encostada na parede e abre a gaveta de cima. Ele puxa minhas roupas de dentro e as joga para mim. Puxo o tecido contra o rosto e inspiro o aroma fresco. Notas florais brilhantes acalmam meus sentidos. Uma pessoa não consegue entender a simples alegria de ter roupas limpas até que fique sem elas, e eu esteja suja por muito tempo.

— Quando você tirou isso da lavanderia? — Eu pergunto.

— Já estou acordado há algumas horas.

Besteira. Eu tenho sono leve. Se ele tivesse saído da sala, eu teria ouvido.

— Você ainda estava dormindo quando saí da cama — digo.

— Não, eu estava fingindo dormir quando você saiu da cama. Eu queria ver o que você faria — Ele veste as calças e as abotoa, finalmente escondendo a terceira perna — Eu preciso dessa camisa.

Faço um gesto para que ele se vire, mas ele apenas balança a cabeça. Se ele não se virar e me der um pouco de privacidade, irei ao banheiro. Coloco os pés no chão, mas antes que eu consiga me levantar, suas mãos agarram a barra da camisa e ele a levanta sobre minha cabeça. Quando meus braços abaixam para cobrir meus seios, a camisa sai e fico completamente nua.

— Que diabos? — Eu grito enquanto luto para encontrar minha camisa. Está do avesso, então tenho que passar mais trinta segundos humilhantes arrumando-o antes de poder cobrir meu corpo. Tudo isso enquanto ele está atrás de mim, observando e rindo. Não acho nada disso engraçado.

— Se eu quisesse ver seus peitos, já os teria visto — diz ele.

— Isso é uma ameaça?

Seus ombros se levantam em um encolher de ombros.

— Talvez — Ele puxa a camisa por cima do torso, mas isso não esconde os músculos por baixo. Na verdade, isso os acentua — Você precisa aprender a confiar um pouco em mim.

Pego meu short, levanto e deslizo-o sobre minha bunda. Foda-se. Se ele quiser olhar, ele pode olhar. Não estou brincando com ele.

— Você está fazendo um péssimo trabalho para ganhar minha confiança, se esse tem sido seu objetivo até agora.

Ele pega minha mochila no banheiro e a joga na cama. Enfio minhas roupas extras dentro e jogo a garrafa de água meio vazia, para garantir. Preciso manter minhas forças, e o primeiro passo será hidratar meu corpo faminto por drogas.

Ele tira o celular do bolso, lê alguma coisa, digita uma resposta e olha para mim.

— Precisamos pegar a estrada, então faça o que for preciso no banheiro e vamos sair daqui.

Ele apertou um botão e voltou a ser o Senhor Sério novamente. Alegria.

— Para onde estamos indo, afinal? — Eu pergunto.

— Eu e Karson estamos indo para a Califórnia. Mas você não terá que ficar conosco durante todo o trajeto.

— Porque você vai me matar antes disso?

Eu não sou idiota. Eu vi rostos. Conheço, pelo menos, um nome. Agora eu sei para onde eles estão indo. Não sei o que esses homens estão fazendo, mas provavelmente é ilegal. Sou um risco para a operação deles.

Ele sai pela porta sem me responder, mas essa é toda a resposta que preciso.

Capítulo Nove

Gentry

A calma que tínhamos no hotel desaparece no momento em que encontramos Karson no lobby. Sua zombaria nos irrita. Minha paciência com as travessuras de Karson diminui a cada dia. Inferno, a cada minuto.

O meu pau já não está duro, mas as minhas bolas ainda doem. Eu queria foder com ela no hotel. Eu *ainda quero*. Mas seria preciso mais do que um rosto bonito e um belo par de seios para que eu quebrassem minha onda de abstinência. O dia em que encontrei meu irmão profundamente enfiado em minha esposa foi o dia em que prometi me manter longe de mulheres mentirosas.

Minha maldita mão é fiel, pelo menos.

Mas fiquei tentado por ela – *estou* tentado – e o olhar de soslaio que ela continua lançando em minha direção quando chegamos ao SUV não está ajudando. Ela está curiosa sobre mim. Eu vi aquele olhar lascivo em seus olhos na sala, e vejo-o novamente agora. Mas não vamos complicar as coisas.

Karson joga as chaves para Leana e ela olha para mim.

— Assento, pequena ladra. — diz Karson antes que eu possa responder.

Quando ela se senta no banco do motorista e pega a estrada, lamento tê-la deixado ao volante. Meu estômago dá um nó por causa de como ela monta a maldita faixa, e não ajuda o fato de eu ter escolhido sentar no banco de trás. Meus olhos permanecem fixos em meu irmão, no entanto. Cada vez que ele olha de lado para ela, me preparo para ficar entre eles. Ele não tentaria matá-la enquanto ela estivesse dirigindo. Ele não é tão estúpido. Talvez seja bom que ela

esteja atrás do volante.

Karson tira a pistola da cintura e começa a jogá-la no ar, pegando-a pelo cano ou pelo cabo enquanto ela dá uma cambalhota na palma da mão. Leana olha para ele, e toda vez que sua garganta balança quando ela engole, sei que ela quer dizer alguma coisa. Ela não deveria se preocupar tanto. Em todos os anos em que Karson jogou — pega-pega — com suas pistolas, elas só dispararam duas vezes.

Éramos adolescentes na primeira vez que isso aconteceu, e a bala atravessou a porra *do meu* pé. Não do idiota que está girando a maldita coisa. Meu pé. Na segunda vez, ele estava jogando sozinho enquanto esperávamos minha esposa terminar o jantar. Ele quebrou a janela da cozinha. Mesmo que ela testemunhasse suas demonstrações regulares de estupidez, ela ainda dormia com ele. Eu não escolho as mulheres com muita sabedoria, eu acho.

Mau julgamento da minha parte por perdoá-lo por todas as suas besteiras também.

Perdoá-lo por foder minha esposa foi difícil. Ainda não tenho certeza se acredito que ele planejou matá-la, mas faz mais sentido do que a alternativa. E tive muito tempo para sentar e pensar sobre isso. Também nunca soube que Karson *gostasse* de alguém, inclusive de mim.

— Você pode parar? — Leana grita, me tirando dos meus pensamentos. Ela estremece quando a pistola gira no ar e o cano fica um pouco perto demais para ser confortável.

— Não — Ele a envia para o ar novamente.

A satisfação presunçosa em seu rosto me irrita, então me inclino e arranco-o antes que alcance suas mãos novamente. Infelizmente, isso aproxima o cano da cabeça de Leana novamente. Ela puxa o volante com um guincho e faz o SUV bater no acostamento antes de endireitá-lo novamente.

— Terminamos de brincar! — Eu grito, não deixando espaço para nenhum deles discutir.

— Seu pai não jogava bola como uma pessoa normal? — Ela diz para Karson, e eu luto contra um sorriso malicioso.

Balanço a cabeça e encontro seu olhar no espelho retrovisor.

— Não, *nosso* pai não fez isso.

Seus olhos disparam entre nós enquanto a compreensão a inunda.

— Vocês são irmãos?

— Sangue. — brinca Karson, puxando outra pistola da cintura e recomeçando o jogo. Uma risada profunda ressoa de seu peito e irrompe de sua boca enquanto ele segura o punho em seu último lançamento e vira o cano em direção a Leana. Seu dedo desliza até o gatilho e puxa-o para trás antes que eu possa detê-lo.

Clique.

O som quase se perde sob o grito dela. Seu peito sobe e desce a cada respiração irregular enquanto o medo toma conta de seu corpo. A risada de Karson fica mais alta e ganha um tom que deixa meu cabelo em pé.

Seus olhos se estreitam e ela joga o carro para o lado da estrada, quase me mandando para o banco da frente quando os pneus param.

— Saia — ela diz. Quando não nos movemos, ela levanta a voz — Dê o *fora*!

Seu tom é potente o suficiente para abafar a risada de Karson, e ele fica boquiaberto de choque. Nenhuma mulher gritou conosco daquele jeito. Bem, ninguém que ainda esteja vivo para falar sobre isso.

Agora sou eu quem está rindo. É um som baixo que não consigo conter graças à audácia dessa garota. As bolas dela podem ser maiores que as minhas.

— Você sabe o que? — Ela pega as chaves da ignição e as joga em minha direção — Leve o carro. Não é nem meu. Tenham uma boa vida, Irmãos Grimm — Sua mão vai até a maçaneta da porta.

Levanto a pistola que tenho na mão – aquela que está bem carregada – e a coloco na parte de trás de seu cabelo loiro e macio.

— Os Irmãos Grimm eram estudiosos, então obrigado — Empurro o cano até que suas mechas douradas envolvam a ponta de metal — Agora tire a mão da maçaneta.

— Apenas mate-a e acabe com isso — diz Karson.

Seu peito cai enquanto a bravata desaparece ao sentir minha arma. O medo volta para ela com as palavras do meu irmão.

— Prefiro não — digo — e se a senhorita aqui conseguir se comportar bem, não precisarei fazê-lo.

— Vá se foder — ela murmura, mas ainda posso ouvir a mordida em sua voz. Ela está com medo, mas também está chateada. A hostilidade faz um desvio para o meu pau.

Saio do carro, contornando a traseira e paro na porta do motorista. Eu abro e a puxo do assento. Ela se contorce e tenta se libertar do meu aperto, mas eu a seguro contra mim até que ela fique imóvel.

— Cuidado com a boca — eu rosno em seu ouvido — A menos que você abra a boca e faça algo mais útil com isso, peço gentilmente que cale a boca e pare de tornar isso mais complicado do que precisa ser.

O cheiro doce de seu pânico sobe até meu nariz, e não quero nada mais do que pressioná-la contra a lateral do SUV e fazer algo mais alto do que alguns xingamentos murmurados fluírem de seus lábios carnudos. Eu a viro e a prendo contra o metal. Minha mão vai em direção à sua garganta, e ela estremece ao meu toque. Segurá-la assim envia a luz do sol contra os hematomas em seu pescoço. Contusões que parecem uma sombra rastejando pela sua pele. A sombra de uma mão. Ela não precisa me dizer do que está fugindo agora. Eu tenho uma boa ideia.

Coloco minha mão em seu braço e abro a porta traseira, acionando as travas para crianças antes de colocá-la no banco de trás e trancá-la lá dentro. Estou enojado com a forma como meu estômago se

revira com uma pitada de simpatia pelo que ela passou. Idiotas como eu não se sentem mal pelos outros. Cuidamos de nós mesmos e pronto. Eu me lembro disso e engulo com os dentes cerrados, esmagando os sentimentos como se fossem insetos sem sentido.

— Não estou com humor para nenhum de vocês — rosno enquanto sento no banco do motorista e coloco o carro em movimento. Realmente não temos tempo para essas besteiras.

Karson se inclina para frente e liga o rádio. A música toca nos alto-falantes de merda e, pela quinta vez, estendo a mão e os silêncio.

— O rádio foi literalmente inventado para viagens rodoviárias — diz Karson enquanto joga as costas contra o assento.

— Esta não é uma viagem, Karson. As viagens rodoviárias levam você a algum lugar divertido. São negócios.

— Você prefere apenas ouvir o silêncio? Isso é divertido para você?

Balanço a cabeça antes de olhar para o espelho retrovisor. Os olhos azuis de Leana olham pela janela, o resto do carro aparentemente indigno de seu olhar severo. Seu cabelo gruda na fina camada de suor em sua bochecha. Ela não precisa ficar ali sentada parecendo tão mal-intencionada. Fomos mais do que justos com ela. Pegamos o carro dela — correção, nem mesmo o carro é *dela* — e pronto. Bem, nós a levamos também, mas não a machucamos. Gostei da nossa pequena distração na maior parte do tempo e pretendo mantê-la conosco até chegarmos mais perto de um lugar que nunca pensei que visitaria. Hollywood. Vomito. Um lugar realmente rico para dois homens que desprezam os ricos.

Agarro o volante e suspiro.

— Precisamos encontrar outro carro logo. Estamos dirigindo este aqui há alguns dias e a polícia provavelmente está procurando por ele.

— Muito à sua frente — diz Karson com um sorriso satisfeito — Encontrei um SUV correspondente no último estacionamento do hotel e troquei as placas. Se algum leitor de tag for bloqueado, ele não será

exibido como roubado. Este é um carro comum em uma cor comum, então, contanto que façamos isso a cada poucos dias, estaremos à frente deles. Garanto que a polícia não está caçando muito esse pedaço de lixo, de qualquer maneira.

— Para que parte da Califórnia você está indo? — Leana pergunta, seus olhos fixando-se nos meus no espelho.

A cabeça de Karson vira em minha direção.

— Você disse a ela para onde estamos indo? Você é estúpido, Gentry?

— Hollywood — digo a ela, ignorando Karson — Onde você estava indo? Você estava imunda e é uma ladra, então não estava voltando para casa para visitar a mamãe e o papai.

Ela zomba.

— Fora de Nova York.

— Do que você está fugindo? — Eu pergunto novamente. Já sei a resposta, mas quero ouvi-la dizer.

— Nada — ela responde, cruzando os braços sobre o peito.

— Quem diabos *se importa*, G? — Karson mexe em sua janela, subindo e descendo em rápida sucessão. Cada vez que o vidro sai da vedação na parte superior da janela, um rugido de ar faz vibrar o interior do carro. Eu uso os controles ao meu lado para levantar a janela e trancá-la. Ele aperta o botão, ficando mais agressivo a cada toque. Aquele *clique, clique, clique incessante* começa a me deixar maluco, e ele sabe disso. Ele faz merda só para fazer barulho, eu juro.

— Você pode simplesmente parar de fazer as coisas? — Eu estalo.

— Estou entediado — lamenta Karson, prolongando a última palavra.

Ele se senta e olha para Leana atrás de seu assento, e me arrependo de ter tirado seu brinquedo quando um sorriso selvagem cruza seus lábios. Ele solta o cinto de segurança e sobe no console

central, algo que eu nunca poderia fazer. Permaneço vigilante enquanto ele se senta ao lado dela. Karson é meio pervertido, e se eu não vou tocá-la, eu, com certeza, não quero que ele coloque a mão nela também.

Ela puxa os braços para mais perto do corpo e mantém os olhos fixos na janela. Karson olha para ela. Quando isso não provoca a reação que ele deseja, ele se inclina em direção a ela e respira fundo. É realmente assustador, e não culpo Leana pelo que ela faz a seguir.

O braço dela se afasta e ela coloca a palma da mão no nariz dele com toda a força que consegue reunir. Um estalo precede uma enxurrada de palavrões saindo da boca de Karson. Aperto os lábios para não rir. Ela fez o que eu queria fazer desde nosso último show.

— Maldita vadia — ele rosna, puxando-a em direção a ele pelos cabelos. Ele recua o punho cerrado, mas ela encontra seu olhar sem vacilar. Ela está muito calma sobre o que ele vai fazer.

— Karson! — Grito, e a raiva na minha voz é suficiente para abaixar o braço dele.

— Ela me bateu, porra! Meu nariz está sangrando, pelo amor de Deus! Eu deveria atirar na cara dela — As mãos de Karson se atrapalham em sua cintura, mas estou com as duas pistolas na frente. Ele salta do banco de trás e pega a arma no painel, mas eu a arranco.

— Não vamos fazer isso — digo enquanto coloco a pistola entre as pernas — Você mereceu isso por ser um canalha.

— Você acha que isso foi assustador? Vou mostrar a vocês dois o que realmente é assustador — Ele pronuncia as palavras com os dentes cerrados enquanto abre o zíper da braguilha. Ele provavelmente está se preparando para se masturbar no banco de trás.

— Andarilha, você tem minha permissão para arrancar o pau dele se estiver fora — eu incito.

O som do zíper voltando ao lugar quebra o silêncio.

— Andarilha? Belo apelido que ele deu a você, ladra. — Ele rosna

em direção a ela enquanto se inclina e agarra seu queixo — Você é o bichinho dele, hein? — Ele a joga para longe dele e sobe na frente — Foda-se, G. Eu sou sua família. É assim que você trata a família?

Eu levanto meu queixo.

— Sério que você está indo por aí, irmão? Você realmente quer que eu responda isso?

Karson não se importou com o fato de sermos uma família quando desistiu de mim por um acordo um pouco melhor, e com certeza não se importou quando fodeu minha esposa. Ele continua a mostrar sua falta de cuidado enquanto destrói de forma imprudente cada um dos meus golpes.

Leana se recosta e estende a mão, imperturbável por toda a provação. Karson levanta o braço e usa a manga da jaqueta para confortar o nariz sangrando. Apesar da raiva irradiando ao meu lado e atrás de mim, pelo menos todo mundo está em silêncio pela primeira vez. Talvez possamos realmente percorrer alguns quilômetros agora.

Volto todo o meu foco para a estrada e continuo dirigindo.

Capítulo Dez

Leana

Não pronuncio uma única palavra durante o resto da viagem. Minha mão dói com o impacto na cara estúpida de Karson, mas valeu a pena. Eles têm um relacionamento muito estranho e não tenho interesse em estar no meio de tanta hostilidade. Eles nem parecem gostar um do outro. Como diabos eles viajam juntos sem que alguém acabe morto?

Gentry estaciona no estacionamento de um hotel. Está um pouco mais degradado do que o da noite passada, mas ainda é melhor do que ficar enrolada embaixo de um viaduto. Eles pegam suas mochilas e começam a entrar, e eu tenho que pressionar meu rosto no vidro, porque as travas para crianças ainda estão acionadas. Karson se vira e acena para mim como uma criança imatura. Gentry se vira e dá alguns passos longos de volta para mim. Que gentileza da parte dele lembrar.

Ele abre a porta e eu quase caio de cara na calçada. Seus braços poderosos envolvem meu corpo, me salvando antes que eu acabe com uma erupção cutânea no nariz. Ele me levanta sobre meus pés instáveis e mantém a mão no meu braço por mais tempo do que eu gostaria. Eu me livro dele.

— De nada. — Ele retruca.

Apesar de deixar claro que não quero que ele me toque, seu braço envolve minha cintura e me guia até as portas automáticas em frente ao hotel. O vidro se parte quando nos aproximamos, e um perfume floral irresistível corre em nossa direção. Parece que um aromatizador de ambiente Glade explodiu aqui. Gentry faz um gesto para Karson, que se dirige à recepção para garantir nossos quartos. Espero que sejam três, porque não quero ficar com nenhum deles.

Karson retorna com dois conjuntos de cartões-chave nas mãos.

Porra.

Pegamos o elevador até o quarto andar. Flocos crocantes de sangue seco tremeluzem sob o nariz de Karson a cada expiração, e a mancha em sua manga escureceu para um marrom enferrujado. Ele me pega olhando para ele e lança um rosnado silencioso em minha direção que parece uma promessa de retaliação.

Saímos do elevador e encontramos nossos quartos lado a lado. Karson se vira para nós com os cartões-chave na mão.

— Havia apenas camas de solteiro queen-size disponíveis — diz ele.

— Divirtam-se dormindo juntos, meninos — Pego um cartão, esperando que aqueles dois idiotas fiquem juntos, mas Karson o levanta acima da minha cabeça.

— Não vamos deixar você sozinha, *ladra*. — Ele rosna a palavra com tanta veracidade que se torna literalmente veneno — Escolha com quem você prefere passar a noite. Dica: não me escolha, porque vou te matar e foder seu cadáver — Karson solta uma risada que faz os cabelos da minha nuca se afastarem da minha pele.

Mesmo que ele não tivesse me ameaçado, de jeito nenhum eu dividiria um quarto com ele. Dou um passo mais perto de Gentry, escolhendo o homem que mostrou, pelo menos, um toque de normalidade ao cuidar de mim quando eu estava mais fraca. Embora eu não me importe com nenhum deles, pelo menos este hesita em me levar para sair. Talvez ganhar sua confiança não seja uma coisa tão ruim. Pode até tornar a fuga mais fácil.

Karson zomba e joga uma das chaves para Gentry antes de destrancar a porta e entrar no quarto sozinho. Se eu tiver sorte, ele fará uma imitação de David Carradine e se enforcará enquanto bate no pau, no armário. Parece que ele gostaria de alguma merda como essa. Eu não deveria desejar a morte de alguém, mas ele é tão desagradável. Ele é aparentemente tão atraente quanto seu irmão, mas sua atitude o

transforma em um troll de ponte com lepra.

Gentry e eu entramos em nosso quarto genérico de hotel três estrelas com uma rigidez que me faz pensar que os fantasmas dos empresários do passado provavelmente assombram o quarto. Gentry joga sua bolsa no edredom branco que cobre os lençóis brancos e as fronhas brancas. A única escuridão vem da cabeceira de mogno, aparafusada na parede atrás do colchão e chegando quase até o chão. Há uma única cadeira perto da cama, mas parece desconfortável, como se estivesse ali apenas para mostrar e não fosse para ser sentada. Não há um sofá à vista.

Meus ombros caem.

— Suponho que não há como fazer você dormir no chão, hein?

— Sem chance — Ele tira os sapatos e vai até o banheiro.

Eu o sigo até a porta, e um zumbido baixo quebra o silêncio obsoleto quando ele acende a luz do teto. Em vez de uma combinação de chuveiro e banheira, há apenas um chuveiro. A porta de vidro está entreaberta e minha boca fica cheia de água com a perspectiva de me limpar por dois dias seguidos. Ensaboar meu corpo com sabonete de hotel quando não sinto que estou às portas da morte é um luxo que anseio.

— Vá em frente. — Ele diz, acenando para mim em direção ao chuveiro. Ele deve ter me visto salivando por causa disso.

Passo por ele e fecho a porta, deixando cair peças de roupa enquanto me aproximo da divisória de vidro. Quando abro a torneira para água quente, o vapor sobe pelo vidro e enche o ambiente. Um exaustor funciona lentamente no alto, incapaz de acompanhar a umidade que se forma. Fecho os olhos e respiro fundo. Isso é o mais próximo que chegarei de um dia de spa, então pretendo aproveitar ao máximo.

Entro no chuveiro e suspiro enquanto a água quente corre pela minha pele. Apesar das acomodações sem brilho do hotel, este chuveiro exerce uma pressão incrível. Quando inclino a cabeça sob a

corrente, os pequenos jatos massageiam meu couro cabeludo e provocam um arrepio agradável na espinha. É uma pena que não saia da parede. Não me lembro da última vez que me obriguei a gozar, e teria sido bom segurar esse garoto mau entre minhas pernas.

Não posso negar que estou sexualmente frustrada e, por mais precária que seja a minha situação, ter que olhar para uma dose dupla de colírio para os olhos durante dias não ajudou. Um é certificável e o outro é um enigma, mas ambos são atraentes pra caralho.

Afasto a dor crescente entre as pernas e me concentro em lavar o cabelo e o corpo. Minha imaginação não é minha amiga agora, e deixar qualquer um dos homens me tocar não é uma opção. Não posso baixar a guarda.

Mergulho na água escaldante por mais algum tempo antes de sair e me secar com uma toalha áspera. Um roupão está pendurado atrás da porta. Eu o agarro, enrolando-o em volta do meu corpo e amarrando-o na cintura. Meus olhos reviram para a parte de trás da minha cabeça com a ideia de sair assim. Ele me vê há menos tempo, mas não quero tentá-lo.

Ou eu mesma.

Eu realmente não tenho escolha, então saio do banheiro e tento evitar seu olhar enquanto vou até a cama. Mas não preciso ver seus olhos para saber que estão em mim. Seu olhar obstinado queima o tecido felpudo barato e incendeia minha pele. Antes de ser reduzido a cinzas, preciso me vestir. Pego minha mochila, que coloquei no chão ao lado da cama, mas ela não está lá.

— Procurando por isso? — Ele levanta minha bolsa e a balança no ar — Preciso tomar um banho, mas não confio em você para ficar parada. Você pode ficar com esse roupão até eu sair, então eu devolverei suas roupas para você.

Fugir enquanto ele tomava banho não tinha passado pela minha cabeça, e eu silenciosamente me repreendi por permitir que ele ficasse um passo à minha frente. Eu não discuto com ele, no entanto. Se eu

quiser ficar do lado dele, precisarei ser um pouco mais complacente. Isso não é o mesmo que me submeter por medo — da mesma forma que sobrevivi sob o reinado de Mickey — então não me incomoda ceder um pouco por enquanto.

Ele tira os olhos de mim e vai ao banheiro se preparar para dormir. Deito-me no colchão. O roupão arranha a parte de trás das minhas coxas e eu gostaria de poder tirá-lo. Eu não deveria reclamar — há coisas piores por aí do que um manto três estrelas de merda — mas estou reclamando.

Quase cochilei quando Gentry sai do banheiro, mas estou bem acordada quando vejo uma estátua enorme de músculos esculpidos, sem camisa, na minha frente novamente. Seu cinto Adônis bem definido aparece na cintura, e considero usar a gravata do roupão para evitar que meu queixo caia no chão. Ele joga minha mochila para mim, e ela quase bate no meu rosto, porque estou muito ocupada olhando para a perfeição para pegá-la.

Forçando meus olhos para longe de seu corpo, tiro minhas roupas extras da bolsa e vou em direção ao banheiro. Antes que eu possa alcançar a maçaneta, sua mão envolve meu pulso, me parando. O calor irradia de seu corpo recém-lavado e ele cheira a sabão e pecado.

— Vista-se na minha frente — diz ele — Eu gostei.

Seu tom baixo e sensual vai direto para minha boceta, e minha calcinha teria derretido se eu estivesse usando alguma.

Mas eu balanço minha cabeça. Minha conformidade tem um limite.

— Você deu uma merda para Karson por ser um canalha e isso é assustador — eu digo.

Ele ri, mas não solta meu pulso.

— Então eu sou um canalha.

Devo ser uma canalha também - ou pelo menos louca - porque estou pensando seriamente em oferecer uma negociação justa.

Podemos ficar nus e nos vestir um na frente do outro. Inferno, talvez possamos nos vestir. Com nossos dentes.

Minha vagina e eu precisaremos conversar mais tarde, porque ela está colocando algumas ideias realmente ruins na minha cabeça. Se eu souber o que é bom para mim, vou me afastar dele antes que acidentalmente coloque seu pau na boca.

Antes que eu possa me mover, ele agarra a ponta do nó em volta da minha cintura e puxa. O tecido áspero se abre, expondo toda a minha pele. Agarro o roupão e o coloco em volta de mim, deixando cair minha bolsa no processo. Com as bochechas vermelhas, eu luto para pegar minhas coisas e correr para o banheiro, mas ele vem em cima de mim antes que eu possa me cobrir. Ele dá um passo em minha direção e eu estremeço quando ele levanta meu queixo e examina minha garganta. Os hematomas agora são apenas sussurros, mas ainda são visíveis.

— É disso que você está fugindo? — Seus dedos deixam meu queixo e ele engole a marca da mão com seu aperto — Quem fez isto para você?

Eu desvio o olhar.

— Não é da sua conta.

— É problema meu quando pode afetar *meus* negócios. Eu deveria saber se é alguém com quem preciso me preocupar.

Estremeço quando me lembro da promessa de Mickey de me encontrar. Para me matar. Mas Gentry não está perguntando porque está preocupado *comigo*; sua preocupação é consigo mesmo. Se eu quiser ganhar a confiança dele, essa pode não ser uma maneira ruim de fazer isso. Talvez não faça mal contar a ele.

— É meu noivo — eu sussurro.

Sua mão cai da minha garganta e ele tira as roupas das minhas mãos e as coloca no suporte da TV.

— As únicas marcas que devem ficar numa mulher são aquelas

feitas num momento de prazer. Você gostou quando ele colocou a mão em sua garganta?

Eu balanço minha cabeça.

— Então ele não merece você, porra — Ele agarra minha mão e puxa o anel do meu dedo. Em vez de guardá-lo no bolso ou jogá-lo pela sala, ele o desliza pelos lábios e engole.

Meus olhos se arregalam — Você realmente fez isso? Você não poderia jogar isso fora como uma pessoa normal?

— Eu sou a coisa mais distante do normal, andarilha — Ele faz uma pausa e balança a cabeça — Na verdade, Karson é provavelmente o mais distante, mas estou logo atrás dele.

— Karson não comeu meu anel — murmuro.

Com um sorriso, ele desliza o cinto do roupão em minha mão e vai em direção à porta.

— Vamos lavar nossas roupas.

— Assim? — Aponto para meu corpo quase nu — Não posso me vestir primeiro?

Seus olhos percorrem meu corpo e incendeiam minhas bochechas.

— Sim, assim, e não, você não pode se vestir.

Eu zombei.

— Não vou andar por este hotel de roupão.

Sua grande mão envolve minha cintura e puxa minhas costas contra seu corpo. Uma massa dura e espessa me pressiona, e não preciso olhar para baixo para saber o que é. Eu cerro minhas coxas. Com uma risada baixa, ele coloca a mão nas minhas costas e me empurra em direção à porta.

Sáimos do quarto e o rubor nas minhas bochechas sobe ao meu peito quando passamos por uma governanta. Seus olhos se arregalam e ela finge não notar o homem sem camisa e a mulher seminua vagando

pelos corredores no meio da noite. Ela não diz nada, mas também não tenho certeza se diria merda para um homem como Gentry.

Pegamos o elevador até o primeiro andar e encontramos a lavanderia perto da sala de ginástica. Gentry me puxa para dentro e uma luz automática acende. Um arrepio percorre meu corpo e meus mamilos cutucam o tecido fino. Cruzo os braços sobre o peito para esconder as pontas dos diamantes antes que ele perceba. Felizmente, ele está ocupado colocando as roupas na máquina de lavar.

— Isso não deve demorar muito — diz ele enquanto liga a máquina.

Ótimo, o que devemos fazer até que terminem? Provavelmente voltar para o quarto. Quando seguro a alça para voltar, ele se esgueira por trás de mim e coloca a mão sobre a minha.

— Onde você pensa que está indo?

— De volta ao quarto?

— Não adianta subir para voltar em trinta minutos. Eu sei que você quer tirar esse roupão desconfortável, mas você sempre pode tirá-lo aqui — Ele me provoca levantando a bainha do roupão até minhas coxas. A maneira áspera como suas mãos enormes roçam minha pele faz meu estômago apertar de necessidade.

Eu bato minhas mãos sobre as dele.

— Não, eu só quero minhas próprias roupas.

Seus olhos caem para a máquina de lavar, e o sorriso que atravessa seu rosto vai direto para a junção entre minhas pernas. Ele coloca as mãos na minha cintura e me levanta como se eu fosse feita de ar. Tento impedi-lo, mas cada golpe é inútil. É como bater em uma parede de cimento. Ele me coloca na máquina de lavar, e o metal frio atinge a parte de trás das minhas coxas, porque o roupão subiu pelas costas.

— Vá se foder — eu digo.

Em vez de ouvir minha exigência, ele se aproxima e abre minhas

pernas com seu corpo. Suas mãos agarram o roupão e o afastam da minha bunda, e minha parte inferior nua pressiona contra o metal. A temperatura fria começa a esquentar com o contato com meu calor. Ele chega atrás de mim, ajusta algo na máquina e me puxa para frente quando se inclina para trás. Meu clitóris inchado encontra o metal enquanto a máquina vibratória treme embaixo de mim.

— Qual é a sensação, andarilha? — Ele pergunta enquanto eu cravo minhas unhas em seus ombros nus.

As vibrações abaixo de mim são incríveis, mas o homem pressionado contra mim leva isso a outro nível. Quero sentir a pele dele contra a minha, em vez deste manto de merda.

Como se estivesse lendo minha mente, ele desliza a mão entre nós e puxa a corda. Ele separa o roupão antes de me puxar contra ele novamente.

— *Porra* — eu gemo.

Sua mão serpenteia entre nós e seus dedos encontram meu mamilo. Com um toque experiente, ele aperta, esfrega e torce a ponta endurecida. Sua outra mão se move para minha bunda e ele me balança no canto da máquina de lavar. Cada movimento provoca meu clitóris, adicionando e removendo pressão e vibrações até que minhas coxas tremam. Seus dedos apertam minha bunda ao mesmo tempo que sua mão trabalha meu mamilo, e a infinidade de sensações diferentes gira minha mente em um turbilhão de prazer. Não consigo pensar em como isso é errado quando tudo o que ele faz comigo é tão bom.

— Venha, pequena andarilha — ele rosna enquanto minhas unhas se enterram em seus músculos. Ele abaixa a boca até meu pescoço, seus dentes provocando minha pele.

Meus quadris balançam por conta própria, minha boceta deslizando com facilidade através da umidade que ele tirou de mim. Seu pau duro roça a lateral da minha panturrilha. Imagino deslizar isso dentro de mim, e é quase o suficiente para me levar ao limite.

Mas não posso. Não é o suficiente. Estou desesperada para me

libertar neste momento, desesperada o suficiente para baixar minhas paredes e jogar toda a cautela ao vento, mas as vibrações simplesmente não são fortes o suficiente.

— Eu preciso de mais — eu ofego — Ajude-me a vir.

Seus dedos se movem em direção ao meu clitóris e eu me inclino um pouco para trás, dando-lhe espaço suficiente para me tocar. As vibrações da máquina viajam pelas pontas dos dedos e ele cria a pressão e o movimento que preciso. Eu me inclino mais para trás, me preparando colocando os braços atrás de mim. Ele se inclina para frente e captura meu mamilo em sua boca, mordiscando, chupando e girando a língua.

Vejo a governanta do lado de fora das portas de vidro e nossos olhares se encontram. Em vez de sentir vergonha, sinto orgulho. Este homem incrivelmente grande e atraente está atualmente trabalhando para me tirar do sério, e estou quase feliz que alguém esteja aqui para testemunhar isso. É real. Este momento é real.

Eu venho.

Duro.

O orgasmo me rasga e tenho que enterrar minha boca em sua pele coberta de suor para não chamar a atenção para nós enquanto grito. Minhas mãos apertam enquanto cada músculo do meu corpo canta de alívio, e ele não para até ter certeza de que extraiu cada grama de prazer.

Quando a onda recua, ele me levanta da máquina de lavar e me coloca com as pernas trêmulas. Deixei uma grande mancha molhada na máquina, mas não me importo. Não tenho vergonha da prova do que acabei de vivenciar. Sua ereção pressiona sua braguilha e espero que ele me tome.

Neste ponto, eu o deixaria.

Em vez disso, ele pega a corda do roupão e prende-a na minha cintura, escondendo meu corpo mais uma vez. Com um sorriso pecaminoso, ele olha para mim, e eu quase arranco meu roupão e subo

nele como uma árvore.

Mas respiro fundo e tento me lembrar da minha moral. Afinal, o homem me sequestrou. Eu deixei que ele me fizesse gozar, mas não preciso retribuir o favor.

— Vamos voltar para o quarto, para você se vestir, andarilha. — diz ele.

Enquanto o sigo até o elevador, tomo uma decisão da qual tenho certeza que me arrependerei.

Em vez de tentar escapar, ficarei com eles por mais algum tempo.

Karson quer me matar, mas Gentry não vai deixar isso acontecer. Eu tenho certeza disso depois do que aconteceu entre nós. Se eu permanecer sob sua asa protetora, serei intocável.

Capítulo Onze

Gentry

Ir para a cama com uma ereção que não descia foi difícil, e tentar dormir com ela enrolada de lado, ao meu lado parece uma tarefa monumental. Ela relaxou no momento em que sua cabeça bateu no travesseiro e nem sequer colocou uma barreira entre nós. Eu quase gostaria que ela tivesse feito isso.

Seus roncos suaves e repetitivos deveriam fazer minha pele arrepiar, mas gosto de ouvi-los, porque significa que ela está dormindo bem. O sorriso dela deveria me irritar, mas gosto de vê-lo, porque significa que ela está contente. Nem mesmo minha esposa me afetou dessa forma. Isto tem que parar.

Embora eu não tenha quebrado meu voto de abstinência ao fazê-la gozar, estava perto demais para ser confortável. Estou realmente tentando me comportar, porque não quero que isso se torne uma coisa. Estou em uma missão. Meu foco deve permanecer em ganhar dinheiro suficiente para sair do governo de George, e nada deve me distrair disso. E é exatamente isso que Leana é. Uma distração andando, respirando e com pernas longas que me faz fazer coisas - me faz ter fome de coisas - que é melhor deixar em paz.

Talvez eu só precise apagar um e tirá-la do meu sistema.

Viro de lado e afasto as cobertas de seu corpo para poder ver cada curva. A luz do banheiro reflete em seu cabelo loiro e macio. Seus lábios se abrem enquanto ela respira pela boca. Suas costas não estão mais quentes do que qualquer outra parte de seu corpo, mas estão tão próximas que me queimam.

Eu fico corajoso e esfrego minha mão na parte de trás de sua coxa com um fantasma do meu toque habitual. Ela se mexe e se aninha em mim, o calor de sua boceta pressionando minha perna. Meu toque leve sobe e agarra sua bunda. Um gemido sai de seus lábios entreabertos e ela abre os olhos, as pálpebras pesadas de sono.

— Você está me assistindo? — Ela murmura — Repugnante.

Movo minha mão sobre seu quadril e a puxo contra mim, esperando que ela se afaste quando sentir minha ereção contra sua bunda. Ela não faz. Em vez disso, ela cria um leve arco nas costas e empurra-o.

Estou fodido.

Preciso que ela me diga não, porque então posso parar. Se ela ceder, se me acolher dentro dela, não terei forças para rejeitá-la. Tenho que colocar distância entre nós e sei qual tópico fará exatamente isso.

— Conte-me sobre esse seu noivo idiota — eu digo.

Seu corpo enrijece e quase suspiro de alívio. Agora ela vai me excluir novamente. Agora ela vai se afastar de mim e colocar um travesseiro entre nós.

Ela relaxa.

— Coisa estranha de se falar quando você está com seu pau duro pressionado na minha bunda, mas tudo bem. Embora não haja muito para contar. Fugi de casa quando tinha dezoito anos e ele me encontrou em uma rodoviária. Depois que ele me viciou em opiáceos, fiquei presa.

Bem, o tiro saiu pela culatra. Eu não esperava que ela se abrisse assim.

— Há muito tempo que eu queria ir embora — continua ela — mas dar o primeiro passo foi difícil. Os hematomas que você viu foram a gota d'água. Ele me bateu muitas vezes, mas foi a primeira vez que pensei que ele me mataria.

Saber que um homem colocou as mãos nela foi o suficiente para

me irritar, mas fico vermelho quando penso em algum idiota abusando dela repetidamente. Em vez de afastá-la como pretendia, envolvo-a com o braço e a trago para mais perto.

— Lamento que você tenha passado por isso — digo contra sua nuca.

— Minha vez — ela diz bocejando — Como você sabia que eu estava passando por abstinência?

Comecei um jogo que não tenho vontade de jogar. Nunca compartilhei minha educação com ninguém e não gosto da ideia de abrir a cortina e dar a ela um vislumbre de minha dor. A luta do meu pai contra o vício e sua subsequente morte não são fichas que eu distribuo livremente, mesmo que pudessem comprar meu caminho entre as pernas dela.

Quando não respondo, ela bufa como uma adolescente mal-humorada e tenta se afastar. Eu aperto meu abraço até que ela se acalme.

— Quantos anos você tem, andarilha? — Eu pergunto.

— Vinte e quatro.

Ela é tão jovem.

— Tenho quarenta e seis. Idade suficiente para ser seu maldito pai.

Ela zomba.

— Meu pai não se parece com você, senhor.

Empurrada pela atrevimento em sua língua, a palavra “senhor” passa por seus lábios doces e viaja direto para meu pau. As pessoas me chamaram assim enquanto imploravam por suas vidas, mas isso nunca teve nenhum efeito sobre mim. Quando ela diz isso, toda esperança de se comportar vai embora.

Eu a rolo de costas e afasto suas pernas para poder ficar entre elas. Quando me inclino sobre ela, ela envolve as pernas em volta da

minha cintura. Seus olhos azuis olham para mim enquanto levanto sua blusa e agarro seus seios deslumbrantes com as mãos. Gosto da ideia de fechar os lábios à volta dos seus mamilos cor-de-rosa, por isso abaixo a cabeça e coloco um dos bicos duros na boca. Ela geme enquanto eu belisco a pele sensível e a provoco com a língua. Estou perdido no som da voz dela.

Eu coloco minha mão entre nós e esfrego seu clitóris. Seus olhos reviram, suas costas arqueiam, e mal posso esperar mais um momento para sentir o quão molhada ela está. Meus dedos deslizam para trás e mergulham nela, e um gemido sai de sua garganta enquanto exploro um espaço tão apertado.

— Se você não consegue lidar com meus dedos, você não será capaz de lidar com meu pau — Coloquei um terceiro dedo dentro dela e suas costas se levantaram da cama, seu peito colidindo com o meu — Tem certeza que quer tentar isso?

Não sei por que pergunto. Não me importei com a dor que meu pau causou em outras mulheres. Quando elas consentiram comigo, consentiram com a dor que vem de alguém tão grande quanto eu. Como tudo mais, estou aprendendo que minha pequena andarilha é um território novo.

E eu quero explorar.

A minha boca está cheia de água por ela, e embora não me force dentro da sua boceta, provavelmente vou implorar-lhe que coloque a sua linda boca no meu pau para aliviar a dor que sinto por ela.

Ela balança a cabeça, mas preciso ouvir. Preciso ouvir que ela sabe o que farei com sua boceta e que ela quer isso. Agarro seu queixo, forçando-a a olhar nos meus olhos.

— Diga-me. Você não teve vergonha de usar suas palavras até agora, então me diga que quer que eu a rasgue em dois.

— Eu quero isso — ela sussurra.

— Boa menina.

Essa é toda a resposta que preciso, mas primeiro terei que trabalhar com ela. Eu apoio o peso em meu braço e a prendo na cama para poder transar com ela com meus dedos. Quando suas costas descansam no colchão e ficam lá, quando ela se contorce de prazer em vez de dor, sei que ela está quase pronta para mim.

Seus gemidos mudam para gritos, aumentando para um volume que provavelmente pode ser ouvido nos andares adjacentes. Coloco minha mão sobre sua boca, silenciando-a. Não preciso de nada do Karson amanhã. Se ele ouvir esses sons, saberá o que tenho feito e seu desejo de se livrar dela se tornará um problema muito maior.

— Shh, andarilha.

Suas narinas se alargam acima da minha mão, seus olhos se arregalam de medo. Ela reage como alguém que já foi silenciada assim antes. Tiro minha mão de sua boca e coloco meus dedos dentro dela. Os gemidos escapam pelas frestas, mas são abafados. A sua língua desliza contra a ponta dos meus dedos, e o meu pau treme contra a minha cueca.

Puxo os meus dedos da sua boca e boceta, e o seu corpo responde ao vazio enrolando-se contra o meu pau. Puxo a frente da minha boxer e descanso meu pau contra sua fenda molhada.

Mesmo que eu a tenha forçado a isso e ela esteja pingando por mim, ainda me preocupo se serei demais para ela. Eu me inclino e cuspo em sua boceta.

— Oh, andarilha, isso vai doer — rosno — mas você pode lidar comigo, não é?

Depois que ela assente, eu me seguro e me inclino para trás para me alinhar com sua entrada, então empurro minha cabeça dentro dela. Ela choraminga enquanto sua boceta agarra meu pau, me sugando para dentro do pequeno espaço.

Não sou do tipo que faz amor com uma mulher, mas vou dar-lhe algumas carícias suaves antes de mostrar-lhe toda a extensão da minha força. Eu me afasto e me aproximo, empurrando até chegar ao seu fim.

Ela grita quando eu me afasto e mergulho nela mais uma vez, e serei forçado a cobrir sua boca novamente se ela não conseguir ficar quieta.

Paro de empurrar, deixando-me enterrado dentro dela. Eu agarro seu cabelo e ergo seu pescoço.

— Se você não consegue ficar quieta, não vou fazer você vir.

Ela acena com compreensão.

— Agora me chame de senhor.

— Sim, senhor — ela ofega enquanto eu empurro nela novamente.

Sim, eu gosto disso.

Eu me inclino sobre ela e a fodo com o egoísmo que está reprimido dentro de mim. O egoísmo que me torna quem eu sou. Amplio minha postura, o que a abre e alonga os músculos de seus quadris. Ela choraminga enquanto eu envolvo meu braço em volta de seu corpo e pressiono seu corpo contra minha pele. Eu fodo com ela sem piedade. Suas mãos agarram os lençóis em busca de apoio enquanto eu perfuro sua boceta até que não consigo dizer se seus sons trazem mais prazer ou dor. Eles são um pacote com um pau como o meu.

Então eu não paro.

— Você é tão incrível. Sinto o tremor do seu corpo toda vez que chego ao fundo dentro de você. Estou machucando você, não estou?

Seus dedos cavam meu antebraço, arranhando minha pele e causando dor por ela mesma.

— Sim, senhor.

— Eu disse que iria rasgar você ao meio, não foi, andarilha? — Eu rosno enquanto agarro seus ossos do quadril para poder segurá-la no lugar e fodê-la com mais força. Ela grita, mas desta vez não a silencio. Estou perdido na sensação do seu clitóris inchado contra a minha pélvis. Entre cada impulso, eu me esfrego contra ela até que ela se

aperta ao meu redor, apertando com tanta força que tenho certeza que meu pau terá hematomas amanhã.

— Boa garota. Venha até mim. Venha com meu pau enterrado em sua bocetinha.

Um orgasmo corre através dela em uma onda de prazer que envolve meu pau. Eu aperto meu aperto em seus quadris para firmar seu núcleo para que eu possa transar com ela.

— Estou indo, senhor — ela diz através de um gemido fraco, e é o suficiente para me levar à beira do orgasmo.

— Vou preencher você e, quando o fizer, vou manter meu gozo dentro de você a noite toda. Você entende?

— Sim, senhor — ela ofega.

Eu me esvazio dentro dela, gozando com mais força do que em anos. Eu não me importo se ela está tomando controle de natalidade. A ideia de criá-la, de mantê-la procriada por toda a eternidade, espreme cada gota das minhas bolas. Quando termino, ela olha para mim como se esperasse que eu a deixasse ir, mas não o faço. Mantenho o meu pau dentro dela, com o seu clitóris palpitante apoiado na minha pélvis. Eu gosto do aperto quente de sua boceta cheia de gozo. Antes que meu pau amoleça, eu a viro de lado, deito ao lado dela e a puxo contra mim. Eu me enfio dentro dela, evitando que até mesmo uma gota de esperma escorregue dela.

— Você está tão linda cheia do meu gozo — Afasto o cabelo suado de sua bochecha — Mas agora temos um problema.

A confusão atravessa seu rosto.

— Se você tem alguma fantasia de fugir na primeira chance que tiver, tire-a da cabeça. Sou superprotetor com o que me pertence. — Viro seu rosto e olho em seus olhos. Ela precisa entender o peso do que direi a seguir — Pelo resto desta noite, mantenha meu pau dentro de você. E pelo resto desta viagem, você e sua boceta são minhas.

Capítulo Doze

Karson

Eu ouvi tudo. O *bap, bap, bap* do colchão batendo na parede. Seus gemidos. Como diabos isso aconteceu? Desde quando Gentry foi mais fodível do que *eu*? Ele é um resmungão miserável, pelo amor de Deus. Ela já causou problemas, mas agora é uma séria ameaça à nossa operação. Preciso conversar com Gentry sobre isso e ter certeza de que ele ainda está pensando no jogo.

Bato na porta deles quando passo por ela e espero que isso os irrite tanto quanto a festa de foda noturna deles me irritou.

Paus.

O saguão me recebe com aquele perfume floral horrível no momento em que saio do elevador. A alça da minha bolsa aperta meu ombro e eu a troco para o outro braço enquanto me dirijo para o triste café da manhã oferecido: muffins esfarelados, biscoitos secos e café. Muito nutritivo. Preparo uma xícara de café e tomo um gole. Pelo menos tem um gosto bom.

Levo o copo de espuma para o SUV, abro a porta do passageiro e me sento, esperando que eles apareçam. Ele vai mentir na minha cara. Eu já sinto isso.

E ela? Quem diabos tem uma trepada consensual com seu sequestrador, afinal? Esses sons eram definitivamente consensuais. Posso ter alguns parafusos soltos, mas ela também não está usando um kit de ferramentas completo. Gentry está transando com ela porque ela é atraente – tagarela, desagradável e uma vadia total, mas ela é linda apesar das circunstâncias. Mas o que ela vê nele?

Não sei por que me importo - não apostei nenhuma reivindicação sobre ela nem nada - mas ainda borbulho de raiva ao pensar nele afundando nela. Talvez eu devesse pegar um pedaço dela para mim. Afinal, Gentry também não reivindicou nada. Sim, ele transou com ela, mas, a menos que ele diga que ela pertence a ele, ela é um jogo justo.

Eu zombo e sento, colocando minha bolsa aos meus pés. O zumbido da porta automática quebra o silêncio sufocante, e olho para trás e os vejo saindo do hotel. Ela está vestida com roupas realmente ruins que deve ter comprado na loja de presentes. Correção, meu irmão as teria comprado. A calça de moletom diz — Pensilvânia— na perna e — Pursue Your Happiness— brilha no peito de sua camiseta. Acho que eles encontraram tempo para fazer algumas compras entre toda essa foda nojenta.

Meus olhos caem para o movimento tenso em seus quadris. Ela está quase mancando. Esse filho da puta. O calor invade minhas bochechas. Não quero que ele me veja reagir, então tento deixar para lá, mesmo quando ela entra no banco de trás com uma óbvia hesitação ao se sentar.

Gentry senta no banco do motorista.

— Dormiu bem? — Ele me pergunta.

Se eu tivesse minha arma, teria atirado nele para o interrogatório casual. Não. Eu não dormi nada enquanto ouvia os barulhos do zoológico.

— Tudo bem. Você? — Eu minto.

— Sim, dormi bem.

É isso. Isso é tudo que ele diz. Já estou chateado, porque algum frouxo está estragando nosso trabalho, mas estou irado, porque ele também está mentindo para mim agora. Sua própria carne e sangue! Nós não traímos um ao outro.

No momento em que o pensamento passa pela minha mente, sinto o gosto amargo da hipocrisia na minha língua. Traí Gentry das piores maneiras. Eu comi a esposa dele. Desisti dele por menos tempo

de prisão. Em minha defesa, planejei matar a esposa dele enquanto estava dentro dela, mas ele apareceu antes que eu pudesse terminar o trabalho. E pelo menos um de nós teve que cumprir pena de prisão, e ele sabia que poderia lidar com isso melhor do que eu. Quero dizer, olhe para ele.

Gentry coloca o carro em movimento e eu tiro algumas batatas fritas da minha bolsa. Como de boca aberta, porque sei que isso atrapalha suas engrenagens. Seus dedos envolvem o volante com um pouco mais de força a cada estalo e ruído satisfatório. À medida que seus músculos flexionam em seu antebraço, percebo as marcas de garras e balanço a cabeça.

— Qual é o problema com você? — Gentry pergunta.

— Vocês dois foderam.

Ele se reajusta na cadeira e tenta mentir.

— Nós, não fizemos.

Eu zombo.

— Sim, suponho que ela rasgou seus antebraços enquanto vocês dois pulavam na cama. Isso também explicaria a cabeceira batendo na parede, certo? E então ela caiu e se machucou, e é por isso que ela estava gemendo.

— Cale a boca — ele murmura.

— Qual era aquela música que aprendemos quando éramos crianças? — Eu balanço dois dedos perto de seu rosto — Dois macaquinhos pulando na cama. Um caiu e...

— Eu disse cale a boca! — Ele afasta minha mão e aperta a mandíbula — Odeio dizer a você, Karson, mas o que eu faço — ou com *quem* eu faço — não é da sua conta.

— É da minha conta quando deveríamos estar trabalhando.

A pequena ladra se inclina para frente e enfia seu lindo nariz onde não deveria.

— O que vocês fazem exatamente?

— Não pergunte isso — meu irmão e eu dizemos quase em uníssono. Pelo menos estamos na mesma página sobre *alguma coisa*.

— Você não pode esconder isso de mim para sempre — diz ela — Como você planeja fazer seu trabalho supersecreto quando estou com você onde quer que você vá?

— Sim, como? — Viro-me para G e seus lábios se apertam — Você vai deixá-la no carro como um cachorro?

— Foda-se, Karson! — Sua voz atinge um nível explosivo para uma área tão fechada, e isso silencia tanto a mim quanto à garota.

Enquanto ele ainda está irritado, estendo a mão e ligo o rádio. Ele ruge um som desumano antes de apertar o botão de desligar, deixando apenas os restos de seu grito para trás.

Eu me viro para a garota.

— Sabe, ladra, não tenho ideia de que parte disso fez você abrir as pernas — Faço um gesto em direção a Gentry.

Ela dá de ombros e se recosta, baixando o olhar. Eu odeio a facilidade com que ela desiste hoje. Estou prestes a entrar no banco de trás e ver quanto tempo leva para fazê-la se contorcer quando o telefone de Gentry toca. O toque nos informa quem está ligando, e vejo a hesitação nos músculos de Gentry. Ele não quer atender, mas sempre temos que atender. Estamos *sempre* de plantão.

— Porra — ele diz baixinho antes de tirar o celular do bolso e aceitar a ligação — Ei.

Eu me inclino mais perto e tento ouvir, mas ele aperta o botão de volume, então não consigo. Ou talvez seja porque ela não pode. De qualquer forma, fico de fora.

— Ainda estamos indo para o outro trabalho — diz Gentry ao telefone — Tem certeza que quer que tomemos um... Desvio? — Ele está fazendo esta ligação parecer o menos homicida possível e isso o está enganando — Estamos quase em Ohio — Gentry acena com a

cabeça enquanto ouve nosso chefe — Tudo bem. Estaremos lá — Ele desliga e suspira.

— Ainda acha que pode ‘descobrir’? — Eu brinco.

Ele olha pelo espelho retrovisor e aperta ainda mais o volante.

— Eu não me importo com o que vocês dois fazem — diz a ladra lá atrás — Não há necessidade de tentar me proteger. Eu não sou uma garotinha inocente, você sabe. Caso você tenha esquecido como consegui este veículo.

— O roubo nem sequer está no mesmo campo de jogo que nós fazemos — eu digo, e é quase ridículo que ela pense que atingiu o nosso nível. Se ela visse o que fazemos para viver, provavelmente cagaria nas calcinhas.

— Você trafica drogas? Armas? Malditos órgãos?

Cansado de seu estúpido jogo de adivinhação, dou um suspiro exasperado e a ignoro.

— Você realmente não vai me contar o que vocês fazem? — Ela continua. Ela é como um cachorrinho barulhento, e isso está me esgotando — O que vocês são? Assassinos ou algo assim? — Ela solta uma risada, e eu já estou farto.

Minha cabeça se vira em direção a ela e meus lábios se curvam.

— Seria sensato parar de fazer perguntas, ladra.

— Meu nome é Leana — ela diz com um sopro inflado em seu amplo peito.

— Ok, ladra.

Gentry lança um olhar para nós dois — primeiro para mim e depois para ela através do espelho — e nós dois calamos a boca. Seus olhos escuros são tão sem vida quanto sua personalidade, e esse filho da puta *ainda* estava dentro dela. Eu odeio que meu cérebro continue insistindo nisso, mas me irrita que Gentry esteja transando e eu não. Teremos que mudar isso, gostem eles ou não.

Leana

Ouvi-los falar sobre um desvio me enche de uma energia nervosa que faz minha perna tremer, mas uma pontada de dor atinge meu interior a cada movimento. Sinto dor de dentro para fora e queimo onde ele me rasgou quando empurrou dentro de mim pela primeira vez. Sinto a dor em cada movimento dos meus quadris, onde suas mãos deixaram hematomas e a tensão nos músculos enquanto ele me espalhava. Meu interior parece reorganizado, como se ele tivesse empurrado meu útero na porra do meu peito. Nunca fui fodida assim.

E eu odeio o quanto gostei disso.

Não sei o que deu em mim ontem à noite. Primeiro deixei que ele me fizesse gozar na lavanderia, depois deixei que ele me fodesse. Quero culpar inteiramente a minha vontade de gozar, mas não posso. O primeiro orgasmo deveria ter clareado minha cabeça. Em vez disso, só me fez querer mais. Isso não pode acontecer novamente, no entanto. Especialmente quando ele ainda planeja se livrar de mim.

Ele disse que iria — descobrir — quando Karson perguntou como eles fariam seu trabalho enquanto eu estivesse junto. Isso só pode significar uma coisa, e eu não escapei do Mickey para poder foder o meu futuro assassino. Não importa o quão forte Gentry me faça gozar, não importa o quão bem ele se sinta dentro de mim, tenho que manter minhas pernas fechadas. Se ele me foder assim de novo, não poderei correr direito. Achei que talvez ele tivesse mudado de ideia sobre me matar, mas acho que os homens nunca mudam.

Antes de partir, preciso saber o que esses homens fazem no trabalho. O não saber vai me manter acordada à noite, embora provavelmente seja melhor manter meu nariz fora disso. Seja o que for,

tenho certeza de que é ilegal. Contanto que não envolva crianças, provavelmente posso ignorar isso, mas eles não parecem se importar que eu não dou a mínima se eles roubam ou enganam as pessoas. Quem sou eu para julgar? Talvez se eu conseguir convencê-los de que não sou do tipo direta e mesquinha, eles repensarão em me assassinar e eu não terei que ir embora. Não estou exatamente ansiosa para lutar na rua novamente depois de passar algumas noites na cama - e ter múltiplos orgasmos alucinantes.

Pegamos a próxima saída, fazendo o que parece ser mais do que um pequeno desvio.

Karson saca a faca e arrasta a ponta pelo comprimento do dedo. Uma linha brilhante de sangue surge na superfície. Ele abaixa a janela e move os dedos ao vento com uma brincadeira inocente. Contas vermelhas atingem o vidro e se espalham ao longo da janela ao lado da minha cabeça enquanto o vento as sopra em direção à parte traseira do carro. Quando ele puxa a mão de volta para dentro, ele a levanta acima da cabeça e coloca algumas gotas na boca antes de colocar o dedo nos lábios. Ele suga, suas bochechas ficam vazias enquanto ele pressiona a ferida com a língua.

O que diabos há de errado com esse cara? Seu irmão parece tão normal.

Pessoas normais não roubam carros nem sequestram estranhos, lembro a mim mesma.

Gentry não reconhece o comportamento de seu irmão. Talvez Karson seja uma daquelas pessoas que interrompe seus comportamentos de busca de atenção se você não reagir. Infelizmente, luto para manter a boca fechada enquanto observo seu prazer sádico com seu próprio sangue. Quero dizer, ele realmente vai para a cidade com aquele dedo. Totalmente estranho.

Dirigimos até sair da rodovia no meio de Nowheresville, Ohio, e não há nenhum motel ou hotel à vista. Gentry para no acostamento e digita algo em seu telefone, e Karson se ocupa pressionando as unhas no corte do dedo, abrindo-o novamente.

— Teremos que acampar até o final da noite — diz Gentry.

Tanto para desfrutar de uma cama todas as noites.

Ele dirige até um acampamento e estaciona nos fundos do estacionamento, depois tira cem da carteira e me entrega.

— Vá locar um espaço — diz ele.

— Sim, senhor — eu digo, e os cantos de seus lábios tremem enquanto ele tenta evitar sorrir para mim.

— Compre um feixe de madeira também! — Karson grita enquanto sai e dá a volta no SUV.

Vou até o prédio minúsculo e um sino toca no alto quando entro. Uma jovem está sentada atrás da mesa, com uma viseira segurando seu cabelo loiro.

— Efetuando check-in?

— Bem, não. Espero que haja um local disponível para uma visita esta noite?

A mulher digita em um teclado amarelado que soa pegajoso a cada pressionamento das teclas.

— As terças-feiras, geralmente, são boas para visitas — diz ela enquanto seus olhos examinam a tela — Temos disponibilidade. Deixe-me pegar a papelada.

Ela se inclina e tira um papel com três segmentos idênticos. Ela marca as áreas para eu preencher minhas informações e marca três X, um na parte inferior de cada um.

Depois de preencher o papel com informações falsas, devolvo-o para ela.

Ela arranca o de cima, escreve D34 e marca a data de amanhã em negrito.

— Coloque isso no painel — Ela entrega para mim — Serão trinta e cinco dólares.

Karson passa pela janela do prédio com um feixe de lenha nos braços.

— Ah, e um feixe de madeira, por favor.

— Serão quarenta dólares, então.

Entrego o dinheiro e ela tira um cofrinho para fazer o troco. Ela está com falta de cinco dólares. Ela olha em volta, o dinheiro enrolado em sua mão enquanto meu pé bate com o nervosismo crescente.

— Apenas fique com ele, obrigada! — Eu digo a ela, pegando o troco que ela tem.

Volto para o carro e entrego a Gentry o papel para o painel. Karson carrega a lenha na parte de trás enquanto passo por ele.

— Útil para alguma coisa, pelo menos — ele murmura quando passo.

Entro no banco de trás e Karson bate a porta traseira e entra no banco do passageiro. Entramos em estradas de terra bem cuidadas que contornam linhas de acampamentos. Gentry para na seção D, no poste trinta e quatro, e olho ao redor, para os campistas e barracas que cercam nosso local.

— Não temos equipamento de acampamento — digo.

— É apenas um lugar para relaxar até tarde esta noite — Gentry sai, pega a lenha na parte de trás e acende o cigarro antes de empilhar a lenha na fogueira.

Enquanto me sento contra a rocha nos arredores do local e os observo trabalhar, um pesado túnel de pavor me cerca. As palavras de Mickey ecoam em minha mente. Coloquei muita distância entre nós, mas ele jurou que me encontraria. Ainda sinto o peso de sua raiva, mesmo de tão longe, o fio que me prende à nossa história tentando se dissolver na minha frente. Ele provavelmente já sabe que deixei a cidade. Esperar que eu rastejasse sobre minhas mãos e joelhos saiu pela culatra, e ele não é do tipo que lambe as feridas. Se ele conseguir me rastrear, não terá chance contra Gentry, mas Karson

provavelmente me entregaria em uma bandeja de prata.

Maldito Karson.

— Andarilha! — Gentry levanta a voz — Você ouviu alguma coisa que eu disse?

Eu balanço minha cabeça.

Ele se afasta do fogo e fica na minha frente, baixando a voz.

— O que está em sua mente?

Minha cabeça continua balançando até que meus olhos caem na grama.

— É sobre o que você está fugindo?

Eu zombo.

— Vou lhe contar o que estava pensando quando você me contar o que vocês fazem no trabalho.

— Justo.

Karson aparece ao meu lado como um fantasma psicótico. Ele fuma um cigarro antes de tirá-lo dos lábios e me oferecer.

Quero dizer não, porque não deveria aceitar nada que ele me oferece, mas a tentação me domina. Pego o cigarro de seus dedos e levo-o à boca, inalando uma nuvem profunda de nicotina. Minha garganta aperta e tusso enquanto expiro.

— Um criminoso deveria saber manusear um cigarro, você não acha? — Ele brinca, e a maneira como ele diz isso me dá vontade de enfiar a ponta acesa em seu olho.

— Você não sabe nada sobre mim.

— Esclareça-me, ladra. Você com certeza adora *nos* fazer perguntas.

— E você também não responde.

Karson me agracia com um sorriso sádico e passa a mão no rosto.

— Bocuda. Muito tagarela — Ele dá um passo na minha frente e meu olhar sobe até seus olhos enlouquecidos. Seus dedos se contraem ao seu lado e posso ver o que ele está pensando. E eu não gosto disso.

— Karson! — Gentry grita, ficando entre nós.

— Ele não pode proteger você para sempre, ladra — ele diz por cima do ombro de Gentry antes de se afastar.

O fogo lança um brilho laranja no rosto de Gentry, acentuando cada curva de seus músculos e dançando em seus olhos escuros. Um cigarro pende de seus lábios enquanto ele manobra as toras, lançando faíscas e estalos na madeira. Ele fica de pé e enxuga as mãos na calça jeans.

— Venha comigo — diz ele, fazendo malabarismos com o cigarro entre os lábios enquanto fala.

— Claro — Karson corta.

Eu me afasto da pedra e sigo Gentry pela floresta. Pelo que sei, ele pode estar me levando à morte, então por que não tenho tanto medo? Como coloquei tanta confiança cega neste lindo estranho? Talvez ele esteja prestes a me dizer para ir embora, e isso causa mais medo em meu coração do que a ideia de suas mãos envolvendo minha garganta. Parece mais possível, pelo menos.

Quando estamos longe o suficiente do acampamento, Gentry para e se vira para mim.

— Tenha cuidado com meu irmão — diz ele. Encontro seus olhos na escuridão — Ele é perigoso. Bem, eu também sou perigoso, mas não como ele. Cuidado com sua linda boca com ele antes de acabar sem língua.

— Você parece ter medo dele.

Gentry balança a cabeça e olha para trás, em direção ao nosso acampamento.

— Não tenho medo de Karson. Estar consciente não significa que estou com medo. Estou apenas sendo inteligente. Karson é como um

cão raivoso. E ele é tão previsível quanto um também. Ele é o tipo de pessoa que pode cumprimentá-la com uma mão enquanto apunhala seu pescoço com a outra.

As palavras que saem de seus lábios carregam uma verdade pesada, e mal consigo concordar com esse peso.

— Corajoso em me chamar de senhor mais cedo — acrescenta. Um sorriso cruza seu rosto e fico impressionada ao perceber que ele só sorri de verdade quando estamos sozinhos.

Ele dá um passo em minha direção e o olhar em seus olhos me faz dar um passo para trás. Minhas costas batem em um carvalho imponente, mas ele continua avançando até que sinto que estou imprensada entre duas árvores. Ele se aproxima e minha respiração fica presa no peito.

— Me dá vontade de foder sua boca quando essa palavra passa pela sua língua — diz ele perto dos meus lábios — Assim que você disser “sim, senhor”, quero deixá-la de joelhos e enterrar meu pau em sua garganta até sentir você implorar por fôlego.

Ele se aproxima e me beija. Sua língua encontra a minha e um gemido suave sai da minha garganta. Os sinos de alarme ganham vida em minhas entranhas, mas são silenciados pela batida avassaladora do meu coração galopante.

Gentry é incrivelmente errado. Eu o deixei entrar em mim e apesar de saber que é uma péssima ideia, apesar de me prometer que a última vez foi a última vez, não quero nada mais do que deixá-lo entrar em mim novamente.

— Sim, *senhor* — eu sussurro contra sua boca.

Ele me empurra de joelhos e sua mão abre sua calça jeans até que seu pau fique na frente do meu rosto. Sua mão passa pelo meu cabelo, agarrando minha cabeça para mantê-la onde ele quer enquanto ele se alinha em meus lábios e passa por eles. Sinto-me como uma cobra que precisa desequilibrar a mandíbula para fazer a próxima refeição. Ele dirige seus quadris para frente, empurrando até encher minha

garganta completamente.

Eu sugo o ar pelas minhas narinas enquanto seu pau obstrui minhas vias respiratórias. Não consigo me afastar dele, porque minhas costas ainda pressionam o tronco do carvalho. Minhas mãos agarram a frente de sua calça jeans, batendo em sua coxa enquanto penso no pobre médico legista descobrindo o trauma na porra da minha garganta. Nunca na minha vida pensei que iria realmente morrer diante do meu próprio insulto e engasgar com um pau, mas aqui estou, sufocando.

Sou estúpida por querer isso, mas o gemido selvagem que sai de seus lábios cria um calor profundo e úmido entre minhas pernas.

— Você não tem ideia da fera que você tenta, andarilha — ele rosna — É preciso muito controle para deixar você respirar quando eu só quero sentir sua garganta apertando meu pau.

Ele finalmente se afasta para que eu possa respirar, e eu ofego e limpo a baba do meu queixo.

— Ainda quer testar minha força de vontade? — Ele pergunta, enrolando meu cabelo em seu punho novamente. As pontas dos dedos dele roçam meu pescoço e enviam um arrepio de prazer através do meu núcleo — Levo mais tempo para gozar do que você consegue prender a respiração.

A maneira como ele olha para mim com tanto domínio é suficiente para me tornar uma papa flexível em suas mãos poderosas.

— Sim... senhor... — Eu me engasgo.

Antes mesmo de eu terminar a última palavra, ele está de volta na minha boca, fodendo minha garganta com energia renovada. Minha garganta fica tensa ao redor dele quando ele dá um empurrão final em direção às profundezas da minha boca.

— Ah, ah — diz ele, enrolando meu cabelo na mão — Sentir você me apertando assim me deixa muito perto, e eu não quero descer por essa sua linda garganta. Eu quero preencher você — Ele me levanta e me puxa para ele. Sua boca se move até minha orelha e sua barba

acaricia a lateral do meu pescoço — Eu gosto de você recheada com meu gozo. Gosto da ideia de encher você.

Ele levanta meus braços e me prende contra a casca da árvore. Meu peito sobe para encontrar o dele enquanto meu pulso acelera. Com um movimento rápido e poderoso, ele me gira, enfiando minha bunda na curva de sua pélvis. Ele segura meus pulsos com uma mão e pressiona minhas palmas contra a casca áspera enquanto a outra mão desce pelo meu corpo. Ele engancha o cós da minha calça de moletom e a puxa para baixo.

— Eu não posso te levar de novo — eu gemo enquanto seu pau aquece a pele da minha bunda.

— Claro que você pode. Você não quer ser uma boa menina e pegar meu pau? — Incentivo e sedução colidem e saturam suas palavras. Nem mesmo o lembrete doloroso entre minhas pernas pode superar a persuasão daquela voz sombria e rouca. Ele parece saber o que é melhor para mim e eu quero ouvir.

— Sim, senhor — eu choramingo.

No momento em que as palavras saem dos meus lábios, ele empurra dentro de mim, deslizando até o meu núcleo. Agarro a madeira, jogando pedaços de casca escamosa para nossos pés. Ele é firme, mas gentil, egoísta enquanto segura meu quadril machucado, mas gentil enquanto avança até chegar ao fundo de mim. Sua boca cai em direção ao meu ouvido e me elogia com um grunhido cheio de prazer.

— Essa é minha boa menina.

Sua mão deixa meu quadril e desvia para o calor crescente entre minhas pernas. Ele esfrega minha fenda lisa, seu toque lutando contra a dor, rivalizando com força bruta e tenacidade. Envia prazer por todo o meu corpo, cobrindo minha pele com calor contra o ar fresco da noite. As pontas dos dedos acariciam meu clitóris, para frente e para trás, e cada golpe me deixa apertando a árvore para salvar minha vida.

— Você vai gozar, não é? — Ele pergunta.

— Sim, senhor — eu choramingo.

— Eu quero preencher você. Eu quero criar você. Vou entrar profundamente em você, cobrir cada centímetro de você — ele diz com um gemido — mas primeiro, quero sentir você gozando em volta do meu pau.

Suas palavras falam diretamente ao meu clitóris, e eu gozo. Meu corpo cai contra a madeira, e meus gemidos ganham vida própria quando saem da minha boca e se misturam com os sons da floresta.

— Estou gozando, andarilha — ele geme enquanto seus quadris cavam na minha bunda e ele se enterra mais fundo dentro de mim. Ele se contorce dentro de mim enquanto descarrega seu prazer com um estrondo baixo que faz meu peito vibrar.

Ele permanece dentro de mim até finalmente amolecer, então ele sai de mim e me vira para encará-lo. Um grunhido sai de sua garganta ao ver seu gozo escorrendo pela minha coxa. Seus dedos deslizam pela minha pele pálida, reunindo seu esperma e empurrando-o de volta para dentro de mim.

— Se você está tomando controle de natalidade, não me diga. Deixe-me imaginar que cada carga que eu lhe encho traz o risco de procriá-la.

Ainda bem que estou com implante, porque não tenho interesse em trazer uma criança para a minha situação de merda. Abandonei meu vício em opiáceos, mas parece que estou condenada a sempre me ver viciada em algo que não é bom para mim. Desta vez, o nome dele é Gentry.

Capítulo Treze

Gentry

Estamos de volta à estrada algumas horas depois, a caminho de um acidente. Karson estava de bom humor quando voltamos ao acampamento. Eu disse a ele que ele poderia assumir a liderança, para tentar animá-lo, e parece que funcionou. Ele está quieto e parou de ficar pensativo e furioso. É uma solução de curto prazo para um problema maior e preciso encontrar uma solução permanente. Logicamente, isso é livrar-se de Leana.

Tem que haver uma maneira de mantê-la que não irrite Karson. Só não descobri ainda.

Pensei em contar a Leana o que fazemos para que ela entendesse por que é tão importante ficar no carro enquanto trabalhamos, mas não sei como ela reagirá. Provavelmente não tão bem quanto ela pega meu pau.

Chegamos ao final da entrada e enfiamos o carro na floresta. O homem da casa no topo da colina traiu nosso chefe da pior maneira possível. Ele agiu como informante para se proteger, e agora George quer que ele pague com sangue. Como George quer que ele sofra o máximo possível, ele também deu sinal verde para soltar Karson. Uma equipe profissional virá para limpar nossa bagunça.

Estou mais interessado em fazer o trabalho e garantir um dia de pagamento. Não gosto tanto de assassinar como antes. Perdeu o brilho quando o transformei em um emprego de tempo integral, o que costuma acontecer quando alguém transforma seu hobby em negócio. Karson ainda gosta, mas fica muito entusiasmado. Seu abandono imprudente é um risco. Ele não considera como suas ações podem nos

fazer ser pegos, então tenho que pensar por nós dois. É exaustivo.

Viro-me para Leana antes de sairmos do carro. Ela está dormindo no banco de trás, enrolada de lado, e considero deixá-la ficar assim, na esperança de que ela continue nocauteada enquanto fazemos nosso trabalho. Eu decido contra isso. Parte de mim espera que ela tente escapar enquanto estivermos ocupados. Isso eliminaria tantos problemas.

— Ei — eu digo enquanto a sacudo para acordá-la.

Seus olhos piscam e ela se senta e olha em volta.

— Temos que cuidar de uma coisa. Preciso que você fique no carro.

Ela balança a cabeça e fecha os olhos novamente. Ela parece mais do que feliz em voltar a dormir, então talvez eu esteja me preocupando à toa.

Karson me puxa de lado e não parece tão certo sobre esse plano.

— Você realmente acha que ela vai ficar parada?

Encolho os ombros e vou em direção à casa.

— O que deu em você, G? — Ele pergunta quando ele alcança — Você sabe que precisamos nos livrar dela, e você sabe que isso deveria ter acontecido antes de levá-la para um maldito trabalho conosco. Você não está apenas jogando com sua liberdade. Você está jogando com a minha.

Paro e me viro para encará-lo. Como ele ousa ser um hipócrita tão furioso.

— Você joga com nossa liberdade toda vez que fazemos um maldito trabalho, então não quero ouvir isso. Ou você se esqueceu do pote de porra?

Ele revira os olhos e joga as mãos para o alto.

— Não é a mesma coisa, e você sabe disso. Não gosto disso e quero que você me prometa uma coisa. Se ela não ficar parada naquele

carro, se ela enfiar o nariz onde não deve, eu cuido dela.

Não gosto disso, mas não vejo outra maneira de calá-lo.

— Tudo bem. Se ela for burra o suficiente para deixar a curiosidade tomar conta dela, você pode fazer o que quiser com ela.

Ele balança a cabeça e se vira para a casa, mas não gosto do sorriso presunçoso que surge em seu rosto.

Eu agarro seu braço e o viro para mim.

— Eu tenho uma condição. Se ela tiver ido embora quando voltarmos, consideramos que está resolvido e não vamos atrás dela.

— Você não entende, não é? — Ele diz — Ela não vai a lugar nenhum. Talvez você não veja o jeito que ela olha para você agora, mas eu vejo. Ela está doida com você, G. E estou começando a achar que você também pode estar mal com ela.

— Besteira.

— Oh sério? Então você não se importaria se eu a pegasse emprestada por uma noite? Inferno, isso pode valer a pena mantê-la por perto — Karson espera pela minha resposta, sabendo que percebeu meu blefe. É claro que não quero compartilhá-la, mas se ele souber disso, isso só vai pintar um alvo maior nas costas dela.

— Faça o que você quiser. Boa sorte para que ela concorde em passar uma noite com você.

— Quem disse que ela tinha que concordar?

Já estou farto dessa conversa, então me afasto antes que meu punho chegue até sua boca. Temos um trabalho a fazer e estou pronto para acabar com isso.

Entrar na casa é bastante fácil. A única câmera de segurança da propriedade fica voltada para a frente. É fácil contornar e encontramos a porta dos fundos destrancada. Que idiota. Não é uma casa grande e Karson encontra o alvo dormindo profundamente em sua cama king-size.

Enquanto ele cuida do idiota, começo minha busca por pagamento. Encontro um cofre no escritório, escondido em um armário atrás de uma pilha de discos de música clássica. Que coleção pretensiosa.

Gritos ecoam na sala do outro lado do corredor.

— Pergunte a ele qual é o código antes de matá-lo! — Eu grito.

Meu irmão repete a pergunta, mas o homem apenas responde com um lamento. Bato meu punho contra o cofre e vou para o quarto para ver que tipo de tortura Karson preparou hoje. O homem está amontoado no chão e ambos os tendões de Aquiles foram cortados. Karson fica de pé sobre ele, virando a faca e pegando o cabo. As mãos do homem avançam enquanto ele luta para se arrastar em direção à porta, mas Karson interrompe seu progresso colocando a bota no pé flácido. Ele parece um gato brincando com um rato pisando em seu rabo.

— Qual é o código de segurança? — Pergunto novamente, inclinando-me em direção ao rosto machucado do homem.

— Foda-se — ele rosna.

Coloco meu pé em sua mão, rangendo o salto da bota até ouvir um estalo satisfatório. Ele grita enquanto seu único membro útil restante atinge minha perna.

— Droga! — Ele grita — Seu chefe sabe por que fiz o que fiz. Ele age como se não fizesse o que pudesse para se manter fora da prisão também!

— Não importa o que nosso chefe faria ou não, porque não foi ele quem foi burro o suficiente para ser pego — digo — Agora, qual é o código da porra do seu cofre?

Seus olhos arregalados se levantam para os meus com uma quantidade ridícula de desafio para um homem nesta situação — Você vai me matar de qualquer maneira. Por que eu daria a você algo mais do que a porra da minha vida?

Karson salta nas costas do homem e monta nele. Ele agarra um punhado de cabelo e puxa a cabeça para trás.

— Porque se você nos contar, vou deixá-lo com uma aparência boa *o suficiente* para que sua família possa ter um caixão aberto à sua disposição. Você não quer que eles vejam essa cara feia uma última vez? — Ele pergunta entre uma risada.

O homem se esforça para se manter de pé com a mão boa.

— Eu não estou... dando... a você qualquer coisa — ele resmunga.

— Tudo bem — Karson diz com um tom doce em suas palavras.

O que significa que ele vai...

Um grito visceral corta o ar quando Karson coloca a faca na bochecha do homem e o esfola da boca até os olhos. A aba sai com um silenciador e ele a segura à sua frente. Músculos vermelhos e em carne viva brilham sob a órbita ocular, e admito que isso traz boas lembranças.

O homem revela o código e tenho que entregá-lo a Karson. Ele tem jeito com esses idiotas.

— Viu como foi fácil? — Karson pergunta. Ele enrola a ponta de pele e a enfia na boca do homem.

Viro-me para sair, mas um pedaço de carne atrás de mim impede meus pés de se moverem. Quando os enfrento novamente, descubro que Karson cortou a garganta.

— Droga, Karson! Deixe-me tentar a porra do código primeiro!

— Você não precisa gritar — diz ele, mas usa o pescoço aberto como uma marionete enquanto fala. O homem ofegante e gorgolejante não tem muito tempo, e isso é uma misericórdia que estou surpreso que Karson tenha concedido a ele.

No geral, o trabalho correu bem. E nem precisei cumprir minha promessa a Karson.

Leana

Eu deveria ter ficado no carro. Quando ouvi os gritos ao me aproximar da casa, me arrependi da minha decisão de ser uma vadia intrometida, mas ainda assim me aproximei. Agora estou dentro da casa. Tenho quase certeza de que assassinaram alguém, mas não consigo evitar que meus pés me levem em direção à fonte daqueles gritos.

Chego à porta e meus olhos arregalados fixam-se em Karson quando ele solta a cabeça de um homem e ela cai no chão. Uma excitação gananciosa lança uma sombra sobre seus olhos, e o rosnado de seus lábios congela minha alma. O corpo mutilado não me afeta. O sangue não me incomoda. Mas aquela expressão no rosto de Karson quando me vê é o suficiente para me fazer arrepender da minha curiosidade.

— Eu disse que ela não ficaria no carro — Karson diz para Gentry enquanto se levanta. Ele não parece zangado, o que me perturba. Ele deveria estar chateado, mas parece quase feliz por eu ter fodido tudo tão regidamente. Ele lambe toda a extensão da lâmina e volta sua atenção para mim. — Agora a diversão pode realmente começar.

Gentry amaldiçoa baixinho.

— Corra! — Ele diz enquanto Karson corre em minha direção.

Meu coração bate em um ritmo doloroso contra meu peito enquanto abro a porta da frente e saio noite adentro. Minha cabeça gira de um lado para o outro enquanto tento avaliar a configuração do terreno, mas, além da floresta, não vejo para onde correr.

— Pequeno ladra? — A voz de Karson chama atrás de mim. O som alto e provocador rompe meu medo e me estimula a seguir em

frente.

Meus pés batem com um baque surdo na grama até chegar à borda da floresta. Atropelar galhos e folhas não será nada tranquilo, mas não tenho outra escolha. Galhos chicoteiam meu rosto, lados e tornozelos. Arrisco olhar por cima do ombro e meu coração para de bater quando meus olhos pousam na sinistra sombra negra em meus calcanhares. Ele quase dança enquanto me persegue, como se tudo isso fosse um grande jogo para ele. Meu coração quase explodindo não acha que seja um jogo.

A ponta do meu sapato se prende em uma raiz que serpenteia pelo caminho, e eu voou para frente. À medida que o chão vem em minha direção, empurro os braços para a frente e suporto o peso do impacto nos pulsos. Tento me levantar do chão, cravando as pontas dos sapatos na terra para ganhar tração, mas os braços me envolvem antes que eu consiga encontrar meus pés.

Karson me pega.

Ele está em cima de mim, pressionando seu peso em mim. Não importa o quanto eu me agite, não consigo movê-lo. Meus pulmões imploram por ar, mas não consigo respirar fundo embaixo dele. Estou me afogando.

— Ladra travessa — ele sussurra perto do meu ouvido — Quando dizemos para ficar no carro, é porque estamos fazendo algo que você não pode ver. Você sempre foi um risco, mas agora é uma maldita ameaça. Você sabe o que isso significa?

— Por favor, Karson. Não direi nada! — Lágrimas escorrem pelo meu rosto, porque sei exatamente o que isso significa, e Gentry não está à vista. Não há nada que o impeça de acabar comigo aqui mesmo.

— Só os mortos não falam — diz ele. Ele leva a faca até minha garganta, e cada batida de pânico do meu coração empurra meu pulso contra o aço frio — Mas quero sentir o que meu irmão sentiu. O que o tornou tão... fraco. Abaixar as calças.

Com a faca me mantendo sob seu controle, não tenho escolha.

Procuro um motivo para dissuadi-lo do que planeja fazer enquanto puxo as calças pela minha bunda.

— Gentry fez sexo comigo no acampamento! Ele gozou dentro de mim.

A risada sádica de Karson me sacode profundamente.

— Eu não me importo de quem está dentro de você, desde que o meu siga. Além disso, nada me excita mais do que matar, e cheia ou não, sua boceta é muito melhor que minha mão.

Deixo cair meu peito na grama novamente e desisto. Talvez ele me deixe viver se eu não lutar com ele.

Karson empurra dentro de mim com um gemido. Ele tem algum tipo de piercing que me rasga com sensações diferentes que nunca senti. Eu cavo minhas mãos no chão, agarrando a terra macia enquanto ele me fode como um homem que ainda pretende me matar depois. Minhas lágrimas não o atrapalham nem um pouco. Na verdade, eles parecem alimentá-lo.

— Porra, pequena ladra. Agora eu sei por que meu irmão gosta de você — Ele me fode com mais força e mais rápido, removendo a faca da minha garganta para poder colocar as mãos no chão para se apoiar. Um gemido sai de sua boca e posso dizer que ele está se aproximando.

— Por favor, Karson, Gentry vai ficar chateado.

— Eu não dou a mínima para o que Gentry fará ou pensará quando eu estiver profundamente enfiado em uma boceta como a sua — Ele me esmaga no chão.

Algo chama minha atenção: o brilho do luar refletido na lâmina sob sua palma. Eu o arranco de suas mãos e o apunhalo cegamente atrás de mim, golpeando até que ele finalmente solta um grito. O som que ele faz transforma meu sangue em gelo. Não é um som nascido da dor.

É um som nascido de um prazer intenso.

Ele vem com a ponta da lâmina na porra da coxa. Um gemido

animalesco surge do fundo de suas entranhas quando ele se recosta, e eu saio correndo de debaixo dele.

Os passos pesados de Gentry soam atrás de mim. Quando ele vê que estou viva, seu peito desaba com um momento de alívio, mas então ele absorve o resto da situação.

Minhas calças passam pela minha bunda.

Seu irmão de joelhos, balançando a lâmina da faca de uma forma quase prazerosa.

As lágrimas abrindo um rastro na sujeira do meu rosto.

Gentry estará comigo em um momento. O calor de sua raiva emana de sua pele e penetra em mim. Ele me puxa contra ele, puxando minhas calças para cima com a mão livre.

— Você não fez isso? — Ele rosna a pergunta para Karson.

— Claro que sim. Decidi dar a ela uma chance de me convencer a mantê-la viva — Ele puxa a ponta da faca da coxa — Então ela me esfaqueou.

— Você não fez isso — ele diz para mim, suavemente e baixo.

Concordo com a cabeça e descanso minha cabeça em seu peito.

— Eu decidi deixar a bunda dela viver — Ele se levanta — Por agora.

Eu não o entendo. E eu não confio nele.

Gentry me equilibra antes de caminhar até Karson. Com pouco esforço, ele dá um soco repugnantemente forte no estômago de Karson.

— Eu disse para você não a tocar — ele rosna antes de dar outro soco embaixo da caixa torácica. Posso sentir o sabor da sua raiva na minha língua.

Karson sorri.

— Não, você me disse para fazer o que eu quisesse. E era isso que eu queria, porra.

— Saia da minha frente — ordena Gentry, sacudindo o punho.

— Eu não sou...

— Agora! — Gentry grita, levantando uma pistola nas costas e apontando para Karson.

Karson levanta as mãos.

— Tudo bem, não se preocupe — ele diz enquanto coloca a mão na coxa e sai para o carro.

Gentry volta sua atenção para mim. Suas mãos tiram meu cabelo molhado e sujo do meu rosto. Seus dedos percorrem meu corpo e eu o sinto em todos os lugares. Ele está tentando ver se estou bem. Ele se senta no chão e me arrasta para seu colo. Seus braços fortes me envolvem.

— Eu não pensei que ele... pensei que encontraria você morta. Não abaixo dele — Ele levanta meu queixo — Não acredito que você o esfaqueou, andarilha. Minha corajosa garota.

Suas palavras suaves afastam o medo e a dor que percorrem meu corpo. Eu caio sobre ele, sentindo o cheiro familiar de sua camisa.

— Você está bem — ele acalma, sua mão grande esfregando minhas costas para cima e para baixo até que eu pare de chorar.

Até que eu pare de sentir culpa pela agressão de seu irmão.

Eu odeio ter gostado da sensação do piercing dele, porque eu o odeio. Eu odeio ter gostado da emoção de ser caçada. Eu odeio não ter lutado mais, porque comecei a me sentir bem. O que diabos há de errado comigo?

— Por que você não esperou no carro? — Gentry pergunta — Quando um homem como eu diz para você ficar no carro, você fica na porra do carro.

— Sinto muito — eu sussurro.

— Você entrou em algo do qual não pode sair. E eu sei que preciso me livrar de você, preciso. Mas não posso. Não sei se Karson o

fará, e isso é ainda mais um motivo para *eu* te levar para sair, porque *ele* gosta da dor e do castigo. Ele adoraria matar você. Mas contra tudo em que acredito, contra todas as regras que estabeleci, não consigo me livrar de você, andarilha. Eu não quero — Ele respira fundo — Bem-vinda à porra do negócio.

Sinto a falta de permanência em sua voz. Não há finalidade.

— Por agora? — Eu pergunto.

Ele se inclina e me beija, mas não responde à pergunta. Em vez disso, ele segura meu braço com uma mão e o cós da minha calça com a outra.

— Eu não quero que ele goze dentro de você — Ele desliza minhas calças até as coxas e aproxima seus lábios dos meus — Empurre para fora.

Não discuto, porque também não quero que o Karson entre em mim. Eu me apoio nos calcanhares e me agacho, usando o braço de Gentry como apoio. Eu me abaixo como se fosse fazer xixi, e o gozo de Karson pinga no chão. Depois de anular cada gota, levanto as calças e sigo Gentry até o carro.

Que noite horrível. Aprendi mais sobre mim mesma do que jamais desejei. Uma profunda semente de desgosto cria raízes em meu estômago e se ramifica em minhas veias. Eu deveria estar mais incomodada com a cena do crime sangrento e o ataque seguinte de Karson. Minhas pernas deveriam coçar para fugir desses psicopatas. Em vez disso, quero correr em direção a eles. Com eles.

Quando Gentry me acolheu no negócio, não senti nem um pinga de medo ou apreensão. Pela primeira vez em muito tempo, senti apenas que pertencia.

O que isto diz sobre mim?

Capítulo Quatorze

Karson

Eu entendo o que Gentry feriu com tanta força agora. Afundar dentro dela certamente mudou minha visão das coisas. Eu me pego procurando motivos para mantê-la enquanto dirigimos durante a noite e colocamos alguma estrada entre nós e a bagunça que deixamos para trás.

Cortar a garganta dela ainda é uma opção viável, mas talvez eu não precise fazer isso imediatamente.

Meu abdômen dói e uma onda de dor percorre meu núcleo a cada inspiração. A dor no meu intestino dificilmente é um impedimento. Gosto disso e, embora devesse me sentir mal pelo que fiz, não me sinto. Nunca me senti mal pela dor que inflijo aos outros. Faz parte do meu diagnóstico. Eu *gostaria de* sentir alguma aparência de culpa para não fazer isso de novo.

Entramos no estacionamento de um hotel e Gentry conduz a pequena ladra para dentro para conseguir nossos quartos. Ele não vai deixá-la sozinha comigo. Não agora que experimentei a deliciosa névoa do pânico enquanto forçava meu caminho dentro dela. Só de pensar nisso fico animado para a próxima vez, e haverá uma próxima vez.

Ela não falou comigo desde que voltamos a dirigir. Nem uma única palavra. Mas eu entendo. Eu a tomei contra sua vontade quando não consegui acalmar a dor no meu pau depois de um assassinato tão glorioso. O homicídio envia uma onda de hormônios pelo meu corpo, e vir depois de tal ato me dá uma liberação indescritível. Normalmente está na minha mão, mas a sua cona apresentava uma perspectiva muito melhor.

Sim, eu entendo porque Gentry age como um idiota por causa dela. Eu poderia me perder dentro dela também, então tenho que ter cuidado para manter minha mente no prêmio. Não podemos ser os dois burros agora, podemos?

Respiro fundo e aprecio a dor aguda subindo em meu peito. Deveria me irritar que ele tenha dado alguns socos, porque eu fiz o que combinamos, mas não consigo encontrar o que fazer. E ele *concordou* com isso. Ele até disse que não se importava se eu a usasse um pouco, mas acho que nós dois sabemos que isso é mentira agora. A angústia estava estampada em seu rosto quando ele viu que eu havia brincado com seu novo brinquedo. Ele precisará construir uma ponte e passar por cima dela. Nosso pai de merda não nos ensinava muita coisa, mas sempre nos dizia para dividir nossos brinquedos.

Minha mão vai para o console central e retiro o maço de cigarros que está dentro. Acendo um e observo a entrada do hotel. Entendo por que me deixaram no carro enquanto iam proteger os quartos — sou eu quem está coberto de sangue — mas isso não significa que deva gostar disso. Isto não é um triciclo e eu não sou a maldita terceira roda.

Gentry bate na janela do carro e faz sinal para que eu os siga. Apago meu cigarro, jogo as duas mochilas nos ombros e vou em direção à entrada dos fundos. Quando chegamos ao nosso andar e o elevador abre, Gentry joga o cartão-chave para mim.

— Seu quarto fica no próximo andar, porque vá se foder — diz ele.

Deixo cair a bolsa dele no chão e eles me deixam subir sozinho até o próximo andar. Mas não sinto falta do olhar para trás que a ladra me dá. Tenho a sensação de que aquela bunda sexy vai nos despedaçar se não tomarmos cuidado.

Eles tinham três quartos – dois deles no mesmo andar – mas tomei a decisão que era melhor para todos. Preciso manter Leana por perto, e ela não discutiu quando escolhi dois quartos, então me sinto melhor com isso. De jeito nenhum eu queria estar perto de Karson, no entanto. Não depois do que eu encontrei.

A culpa me corrói, porque não cheguei até eles antes. Não consigo correr tão rápido quanto Karson, e uma lesão no joelho causada pelo período na prisão me atrasou ainda mais. Mas isso não é inteiramente verdade. A culpa principalmente me corrói, porque fiquei aliviado por ele ter fodido ela em vez de matá-la. Eu esperava encontrá-la morta, e minha raiva incandescente esfriou até ferver quando vi que ela estava viva. Usada, sim, mas viva.

Eu a puxo para mim quando entramos em nosso quarto de hotel, mas ela estremece ao meu toque. Ela provavelmente me teme depois de saber o que somos. O que nós fazemos. Adorei como ela olhou para mim antes de saber por que os irmãos Kursicki são — amaldiçoados.

Relembro a expressão que vi em seu rosto quando ela viu o homem morto — olhos arregalados de choque — mas a reação dela não foi a que eu esperava de alguém que acabou de descobrir um assassinato horrível. Sua cabeça estava inclinada de uma forma quase curiosa.

Relembro meu coração galopante quando ouvi o grito cheio de prazer de Karson — um som que temi ter vindo de uma morte. Ela também não estava tão assustada com a agressão dele quanto eu pensei que ficaria.

Esta garota brilha com um tom cinza ao seu redor.

E estou obcecado.

Que interruptor está quebrado em sua cabecinha? Ela pode ser

mais parecida conosco do que imagina.

— Eu gostaria que você tivesse ficado no carro — eu digo.

Ela engole.

— Eu precisava saber o que vocês faziam e não me contavam — Sua voz é um sussurro baixo e quase não consigo entender as palavras.

— Eu não estava escondendo isso de você para *minha* segurança. Eu queria deixar você ir no final, mas sabia que não haveria esperança para você se soubesse o que fizemos. Agora tenho que descobrir como argumentar com Karson.

À menção do nome dele, ela desvia o olhar de mim.

— Ele te machucou? — Eu pergunto.

Ela balança a cabeça.

— Não, não como eu esperava que ele fizesse.

Ele tem muita sorte de não tê-la machucado, porque eu teria que machucá-lo muito mais se ele tivesse feito isso. Mas Karson vai querê-la novamente depois disso. Ela tem um alvo entre as pernas.

Eu agarro seu cabelo e trago seus lábios perto dos meus. — Mesmo que ele transe com você, você ainda é minha, andarilha.

— Sim, senhor — ela diz, e isso endurece meu pau em um instante. Mas não quero me intrometer em seu corpo mais do que ela já experimentou. Ela já passou por bastante. Viro-me para a cama, mas ela agarra meu braço e me mantém no lugar.

— Eu não sou um pedaço de vidro — ela sussurra — Você acha que seu irmão foi a primeira pessoa a tirar isso de mim? Eu não quebrei naquela época e não vou quebrar agora.

— Seu noivo? — Eu pergunto.

— Não importa quem foi. Só não quero que você me trate como algo frágil.

Se ela não quer que eu a trate com luvas de pelica, não o farei.

— Entre no chuveiro, andarilha.

Ela não discute, porque tenho certeza de que quer se livrar da memória entre as pernas. O vapor me dá as boas-vindas lá dentro, tiro a roupa e me junto a ela. A água quente escorre pelo meu pescoço e costas, acalmando meus músculos tensos.

Afasto os fios de cabelo loiro escurecidos pela água de seu rosto e puxo seu corpo nu contra o meu. Admito que estou sentindo alguma coisa por ela e odeio que ela tenha se tornado uma obsessão para mim. Por mais que eu adorasse entrar nela agora, prefiro colocá-la acima de mim.

— Eu quero fazer você se sentir bem — rosno contra sua boca — Minha boa menina.

Eu a levanto e suas pernas envolvem minha cintura. O meu pau move-se através da sua fenda, mas eu não empurro para dentro dela. Retiro o chuveiro do suporte e seus olhos se voltam para a massa prateada brilhante em minha mão. Coloquei espaço entre nós, encostando-a na parede para que a água pudesse chover em um jato direto sobre seu clitóris inchado.

— Gentry — ela implora — Por favor.

— Diga-me. Me diga o que você quer. Use essa boca que eu amo.

— Eu quero gozar, senhor — Ela sabe que farei qualquer coisa se ela me chamar assim.

Aproximo o fluxo de seu clitóris e seus dedos cavam em minha carne. Ela joga a cabeça para trás, aqueles lábios sensuais se espalhando enquanto ela solta um gemido profundo que contrai seu abdômen. Seus calcanhares cravam nas minhas costas quando ela goza.

Gritos de dor sempre foram música para meus ouvidos. As únicas músicas que gostei. Mas agora minhas músicas favoritas vêm na forma daqueles sons que saem de sua boca quando ela vem até mim. É lindo pra caralho.

Mas por mais altruísta que eu seja em querer fazê-la gozar sem transar com ela, eu egoisticamente preciso preenchê-la. Este desejo intenso e animalesco de dominar Karson, preenchendo-a com o meu, não será negado.

Eu a carrego para a cama, pegando uma toalha no caminho, que coloco embaixo dela antes de deixá-la cair sobre ela.

— Eu preciso gozar, e você sabe onde quero derramar minha carga, não é?

— Sim, senhor — ela diz com um aceno de cabeça.

Eu me aproximo e inclino seus quadris para cima, e ela se mantém nessa posição, com as coxas enganchadas nas minhas. Eu me acaricio contra sua fenda quente e escorregadia. Ela geme enquanto meus dedos roçam seu clitóris a cada passagem sobre meu pau. A ideia de encher sua bocetinha nesse ângulo me empurra para mais perto. Levanto um pouco mais seus quadris e coloco a cabeça do meu pau em sua entrada.

— Eu vou gozar — eu gemo. Eu me acaricio até explodir, liberando minha carga diretamente dentro dela. Eu me inclino sobre ela com um grunhido, mantendo seus quadris levantados — Fique assim, minha andarilha. Deixe meu gozo pingar na parte de trás de sua boceta e cobrir seu colo do útero. Deixe-me criar você, mesmo quando não consigo me enterrar dentro de você.

— Gentry — ela geme enquanto mantém seus quadris inclinados contra meu pau gasto.

Ela teria me deixado transar com ela, me deixado enterrar dentro dela, mas eu queria mostrar a ela que tenho mais controle do que meu irmão psicopata. Que eu posso ser seu espaço seguro. Ela pode não ser frágil, mas se precisar quebrar, pode fazer em meus braços.

Deitei ao lado dela, finalmente liberando seus quadris e puxando sua coxa sobre minhas pernas enquanto passo minha mão por seus cabelos.

— Eu sempre protegerei você, mas você terá que me aceitar como

o assassino que sou. O homem que pode fazer você se sentir tão bem depois de causar a maior dor a outra pessoa. Você pode fazer isso, andarilha?

— Sim — ela sussurra enquanto se aconchega ao meu corpo.

Parece tão estranho para mim. Eu nem abracei minha esposa assim. Tenho a sensação de que essa garota vai me rasgar e reorganizar meu interior até encontrar alguma semelhança com um coração.

E eu vou deixar.

Capítulo Quinze

Leana

Estamos a caminho da Califórnia por duas horas antes do telefone de Gentry tocar novamente. Ele suspira e puxa para fora. A voz severa gritando em seu ouvido é alta o suficiente para se elevar acima do barulho da estrada, mas não consigo entender o que quem está ligando diz. Seja o que for, a mão de Gentry aperta o volante.

— Você ouviu o quê? — Gentry diz, seu tom permanecendo severo enquanto seus olhos saltam para Karson.

— Não, eu...

A voz sobe para uma oitava mais alta, e as palavras que escapam enviam um jato de água gelada em minhas veias.

Livre-se dela.

Trabalho a fazer.

Eu sinto isso nos meus ossos. Estou fodida. Em vez de convencê-los a me deixar viver, agora está nas mãos de uma entidade sem rosto.

— Eu cuido disso — diz Gentry. Ele encerra a ligação e seus olhos furiosos saltam para o irmão, ignorando completamente a estrada. — Você contou a George sobre Leana?

Karson zomba e coloca o pé no painel.

— Por que importa como George descobriu? De qualquer forma, nunca deveríamos tê-la mantido por tanto tempo.

Meu coração galopa no meu peito. Karson realmente me entregou? Que tipo de movimento de pau é esse? Sou eu quem deveria

ter entregado a porra da bunda, principalmente aquele idiota real no banco do passageiro que me agrediu e assassinou um homem diante dos meus olhos.

Gentry para no estacionamento de um posto de gasolina abandonado. A floresta quase tomou conta do prédio, e a placa acima da porta da frente está enferrujada e ilegível. Gentry se abaixa e tira a pistola da cintura.

Karson olha para mim com um sorriso diabólico.

— Se você vai fazer isso, não deveria fazer isso aqui. Vamos persegui-la primeiro.

Gentry mira, apontando o cano para seu irmão em vez de para mim.

Uma pessoa normal entraria em pânico neste momento, mas Karson apenas revirou os olhos e jogou as mãos para o alto.

— Sério? — Ele pergunta — Você me mataria por causa de um pedaço de bunda? Uma prostituta drogada?

Gentry rosna e se inclina para Karson, agarrando-o pela gola da camisa e pressionando o cano contra sua têmpora. Esfrego a nuca, lembrando-me daquela sensação no couro cabeludo.

— Eu vou te matar, porque você passou por cima da minha cabeça — Gentry diz com os dentes cerrados — Você está fodendo com o *meu* negócio. Ele é *meu* chefe, não seu. Ele dá as ordens, mas eu executo as coisas do jeito que quero, não como *você* quer. Você quer comandar as coisas de novo? Vá enfrentar o carrasco sozinho.

— Vá se foder, G. — Karson zomba, rasgando a camisa para tirá-la do alcance de Gentry.

— Eu deveria ter matado você depois da façanha que você fez ontem à noite.

— O que? O pequeno ataque ao seu animal de estimação? — Um sorriso grosseiro cruza os lábios de Karson — Ela gostou, porra.

A vergonha floresce em minhas entranhas porque ele não está totalmente errado.

Gentry zomba.

— Eu sei do que ela gosta, e o que eu faço com ela não me leva a uma facada na coxa.

Karson coloca a mão no queixo.

— É mais ou menos como sua esposa gostou de como eu a fodi também.

Gentry dá um soco na lateral da cabeça de Karson com a coronha da arma. No mesmo movimento, ele puxa a faca de Karson do cinto e a aponta para a garganta de Karson.

— Eu deveria ter deixado eles matarem você.

— Por que você não fez isso? — Karson ri e se inclina para a lâmina até que um fio fino de sangue escorre por seu pescoço.

Gentry balança a cabeça e abaixa a faca.

— Conserte isso — ele rosna, jogando o telefone no colo de Karson. — Você estragou tudo, então pode consertar. Diga a ele que está feito.

— Ele vai descobrir que não está e então estaremos todos numa merda.

— Se alguém tentar matá-la, terá que passar por mim. Isso inclui você.

Algo incha em meu peito quando ele me escolhe em vez de seu irmão de merda. A escolha não pode ser tão difícil, no entanto. Eu escolheria a sífilis em vez do Karson.

— Você realmente acha que pode lidar com George? Não apenas ele, mas seus homens também? — Karson se senta mais ereto — Você sempre foi o homem sensato entre nós dois, sempre o assassino responsável e cauteloso, então por que diabos você está jogando tudo pela janela por ela?

Não sei se estou pronta para ouvir a resposta.

Gentry

Meus olhos hiper focam no batimento cardíaco batendo em um ritmo constante na artéria de seu pescoço. Seria tão fácil acabar com ele. Eu só preciso passar a lâmina por aquele pedaço de pele nervoso e então a vida seria melhor. Ele me traiu, mais uma vez, e eu não deveria mais me surpreender com isso. É tão normal para ele.

No entanto, ele não está errado, o que me enfurece. Sempre fui o responsável. Mesmo quando éramos mais jovens, certifiquei-me de escolher alvos que não chamassem muita atenção. Certifiquei-me de que não restasse nenhuma evidência nas cenas. Leana está me fazendo jogar fora o ditado que inventei quando éramos crianças. *Ninguém é amaldiçoado além de nós*. Trazer uma terceira pessoa para um negócio como este triplica o risco de sermos pegos. Isso é apenas matemática básica.

Mas eu quero o risco.

Ela é *minha* responsabilidade. Ela é *minha*.

E agora ela está marcada para morrer. Oficialmente. Maldito Karson.

Saio do SUV e vou para o banco de trás com ela. Seus grandes olhos olham para mim, e eu tento ao máximo manter uma expressão corajosa. Karson se vira na cadeira e fica olhando, e quase posso ouvi-lo desejando uma tigela de pipoca.

— A maneira mais fácil seria a asfixia, mas se você não consegue drenar o ar do corpo dela, experimente o sangue dela. — Ele me joga

sua faca e eu a pego.

Ela balança a cabeça, recuando até que sua coluna se conecte com a porta. Não quero fazer isso, mas não vejo outra opção. Se George colocar as mãos nela, ele irá torturá-la e depois me matará quando eu tentar impedi-lo. Posso oferecer-lhe uma morte rápida.

Agarro seus tornozelos e a puxo em minha direção para poder me inclinar sobre ela. Ela está chorando, as mãos me empurrando enquanto eu abro a lâmina e a empurro contra sua garganta.

— Por que você nos deixou entrar no carro? — Eu pergunto. É o mesmo tom de súplica que usei quando perguntei por que ela saiu do carro no último golpe.

— Gentry, não — ela implora.

— Não. — Eu rosno — Não tente me implorar, porque você acha que tenho um coração. — Apesar das minhas palavras, a voz dela alcançou o tecido pulsante no meu peito. Se eu não me apressar e silenciá-la, não terei força de vontade para terminar o trabalho.

Com a lâmina contra sua garganta, perco-me de vista.

Algumas pessoas se perdem em um labirinto mental quando precisam escapar de uma situação que é dolorosa demais para ser vivenciada, mas não é isso que eu faço. Sigo uma névoa vermelha de raiva até as profundezas, até me encontrar pairando sobre uma cena que alimenta meus demônios interiores. Vejo o assassinato se desenrolar diante da minha mente como um filme, guardando-o na memória para que possa repeti-lo quantas vezes quiser. A reprodução passa pelas partes chatas e fica quase parada quando fica boa. Como no momento em que seu último suspiro sai de seus lábios.

Isto é o que posso oferecer a Leana: um lugar onde ela possa viver para sempre em minha mente.

— Por favor, senhor — ela sussurra enquanto a pressão em seu pescoço aumenta. No momento em que ela diz isso, o assassino frio descongela.

Eu não posso fazer isso.

Sento-me de joelhos e jogo a faca para Karson.

— Diga a eles que está feito e torne isso verossímil — digo, apontando para o telefone. É melhor que ele diga, porque aquele assassino frio virá alegremente atrás dele.

— Você quer que eu ligue para George e minta? — Karson diz — Isso é uma sentença de morte.

Eu me inclino para trás e olho nos olhos dele.

— Se alguma coisa acontecer com Leana, será uma sentença de morte, então você está fodido de qualquer maneira. Você pode fugir de George ou de mim. Escolha seu maldito veneno e beba.

Karson pega o telefone e sai do carro. Em vez de fazer a ligação, ele anda de um lado para o outro, coçando a cabeça e murmurando para si mesmo. Ele está confuso e estou feliz. Ele merece cada grama de inferno que causou quando falou com sua boca grande.

Chego mais perto de Leana e envolvo meu braço em volta dela, e fico surpreso quando ela não se afasta.

— Sinto muito, andarilha. — Eu digo.

— Por que você está se desculpando? — Ela sussurra contra meu peito — Você não me matou.

É exatamente por isso que estou me desculpando.

Capítulo Dezesseis

Karson

Olho ao redor da área arborizada e enfio o telefone no bolso.

— Porra, porra, porra.

Gentry e Leana estão ouvindo pela porta aberta, mas agora que não consegui fazer a ligação, Gentry decide sair do SUV e se preocupar.

— Precisamos matá-la — eu digo.

— Eu te disse. Você terá que passar por mim para...

— Pare de fazer pose. Nós realmente não vamos matá-la. Só precisamos fazê-la parecer morta.

— Não há como isso funcionar — diz ela.

O cascalho se espalha sob meus pés a cada passo que dou em direção a ladra tagarela. Eu me inclino em seu rosto e cerro os dentes.

— Faça funcionar.

Ela nem pisca. Ela apenas encolhe os ombros e diz: — Fui reprovada em cursos de teatro por dois anos seguidos. Isto. Não. Vai. Funcionar.

Abro minha lâmina e vou em direção à garganta dela, mas Gentry corre entre nós. Já estou farto desta merda.

— Gentry, não temos escolha, porra. George vai querer uma prova da morte da pequena ladra. Se ela não quer se fingir de morta, temos que fazer o que temos que fazer.

Gentry olha entre nós. O olhar presunçoso e autoconfiante em seu rosto faz minhas mãos coçarem para envolver sua garganta e

apertar até que algo estale. Ela desfruta de uma ignorância feliz que nunca conhecemos. Ela não entende que Gentry e eu vivemos em um mundo de matar ou morrer. Quebramos o código do nosso universo ao permitir que ela fique conosco pelo tempo que tiver, e agora é hora de acertar as coisas. Se ela não ceder e seguir meu esquema, terei que consertar essa merda sozinho, Gentry que se dane.

— O que vai ser, vocês dois? Morte falsa ou real?

Leana cai no chão com uma bufada dramática.

— Acabe com isso — ela diz antes de se deitar com a língua de fora e os olhos revirando em sua cabeça. É a morte falsa menos convincente que já vi, e agora entendo por que ela foi reprovada na aula de teatro.

Subo em cima dela. Se vamos fazer isso, tem que ser verossímil.

— Saia de cima dela, Karson — Gentry diz enquanto agarra meus braços.

Eu me afasto de seu alcance.

— Não, Gentry. Você a posaria bem, como se tivesse acabado de estrangulá-la, mas pretendo fazer essa merda direito. — Prendo seus braços sob minhas pernas e olho para Gentry — Desça aqui e sufoque sua doce 'andarilha'.

— Desculpe-me, o que? — Ela pergunta, tentando se libertar.

— Porra, não! — Gentry grita.

— Agora, Gentry. Preciso que você confie em mim.

— Faz muito tempo que não confio em você — ele diz enquanto cai de joelhos — Você simplesmente continua fodendo.

Eu sorrio para ele. Ele pode não confiar em mim, mas não tem escolha agora.

— Não, não, espere! — Leana diz antes que as grandes mãos de Gentry envolvam sua garganta e apertem. Ela se debate embaixo de mim, empurrando os quadris contra minha virilha enquanto ela luta.

Isso me deixa duro, e quando o vermelho se espalha da garganta até o rosto, parece que tenho uma barra de vergalhão nas calças. A saliva se acumula em seus lábios em um vômito espumoso de pânico diante da perspectiva da morte. As mãos dela agarram as dele. Ele olha para ela com um olhar vítreo que conheço muito bem. Ele está gostando, mesmo que não queira.

Mesmo que ele nunca admitisse isso.

Ela se esforça mais violentamente embaixo de mim e eu gemo quando ela roça meu pau. Seus cílios tremulam, sua luta diminui e Gentry arranca as mãos dela.

— O que... o... porra — ela ofega — E por que seu pau está duro?
— Ela me pergunta. Seu olhar muda para Gentry e ela solta um gemido fraco — Jesus Cristo, o seu também?

Eu rio, porque quem diabos sai de um engasgo desses? Não se incomoda com a experiência de quase morte, mas totalmente ofendida com os paus duros.

— Essa foi a parte fácil — eu digo.

— O que você quer dizer?

A cabeça de Gentry gira em minha direção.

— Sim, o que você quer dizer?

Agarro a gola de sua camisa e a puxo, rasgando o tecido fino e expondo totalmente seu seio esquerdo.

— Que porra é essa? — Gentry e Leana rosnam em uníssono.

— Confie no meu processo — Com um sorriso feroz, deleito-me com a bela vista diante de mim. Seu seio é tão redondo, e o mamilo atingiu o pico contra o frescor. Ver apenas um de seus seios me faz querer ver o resto dela. Tudo dela. Eu me abaixo e traço a tatuagem da flecha do cupido na parte externa de seu seio, contornando a curva. Gentry rosna um aviso e eu retiro minha mão.

— Por que você fez isso? — Eu pergunto.

— Não responda isso — Gentry ordena, seu corpo tremendo.

— É de quando eu acreditava no amor — diz ela.

Meu estômago dá um leve aperto no estômago. Lembro-me de quando pensei que o amor era algo pelo qual ansiar. Encontrei uma mulher de quem gostei muito quando tinha dezoito anos. Dei-lhe flores e essas coisas. Levei-a da escola para casa. Bem, eu andei atrás dela enquanto ela voltava da escola para casa. Achei que estávamos caminhando para a porra do casamento, até que ela me rejeitou. Eu não tive escolha a não ser matá-la depois disso. Apesar de tudo, também tatuei no meu corpo. A palavra *vadia* no meu antebraço.

Minha lâmina aberta fica ao meu lado. Eu agarro e levo até seu peito.

— Não a machuque — diz Gentry.

— É uma maldita faca, Gentry. Isso vai machucá-la.

— Não! Não! — Ela grita.

— Se é de sangue que você precisa, use o meu — Ele empurra o braço para frente. Que maldito cavaleiro branco.

Meus olhos escuros se elevam até os dele.

— Precisa ser dela. Precisa ser perfeito se você quer tanto que ela viva.

Eu a cortei, tomando cuidado para não estragar sua tatuagem idiota. Ela grita e eu coloco a mão sobre sua boca. O carmesim sobe à superfície. Ele se acumula por um momento antes de pingar sob seu peito, descendo pela lateral do corpo e caindo em sua camisa rasgada. Outra linha se forma e se junta na cavidade de seu pescoço. O corte parece mais profundo do que é, mas a quantidade de sangue que produz é uma beleza artística do caralho. Eu ajusto o tecido desgastado para que pareça uma facada fatal. A parte externa de seu peito ainda está pendurada, molhada e ensanguentada.

Deus, estou tão duro.

— Vá se foder — ela rosna enquanto arranco minha mão de sua boca.

— Jure o quanto quiser, ladra, só não se mexa — Olho para Gentry, que está andando furiosamente neste momento. — Agora precisamos fazer algo com isso — digo, acenando com a mão acima do rosto dela — Dê-me sua melhor cara morta.

Ela deixa cair a cabeça para o lado e seu queixo fica aberto. Suspiro e bato em sua bochecha.

— Eu matei tantas pessoas e nenhuma delas morreu com a boca aberta como um *yutz*⁵.

— Tudo bem, já que você é o profissional, mostre-me a cara da morte.

Deito na grama ao lado dela, viro a cabeça — ela foi bastante precisa sobre isso — e mantenho a boca fechada, porra. Relaxo a mandíbula, fixo os olhos no pneu do SUV e prendo a respiração para garantir.

— Gentry, pegue um pedaço de pau e cutuque-o para ver se ele está morto — ela diz rindo, e até mesmo Gentry ri por um momento.

— Pare de brincar, ladra. Olhe para mim. Espelhe o que estou fazendo.

Ela vira a cabeça em minha direção, mas agora seus lábios estão pressionados com muita força.

— Relaxe sua mandíbula. Você quer algo entre ficar boquiaberto como antes e... seja lá o que diabos você está fazendo agora — Olho para Gentry — A morte real teria sido muito menos trabalhosa, você sabe.

— Sim, sim — ele diz, me acenando com desdém.

Volto-me para Leana.

— Agora seus olhos. Olhe para algo além de mim. Concentre-se nisso. Pelo que me importa, conte as algo da casca, mas mantenha os

olhos abertos e fixos.

Seu lábio inferior sexy está solto e relaxado. Juntamente com o olhar vago, o sangue e as marcas recentes em seu pescoço, ela parece morta. Ela é uma porra de uma obra-prima.

E estou duro de novo.

Jesus. *Calma, garoto.*

Isso é uma nova torção para mim? Por que meu pau está doendo assim?

— Dê-me esse telefone — digo a Gentry.

Ele me entrega e eu tiro uma foto para... razões pessoais. Olho para ela mais uma vez, minha mão no queixo. Ajoelho-me ao lado dela, e ela se encolhe com meu toque enquanto eu esfrego seu cabelo na terra, deixando tudo bagunçado. Sim, agora ela está perfeita.

Eu me inclino até a concha de sua orelha.

— Não respire, pequena ladra. — Eu sussurro. Quando me levanto, levanto a câmera e conto até três para que ela possa prender a respiração. Para todos os efeitos, ela parece morta, então começo a gravar. — Aqui está sua prova, Georgie — Eu amplio seu pescoço enquanto narro — Gentry é um vadio que não conseguiu terminar de estrangulá-la, mas não se preocupe com isso, chefe. Eu cuidei dela — Movo a câmera para o corte em seu seio e digo mentalmente para ela ficar quieta. Se ela se mudar agora, tudo isso foi em vão.

Uma leve brisa joga areia em direção ao seu rosto, e tenho certeza de que ela vai estremecer quando a areia colidir com seus olhos vidrados. Ela não faz isso, e eu dou um suspiro silencioso de alívio. Afinal, sua atuação não é tão ruim. Ela só precisava do professor certo. Alguém que já viu gente morta o suficiente para saber como deveriam ser. Alguém como eu.

Não me atrevo a me mover ou respirar até que Karson coloque o telefone no bolso. Sento-me sobre os cotovelos e a camada pegajosa de sangue faz minha pele formigar. O vento envia uma corrente de ar pelo meu peito nu. Lembrando-me de como estou exposta, viro a camisa para trás para me cobrir.

— Agradeço a ajuda, mas isso era realmente necessário?

Karson dá de ombros.

— Deixe-me ver — digo, estendendo a mão para pegar o telefone. Ele me entrega e eu assisto ao clipe. Pareço morta. Realmente morta. Sujeira e galhos decoram meu cabelo loiro enquanto ele se espalha pela minha cabeça. Eu nem reconheço meus olhos azuis. Toco as marcas recentes em minha garganta.

— Você realmente teve que fazer isso?

Karson se agacha e uma escuridão terrível passa por seus olhos.

— Era isso ou ser morto de maneiras que eu não poderia imaginar — Ele se inclina e lambe o sangue da poça que se formou na base da minha garganta. Sua língua quente roça minha pele e envia vibrações através de mim que não deveriam existir — Deus, você tem gosto daquilo que fez cair o anjo que se tornou o diabo.

Eu o afasto.

— Poético.

— Não seja idiota, ladra. — Ele se levanta e limpa as mãos na calça jeans, espalhando sujeira no jeans.

Gentry se aproxima e me estende a mão para me ajudar a ficar de pé. Ele me puxa para seu peito, sem se importar com o sangue que me cobre.

— Sinto muito — ele sussurra, traçando a marca da mão que

deixou em meu pescoço — Vou compensar cada momento de dor com o dobro do prazer.

— Você não teve escolha.

O olhar severo de Gentry pousa em seu irmão.

— Nada disso teria acontecido se alguém tivesse mantido a boca fechada.

Karson levanta o peito.

— Você sabe, se os papéis fossem invertidos, isso não aconteceria... Não, quer saber? Isso nunca aconteceria comigo. Esta não é a semana de levar sua prostituta para o trabalho. Eu nunca a teria trazido junto.

— Chame-a de prostituta de novo e eu castrarei você — diz Gentry.

— Está tudo bem — eu digo, e está. Suas palavras não me ofendem. Já fui chamada de coisa pior.

Gentry balança a cabeça.

— Não, não está bem. Você é uma extensão de mim, o que significa que ele vem até mim quando te xinga. Se alguém vai te chamar assim, sou eu, e a palavra 'boa' virá antes, porque você é minha boa putinha — Ele aponta seu olhar para Karson. — *Minha*.

Meu coração troveja no meu peito com suas palavras. Também desliga Karson, que é um grande profissional. Mas agora, coberto de sangue e sujeira, só consigo pensar em um banho quente.

Gentry caminha em direção ao SUV, mas me viro para Karson antes de segui-lo. Tenho uma pergunta e preciso da resposta antes de entrar no carro com eles novamente.

— Você contou ao seu chefe sobre mim?

Karson enfia as mãos nos bolsos e bate a ponta do sapato na grama. Ele olha para longe e balança a cabeça.

— O que isso importa? Essa foi a conclusão a que Gentry chegou

imediatamente, então deve ser verdade. Ele está sempre certo, não é?

Antes que eu possa pressioná-lo ainda mais, ele se junta a Gentry no SUV. Não estou convencida de que foi ele quem me denunciou, mas esse é um pensamento perturbador. Se Karson não contou ao chefe... quem fez?

Capítulo Dezessete

Gentry

Não obtemos resposta ao nosso vídeo. Não tenho certeza se meu chefe acreditou, mas tentamos o nosso melhor. Bem, ela tentou o seu melhor. Olho para ela e me incho de orgulho. Ela se saiu tão bem. Mesmo que eu quase a tenha sufocado até a inconsciência, ela não guardou nenhum ressentimento em relação a nenhum de nós depois que tudo terminou.

A culpa bate em meu ombro quando me lembro de como sua garganta era delicada ao meu alcance. O quanto gostei daquela fragilidade sob meus dedos. Foi difícil para mim me afastar quando todas aquelas doces endorfinas dispararam em meu cérebro, mas o gemido de Karson arrancou de mim todos aqueles hormônios do bem-estar. Também não ajudou quando percebi que ela estava fugindo de um homem que tinha feito algo semelhante a ela. Ela parece entender a diferença, mas ainda me preocupa. Especialmente, porque ela sabe o quanto me excitou sufocá-la daquele jeito. Uma coisa é foder um assassino, outra é foder um assassino que ficou duro só de pensar em matar *você*.

Gosto dessa garota mais do que gostei de qualquer outra pessoa antes — incluindo minha esposa — mas os impulsos primitivos de acabar com ela, às vezes, borbulham sob a superfície. Não posso apreciá-la sem pensar em como seria sua morte em minhas mãos. Bom, provavelmente. Tão bom. Mas o resultado, depois que a euforia passasse, iria me quebrar. O ato seria auto-sabotagem do mais alto nível.

Um silêncio pesado se abate sobre nós quando paramos no

estacionamento de um motel. Não há hotéis onde estamos, mas acho que Leana não se importa, desde que haja uma cama. Eu gostaria de poder garantir que seria limpo, mas estamos no meio do nada e não tenho grandes esperanças.

Jogo minha jaqueta para Leana para que ela possa esconder a camisa manchada de sangue antes de irmos para a recepção. Uma jovem é a chefe desta merda de propriedade familiar e dificilmente parece ter idade suficiente para dirigir, muito menos para administrar um negócio.

— Dois quartos, por favor — eu digo.

Ela balança a cabeça, entrega duas chaves e nos faz assinar um papel enquanto ela marca dois quartos com um marcador branco. Que método arcaico. É discreto, porém, e eu gosto disso. Eu pago e ela coloca o dinheiro em uma caixa embaixo da mesa.

— Obrigado — digo a ela antes de seguirmos pelo corredor.

Sáímos e caminhamos em direção aos nossos quartos. Fita adesiva e papelão cobrem a janela danificando uma das salas ao longo do caminho. A ferrugem corroeu a cobertura metálica da passarela, dando-nos um vislumbre do céu noturno através dos muitos buracos. O cheiro de mijo domina meu nariz quando passamos pelas máquinas de venda automática, e faço uma nota mental para ignorar meu estômago roncando. O lugar é um lixo absoluto, mas o que você pode esperar por cinquenta dólares por noite?

Jogo a chave para Karson e nos separamos na escada de metal. O quarto dele fica no andar de cima, e só posso torcer para que o chão não desmorone e jogue a cama dele em cima de nós enquanto dormimos.

Leana e eu entramos em nosso quarto ao som do guincho agudo de dobradiças envelhecidas que nunca viram WD-40 em todos os anos de sua existência. Quando eu aciono o interruptor de luz, as lâmpadas emitem um estroboscópio vibrante antes de permanecerem acesas com um zumbido desagradável.

Ela tira minha jaqueta de couro e a entrega para mim, com os lábios apertados. Estendo a mão para ela, mas ela se afasta do meu braço.

— Ainda estou processando o que aconteceu antes. — diz ela — Eu entendo que você e Karson fizeram o que era necessário para me manter segura, mas ainda assim foi... bastante. Eu não esperava que você gostasse tanto de me sufocar — Seu olhar cai na virilha da minha calça jeans antes de se afastar novamente.

— Eu sou um assassino. Gosto de ter a vida nas mãos antes de vê-la desmoronar diante dos meus olhos.

Seus olhos sobem até os meus e queimam através de mim.

— Você fantasia em me matar? É isso que você está dizendo? Devo me preocupar?

Eu rio.

— Além do meu irmão, não costumo manter por perto coisas que quero matar. Ele gosta de brincar com suas presas, mas esse não é meu *Modus Operandi*.

Seu peito e queixo sobem em uníssono, e sua pequena demonstração de coragem é adorável.

— E se eu não quiser ser mantida? E se eu quiser ir embora?

Eu entro nela, forçando-a contra a parede enquanto me inclino para ela.

— Você é minha, andarilha.

— Você não pode fazer alguém ficar com você.

Minha mão se levanta e enrola mechas de seu cabelo loiro entre meus dedos.

— Eu posso quando *alguém* viu o que você fez. Não há como voltar depois do que você testemunhou.

— Então estou presa?

— Há pessoas piores com quem ficar presa.

— Pior do que dois malditos assassinos contratados? E acho que é mais do que isso. Hitmen não ficam excitados com golpes. Matando. Vocês dois estão doentes.

Eu vi a falta de choque em seu rosto quando ela encontrou Karson com uma cabeça quase decepada na mão. Podemos estar doentes, mas ela mesma tem um pequeno toque da doença.

— Nós somos doentes. Muito doentes. Somos homens horríveis e vis que não vão parar até conseguir o que queremos. E andarilha? Você é o que eu quero.

— Bem, eu não quero você! — Ela desvia o olhar, sua linguagem corporal traindo a mentira que ela conta.

— Você já fantasiou em matar alguém?

— O que? Não! — Ela tenta encontrar meu olhar, mas desvia o olhar novamente. Outra mentira.

— Conte-me sua fantasia. Quem você pensou em matar e como você queria fazer isso?

— Não quero jogar esse jogo — diz ela. Ela tenta passar por mim, mas eu me aproximo e a seguro no lugar.

— Que parte do “eu não quero você”, você não entendeu?

Coloquei meu joelho entre suas pernas e as afastei. Minha mão deixa seu cabelo e desce pela frente de sua calça jeans. Ela se esforça contra meu aperto, suas mãos envolvendo meu pulso para impedir minha descida, mas já posso sentir o que suspeitava. Ela está molhada. Encharcada.

— Sim, você não me quer de jeito nenhum — Empurro meus dedos dentro dela — Você não gosta que eu possa te matar, mas você *adora* que eu seja obcecado demais por você para fazer isso. — Ajoelho-me diante dela, tirando suas calças comigo — Fica excitada em saber que você tornou um assassino grande e egoísta fraco o suficiente para cair de joelhos. Mesmo que eu goste de sangue, você quer minha

língua na sua boceta.

Ela balança a cabeça, mas aproxima a pélvis do meu rosto. Eu a ajudo a tirar a calça jeans, jogando-a de lado. Normalmente não desprezo as mulheres e não posso dizer que alguma vez quis estar nesta posição inferior, mas ela está lutando comigo por isso. Ao aceitar, ainda sou superior. No controle. No momento em que eu colocar minha língua nessa garota, ela se fundirá em mim e se tornará um gosto pelo qual eu mataria.

Eu sopro uma respiração quente em sua fenda e deslizo minha língua através dela. Ela estremece, caindo para frente para agarrar meus ombros em busca de apoio. Ela enrola os quadris para me dar mais acesso à sua linda boceta, me mostrando o quanto ela quer que minha boca a devore.

Mas eu quero ouvi-la dizer isso.

— Diga-me que você quer gozar na cara de um assassino — eu digo.

Ela fecha os olhos e encosta a cabeça na parede. Eu amo sua luta interna. Eu posso sentir isso. A sua boceta quer uma coisa, mas a sua mente diz-lhe que é errado. Ela deveria ouvir sua mente, mas se quiser se sentir bem, ela abrirá um pouco mais as pernas e me deixará devorá-la até que ela goze na minha cara.

Coloquei a minha mão no seu clitóris, e o seu pulso excitado palpita contra o meu toque. A contração do desejo.

Seus ombros caem.

— Eu quero gozar na sua cara.

Eu sorrio.

— Não é isso que eu quero ouvir — Eu puxo minha mão e sopro outra respiração quente em seu clitóris inchado — Diga-me.

— Eu quero gozar... no rosto de um assassino. — A vergonha escorre de suas palavras e eu a engulo.

Com um aperto áspero na parte interna de suas coxas, eu afasto seus lábios. Seu corpo treme de antecipação e mal a toquei. Mal posso esperar mais um momento para sentir a explosão de prazer contra a minha boca quando finalmente a lambo, por isso mergulho a minha língua dentro da sua boceta e coloco a minha boca à volta do seu clitóris. Eu lambo a parte mais sensível dela com chicotadas rápidas que transformam seus tremores em arrepios.

— Porra — ela geme, enquanto suas mãos agarram meu cabelo.

Eu a lambo com mais força, mais rápido, comendo-a até que suas coxas se apertem, e ela acaba montando em meu rosto.

— Você é... porra... mal! — Ela ofega cada palavra com cada movimento de seus quadris para frente.

Eu me afasto, provocando um grunhido frustrado nela.

— E ainda assim você cavalga meu rosto como se eu fosse de um santo.

Eu me enterro em sua boceta mais uma vez e a lambo até que seu clitóris se contraia com uma pulsação forte contra minha língua. Com uma lambida longa e completa, reúno cada grama de umidade que tirei dela. Eu me levanto, olho para essa garota vulnerável e saciada e passo meu polegar por seu lábio inferior.

— Abra a boca, andarilha. Eu quero que você prove a si mesma. Quero que você engula o que fiz com você.

Ela abre os lábios como se esperasse que meus dedos escorregassem dentro de sua boca, mas eu inclino seu queixo, enrolo minha saliva e ela goza, e pinga em sua boca esperante.

Espero que ela cuspa, mas ela não o faz.

— Boa menina. Agora engula.

Sua garganta balança enquanto ela toma cada gota. Quando sua língua se move para pegar o pedaço que escorregou em seu lábio, quase quero cair de joelhos e adorar sua boceta novamente.

Mas não vou. Não essa noite.

— Vá se limpar e vamos dormir um pouco — eu digo — Temos muito que dirigir amanhã.

Enquanto ela toma banho, deitado na cama e tento pensar em qualquer coisa além do risco crescente que corremos ao mantê-la conosco. Mas não posso deixá-la ir. Enquanto Karson mantiver a boca fechada - e enquanto nosso pobre filme de rapé funcionar - só posso esperar que George não seja mais um problema para ela.

Quando ela sobe na cama depois do banho, ela não coloca nenhum espaço entre nós. Ela se aconchega em mim, joga a perna sobre minha coxa e pressiona sua boceta contra minha perna. Minha posição favorita para dormir. Ouço cada respiração diminuir para uma cadência sonolenta e, quando tenho certeza de que ela está dormindo, apago a lâmpada ao lado da cama.

— Eu fantasio em matar o homem que me agrediu sexualmente durante toda a minha infância — ela sussurra, e sua voz quase me faz pular.

O que ela diz me enfurece. Não há muitos limites que um homem como eu não ultrapasse, mas ninguém deveria mexer com uma criança. Saber que ela foi agredida por alguém doente o suficiente para cruzar essa fronteira... Não há palavras para descrever a raiva que sinto.

— Quem? — Eu pergunto.

Ela não fala por um longo tempo, mas quando finalmente o faz, sua voz é quase um gemido.

— Meu padrasto.

Ela não me deu um nome, mas eventualmente vou arrancar isso dela. E quando o fizer, tornaremos a fantasia dela uma realidade.

Capítulo Dezoito

Leana

Mal saímos do estacionamento do motel quando o telefone de Gentry toca. Estou começando a temer esse toque genérico. Por que tenho a sensação de que nunca chegaremos à Califórnia? Pelo que pude perceber pela ligação, eles acabaram de receber outro emprego. Não ouço nenhuma menção ao vídeo da minha morte, o que pode ser uma coisa boa.

Ou uma coisa muito ruim.

Eu não posso pensar nisso. O que quer que aconteça está fora do meu alcance.

Karson dirige o dia todo, e meu estômago fica uma bagunça quando chega a hora do jantar. Temos vivido principalmente com comida de loja de conveniência desde que nossa jornada começou, e eu realmente poderia comer um hambúrguer agora mesmo.

— Alguma chance de podermos comer fast food desta vez? — Eu pergunto.

Gentry olha a hora no relógio.

— Sim, contanto que comamos no carro. Onde você quer ir?

Encolho os ombros.

— Isso não importa para mim.

— Não é assim que funciona — diz Karson. Ele se vira para Gentry — Por que as garotas sempre fazem essa merda? Dizem que não importa, mas no momento em que você nomeia um lugar, eles não estão com disposição para isso. Eu não estou jogando este jogo.

Gentry se vira em sua cadeira e olha para mim.

— Nomeie o local.

— Isso realmente não importa — eu digo — Qualquer coisa será melhor do que um cachorro-quente crocante do posto de gasolina.

Com um suspiro, Gentry olha para a interestadual. Chegamos perto de uma placa com nomes de lanchonetes, e ele avalia enquanto passamos.

— Saia nesta saída — ele diz a Karson — Vamos pegar algo do Taco Bell.

— Meu estômago vai ficar embrulhado por dias — digo.

A cabeça de Karson vira em direção a Gentry.

— Viu? Eu te disse, porra! — Ele olha pelo espelho retrovisor e encontra meu olhar — Escolha o que quiser ou passe fome, ladra. Sua escolha.

— Tudo bem — murmuro — Basta escolher uma lanchonete.

Gentry se vira para Karson com um sorriso maroto.

— Pronto, problema resolvido. Vamos pegar o Wendy's.

— Não gosto das batatas fritas deles — digo, e me arrependo de ter pedido comida neste momento, porque Karson parece que vai explodir com a cabeça. A saída está se aproximando rapidamente e Karson não dá nenhuma indicação de que planeja sair. Arcos dourados brilham à distância.

— McDonald's! — Eu grito antes que seja tarde demais.

Ele liga a seta e tira o SUV da interestadual — Isso foi tão difícil?

Pedimos nossa comida e continuamos por estradas secundárias por alguns quilômetros. Já terminei minhas batatas fritas quando Karson entra na floresta, perto do início de uma garagem. Ele olha para mim, seus olhos escuros ameaçadores.

— Aprendemos a lição da última vez?

— Que lição? — Pergunto com a boca cheia de hambúrguer.

— Não se faça de boba. Temos algo para cuidar dentro daquela casa. Você vai esperar exatamente onde está.

Enfio outro pedaço de hambúrguer na boca e lanço-lhe um aceno casual.

— Hum.

— Por que eu não acredito em você? — Karson pergunta enquanto enfia um silenciador em sua pistola.

— Se ela sabe o que é bom para ela, ela ficará onde está — diz Gentry.

— Se ela soubesse o que era bom para ela, ela não teria parado para nós, em primeiro lugar.

Eu zombo, sento e cruzo os braços sobre o peito.

Eles entram e eu tento ficar parada. Eu realmente tento. Mas logo minha perna está tremendo e me pergunto por que diabos está demorando tanto. E se algo acontece com eles? E se a vítima virar a mesa e agora eles estejam em apuros?

Eu balanço minha cabeça. Que porra eu faria se eles precisarem de ajuda? Se for algo que dois psicopatas grandes não conseguem lidar, eu estaria em um riacho de merda sem remo e teria um buraco no meu barco.

No final, minha curiosidade leva a melhor sobre mim. Mesmo que não possa ajudá-los, posso pelo menos descobrir o que devo fazer se eles estiverem mortos. Saio do SUV, atravesso o gramado da frente e subo os degraus de mármore. Meus olhos se elevam pelos arcos dramáticos da casa vitoriana e fico intimidada pela idade e graça do edifício.

Dou a volta na casa e alcanço a porta dos fundos, mas me seguro. Se eles estão fazendo o que eu acho que estão fazendo, não quero minhas impressões digitais na cena do crime. Puxo a manga sobre a mão antes de abri-la. Ela se abre com um rangido estranho, que é o que

eu esperaria de uma porta de dezoito centenas. Mas anuncia minha presença muito mais do que eu gostaria. Amaldiçoando baixinho, olho em volta, mas não vejo nem ouço nada.

E se todos estiverem mortos?

E se eles me abandonarem?

Esse último seria realmente tão ruim?

Viro à esquerda, tomando cuidado para não tocar em nada ao passar por vasos delicados e bustos intrincados em cima de pedestais. Essas bugangas provavelmente valem mais que minha vida.

Meus olhos se arregalam assim que cruzo a soleira da cozinha. Deitado no topo da ilha está um homem mais velho e careca, com as mãos algemadas seguradas sobre a cabeça por Karson. A fita adesiva isola cada grito que ele dá. Quando seus olhos arregalados e doloridos se voltam para mim, uma expressão de alívio passa por suas feições. Ele fala por baixo da fita, implorando para que eu o ajude, antes de seus olhos correrem para o teto e suas narinas dilatarem. Minha visão se volta para a lâmina movendo-se sobre seu abdômen... às mãos grandes que seguram a faca que está entalhando algo na carne do homem.

— Maldição, andarilha — Gentry rosna. Antes que seu rosto se contorcesse de raiva, vi alegria em sua expressão. Isso me lembrou de Karson. Essa divisão entre eles diminuiu, tornando-se uma linha confusa em minha mente.

— Não pare — Karson diz para Gentry — Ela precisa ver quem você é *de verdade* antes de abrir as coxas novamente.

A boca de Gentry abre e fecha, mas ele balança a cabeça e volta à sua tarefa. A curiosidade enojada me faz dar um passo mais perto. Ele não está apenas cortando a barriga do homem. Ele está gravando palavras em sua pele.

Quanto mais jovens eles são, m..

Ele começa a cortar o homem novamente.

Melhores.

Gentry olha para mim enquanto puxa para baixo a calça de moletom do homem, expondo um pau fino e mole. Um grito abafado empurra a fita adesiva e quase posso ouvir as palavras.

Não, por favor.

— Nosso amigo aqui é um pedófilo — diz Gentry enquanto agarra o pau do homem com a mão enluvada.

— E um idiota — acrescenta Karson — Ele parou de pagar ao homem que guardava todos os seus segredinhos sujos.

— Nós nos esforçamos ainda mais com os filhos da puta que machucam crianças — diz Gentry enquanto corta as bolas do homem. O saco atinge o chão com um estalo, seguido por um jorro de sangue.

Os gritos do homem começam a diminuir e sua cabeça cai pesadamente sobre a mesa enquanto ele desmaia de dor.

Quase posso sentir o gosto do sangue na minha língua e luto contra uma mordaca. Não estou enojada com o que vejo. Estou enojada pelo fato de não estar aterrorizado com o que acabei de testemunhar. Estou enojada por estar feliz que o doente esteja recebendo exatamente o que merece.

— Não fique aí parada, boquiaberta, ladra — diz Karson com uma expressão selvagem nos olhos — Esta é a parte onde você deveria correr. Então corra.

— Não, Karson! Não! Droga! — Gentry grita.

Corro para fora da porta, engasgando com a adrenalina enquanto corro em direção à floresta. Meu corpo se lembra dessa perseguição antes mesmo de ouvir os passos de Karson atrás de mim. Uma explosão de medo percorre meu corpo. Uma energia nervosa é soprada em meus pulmões. A antecipação aperta minha garganta, cortando minha respiração.

— Você sabe que gosto da perseguição! — Karson grita atrás de mim — Quanto mais você me faz trabalhar para te pegar, mais vou

descontar na sua boceta.

Suas palavras fazem meu coração bater forte contra meu esterno. Coloquei a mão no peito e juro que posso senti-lo saindo da pele a cada batida. Estou com medo do que acontecerá quando Karson me pegar.

Mas eu meio que quero ser pega.

Capítulo Dezenove

Karson

Eu sigo o cheiro dela através das árvores, e é forte o suficiente para superar o cheiro da boceta da Mãe Natureza. Perseguir é divertido para mim, especialmente no momento final em que os pego – o momento em que são presos em minhas mãos e vacilam como um animal cuja perna acabou de ser quebrada em uma armadilha. A melhor parte? Aquela fração de segundo em que sinto a esperança se dissipar em seu peito ao perceberem que foram pegos. Aquele último suspiro de liberdade que eles exalam.

É eufórico pra caralho.

Quando eu era mais jovem, criei o hábito de deixar minha presa escapar. Eles reuniam pedaços de esperança enquanto corriam, cada passo os impulsionando em direção à liberdade percebida. Ficava muito mais doce quando os pegava pela segunda vez.

Não terei tempo para pegar e soltar hoje, mas terei mais tempo para jogar do que depois do nosso último jogo de perseguição. Gentry tem que terminar o trabalho antes que possa me alcançar e me impedir.

Enquanto a pequena ladra foge de mim, seus sapatos levantam terra. Já jogamos esse jogo e ela acabou de joelhos em vez de na porra de uma cova, então por que ela está fugindo como se sua vida dependesse disso? Ela não teria que correr se tivesse ficado na porra do carro.

A menina não escuta.

— Foda-se — ela grita de volta — Volte para o seu irmão.

— Aqui está minha proposta, ladra — digo, tentando recuperar o fôlego entre as palavras. Não consigo correr como antes — Se você parar aqui, agora, eu vou foder sua boceta. Para cada três metros adicionais, é outro buraco que farei. Você tem trinta pés e três buracos. Se você for além disso, vou enfiar esta faca em você e foder cada novo buraco que eu fizer.

Ela para e a decepção sufoca minha excitação.

— Apenas um buraco? Sério? Eu esperava mais de você — Eu a alcanço e a jogo no chão, montando em sua cintura enquanto suas costas batem na grama e uma respiração dolorosa escapa de seus lábios.

— Karson, não — ela grita, suas mãos alcançando punhados de nada acima de sua cabeça.

— Eu poderia aguentar mais, mas que tipo de homem eu seria se voltasse atrás na minha palavra? — Eu digo contra sua pele coberta de suor.

— Você é um maldito psicopata! — Sua perna se solta e ela acerta meu joelho com o joelho.

Eu gostaria que isso atenuasse a dor que sinto por ela, mas a dor aguda que atinge meu estômago só alimenta minha fome.

— Você não está certo da cabeça, Karson.

— Nenhum de nós está certo da cabeça. Por que deixar um entrar de boa vontade e lutar contra o outro?

Suas bochechas incham enquanto ela luta para se libertar.

— Porque você é um idiota!

Sento-me e olho para ela, e ela para de se contorcer. Adoro a luta dela, mas adoro quando ela para e cede mais a mim. Gosto de ver o desespero vaziar dela. Há tanta beleza em sua derrota.

— Você vai tirar a calça jeans, pequena ladra?

— Provavelmente não.

Pego minha faca e giro-a na mão.

— Justo — Desabotoo sua calça jeans e abro o zíper até conseguir alcançar minha faca e cortar a virilha. Isso é tudo que vou precisar, de qualquer maneira.

— Não não! Espere — ela diz, suas mãos segurando meu pulso — Vou tirá-la!

Ela se preocupa mais com os danos em seu único jeans do que com eu esticando-a em volta do meu pau. Hilário.

— Vai, garota! — Digo a ela enquanto ajusto meu peso e sento sobre seu abdômen.

— Idiota — ela murmura.

Pego um cigarro e acendo enquanto espero ela terminar de se despir. Ela aperta a mandíbula, os lábios apertados. Tenho certeza de que é angustiante saber o que está por vir enquanto dedico meu tempo para chegar lá. Quer ela queira ou não, é uma agonia de qualquer maneira.

Suas mãos descem pela calça jeans e ela sai dela como um peixe se debatendo quando tira os sapatos. Coloco o cigarro entre os lábios e tiro o cinto. Quando tiro o meu pau da boxer e coloco-o entre os seus seios empinados, os seus olhos arregalam-se. Seus olhos sempre se arregalam quando olham bem para meu pau. Estou com piercing. Duas vezes, para ser exato, com uma bela bola nos quatro lados da cabeça. Uma cruz mágica.

— Que porra é essa? — Ela grita, se esforçando embaixo de mim.

Pressiono a ponta acesa do cigarro contra o pulso até apagá-lo e depois coloco-o atrás da orelha — Pare de ser um bebê. Você já me teve dentro de você. Você já sentiu isso antes.

— Assim não! É diferente agora que os vi.

Prendendo seus braços ao lado do corpo, eu me ajusto até colocar minhas pernas entre as dela.

— Então você não precisa vê-los. Farei um pequeno truque de mágica divertido e os farei desaparecer. Agora você vê isso... — Eu sorrio e jogo suas coxas sobre as minhas enquanto a puxo para mim — Agora você não vê.

Eu empurro dentro dela sem inibição e rosno enquanto afundo nas profundezas dela. A sua boca abre-se enquanto as bolas prateadas arranham a sua coxa apertada. Não há como escapar da sensação, e ela poderia aproveitar se simplesmente relaxasse.

Quando empurro nela novamente, a força envia um gemido para fora de sua garganta. Ela está me apertando, e me lembro novamente por que meu irmão é tão obcecado. Ter alguém como ela se entregando tão voluntariamente a ele deve ser bom. Ela me odeia profundamente, mas o ódio esfria quando estou enterrado dentro dela. Puxo meus quadris para trás, para que meus piercings provoquem a parte mais sensível dela, a bola no topo esfregando seu clitóris exposto. Suas costas se arqueiam no chão, mas ela contém o gemido.

— Não há problema em aproveitar — Eu me inclino para ela e me enterro dentro dela mais uma vez.

— Que merda — ela diz.

Eu enrolo sua camisa em meu punho e a uso como alavanca enquanto me sento e a fodo com mais força. Seus seios balançam sob a bainha levantada a cada impulso, e fico hipnotizado pelo corte acima do seio esquerdo. A única coisa que chama minha atenção é uma bolha de sangue que incha em seu lábio inferior, porque ela o mordeu com força suficiente para romper a pele. Tudo isso para conter os sons de prazer. Tão desafiador.

— Dê-me sua boca.

— Não — ela diz. Ela estende a mão para limpar o sangue, mas eu agarro seu pulso e o prendo no chão.

— Então eu aceito. — Eu me inclino sobre ela, abro a boca e absorvo a gota vermelha com a língua. O doce sabor metálico banha meu cérebro em êxtase.

Mas não é suficiente.

Pego a faca do cinto e faço uma linha rasa ao longo de sua clavícula. O sangue jorra no canal e acende um fusível dentro de mim. Ignorando seu protesto sutil, coloco minha boca em sua pele de porcelana e sugo sua força vital para dentro de mim. Uma linha de sangue escorre em direção ao colarinho da camisa, mas eu paro com a língua. Eu agarro seu cabelo e jogo sua cabeça para trás até que sua boca se separa devido à tensão em seu pescoço.

— Prove o que eu gosto. — Eu digo.

Antes que ela possa registrar o que está acontecendo, cuspo em seus lábios entreabertos. Atinge sua boca e parte escorre para o lado. Eu me inclino e lambo os restos com um gemido profundo, roçando seu lábio inferior antes de me inclinar e beijá-la o mais forte que posso. Nunca beijei ninguém assim, e a maneira como nossas respirações se tornam uma só me deixa tonto.

Muito estranho.

Arranco minha boca na dela e enterro tudo o que acabei de sentir dentro de sua boceta. Abro meus joelhos, agarro-a pela nuca e bato nela com estocadas profundas e rápidas que finalmente a forçam a gemer.

— Admita que você gosta quando eu te fodo. Como eu te levo. Uso você. Admita que sua doce boceta está me apertando.

— Não — ela diz — Te odeio.

— Tudo bem, vou fazer você me amar — Eu saio dela, mas continuo segurando seu pescoço enquanto coloco minha outra mão entre suas pernas. Empurrando três dedos dentro dela, eu a fodo com mais força do que posso com meu pau. Enquanto puxo seu abdômen curvado para dentro de mim, colocando toda a pressão que preciso em sua barriga, ela jorra em meus dedos e satura a grama. Um gemido selvagem sai de suas entranhas e eu mordo meu lábio.

Assim que ela respira, eu bato em sua boceta com uma barragem implacável que a deixa choramingando e gemendo. O tom pecaminoso

faz meu pau se contorcer contra sua coxa. Ela esguicha novamente, cobrindo a frente da minha calça jeans. Assim que o gozo dela respingar no tecido, sei que Gentry ficará chateado.

— Jesus — ela choraminga enquanto retiro minha mão dela. Isso me deixa um pouco orgulhoso de que sua bunda frígida tenha aquecido com a minha mão dentro dela.

— Se você estava com medo dos meus piercings em sua boceta, espere até senti-los em sua garganta — eu digo enquanto me levanto e a puxo de joelhos.

— Achei que você tivesse dito um buraco — ela ofega.

— Eu sou um mentiroso.

Ela se acomoda pesadamente na minha frente, como se não quisesse estar ali. O que está tudo bem. Não preciso que ela fique entusiasmada.

— Faça o sinal da cruz — eu digo — mas com a língua.

— Eu não sou...

Agarro a parte de trás da sua cabeça e levo a sua boca até à cabeça do meu pau — Agora — eu ordeno.

Ela olha para mim antes de tocar a bola de cima com a ponta da língua — Em nome do Pai — Ela vai para a parte de baixo do meu pau — E do Filho — Sua língua se move da bola esquerda para a direita — E do Espírito Santo.

Enfio meu pau em sua boca e termino a oração — Malditos homens.

Eu continuo segurando seu queixo enquanto empurro o fundo de sua garganta. As bolas de metal batem em seus dentes, mas sei que devo tomar cuidado. Eu não sou idiota. Se eu quebrar o brinquedo do Gentry, ele vai me quebrar.

— Eu vou gozar — rosno, sentindo o aperto repentino em minhas bolas — Quando eu encher sua boca, não engula, porra — Eu puxo

meus quadris um pouco para trás, querendo que meu gozo se acumule em torno de sua língua em vez de escorregar por sua garganta. Com um gemido selvagem que não reconheço, descarrego dentro de sua boca antes de sair — Agora me mostre o que eu te dei.

Ela se senta sobre os calcanhares e lentamente separa os lábios. Sua garganta aperta. É melhor ela não vomitar tão perto da cena do crime.

— Língua para fora.

Ela mostra a língua, mas seu peito se inclina para frente com outro movimento violento.

— Tudo bem, venha me dar o que você não quer.

Ela tenta me perguntar o que quero dizer, mas isso envia uma gota de gozo em seus lábios. Eu a puxo para ficar de pé e enxugo, levando até sua testa e ungindo-a com uma cruz. Suas narinas se dilatam.

— Desculpe, estou me empolgando. Gentry e eu crescemos católicos. Você sabe, muito religioso é uma merda, mas começamos a matar regularmente. Então a hipocrisia de se ajoelhar diante de Deus tornou-se cômica — Ajoelho-me diante dela e abro a boca — Cuspa de volta na minha boca.

Ela *felizmente* faz o que eu peço. É tão agressivo. Tão gostoso.

— Mostre-me — ela diz, e porra, isso quase endurece meu pau novamente.

Estico a língua, balançando-a sem nenhum sinal de protesto das papilas gustativas, depois engulo. Deus, estou começando a gostar dela, e odeio isso para mim.

Minha pequena ladra. Sua andarilha.

Quem quer que ela seja, ela está me irritando.

Capítulo Vinte

Gentry

Por que essa garota não pode fazer o que mandam? Não pedi nada além de que ela ficasse onde estava. Uma terceira pessoa significa mais risco. Com seu cabelo comprido, seria muito fácil deixar o DNA para trás, e ela nem tem luvas, pelo amor de Deus. Eu também não queria que ela visse quem eu sou. O que eu faço. Ela já sabia o suficiente, mas não sabia tudo. Agora? Agora ela sabe que sou tão louco quanto meu irmão.

Depois de acabar com a criança predadora e encontrar um belo estoque de dinheiro em sua gaveta de meias, saio pela porta dos fundos da casa e escuto Leana e Karson. Eu saio do jeito que eles correram. Eu odeio não ter podido ir atrás deles antes – especialmente quando sei o que Karson provavelmente está fazendo com ela agora – mas eu estava um pouco ocupado naquele momento.

Quando chegar até eles, espero vê-la presa embaixo dele como da última vez. Em vez disso, ela está ali, nua da cintura para baixo. Karson está ajoelhado no chão na frente dela, com a cabeça inclinada para trás e a boca aberta. E ela está... cuspiando na boca dele?

Jesus, porra.

— O que diabos aconteceu? — Eu pergunto.

Karson se levanta e guarda seu pau.

— Nós brincamos, só isso — diz ele. A maneira casual como ele fala é como pregos em um maldito quadro-negro.

— Ela consentiu com isso?

Karson afivela o cinto.

— Sim.

Vou até o lado de Leana e verifico se há marcas em seu corpo. Não vendo nada, eu a puxo para mim e a beijo, grato por ela estar bem. A mordida salgada de suas lágrimas queima minha língua. Ela pega as calças quando me afasto, mas não quero que ele goze dentro dela.

— Agache-se e empurre-o para fora antes de se vestir.

Seus olhos vão para Karson e a compreensão me atinge.

— Ela não pegou com a boceta — diz Karson rindo.

Eu me afasto dela, saboreando o sal de seu gozo.

— E não são as malditas lágrimas dela — em meus lábios. Legal. Isso é o que eu queria experimentar hoje. Eu avalio seu rosto novamente e vejo uma gota de esperma em sua testa. Puxo a manga sobre a mão e a enxugo.

— Espere... — Paro, desviado pela imagem dele de joelhos na frente dela — Você fez ela cuspir sua merda de volta na sua boca? Era isso que você estava fazendo quando cheguei?

Karson sorri.

— Não aja como se você nunca tivesse feito isso.

— Posso dizer com toda a certeza que não.

— Você beija mulheres depois que elas chupam seu pau, não?

Eu zombei.

— Não é o mesmo.

— Não me envergonhe, Gentry. Não sou eu quem se diverte lavando o cabelo. Isso é muito estranho.

Esse filho da puta. Claramente minha ex-mulher falava muito. Sim, sou um tripolagníaco. Para mim, o salão de cabeleireiro sempre foi o equivalente a ir a uma casa de massagens para esfregar e puxar. Depois de vestir as calças no meio de uma lavagem quando era mais

jovem, comecei a cortar meu próprio cabelo.

— Precisa que eu lave a sujeira do seu cabelo quando voltarmos para o hotel? — Leana pergunta com uma risadinha — Se você passar na loja e comprar os insumos, posso até fazer um tratamento condicionante. Tão gostoso.

Eu *não* preciso dessa merda de julgamento.

— Vejo você no carro — eu digo, me afastando deles e indo em direção ao SUV. Fodam-se esses dois. Se eles querem sentar aí e rir de problemas, por favor, enlouqueçam. Pelo menos eu não bebo minha própria porra como se fosse aperitivo.

Abro o banco do motorista, sento e espero com a porta aberta. Meus dedos batem no volante. Eles finalmente emergem da floresta e Leana sobe no banco de trás.

— Gentry — ela começa.

— Podemos simplesmente não conversar? — Eu estalo. Eu lidarei com eles quando não estiver tão chateado. Quando estiver menos irritado. Quando não quiser tocar o pescoço dos dois, porque posso fazer exatamente isso se eles continuarem.

Karson pula no banco do passageiro e coloca o pé no painel.

— Desculpe por ter exposto seu defeito. Se isso faz você se sentir melhor, quase gozei quando a pequena ladra se fingiu de morta. Esse defeito é muito pior do que uma pequena espuma.

Jesus Cristo. O que nossa mãe tomou quando estava grávida de nós? Justamente quando penso que não podemos piorar, agora um de nós é pseudo-necrófilo?

— Com licença? — Leana diz.

Karson se vira para ela.

— Quando eu vi você se fingindo de morta, meu pau ficou duro. Não acho que posso dividir isso em termos mais simples.

— Pelo amor de Deus — ela diz enquanto se recosta com os

braços cruzados. Não posso deixar de sorrir com a reação dela, principalmente, porque não é uma reação suficiente quando Karson acaba de admitir que quer foder o cadáver dela.

Eu amo isso nela.

— Vamos dirigir e parar de falar sobre isso. Temos uma longa viagem até a Califórnia e estou pronto para acabar com essa merda — Fecho a porta e eles fazem o mesmo.

À medida que continuamos em nossa jornada de destruição, olho para Leana pelo espelho retrovisor. Por não ser uma Kursicki de nascimento, ela é fodida o suficiente para ser uma de nós. Em vez de chutar, e gritar, e tentar escapar, ela apenas se resignou ao destino de um serial killer que quer criá-la e outro que quer foder seu cadáver.

Que trio.

O sol se põe à medida que nos aproximamos do nosso destino final, mas temos que continuar. Karson já está cochilando no banco do passageiro e as pálpebras de Leana pesam sobre seus olhos azuis. Estamos demorando muito para chegar aonde queremos, então pretendo continuar dirigindo e deixá-los dormir. Eu gostaria de tirar minhas roupas ensanguentadas, e a última camisa de Leana já viu dias melhores. Teremos que fazer um pit stop.

Entro em um shopping e acordo Karson.

— Preciso que vocês dois comprem algumas roupas para nós — Viro-me para Leana e coloco um maço de dinheiro em sua mão — Preciso de uma camisa e um jeans. Não deixe *que* ele escolha nada para mim — Eu olho para Karson.

A última vez que o deixei comprar uma roupa para mim, tive que cometer um duplo homicídio com a palavra — *vagitariana*— na frente da minha camisa. Não creio que ele encontre algo assim nesta pequena faixa de lojas outlet, mas me recuso a arriscar.

Enquanto eles entram, fico sentado e contemplando minhas escolhas de vida. O que faremos com Leana quando terminarmos esta viagem? Ela é uma responsabilidade muito grande para ser liberada,

mas não posso matá-la. Não posso. Eu também não entendi totalmente essa coisa de compartilhar. Pelo menos eu sei disso e Karson não está fazendo isso pelas minhas costas.

Depois de um tempo, as portas se abrem e a luz do teto ilumina o sorriso radiante de Karson. Ele segura uma camisa na mão enquanto se senta. Aqui vamos nós, porra. Eu olho para Leana, e ela dá de ombros, cheia de pesar. Karson abre a camisa cinza e ri. Está escrito — Cereal Killer— bem na frente. Uma caveira divertida sorri abaixo das letras, completa com colheres cruzadas em vez de ossos cruzados.

Eu faço uma careta.

— Oh, vamos lá. É insignificante — Ele olha para a camisa com orgulho. Poderia ser pior, eu acho. Forros de prata e merda.

Olho para o banco de trás e encaro Leana com um olhar suplicante.

— Por favor, me diga que você também tem algo que eu possa usar.

— Claro — Leana acena com a cabeça e sacode uma sacola ao lado dela — Mas se você não fizer nosso próximo trabalho com uma camisa matadora de cereais, o que vamos fazer?

Meus olhos se estreitam sobre ela.

— Não é o nosso trabalho. É *o* nosso trabalho — Faço um gesto entre mim e Karson.

Ela aperta os lábios.

— Você sabe o que eu quero dizer.

Não, não sei o que ela quer dizer. Ela não pode fazer parte disso. Ela não consegue nem seguir instruções simples quando eu digo para ela ficar na porra do carro.

— Dê-me a maldita camisa — eu digo.

Karson me entrega a monstruosidade, e eu arranco a camisa manchada de sangue e a enfio embaixo do assento. Vou descartá-la

quando voltarmos à estrada.

— Te odeio. Você sabe disso, certo?

— Fofo — ele diz, e eu luto contra a vontade de estrangulá-lo.

Nós nos revezamos na direção pelas próximas vinte e nove horas, dormindo em turnos enquanto viajamos pela estrada. Quando finalmente chegarmos a Nevada, é hora de fazer uma pausa.

Acabei encontrando um hotel adequado. É muito melhor do que qualquer outro lugar onde ficamos antes, e estou mais do que pronto para rastejar sob alguns lençóis limpos e dormir um pouco quando entrarmos no lobby.

Um homenzinho persuasivo com óculos de armação grossa está sentado atrás da mesa do saguão. Quando ele nos vê e oferece um sorriso plástico, fantasio em enfiar seus dentes grandes na garganta e vê-lo engasgar com eles. Minha raiva só se intensifica quando peço dois quartos.

— Desculpe, senhor, mas estamos quase cheios esta noite. Há uma grande sessão de autógrafos na cidade e só nos resta um quarto.

Eu gemo.

— Um quarto com duas camas, certo?

— Não, apenas uma. Mas é uma king!

Como se isso tornasse tudo melhor.

Viro-me para Karson e Leana.

— O próximo hotel.

O homenzinho levanta o dedo — Você não encontrará um hotel com vagas até a próxima cidade, e isso fica a pelo menos uma hora de distância. Este grupo de autores é muito popular.

Eu olho para o homem. Estamos todos cansados demais para dirigir e não correrei o risco de ser parado.

— Tudo bem — rosno, entregando uma identidade falsa e dinheiro.

Depois de recebermos as chaves do quarto, seguimos a contragosto para o elevador.

— Quando foi a última vez que dividimos a cama juntos? — Karson pergunta. A vitalidade em seus passos me faz querer esfaqueá-lo no joelho.

— Quando éramos crianças, Karson — digo sem expressão — Alguém terá que dormir no chão, mas não serei eu ou ela.

Entramos em nosso quarto e inalamos o aroma fresco de lençóis limpos e limpeza adequada. É um avanço em relação aos nossos hotéis habituais. É muito legal. Minha primeira parada é no banheiro, porque não tive onde mijar nas últimas duas horas.

Quando volto para a sala principal, Karson está deitado na cama branca com as botas espalhadas pelo edredom imaculado. Leana está empoleirada do outro lado.

— Tire os sapatos da minha cama — Vou até a mini geladeira e tiro uma garrafinha de vodca — Quer uma? — Pergunto a Leana.

— Sim, obrigado por perguntar — Karson interrompe.

— Vodca está bom — diz ela.

Jogo a pequena garrafa de vodca para ela e pego uma garrafa de bourbon para Karson. Ando até o lado da cama, onde Leana está bebendo sua bebida como se fosse água.

— Chão — digo a Karson enquanto aponto para o carpete.

Ele apenas olha para mim.

— Ou, me escute... — Ele puxa Leana para mais perto — Ela pode ser nosso amortecedor, e eu durmo na cama.

— Foda-se, Karson. Além disso, não pense que não percebi que

parecia que você mijou nas calças antes. Tome um maldito banho.

— Ah, sim, não. Estou domesticado. Foi só ela que veio. Muito disso.

Não sei por que pensei que Karson era incapaz de fazer alguém gozar. Sempre imaginei que ele era um amante tão egoísta quanto uma pessoa. Eu odeio saber que ele a fez gozar. Pior ainda, ele a fez esguichar com força suficiente para saturar seu jeans daquele jeito.

— Se isso vai acontecer, precisamos de regras básicas — eu digo. Não *quero* que isso aconteça, mas Karson tem sido menos inflexível em matá-la desde que começou a brincar com ela. Não gosto da ideia de ela ser seu brinquedinho, porque ele sempre quebra suas coisas - e por quebra, quero dizer, as mata acidentalmente - mas também sinto que não tenho escolha. — Primeiro, eu sei que você tem uma queda por sangue. Se ela deixar você cortá-la, tudo bem, mas é melhor você se controlar. Se eu precisar estancar o sangramento, você será o maldito. Em segundo lugar, a boceta dela é minha para preencher. Venha em qualquer outro lugar. Terceiro, não faça nada na minha frente. Eu não quero ver isso.

A última regra será difícil para ele seguir, mas não sei se posso observá-los e não sentir necessidade de quebrar seu pescoço.

— O que? — Karson diz — Isso significa que não há competição esportiva.

Ele desliza a mão entre as coxas dela e a deixa cair na frente da calça. Sua respiração fica presa e ela não sabe como reagir. Também não consigo respirar, porque não sei como *vou* reagir. A raiva alimentada pelo ciúme acende uma bomba-relógio dentro de mim, e posso ouvir o *tique-taque* do relógio. Posso sentir o calor do fusível. Seus olhos reviram um pouco, e é o suficiente para detonar minha raiva. Explodo, passando por Leana para agarrar Karson pelo pescoço e prendê-lo contra a cabeceira da cama. Mesmo quando coloco uma pressão perigosa contra suas vias respiratórias, ele continua movendo a mão por baixo da calça jeans dela.

— Tire a mão dela, Karson.

— Eu não tenho uma palavra a dizer sobre isso? — A voz suave de Leana diz abaixo de mim.

— Não — eu digo.

O rosto de Karson escurece para um tom vermelho, mas isso ainda não impede que sua mão se mova contra sua boceta. Juro por Deus, o sonho de morte desse cara é me irritar enquanto ele morre.

— Eu quero uma — diz ela, com a voz ligeiramente elevada.

Baixo meu olhar para ela e afrouxo o aperto na garganta de Karson.

— O que?

— Eu quero uma escolha.

— Eu te ouvi. Qual a sua escolha?

Eu sei o que está por vir. Eu sei, porque ela não puxou a mão dele. Eu não quero ouvir isso.

Mas eu preciso.

— Eu quero que você deixe ele me tocar — ela diz enquanto se senta.

Que jogo ela está jogando? Não sei, mas não gosto. Tiro minha mão da garganta de Karson e ele fica sem fôlego.

— Ele já teve você uma vez hoje, andarilha. Ele não pode ter você novamente esta noite — Agarro o pulso de Karson — Se você não tirar a mão dela agora, vou quebrar seu maldito braço.

Ele arranca a mão.

— Tudo bem, mas só porque esse é meu bom braço para faca.

Vou para a cama ao lado dela, virando-a de lado e aninhando sua bunda na minha pélvis. E colocando mais espaço entre ela e Karson. Levo minha boca até seu ouvido.

— Nunca mais fique do lado dele. — Deixo cair minha mão em seu abdômen e deslizo pela frente de suas calças. Minha mão absorve seu calor e deixo meus dedos enrolados na curva de seu monte — Essa boceta é minha. Não se esqueça disso. Mesmo que ele te toque, mesmo quando estiver dentro de você, lembre-se a quem você pertence.

Ela engasga contra o meu toque.

— Você é minha e *sempre* serei o último homem a marcá-la. — Minha mão permanece firmemente plantada em sua boceta.

Minha boceta.

— Boa noite, andarilha.

Capítulo Vinte e Um

Leana

Fiquei a noite toda entre dois loucos, e a mão de Gentry ainda está em minhas calças quando acordo na manhã seguinte. Os pensamentos pecaminosos que tive durante a noite cobrem suas pontas dos dedos. Gentry se mexe, puxa a mão e coloca os dedos na boca, me saboreando. Acende um fogo entre minhas pernas, como se sua mão fosse a única coisa que sufocasse as chamas eternas. Ele, sem esforço, me puxa para seu colo, me atraindo para um beijo. Ele inala tudo de mim, como se estivesse levando minha alma para dentro dele. Provavelmente estaria sozinho lá.

Eu esfrego minha pélvis na dele, balançando meus quadris e deslizando minha fenda ao longo de seu pau ridiculamente enorme. Parece que estou moendo um tronco. Desnecessário. Estou atijando a chama que sua mão criou. Olho para Karson, enrolado de lado, dormindo profundamente.

— Apenas moa sua doce bocetinha contra mim, andarilha. Depois do meu toque a noite toda, você está ansiosa para se libertar, não está?

Eu monto a costura interna da minha calça jeans contra o zíper, para frente e para trás, até que meus movimentos fiquem irregulares. Até que estou afundando os joelhos no colchão e tentando conter cada gemido para não acordar Karson. Gentry deixa cair a cabeça para trás enquanto agarra meus quadris e me guia ao longo de seu eixo. Sinto que estou sendo injusta, perseguindo meu prazer enquanto ele só pode ficar ali sentado e sentir o meu.

Meus pensamentos vagam para a noite passada e para a demonstração sexy de posse de Gentry. Mesmo quando Karson

continuou esfregando meu clitóris, mesmo enquanto estava sendo sufocado. Imagine morrer e a última coisa que você fez foi acariciar o clitóris da garota do seu irmão.

Espere.

Eu sou do Gentry? Só dele? Ou isso se transformou em algo totalmente diferente? Um triplo que nunca imaginei ou pedi. Aquele em que dois psicopatas querem me colocar entre eles e me foder de maneiras diferentes. Talvez me foder juntos?

Esses pensamentos me encham de um desejo intenso de gozar. Eu quero sair. Eu *preciso* de uma liberação.

— Morda-me — Gentry sussurra — Gema seu prazer em minha carne.

Eu ouço, porque não tenho outra escolha. Estou prestes a gritar através do orgasmo intenso que surge como uma onda entre minhas pernas. Inclino-me para Gentry, inalando o cheiro de assassinato e cigarros. Minha boca se abre e eu afundo meus dentes em seu ombro. Meus gemidos passam despercebidos, então eu pressiono meus dentes até que seus quadris subam e suas mãos me pressionem com força contra seu colo.

— Porra — diz Gentry, e eu solto seu ombro.

Karson se vira, estreitando os olhos.

— Que merda de besteira de ensino fundamental é essa?

— Há quanto tempo você está acordado? — Gentry pergunta enquanto me empurra para fora de seu colo.

— Tempo suficiente para ouvir vocês dois agindo como adolescentes excitados na parte de trás da minivan emprestada da sua mãe — ele diz franzindo os lábios. Ele sai da cama e vai para o banheiro — Vocês dois são coxos e eu preciso de um banho. Ladra, se você quer uma foda de verdade, você sabe onde estarei. — Ele bate a porta do banheiro atrás de si.

Odeio que falem de mim como se eu fosse um objeto. Como se eu

fosse uma lâmpada e eles estivessem discutindo sobre quem tem que se levantar e desligá-la. Não me importo de ser usada no calor do momento, mas espero ser tratada como uma pessoa no final do dia.

— O que é isso? — Pergunto a Gentry.

Ele tira a camisa e a fecha na mão.

— O que é o quê?

Faço um gesto dele para o banheiro.

— Isso. Vocês dois. Eu.

— Uma maldita situação, é isso que é. — Ele suspira — Você realmente quer a nós dois? Quero dizer, sua alma pode ser ainda mais condenada depois de permitir dois serial killers dentro de você? Você tem uma chance de salvação, andarilha. Nós não.

— Se existe um Deus, acho que ele me perdoaria. Quero dizer, é ele quem quer você de joelhos, certo?

Ele revira os olhos.

Há um problema maior aqui do que apenas me compartilhar. Vejo isso na maneira como Gentry e Karson interagem, e isso vai além de um simples aborrecimento nascido das travessuras de Karson.

— Por que você o odeia tanto?

Gentry engasga uma risada sarcástica.

— Você o conheceu, certo? Ouviu ele falar? Ouviu ele comer, porra? A propósito, ele faz essa merda de propósito.

— Qual é o verdadeiro motivo, Gentry?

Ele se senta na cama.

— Tudo bem, você quer que eu conte meus segredos?

Eu concordo.

— Primeiro, Karson fodeu minha esposa. Cheguei em casa depois de uma batida e o encontrei fodendo ela na cozinha.

Isso é nojento da parte do Karson. Não admira que Gentry não goste muito de compartilhar.

— Você disse primeiro, o que significa que há mais.

Gentry passa a mão pela barba.

— Pouco depois disso, ele me traiu por menos tempo de prisão quando fomos pegos em um trabalho fracassado. É verdade que fui eu quem disse a ele para aceitar o acordo, mas fiquei atrás das grades por dez anos a mais do que deveria para que ele pudesse ficar livre, e ele nunca reconheceu o sacrifício que fiz. Ele é um pedaço de merda.

Rastejo até Gentry e sento em seu colo. Meus braços o envolvem em algum tipo de abraço estranho, reconfortante, do tipo — desculpe-se-seu-irmão-é-um-idiota. Seus braços permanecem ao lado do corpo, claramente desacostumados ao conforto. Agarro seus braços e os envolvo em volta da minha cintura, e ele finalmente se inclina para mim.

— Vocês dois precisam de uma mediação — eu sussurro.

— Não, obrigado. Karson e eu conversamos o suficiente.

— Eu e você conversamos sobre o quê? — Karson pergunta ao sair do banheiro. Ele passa uma toalha pelo cabelo escuro e olha para nós.

Não há realmente nenhuma maneira delicada de fazer isso, então eu simplesmente vou em frente.

— Você realmente transou com a esposa de Gentry?

Karson

Sobre o que diabos esses dois conversam quando eu vou embora?

— Com licença?

— Você transou ou não com a esposa dele? — Ela se levanta e sua mão pousa no quadril.

— Por que trazer à tona algo que aconteceu há muito tempo? Eu nem me lembro dela.

Eu me lembro dela. Lembro-me do dia em que ela caiu de joelhos enquanto Gentry trabalhava até tarde. Ela gargarejou minhas bolas como uma prostituta tomando enxaguante bucal depois de um John nodoso. Francamente, fiquei impressionado. Agarrei minha faca para cortar sua garganta, para deixá-la sair em busca do canto do cisne, mas ela queria mais. Eu nunca tinha matado alguém enquanto transava com ela, então imaginei que poderia riscar isso da minha lista de desejos e acabar com sua traição de uma só vez.

— Por que você não pode simplesmente admitir que fez algo errado? — Ela pergunta — Você não vê que é por isso que ele não quer me compartilhar?

Eu engulo. Eu realmente não tenho essas conversas sentimentais. Se eu tivesse sentimentos, não seria um assassino em série tão fenomenal.

— Gentry não compartilha. Mesmo antes de ele se casar e eu estragar sua casinha infeliz, ele sempre foi egoísta. Mas se você acha que eu deveria me desculpar, tudo bem. — Viro-me para Gentry — Sinto muito por ter feito sua esposa gemer meu nome.

Gentry fica de pé, mas Leana fica entre nós antes que ele possa atacar.

— Porra, pare, Karson! — Ela grita — Você anda por aí com essa personalidade desagradável para que todos não gostem de você. Por quê? Porque se você afastar as pessoas, elas não poderão rejeitá-lo primeiro?

Ai. Por mais que ela esteja me irritando, estou me sentindo, de

certa forma, sobre o que ela está dizendo. E eu não gosto disso. Eu avanço nela, seguro seu cabelo e a puxo contra mim.

— Você não me conhece, ladra. Só porque estive dentro de você não significa que você esteve dentro de *mim*.

— Tire as mãos dela — diz Gentry.

— Ela quer minhas mãos sobre ela. Não é disso que se trata esta pequena reunião de encontro a Jesus? Tentando fazer as pazes para que todos possamos participar de um círculo idiota fodido? — Solto seu cabelo com um suspiro e encontro os olhos de Gentry. Talvez ela esteja certa. Talvez eu devesse tentar um pouco mais aqui. — Sinto muito por ter fodido sua esposa, Gentry. Me desculpe por ter testemunhado contra você. E sinto muito por atirar em seu pé — Sento-me na beira da cama.

— Isso foi tão difícil? — Ela pergunta enquanto se senta ao meu lado.

— Acho engraçado que você pense que isso fará diferença — digo.

— Na verdade, acho que sim. Por mais furioso que ele esteja agora, ele ainda não virou você do avesso — Ela estende a mão e coloca a mão no braço de Gentry — Agora é sua vez. Você precisa deixar o passado para trás, Gentry.

— Eu não posso — ele diz, um grunhido baixo e vazio saindo de seus lábios enquanto ele se senta ao lado dela.

— Todo mundo aqui está sendo honesto. Não sou sua esposa, e me compartilhar com Karson não é a mesma coisa que a traição que você experimentou antes.

Gentry penteia o cabelo para trás.

— Você acha que eu não sei disso?

— Então tente — ela diz — Tente se livrar do passado e da raiva.

Ele nem olha para ela enquanto ela fala, e isso é o suficiente para me irritar. Dei um passo à frente pedindo desculpas ao seu traseiro

corpulento, e agora é a vez dele. Se ele não der esse passo sozinho, vou dar-lhe um maldito empurrão.

Levanto e rasgo a calça jeans de Leana. A tensão destrói o corpo de Gentry a cada centímetro que o tecido cai, e isso o está destruindo.

Mas pelo menos ele ainda está sentado. Pelo menos ele ainda não me matou.

Solto a toalha da cintura, deixando-a embrulhada aos meus pés enquanto a puxo para a beira da cama. Minha atenção está colada nela, mas seus olhos azuis estão colados em Gentry, buscando sua aprovação. Não acho que conseguiremos, mas ainda não estou pronto para desistir.

Meu pau repousa contra sua boceta absolutamente encharcada. Sua pequena sessão de sexo a deixou uma bagunça desleixada, e a prova brilha em suas coxas pálidas.

— Beije-me — ela sussurra, mas a exigência não é dirigida a mim. Ela está falando com ele.

Ele balança a cabeça, mas se inclina na direção dela, como se fosse puxado por uma corda que ela aperta no dedo mínimo.

— Por favor — ela implora — Por favor, senhor.

No momento em que ela o chama de senhor, toda a expressão em seu rosto muda, passando de frio e raiva para algo faminto. Ele se inclina para ela e captura sua boca, enterrando a mão em seu cabelo. Deus, é fofo. Nunca vi Gentry parecer confortável, mas ele parece em casa quando a toca daquele jeito. Essa única palavra transformou um serial killer gigante em um cachorrinho.

Por mais doce que seja, meu pau se contorce por ela, e estou disposto a arriscar sua ira para afundar dentro dela. Corro todo o comprimento do meu pau ao longo de sua fenda, puxando meus quadris para trás até estar alinhado com sua abertura. Eu empurro nela, e ela inala a respiração de Gentry enquanto os halteres atingem seu interior.

Ele para de beijá-la e os cantos de seus lábios se contraem. Esse é um rosto que já vi muitas vezes. Ele está tentando manter o controle. É um olhar que prenuncia a demolição final de tudo ao seu redor. Isso mascara uma raiva intocável que borbulha logo abaixo da superfície até que ele redescobre seu controle.

Eu ainda estou dentro dela. Neste momento, estamos todos em perigo. Isso não sou eu sendo um idiota sarcástico. Nossas vidas literalmente oscilam no fio de uma faca. Gentry é zen pra caralho para um serial killer. Centrado como o inferno. Até que ele não esteja. E quando isso acontece, é assustador.

Sua boceta aperta em volta de mim, me implorando para continuar empurrando dentro dela, e toda cautela vai pela janela. É bom demais se importar. Bom demais para parar. Se ele envolver as mãos em volta da minha garganta e estrangular a vida do meu corpo, morrerei feliz dentro dela. Eu empurro nela com um golpe longo e profundo, e um gemido rola por sua língua. Esse som pode selar meu destino.

— Eu odeio querer isso — Gentry rosna enquanto desabotoa a calça jeans e saca seu pau.

Já faz muito tempo que não vejo o lixo do meu irmão, e não consigo entender por que a esposa dele me queria quando ela tinha isso para foder. Como tudo mais nele, é enorme. Falo sobre indução de insegurança.

— Coloque-a de joelhos — diz Gentry enquanto passa a mão pelo pau.

Eu saio dela, e a sua boceta me aperta e me puxa. Mal posso resistir a dizer a Gentry para se foder, mas *realmente* não quero estragar esta sessão de terapia excêntrica.

Eu uso seus quadris para virá-la de bruços e depois puxo sua bunda em direção à minha pélvis. Ela se inclina sobre o colo de Gentry, sabendo exatamente o que deveria fazer nesta posição. Ela o leva em sua boca, gemendo em seu pau enquanto eu empurro dentro dela, e ela

se sente incrível por trás.

Ele se recusa a olhar para mim, mas não consigo tirar os olhos deles. A maneira como a cabeça dela balança e o cobre com saliva. A forma como seus quadris sobem toda vez que meu pau a faz gemer. Gosto de ver algo diferente de amargura em seu rosto. Algo que imite a felicidade.

Enquanto ela percorre seu comprimento com a boca, Gentry enterra a mão em seu cabelo e a empurra para baixo com seus dedos enormes.

— Andarilha — ele rosna, perfurando sua garganta com um impulso de seus quadris.

Suas paredes lisas e quentes apertam ao meu redor enquanto ela engasga com o pau dele. É demais para mim, e gozo dentro dela com um gemido que não conseguiria esconder nem se quisesse. Já estraguei as regras número dois e três.

Os olhos de Gentry se voltam para os meus, e a névoa familiar de raiva retorna ao seu rosto. Ele começa a se levantar, mas ela o mantém abaixado com a mão em seu colo. Nada jamais o impediu quando ele estava com raiva, mas ele se tornou um pedaço flexível de músculos a partir de nada mais do que seu braço e sua maldita boca perfeita.

— Eu te disse que a boceta dela é minha — diz ele.

— Eu sei, cara. Eu não queria. Ela começou a engasgar com seu pau, depois apertou o meu e... e eu cuidarei disso — Eu saio dela e caio de joelhos — Devolva o que você roubou de mim, pequena ladra — Minha língua roça seu clitóris enquanto eu a enrolo em torno de sua entrada, e adoro o jeito que ela se empurra para frente com nada mais do que aquele pequeno toque. Meu gozo emerge dela em cordas brancas cremosas. Ela inclina a pélvis e ela cai na minha língua. A mistura salgada de sêmen e seu prazer dança em minhas papilas gustativas, e enfio minha língua dentro dela para poder engolir cada gota deliciosa.

— Venha aqui. — Gentry diz, e ela é puxada para longe de mim e

colocada em seu colo.

Eu limpo o gozo dos meus lábios e me afasto para colocar meu jeans. No momento em que guardo meu pau gasto, sou abençoado com uma bela visão. Posso não saber o suficiente para apreciar belas artes ou compreender as complexidades de uma sinfonia, mas posso compreender a beleza do que está acontecendo diante de mim. Ela balança no colo dele enquanto o monta, sua bunda redonda balançando em suas coxas, e gemidos musicais brotam de sua garganta com cada curva de seus quadris. Fodidamente magnífico.

E então o telefone de Gentry interrompe o momento mágico. O toque sinistro que sinaliza outro trabalho. Observo enquanto o telefone vibra na mesa ao lado de Gentry. Ele nunca perdeu uma ligação de George, e por um bom motivo.

Dou um passo em direção à mesa de cabeceira.

— Não faça isso — ele diz — Não com o barulho que ela está prestes a fazer — Ele segura seus quadris e pontua cada palavra com um impulso firme para cima. O grito estrangulado que ela solta soaria de dor se eu não visse o prazer presente em seus olhos. Ele está certo em não responder. Mulheres mortas não gritam assim.

Os quadris de Gentry param embaixo dela, e ele grunhe enquanto a preenche. Ele se inclina na curva do pescoço dela, mas seus olhos encontram os meus.

— Minha boceta, andarilha. Minha.

Dois passos para frente, um passo para trás. Eu vou levar.

Capítulo Vinte e Dois

Gentry

Retorno a ligação perdida de George e fico chocado ao encontrá-lo de bom humor. Ele alinhou mais um trabalho antes de chegarmos ao fim da fila. O alvo é um homem que gosta de apostar pôneis, mas não gosta de pagar quando perde. E ele perde muito, aparentemente. Recebo os detalhes no corredor e volto para o quarto do hotel. Está quase na hora de fazer o check-out, mas preciso falar com Leana antes de prosseguirmos.

Não querendo ter essa discussão perto de Karson, digo a ele que estamos indo até o saguão buscar comida e que vamos trazer algo para ele. Ele está absorto em um documentário sobre crimes reais na tela plana, então está mais do que feliz em esperar. Ele adora assistir aquela merda e rir de todos os erros estúpidos que os assassinos cometem, sem perceber que seria a estrela de um desses programas se eu não limpasse sempre a sujeira dele.

No saguão, Leana e eu entramos no restaurante anexo e os convencemos a trocar o cardápio do café da manhã um pouco mais cedo, untando as mãos com algum dinheiro extra. Não estou com disposição para panquecas fofas e crepes, e Leana queria espaguete. Pedimos tudo para levar e depois vamos para a varanda enquanto esperamos pela comida. Não quero que ninguém ouça nossa conversa. Nem tenho certeza se Leana vai falar sobre isso comigo, mas ela definitivamente vai se calar se estivermos na frente de estranhos.

O hotel fica ao lado de uma vinícola, e uma leve brisa sopra os campos abaixo e sacode as videiras. É o tipo de lugar onde os ricos vão para um brunch e mimosas, mas estamos sozinhos por enquanto. Olho

para Leana enquanto outra lufada de vento brinca com os fios de cabelo loiro emoldurando seu rosto. Ela parece tão contente. Tão serena. Detesto estragar tudo, mas esta conversa não pode esperar.

— Andarilha — eu sussurro enquanto me inclino contra a grade da varanda com vista para o extenso vinhedo — O que seu padraсто fez com você?

— Não me pergunte isso — ela sussurra, balançando a cabeça — Não importa o que ele fez. Estava errado, e isso é tudo que você precisa saber.

— Você tem medo de que eu não sinta o mesmo por você se você me contar? Porque nada do que você me disser mudaria o fato de que quero viver *dentro* de você.

Eu sorrio, mas não tenho certeza se ela percebe. Meu sorriso desaparece quando ela não fala.

— Não acho que você esteja suja, usada ou quebrada, porque alguém se aproveitou de você. O que aconteceu com você não foi culpa sua.

Ela zomba e pisca para afastar um fino véu de lágrimas.

— Isso é maravilhoso vindo de alguém cujo irmão me impõe regularmente.

— Desculpe — Cerro os dentes quando a verdade de suas palavras prende meu peito com arame farpado — Vou falar com ele sobre isso. Ele não é realmente capaz de cuidar de alguém, mas acho que ele chega o mais perto que pode de você. Acho que ele pararia se soubesse que isso te incomoda. Ele acha que você gosta.

Suas mãos apertam o corrimão e ela encontra meu olhar.

— Mas esse é o problema, Gentry. Eu não quero que ele pare. Eu gosto disso. O que diabos isso diz sobre mim?

Tento puxá-la contra meu peito, para confortá-la do jeito que ela me confortou, mas ela se afasta. Deixei que ela tivesse seu espaço físico, mas não vou recuar. Ela fez Karson e eu resolvermos nossas

merdas ontem à noite, e agora é a vez dela.

— Deixe-me entrar, andarilha. Deixe-me devolver o que seu padrasto tirou quando machucou você.

— Me machucou? Esse é o eufemismo da porra do ano. É mais como se ele tivesse me destruído emocionalmente, arruinado minha vida e cagado na minha alma — diz ela — Você realmente quer saber o que ele fez comigo? O que ele fez com uma criança aterrorizada durante *anos*?

Eu engulo e aceno com a cabeça. Não tenho certeza se quero ouvir nada disso, mas poderia ajudá-la se ela finalmente contasse a alguém o que passou.

Ela passa os olhos, o queixo tremendo sob o lábio inferior.

— Tudo começou logo depois que ele se casou com minha mãe, mas só percebi que começou ali anos depois. Ele comprava roupas para mim e me pedia para modelá-las enquanto minha mãe estava no trabalho. Achei que estávamos apenas brincando de nos vestir. — Ela zomba e para de falar. Não acho que ela vá continuar, mas ela respira fundo e segue em frente — A partir daí só aumentou, mas lentamente no início. Entrando no meu quarto à noite. Dizendo que ele poderia me fazer sentir bem, mas tínhamos que manter isso em segredo — Ela se vira para mim, seus olhos duros e frios — Nunca me senti bem. Parecia assustador e errado.

— Você contou para sua mãe?

Ela ri e cruza os braços sobre o peito.

— Sim, eventualmente. Foi além do toque quando eu tinha dezesseis anos. Pouco antes do meu aniversário de dezoito anos, decidi que não aguentava mais. Fui até ela e contei tudo. Eu esperava que ela ficasse com raiva, e ela ficou, mas a raiva dela era dirigida à pessoa errada. Ela me chamou de mentirosa e disse que eu era cruel por inventar histórias tão terríveis sobre um homem que trabalhou tanto para nos sustentar. Foi quando eu saí.

— E foi então que você conheceu seu noivo?

— Sim, depois de viajar pela porra do país.

A compreensão surge em mim.

— Estamos voltando por onde você veio.

Ela assente.

— Sim. Todo esse tempo, estivemos indo em direção ao meu ponto de origem. Califórnia. Morávamos a poucas horas de Los Angeles. Foi por isso que me assustei quando você perguntou se eu já fantasiei em matar alguém. Porque eu tenho, Gentry. Eu fantasiei sobre o que faria com ele durante anos. Imaginei todas as maneiras pelas quais poderia machucá-lo cada vez que ele me tocasse.

— Qual era o nome dele?

Ela olha para mim e posso ver as rodas girando atrás de seus olhos azuis. Ela sabe por que estou perguntando e parte dela quer me contar tudo o que quero saber.

Mas ela se afasta.

— Por favor, deixe meu passado no passado, Gentry. Por favor.

Ela sabe que não deve perguntar isso a um homem que guardou rancor do irmão durante seis anos. O passado nunca fica no passado.

— Você não pode deixá-lo escapar impune. Ele tem que pagar e pretendo cobrar sua dívida.

Antes que eu possa pressioná-la ainda mais, um garçom aparece na varanda e nos diz que nossa comida está pronta. Deixo isso de lado por enquanto, mas ela me ensinou algo ontem à noite que é tão poderoso quanto um rancor. Quando você tem alguém ao seu lado, lutando pela sua sanidade, a cura é possível.

E pretendo lutar por ela.

Quando eles voltam para a sala, os dois parecem absolutamente infelizes. Comemos sem falar, mas Leana só mexe no prato. O que é estranho, considerando como ela está reclamando de comer comida — de verdade. Depois de engolir pouco mais da metade da refeição, ela se levanta da cama e diz que quer tomar banho antes de partirmos. Aproveito a oportunidade para conversar com Gentry sobre a vibração estranha.

— O que deixou você tão chateado tão cedo? Você e a ladra brigaram? — Eu pergunto.

— Ela mencionou que alguém a agrediu no passado, e recebi mais informações sobre isso hoje. Quero cortar a garganta do filho da puta, mas ela não me dá um nome.

Fico surpreso quando meu estômago se aperta ao ouvir isso. Meu estômago não apertou quando estripei pessoas, as limei enquanto ainda estavam vivas ou usei meu pau coberto de camisinha para foder os buracos que minha amada faca criou. Eu não dou a mínima. Sempre.

— A que distância estamos conversando do passado? — Eu pergunto — Sou eu? Não que eu fosse parar, mas não é?

— Não, seu idiota insensível. Falei com ela sobre isso também, e ela gosta dos seus joguinhos doentios — Ele balança a cabeça, seu punho cerrado em uma bola — Isso aconteceu quando ela era apenas uma criança.

Meu estômago se abre e floresce com uma raiva vermelha. Já fiz algumas merdas extremamente fodidas na minha vida, mas tenho uma fala, e é difícil impedir as crianças. É por isso que tenho tanta alegria em torturar os pedófilos do mundo. Predadores de crianças e viciados são os piores. Gentry odeia mais os traficantes do que os drogados porque ainda não consegue colocar toda a culpa em nosso pai, mas não

tenho problema em fazer isso. Carrego muito ódio pelo querido e velho papai, e desconto isso em todos os viciados que posso. Mas partilhamos o nosso ódio pelos doentes que tocam nas crianças. Podemos não ter muita bússola moral, mas ela aponta para o norte, para esses deploráveis.

— O que você está pensando, G?

— Eu não sei ainda. Ela disse que quer deixar o passado no passado, mas acho que ela mudará de ideia se a colocarmos na frente dele e lhe dermos a vantagem que ela merece.

— Ou ela vai te odiar por isso — eu digo. Ela esperava que *eu* desobedecesse aos seus desejos, mas espera muito mais de Gentry — Você também viu?

— O que você está falando?

— Você disse que acha que ela fará o que precisa ser feito se lhe dermos a chance. Você acha que ela mataria alguém, o que significa que notou as mesmas coisas que eu. Que ela pode estar um pouco fodida da cabeça. Como nós.

Ele balança a cabeça e suspira.

— Mas nada disso importa se não conseguirmos um nome.

— Besteira. Não precisamos do nome dele quando temos o dela.

— Que porra você está falando, Karson?

— Você sabe o nome completo dela, certo? — Eu sorrio quando ele me dá outro aceno — E como você conseguiu isso?

Seus olhos se arregalam e sua coluna se endireita, porque ele finalmente está entendendo o que eu já percebi. Um dia ele terá que admitir que não sou tão idiota quanto ele faz parecer.

— Bingo — eu digo — O endereço antigo dela provavelmente ainda está na carteira de motorista vencida — Quando Gentry mencionou essa licença depois de nossa primeira noite em um hotel, guardei a informação. Achei que precisaríamos dela para localizá-la

quando ela finalmente fugisse, mas gosto muito mais desse resultado.

Gentry vai até sua bolsa e tira a carteira de dentro. Ele abre a câmera do telefone, tira a licença vencida de trás da atual e tira uma foto do endereço. Depois que ele guarda tudo, ele olha para mim e acena com a cabeça. Não podemos deixá-la saber do nosso plano. Podemos ver a sombra escondida em seus olhos, mas não é o mesmo tom de meia-noite que os nossos. Ela não é tão sombria quanto nós. Se ela descobrir, se descobrir para onde estamos indo antes de entrar no carro, ela vai brigar conosco.

— Isso não garante que o cara ainda more lá — diz Gentry enquanto se senta na beira da cama — Também precisamos descobrir como lidar com a mãe. Leana pode concordar em esculpir uma nova cavidade ocular na testa do padrasto, mas duvido que ela se volte contra a mãe.

— A mãe dela sabia disso?

A porta do banheiro se abre e paramos de falar. Eu lidarei com a mãe se Gentry e a ladra estiverem fracos demais para fazer o que precisa ser feito. Mesmo que ela seja uma espectadora inocente em tudo isso, isso não importa para mim.

Enquanto Leana se veste na nossa frente, fico tentado a ver se ela e Gentry querem ir para a segunda rodada. Mas vou salvá-la. Se minha pequena ladra tirar uma vida na minha frente, valerá a pena esperar.

— Pegue suas coisas e prepare-se para pegar a estrada — diz Gentry enquanto se dirige ao banheiro. Ele para na frente dela e a beija antes de desaparecer atrás da porta.

Vestindo nada além de uma camisa e uma calcinha fina, ela olha para a porta. Estou com um pouco de ciúme do relacionamento entre os dois. Ele amolece por ela, e ela derrete como sorvete em um dia quente. Uma garota como ela nunca vai gostar de alguém como eu da mesma forma. Sou eu mesmo assumidamente e não vou mudar por uma mulher, mesmo uma tão perfeita quanto ela. Mas farei *alterações*.

Ando até ela, encurralando-a contra a cômoda. Sua respiração

falha quando a minha perna passa por ela, e ela engasga quando coloco minha mão entre suas pernas, afundando sob o cóis de sua calcinha. Meus olhos se fixam na porta fechada do banheiro. Ela tem sorte de eu não precisar de muito tempo para fazê-la entusiasmar-se por mim. Um gemido suave deixa seus lábios enquanto eu a apalpo e empurro meus dedos dentro dela. Coloco minha mão em sua garganta, e ela balança sob minha palma enquanto ela luta contra gemidos mais altos.

— Goze para mim — eu sussurro — Antes de Gentry voltar, quero que você goze na porra dos meus dedos.

— Eu não posso — ela ofega, e eu a beijo, absorvendo os sons que deslizam de sua boca para a minha. Quando sua boceta aperta em volta de mim e seu estômago se contrai, arranco meus dedos dela e um jorro quente cai na minha palma.

— Porra, isso é uma ladrazinha suja. Você terá que sentar nisso agora.

A descarga é acionada e eu retiro minha mão dela e afundo meus dedos em sua boca. Ela fecha os lábios em torno deles.

— Mostre-me qual é o seu gosto — eu digo, abrindo meus lábios para ela. Ela fica mais alta, mais orgulhosa e cospe saliva em minha boca.

Ela veste as calças, sem se preocupar em se limpar. Olho para o relógio. Demorou três minutos para fazê-la gozar. Talvez eu não tenha motivos para ficar com ciúmes.

Capítulo Vinte e Três

Leana

Nos despedimos do hotel e fico triste ao vê-lo desaparecer no retrovisor. É o lugar mais legal que já fiquei. Ao passarmos por Nevada, fico grata por Gentry não me pressionar para obter mais informações sobre meu padrasto. O pedaço de merda definitivamente merece qualquer cenário infernal que aqueles psicopatas possam conjurar para ele, mas não é algo que estou pronta para enfrentar. Não sei se algum dia estarei pronta.

Chegamos à fronteira do estado no início da tarde. Depois de parar tempo suficiente para mijar e pegar alguns lanches em um posto de gasolina, viramos em direção a nomes de cidades familiares. Tento engolir o medo de que eles tenham descoberto meu antigo endereço, dizendo a mim mesma que o próximo alvo deles mora perto da casa da minha mãe. Eu não toco no assunto, no entanto. Se minha suspeita estiver incorreta, eles saberão que estamos perto e provavelmente me forçarão a obter a informação. Se eu estiver certa... Bem, isso não vai importar.

Eu não posso pará-los.

Eu passo o tempo com conversa fiada. Ou tento. Eles estão focados em se preparar para o trabalho que têm de fazer e não têm muito a oferecer em termos de conversa. Acabo desistindo e olho pela janela. Meu estômago revira ao ver cada ponto de referência familiar.

Uma hora depois, eles entram no bairro onde cresci e não posso mais fingir que não sei para onde estamos indo.

— Você mentiu para mim — digo do banco de trás.

Karson se vira para mim, balançando o dedo no ar. — Não, não. Nós não mentimos. Dissemos que tínhamos mais alguns trabalhos, e

este é um deles.

Gentry vira na minha antiga rua. Posso ver a casa daqui e não reconheço o carro na garagem.

— Simplesmente pare! Esse nem é o carro dele. Também não vejo o carro da minha mãe, então provavelmente eles se mudaram. Vamos só...

— Vamos esperar para ver — diz Gentry. Seus olhos encontram os meus no espelho retrovisor e meus lábios se fecham. Reconheço o tom sombrio que eles assumiram. É o mesmo olhar que vi quando ele estava gravando palavras naquele homem.

Entramos na garagem e minha pele está gelada. Minha boca é um deserto. Meu coração é um bumbo. O motor é desligado e mal consigo ouvir o silêncio por causa do som do sangue correndo pelos meus ouvidos. Embarquei em um trem que se dirige para um abismo escuro, mas não há nada que eu possa fazer para impedir seu avanço. Sou uma passageira, levada contra a minha vontade mais uma vez.

— Vamos, ladra — diz Karson — Estamos em casa.

Balanço a cabeça, espalhando mechas de cabelo loiro pelo meu rosto.

— Não. Se vocês sentem necessidade de matar alguém, vão em frente. Eu não quero fazer parte disso. Vou esperar no carro.

A cabeça de Gentry vira em minha direção.

— *Agora* você quer esperar no carro? De todas as vezes, você escolhe agora ser uma boa menina e ficar onde está?

— Tudo bem — diz Karson — Se ela não quiser ter certeza de que estamos matando a pessoa certa, simplesmente massacraremos todos na casa sem primeiro verificar sua identidade. Esta casa fica no fim da rua e não há ninguém perto o suficiente para ouvir os gritos. Não tenho nenhum problema com nada disso — Ele alcança a maçaneta da porta.

— Espere! — Eu grito. Quando ele fala assim, eu realmente não tenho escolha. Ele não está blefando. — Se batermos na porta e não for

meu padrasto, você promete que vai deixar as pessoas lá dentro viverem?

Karson desvia o olhar e suspira.

— Sim, mas apenas porque este não é um trabalho oficial. Nunca deixei um sucesso vivo por vontade própria e não pretendo começar hoje. Mas se o seu padrasto malvado abrir essa porta, nem pense em implorar por sua misericórdia. Entendido?

Eu concordo.

Saímos do carro e nos aproximamos da porta da frente. Tirando o carro na garagem, todo o resto parece igual. Mesmo as cortinas das janelas não mudaram depois de todos esses anos. Com Karson e Gentry atrás de mim, reúno coragem, uso a bainha da camisa para cobrir a ponta do dedo e toco a campainha.

O silêncio responde. Nenhum passo se aproxima. Nenhuma persiana recua.

— Bem, nós tentamos — eu digo. Viro-me para o SUV, mas Gentry agarra meu braço.

— Onde eles guardam a chave reserva? — Ele pergunta.

Meus ombros murcham e aponto para a guirlanda na porta.

— Em uma caixa de metal atrás dela. Está magnetizada.

Antes de recuperar a chave, eles tiram as luvas dos bolsos e as calçam. Este ato singular torna tudo muito real. Muito definitivo. Minha garganta se contrai e estou engasgando com a necessidade de ar.

— Você não pode — eu digo com uma respiração estrangulada.

— Não pode o quê? — Gentry pergunta, genuinamente confuso.

— Você não pode matá-lo.

Karson e Gentry levantam as sobrancelhas para mim.

— Não vamos fazer isso — diz Karson com um sorriso malicioso.

— *Eu não posso matá-lo. Tire isso da sua cabeça agora mesmo.*
Eu não sou uma de vocês.

Karson cerra os dentes e se esforça para manter a voz baixa.

— Como você pode não se sentir homicida quando alguém faz seu corpo reagir tão fortemente ao pensar nele? Quando eles traumatizaram você a este ponto? Levante-se, ladra. Você tem todos os motivos para querê-lo morto. Aceite o ódio ardente por alguém que a machucou e depois abraçou-a. Deixe isso limpar você.

Eu engulo. Ele tem razão. Mas eu não posso fazer isso.

— Se vocês dois querem matá-lo, tudo bem, mas não vou fazer isso.

— Estamos presenteando você com um prêmio — diz Gentry — Você fantasiou sobre como gostaria de acabar com a vida desse filho da puta, e estamos tornando isso possível. Claro, poderíamos matá-lo, mas não podemos matá-lo do jeito que ele merece. Pela sua mão. — Ele agarra meus ombros com as mãos enluvadas — Andarilha, me escute. Existem dois tipos de pessoas neste mundo: elas e nós. Esta é sua chance de saber onde você está. Você pode fazer isso?

Olho em seus olhos escuros e finalmente respiro.

— Sim, senhor.

— Boa garota — Ele segura meu cabelo e me puxa para mais perto. Enquanto ele me beija, seu comprimento pressiona contra mim, e não sei se é porque seus lábios estão nos meus ou porque estamos prestes a cometer um assassinato.

Provavelmente ambos.

— Podemos foder quando isso acabar — diz Karson ao nosso lado — Minha ideia de preliminares é esperar lá dentro, então podemos colocar esse show na estrada?

Quando Gentry me solta, olho para Karson, cerro a mandíbula e aceno com a cabeça. Estou pronta para enfrentar o pedaço de merda.

Karson enfia a mão na bolsa que leva no ombro, tira outro par de luvas e as coloca em minhas mãos.

— Coloque isso. Gentry vai reclamar e resmungar se você deixar alguma impressão digital.

Eu as coloco e tento não fazer uma careta quando percebo o que parece ser sangue velho nas pontas dos dedos.

Entramos em casa e sinto como se tivesse entrado em uma cápsula do tempo. Todas as fotos minhas foram removidas, mas todo o resto está exatamente como eu me lembro. Procuramos silenciosamente no andar de baixo, mas não encontramos nenhum sinal do meu padrasto na sala ou na cozinha. O único outro cômodo é meu antigo quarto. Meu coração se recusa a bater quando nos aproximamos da porta.

As memórias avançam. Das vezes que minha infância me foi tirada. Das vezes em que o homem que deveria me proteger preferiu me machucar. Não quero cruzar o limiar antes de mim, mas não tenho escolha. Com a mão trêmula, pego a maçaneta e giro, abrindo a porta apenas o suficiente para espiar lá dentro.

Este não é mais meu quarto. Foi convertido em escritório, completo com estante de livros, mesa de computador e uma grande cadeira de couro. Alguém está sentado naquela cadeira – um homem usando fones de ouvido enquanto assiste algo no grande monitor do computador à sua frente. Reconheço a área calva no topo de sua cabeça, embora tenha crescido um pouco desde a última vez que a vi.

Minha garganta se contrai novamente quando fecho a porta e congelo. O calor queima meu peito e sobe pelo meu pescoço. Eu luto para respirar. Essa reação está completamente fora do meu controle. Nunca pensei que veria esse homem novamente.

Eu nunca quis.

Gentry se vira para mim, com uma expressão genuína de preocupação no rosto.

— Shh, andarilha — ele sussurra. Não creio que ele esperasse

uma reação tão visceral da minha parte. *Eu* nem esperava esse tipo de resposta. — É ele, certo?

— Sim — eu sussurro.

Gentry e Karson se entreolham e acenam com a cabeça antes de passar por mim e abrir a porta. O tempo de esgueirar-se acabou. Cada um deles vai para um lado da cadeira e agarra um braço, levantando o homem antes que ele perceba o que está acontecendo. Quando eles o viram de frente para mim, suas calças estão em volta das coxas e seu pau está para fora. Olho além dele e vejo o que está na tela do computador. A bile sobe pela minha garganta.

— Parece que ele ainda tem um gosto doentio por crianças — diz Karson. Ele estende o punho e quebra a tela. Ele vira o rosto para meu padrasto e tira os fones de ouvido da cabeça — Não se preocupe, não danifiquei o disco rígido. Todos os seus vídeos desagradáveis ainda estão lá para a polícia encontrar.

Gentry dá um soco na boca dele antes que ele possa gritar.

— Qual é o seu nome, seu pedaço de merda?

— M-Martin — ele murmura através de um lábio inchado — O que você está fazendo na minha casa?

— Onde está minha mãe? — Eu pergunto.

Ele se vira e me vê pela primeira vez, e uma expressão de reconhecimento surge em seu rosto. Não tem preço. O choque. O horror. O momento transitório em que ele se lembra de como eu me sentia embaixo dele. O bufê de emoções que ele colocou diante de mim é a refeição mais gratificante que já vi, e pretendo comer até me fartar. Minha ansiedade desapareceu, assustada por essa fome desconhecida gritando dentro de mim.

— Vejo que você se lembra de mim — digo enquanto ando até ele e levanto seu queixo com a mão enluvada. Seus olhos verdes são os mesmos orbes vazios e flutuantes que me assombraram todas as noites da minha infância.

— O que você está fazendo aqui, Leana? — Ele ofega enquanto cospe sangue em sua camiseta.

Karson tira um rolo de fita adesiva de sua bolsa e começa a prender os pulsos de Martin, que então tenta gritar. Gentry está pronto para ele e manda o punho contra sua boca novamente.

— Você não sabe quando calar a boca, não é? — Gentry diz — Agora responda a ela. Onde está a mãe dela?

Ele se contorce contra a fita em seus pulsos, seus olhos percorrendo entre nós três.

— Ela morreu. Cerca de dois anos atrás. Ela teve um derrame.

Não sei como processar essas informações. Talvez parte de mim esperasse que minha mãe e eu pudéssemos fazer as pazes, por mais irreal que isso pareça. Isso foi tirado de mim agora. E ele já levou todo o resto.

Karson vê as lágrimas brotando em meus olhos e a escuridão toma conta de seu olhar. Ele fica atrás de Martin, passa o braço em volta de sua garganta e estrangula-o até o inferno. O rosto do meu padrasto fica vermelho enquanto ele luta para respirar além da pressão em seu pescoço. O aperto de Karson só aumenta, e temo que ele vá arrancar a cabeça do filho da puta. Assim que os olhos de Martin reviram, Karson o solta.

Martin ofega, tentando engolir cada respiração que perdeu. Assim que volta a respirar normalmente, Karson repete o processo. Ele faz essa dança torturante mais três vezes, e Martin soluça a cada liberação.

— O que você fez com a nossa garota aqui, Martin? — Gentry pergunta enquanto fica na frente dele e se inclina.

— Foda-se — Martin grita, e Gentry dá outro soco em seu rosto. Desta vez, um osso branco se projeta da ponte do nariz e envia um jorro de sangue brilhante sobre seus lábios.

— Diga-me o que você fez — Gentry coloca a mão na orelha.

— Eu a criei como a porra da minha filha. Isso é tudo! — Ele grita.

— Besteira! — Eu grito — Você roubou minha inocência! Você me machucou! Você fez coisas que ninguém deveria fazer com uma criança!

Karson desembainha a faca e a entrega para mim com uma piscadela. Eu abraço a alça e a seguro ao meu lado.

— É disso que você se lembra? — Martin sorri, cuspidando uma gota de sangue no chão — Você queria!

Suas palavras alimentam meu braço enquanto eu empurro minha mão para frente e agarro seu pênis. Eu envio a lâmina através de sua carne, cortando-a. Martin solta um grito infernal e feminino, e Karson coloca a mão na própria boca para esconder seu sorriso de merda. Gentry aperta os lábios para não rir.

Agarro o cabelo ralo na parte de trás da cabeça de Martin e puxo sua cabeça para trás até poder olhar em seus olhos sem alma.

— Eu era uma maldita criança. Eu não consenti com o que você fez comigo. Eu não gostei e não me senti bem. Você tirou tanto de mim e nunca se importou, não é? Você já se perguntou o que fez com a porra da minha psique? — Cuspi na cara dele — Foda-se!

— Eu não machuquei você! Você estava bem pra caralho! — Ele grita, cuspe e sangue voando de seus lábios.

— Bem? Estou bem? Estou transando com dois serial killers por diversão! — Eu grito.

Karson solta uma risada e Gentry dá um soco na lateral dele.

— Desculpe, eu adoro a boca dela — diz Karson com dificuldade — Por favor, continue.

— Eu nunca estive bem desde que você fez o que fez! Ainda tenho pesadelos! Ainda fecho os olhos e vejo sua cara feia.

Martin levanta o queixo e cospe sangue em mim. Gentry traz o

braço para acertá-lo novamente, mas Karson o segura.

— Deixe-a — ele sussurra.

Levo a faca até o rosto de Martin e deslizo a lâmina por sua bochecha. Ele grita e tenta se afastar, mas Karson e Gentry o seguram com firmeza, segurando-o no lugar para que eu possa continuar.

E eu faço. Eu quero, porra.

Eu esculpo seu rosto até que a carne se espalhe e ele fique cada vez mais irreconhecível. A cada passada da lâmina, grito a dor que guardei dentro de mim durante a maior parte da minha vida. Agarro o cabo e me preparo para enfiar a lâmina em sua barriga, para finalmente matar o demônio que assombra minha mente.

Mas minha mão não se move.

Uma coisa era cortá-lo e cortar seu pau como imaginei fazer, mas acabar com uma vida... Isso é outra coisa. Minha mão treme e a faca cai no tapete. Meus olhos se movem entre Gentry e Karson, implorando para que eles intervenham e terminem isso. — Eu não posso fazer isso. Ele merece, mas eu não posso!

Karson fica atrás de Martin e o mantém de pé para que Gentry possa vir até mim. Gentry se abaixa, pega a faca e a coloca em meus dedos trêmulos. Quando não o seguro, ele fica atrás de mim e envolve a minha mão, forçando meus dedos a se fecharem. Sua outra mão vai para meu braço, esfregando-o, me confortando.

Eu não estou sozinha. Eu não sou fraca. Isso é o que seu toque me diz.

Damos um passo à frente e enfiamos a faca nas costelas de Martin. Espero que seja necessária mais força, mas a lâmina desliza para dentro, apenas gaguejando um pouco ao roçar no osso. Também espero ficar enojada com esse ato, com esses sons, com o grito horrível de Martin. Em vez disso, sinto uma pressa. Uma onda vertiginosa passa por mim e pareço um pássaro voando de uma gaiola. Eu estou livre.

Karson geme.

— Isso é tão excitante, ladra.

— Boa menina, andarilha. — Gentry rosna em meu ouvido — Minha pequena assassina.

Eu derreto com seu toque enquanto suas palavras correm direto para minha pélvis. Gentry tira nossas mãos do cabo da faca e esfrega minhas laterais. Karson solta Martin, que cai no chão ofegante. O sangue jorra de seus lábios e ele para de gritar.

Gentry enfia os polegares enluvados nas minhas calças e as puxa para as minhas coxas. Quando ele me empurra pela nuca, minhas mãos pousam nos joelhos do moribundo. Gentry abre o zíper da calça jeans e empurra dentro de mim. Martin treme a cada estocada, o sangue escorrendo de seus lábios em gotas pesadas enquanto sua respiração fica cada vez mais irregular. Ele pisca para mim como se quisesse falar, mas não consegue. Nós o silenciemos para sempre e espero que ele goste do show.

Gentry alcança entre minhas pernas e me esfrega.

— Eu quero que você goze para mim, com as mãos nos joelhos dele enquanto ele sangra na sua frente.

Karson se aproxima, abre o zíper da calça e tira seu pau duro. Sua mão acaricia seu comprimento enquanto ele afasta o cabelo do meu rosto.

— Chupe, ladra — ele rosna, e eu viro minha cabeça em sua direção — Eu não — ele diz enquanto guia meu queixo em direção à alça que sai do abdômen de Martin — Chupe minha faca favorita.

Olho para o cabo em forma de cabeça de pássaro e coloco o cabo da arma na boca, minha língua rolando pelas ranhuras dos dedos na parte inferior. O sabor picante de metal, sangue e couro enche minha boca. Karson golpeia mais rápido enquanto eu chupo sua faca.

— Assim, ladra — Karson rosna enquanto se acaricia acima da minha cabeça. Martin tosse, espalhando sangue pelo meu rosto e pelo

pau de Karson, mas não paramos.

Os golpes de Karson estranhamente me excitam, e me vejo mordendo o aperto enquanto os dedos de Gentry me trazem ainda mais perto. Quero ir antes que Martin morra. Quero que ele veja como é quando um homem faz uma mulher se sentir bem. As estocadas de Gentry me derrubam no cabo, mandando-o mais fundo na barriga de Martin. Cada respiração que meu padrasto dá fica mais superficial, mais irregular.

Afasto minha boca do cabo da faca e pressiono Gentry enquanto ele me faz gozar. Karson se acaricia com mais força e rapidez à medida que cada gemido sai da minha boca. Todo o meu corpo estremece diante do homem que me machucou. Meu prazer supera qualquer dor que ele causou, e sua dor atual apenas alimenta meu prazer. À medida que ele morre, encontro a vida – uma dicotomia inegável e explosiva.

— Eu vou encher sua boceta perfeita — Gentry rosna enquanto seus quadris gaguejam contra minha bunda. Suas estocadas ficam irregulares quando ele goza dentro de mim. — Não deixe cair uma única gota de você.

Quando ele se afasta, sento-me para que minha boceta fique pairando sobre meu jeans, então os puxo para cima para não perder uma gota do precioso gozo de Gentry.

— Temos que acabar com ele — diz Karson. Ele se vira para mim, ainda acariciando seu pau. — Posso? — Ele pergunta isso com uma excitação infantil, e não tenho coragem de dizer não.

— Por favor, faça isso — eu digo. Eu mais do que realizei minha fantasia neste momento.

Levanto-me e sinto vontade de colocar a mão em Karson enquanto ele se coloca entre mim e Martin. Eu fico atrás dele, estendo a mão e agarro seu pau. Karson me deixa assumir o controle, inclinando-se para frente e arrancando a faca do abdômen de Martin. Ele geme, e não tenho certeza se é pelo som esmagador que a lâmina faz ao se soltar, ou pelo movimento da minha mão, ou por todas as

opções acima.

Karson levanta Martin pelos cabelos encharcados de sangue e enfia a lâmina em sua garganta. Sangue arterial espirra em meu rosto quando ele retira a faca, e Martin finalmente para de respirar.

— Porra, ladra, você vai me fazer gozar. Aperte minha base — diz ele com os dentes cerrados.

Eu faço o que ele diz. A última coisa que queremos é que alguém fique no local de um homicídio. Karson prende a faca em seu quadril, agarra meus ombros e me empurra de joelhos. Ele enfia seu pau na minha boca, e os piercings de metal estalam contra meus dentes em sua pressa de estar dentro de mim. Ele empurra o fundo da minha garganta três vezes antes de recuar e encher minha boca.

— Mostre-me — ele diz através de um rosnado.

Abro meus lábios e mostro a ele o que ele me deu, então ele arranca uma de suas luvas e passa o dedo no sangue do meu rosto antes de enfiá-lo na minha boca. O sabor metálico se mistura com seu sabor salgado.

— Agora engula.

Levo a mistura desagradável para o fundo da garganta e faço o que ele ordena. Ele me coloca de pé e me beija, sua língua explorando minha boca para provar o que eu provei. Ele agarra meu queixo e se afasta para lambar minha bochecha, lambendo o sangue do meu agressor da minha pele. Gentry vem por trás de mim e enterra o rosto no meu ombro. Adoro quando ambas as mãos estão em mim.

— Você fez um trabalho tão bom, minha pequena assassina suja — sussurra Gentry — Ninguém que te machuca terá permissão para respirar. Eu prometo a você isso.

— Nós prometemos isso a você — Karson esclarece enquanto sua língua passa em meus lábios mais uma vez.

Gentry vira meu rosto em direção ao dele e me beija. Com uma voz baixa e amorosa, ele diz.

— Você teve a vingança que merece. Agora você é uma de nós.

Capítulo Vinte e Quatro

Gentry

Olho para Leana pelo espelho retrovisor enquanto viajamos para o próximo ataque, mas forço meus olhos de volta para a estrada, para não acabarmos em uma vala. A escuridão cobre a terra e um céu nublado silencia as estrelas. Um peso paira no ar. Estou incrivelmente orgulhoso dela por enfrentar seu agressor e silenciá-lo, mas ainda estou lutando com o que está acontecendo entre nós três.

Meus olhos se elevam para ela, mais uma vez.

Como anos de amargura adoçaram o suficiente para nos permitir compartilhar alguém? Não apenas alguém, *meu alguém*. Minha andarilha. Como saber que ela estava sendo fodida por ele causou uma dor inegável em mim?

Meu irmão e eu éramos tão conectados, tão próximos que parecia que éramos gêmeos, em vez de anos separados. Compartilhamos tantas coisas, como a fome que sentíamos antes de matar e a alegria de satisfação após o término de um trabalho. Quando ele machucou, eu machuquei. Quando ele estava com raiva ou feliz, eu também sentia essas emoções. Mas no momento em que o vi com minha esposa, nossa conexão foi interrompida. Rasgou em um instante. Quebrou de maneiras que sempre pensei serem irreparáveis. Então ela mudou isso. Quando ele estava dentro de Leana, eu senti tudo isso. O desejo e a excitação. A necessidade dela. E isso me fez precisar dela também. Ela era a cola que reconectava as pontas soltas.

Não sei se Karson e eu somos capazes de amar, mas nossa necessidade de protegê-la chega bem perto. Depois da maneira como ela assumiu seu papel anteriormente, ela mais do que conquistou seu

lugar ao nosso lado. Inferno, começar a consertar os anos de dor entre nós provavelmente foi o suficiente, mas ajuda saber que ela tem um toque de escuridão dentro dela. Escuridão que estava lá antes de colocarmos mais dentro dela, claro.

Paro em uma alcova entre árvores e espio a casa colonial no beco sem saída. Parece tão simples. Tão barato. Nossos trabalhos típicos vivem em mansões, repletas de maços de dinheiro para roubar depois de terminarmos um trabalho. Não espero sair com muito dinheiro com isso e não gosto disso. Isso parece uma perda de tempo. Independentemente disso, é um trabalho, então enfio a pistola na parte de trás da calça e saio do SUV. Vou até a porta dos fundos e abro.

— Fique — eu ordeno, embora eu saiba que ela não vai ouvir. Esse é o lance dela: ser um lindo problema. Seus olhos brilham para mim e eu esfrego meu dedo ao longo de seu lábio inferior antes de me inclinar e capturar sua boca.

— Não provei que posso cuidar de mim mesma? — Ela pergunta.

Ela não está errada, mas não tenho certeza se ela consegue lidar com o quão depravados nos tornamos. De volta a sua casa, ela se alimentou de sua raiva e dor. Ela pode ter mais dificuldades quando se depara com a possibilidade de tirar a vida de alguém que não a ofendeu, e não preciso da voz da razão em meu ouvido quando estou tentando trabalhar.

— Vamos, G — diz Karson.

— Fique — digo a ela mais uma vez.

Ela se recosta com uma zombaria e eu fecho a porta.

Caminhamos por entre as árvores e depois ao longo da lateral da casa até chegarmos à porta dos fundos. Karson usa a mão enluvada para verificar as janelas enquanto passamos, mas estão todas trancadas. Quando chegamos à porta, ela também está trancada. Karson tira do bolso um kit para arrombar fechaduras e começa a trabalhar. Ele sempre foi um mago com fechaduras. Ele aprendeu o ofício quando éramos crianças. Em vez de colecionar bonecos de ação

ou cartões de beisebol – para os quais nunca tivemos dinheiro – ele aprendeu como desengatar todas as travas conhecidas pelo homem.

Sua língua espia por entre os lábios enquanto ele enfrenta um desafio com este. Ele experimenta algumas técnicas e ferramentas antes de ser saudado por um clique satisfatório e, em seguida, abre a porta com um sorriso sinistro.

Enquanto rastejamos pela casa, pego minha faca e preparo o cabo. Não sabemos nada sobre esse homem além de seu nome e o motivo do assassinato – o pobre Allan deve muito dinheiro a muitas pessoas – o que é incomum. Normalmente obtemos mais informações do que isso, mas George disse que não tinha tempo para detalhes. Ele provavelmente estava chateado por eu ter perdido sua ligação e imaginou que poderia me irritar ocultando informações. Funcionou. Estou definitivamente irritado. Karson e eu gostamos de saber sobre nossos sucessos para que possamos adaptar sua morte à sua personalidade. Uma espécie de serviço personalizado. Deveríamos realmente cobrar mais.

Depois de revistar a casa, encontramos o homem de bruços, esparramado na cama com um joelho voltado para o peito. Ele está dormindo profundamente, roncando. Fico na porta, mas Karson se aproxima, se inclina e limpa a garganta no ouvido do homem. Ele quer ver o medo em seu rosto quando sair de seu sono sonhador e se deparar com um pesadelo.

O homem rola lentamente, arregalando os olhos ao observar a cena confusa acima dele. Ele salta da cama e corre direto para mim assim que cruza a soleira. Basta um único soco para colocá-lo de volta no sono.

Pegamos uma cadeira da sala de jantar e a colocamos no meio da sala. Depois de transportar seu corpo para o assento de honra, colocamos fita adesiva em suas mãos atrás das costas, passando a fita pelas ripas de madeira. Em seguida, vou até os tornozelos, enrolando a fita em volta de cada perna da cadeira e conectando-a à pele. Sua cabeça cai para a frente, a boca aberta, sangue escorrendo do nariz.

Karson vai até a cozinha e começa a vasculhar as gavetas. Existem toneladas de armas do crime à vista, mas não é isso que ele está procurando. Esta é outra especialidade da Karson. Ele encontra merdas aleatórias na casa do alvo e as usa para torturá-los. Bolsas, pistolas de pregos, bengalas.

— Você escolhe, ele usou em um golpe.

Ele pega um rolo de filme plástico de uma gaveta e o segura com um sorriso. Feliz por ter encontrado o que precisava, ele chega atrás do homem e tenta manter a cabeça erguida enquanto prende o plástico em volta do rosto. Infelizmente, o envoltório gruda em si mesmo e não cria o efeito que ele deseja. Afinal, ele é um artista e precisa que sua obra-prima imite sua visão.

— Pequena ajuda? — Ele pergunta, sacudindo o homem pelos cabelos — Não consigo segurar a cabeça dele e alinhar isso.

Reviro os olhos e me aproximo, substituindo a mão dele pela minha. Karson enrola o plástico em volta do rosto do homem, mantendo o lençol plano para criar a janela de visualização perfeita. É sugado pela boca do homem a cada tentativa de respiração. Eu tenho que admitir... é lindo. Ao contrário de uma bolsa, que lhe daria algumas boas respirações antes que o oxigênio começasse a desaparecer, o envoltório prende instantaneamente seu rosto e obstrui todo o ar.

Os olhos do homem se arregalam enquanto seu cérebro o acorda com um chute. Dentro de uma névoa de pânico palpável, ele se contorce contra as restrições, seu peito arfando a cada suspiro. Delicioso pra caralho. Mas tudo acabará muito cedo assim. Ele precisa de mais tempo para realmente sentir o medo, para deixá-lo penetrar em seus ossos e deixá-lo gravado em seu rosto, mesmo após a morte.

Pego um garfo em uma gaveta e o uso para fazer um furo no plástico que cobre sua boca. O ar emite um som sibilante enquanto ele respira.

— Você tem algum dinheiro? — Eu pergunto.

Ele balança a cabeça.

Karson fica na frente do homem e avalia seu trabalho.

— Ele é um viciado em jogos de azar. Se ele tivesse dinheiro, provavelmente já teria acabado.

— Até os perdedores às vezes ganham — digo — Mantenha-o vivo enquanto vou procurar um cofre.

Karson zomba.

— Perda de tempo.

Eu me viro e vou em direção ao quarto. Vasculho o armário, mas não encontro cofre, dinheiro ou qualquer coisa de valor. Merdas sentimentais inúteis enchem as prateleiras, e roupas simples estão penduradas nas prateleiras. Em seguida, vou para as gavetas da cômoda, mas elas são tão decepcionantes quanto o armário. Uma carteira está na mesa de cabeceira ao lado de um copo de água meio vazio. Eu o pego e abro, encontrando apenas uma nota dez e algumas unidades. Quando meus olhos pousam na carteira de motorista, meu estômago embrulha.

Corro de volta para a sala e corto minha lâmina no plástico que cobre sua boca, cortando sua pele no processo. O sangue escorre pelo queixo e mancha sua camisa.

— Qual o seu nome? — Eu rosno.

— Roger! — Ele grita.

— Nós pegamos o cara errado! — Eu grito.

Karson olha para o homem trêmulo.

— Ele não é um alvo?

Folheio a carteira novamente e encontro um cartão de visita — Ele é um maldito pastor.

— Já matamos um homem santo? — Karson pergunta, inclinando a cabeça. Seus olhos voltam para os meus — Quero dizer, nós realmente não temos escolha agora. Temos que... — Ele passa o dedo

pela própria garganta.

Ao contrário de Karson, sinto coisas. Não concordo totalmente com a morte de inocentes, mas às vezes isso não pode ser evitado. Este é um desses momentos.

— Se confessarmos agora, você acha que isso nos absolverá dos nossos pecados? — Karson pergunta enquanto se aproxima do homem.

O pastor Roger balança a cabeça furiosamente.

Karson sorri.

— Eu acho que sim. Acho que é assim que funciona. Eu te conto os meus pecados, faço três ou quatro Ave-Marias e depois vou para o céu, certo? — Ele se aproxima e sussurra algo que faz o pobre e velho pastor ver o diabo diante de seus olhos, então Karson começa a recitar a oração.

Uma vez.

Duas vezes.

Na terceira vez, ele enfia a faca na barriga do pastor.

— Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo. Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre, Jesus — Ele torce a lâmina — Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da morte — Ele enfia a faca para cima — Em nome do Pai — Ele rasga para baixo — E do Filho — Ele puxa a lâmina para o lado para finalizar a cruz — E do Espírito Santo — Com um largo sorriso, ele remove a lâmina e joga um pouco de sangue na testa do pastor Roger — Amém.

Meus lábios se apertam. O que diabos há de errado com ele?

— Terminamos? — Eu pergunto.

— Yeah, yeah — Ele limpa a lâmina no interior da jaqueta e enfia a faca na bainha.

— Na verdade — eu digo — encontre uma sacola Ziploc — Pego minha faca e corto a mão direita do pastor de seu corpo inerte.

O fato de ele não me questionar é uma das *poucas* razões pelas quais gosto do meu irmão. Cortar uma mão e pedir uma sacola geralmente suscita perguntas, mas ele simplesmente segue em frente e começa a vasculhar armários e gavetas.

— Oh meu Deus, este homem tem uma máquina de selagem a vácuo! E bolsas! — Ele grita.

Encontro-o na cozinha e jogo a mão na sacola. Karson desliza a borda aberta do saco para dentro da máquina e ela suga o ar, deixando a mão parecendo um peito de frango ensanguentado. A máquina prende a extremidade com um clique mecânico.

— O que você planeja fazer com isso? — Karson pergunta, seus olhos brilhando de antecipação.

— Temos mais um trabalho. Um último trabalho a fazer. Acho que podemos encontrar algum uso para isso e realmente sair em plena glória.

Karson acena lentamente com a cabeça.

— Eu gosto disso.

— Vamos sair daqui. — Começo em direção à porta — Precisamos ligar para George e descobrir onde os fios foram cruzados. Ele nunca fez uma merda assim antes.

— Estou surpreso que a ladra esteja realmente esperando no carro — diz Karson atrás de mim.

Sim, é *surpreendente*. Ela geralmente aparece quando sua curiosidade mórbida leva a melhor sobre ela. Um sentimento de merda aperta meu estômago, mas tento afastá-lo. Ela provavelmente já estava farta de assassinato depois do que fizemos há poucas horas. Considerando que ela não resistiu muito quando eu disse para ela ficar parada no carro, eu vou com isso.

Mesmo enquanto tento me tranquilizar, meus pés aceleram o ritmo em direção ao SUV. Saio da varanda, vendo apenas o que está bem na minha frente. As botas de Karson batem no chão enquanto ele

tenta me acompanhar quando começo a correr. Quando vejo o carro, meu estômago embrulha.

A porta traseira está aberta e a luz interna revela um SUV vazio. Espero cegamente que ela tenha fugido, que queira que a persigamos, mas essa esperança se evapora quando chego à porta aberta. Um rastro de sangue seco marca o assento e marcas de garras passam por ele. Minha andarilha não fugiu. Ela lutou muito para ficar.

Alguém a levou.

Meus olhos se voltam. Vejo apenas árvores, não sinto nada além de natureza e sangue. A raiva ardente queima meu interior até que me transformo em uma chaleira fervendo de raiva. Nunca senti uma sensação de perda tão intransponível. Do vazio. Esta é a razão exata pela qual sempre fui tão cauteloso. Eu não deveria ter permissão para sentir emoções tão fortes, porque isso me torna um homicida pra caralho quando *já* sou homicida.

O sorriso selvagem de Karson desaparece quando ele chega ao carro.

— Qual é o problema? — Ele pergunta.

— Leana se foi.

— Ela provavelmente fugiu...

Meu olhar endurece.

— Não, Karson. Ela se foi, porra.

— Espere, o que?

— Há sangue. Eles a tiraram do carro!

— Quem são eles, G? — Ele pergunta enquanto dá um passo cauteloso em minha direção.

— Você sabe quem. E a culpa é sua.

Pego minha pistola e Karson dá vários passos para trás.

Ele levanta as mãos.

— Gentry, espere!

O brilho aterrorizado em seus olhos quase me faz rir, porque Karson *nunca* me temeu. Minha raiva geralmente o inspira a cutucar e cutucar e me deixar com mais raiva. Mas não desta vez. Só posso imaginar como deve ser para ele recuar como um animalzinho assustado. Como as coisas que capturamos e matamos.

Eu nivelo meu cano em seu rosto. Meu dedo envolve o gatilho e tudo em mim me diz para fazer isso. Para matá-lo. Seu dedo pressionou o detonador de cada maldita coisa da minha vida que explodiu em mim. Isso tudo é obra dele.

— Você fez isso, Karson! Você! Se você não tivesse ligado para George e dito que Leana estava conosco, nada disso estaria acontecendo agora!

— G, não fui eu! Juro.

— Quem mais sabia que ela estava conosco, Karson? Quem mais teria ligado para George?

Ele lambe os lábios, as rodas girando em sua mente enquanto lutam para ganhar força em uma resposta que irá abaixar minha mão.

— O cara com quem ela estava — diz ele, arregalando os olhos — O cara antes de nós. Ela estava doente quando a pegamos, então talvez aquele cara tenha conexões com os trabalhos paralelos de drogado de George. Talvez eles estejam trabalhando juntos nisso.

Suas palavras quase fazem sentido. Eu posso entender que seu ex fez um grande esforço para recuperá-la.

— Pense nisso. Este trabalho não foi um erro. Foi uma maldita armação. E eu sei onde eles podem estar — acrescenta Karson — George tem um armazém a cerca de uma hora daqui. Só estive lá uma vez, mas acho que posso encontrá-lo novamente. Vamos lá e descubra a verdade. Se eu estiver mentindo, você pode me matar.

Eu abaixo a arma.

— Entre na porra do carro.

Entramos no SUV e Karson apenas me encara enquanto entramos na estrada.

— Você vai me matar se não a encontrarmos?

Meus dedos apertam o volante.

— Sim, e há uma boa chance de eu matar você mesmo se a encontrarmos.

Ele se joga para trás como uma criança.

— Então por que eu deveria me preocupar em ajudar?

— Porque se você não fizer isso, vou cortar suas duas mãos, colocá-las em posição de oração e enfiá-las tão fundo na sua bunda que você vai cagar Ave-Marias por um maldito ano.

Isso é o suficiente para calá-lo e, além de dar algumas orientações, ele não volta a falar. Isso é uma coisa boa. Se eu descobrir que ele está mentindo, serei forçado a silenciá-lo permanentemente.

Capítulo Vinte e Cinco

Leana

A fita estrangula meus pulsos e respiro o ar usado por baixo do pesado saco preto em minha cabeça. Estou no banco de trás de um carro de luxo que cheira a charutos caros, dinheiro e couro quente. Uma mão pousa na minha coxa e eu afasto minha perna com um grunhido.

— O cruel. — Alguém diz ao meu lado.

Eu reconheço essa voz. Carrega o mesmo tom baixo e autoritário que disse a Gentry para se livrar de mim. Bem. Porra.

O telefone de George toca novamente, e só posso presumir que Gentry ou Karson estão explodindo. Provavelmente, antes que eles venham e realmente explodam a merda. Se eles puderem me encontrar.

— Eles vão matar você — digo através do capô.

Ele ouve minhas palavras abafadas e bate em minha bochecha com força suficiente para fazer meu ouvido zumbir.

— Espero que sim. Quero que eles encontrem você para que eu possa matá-los depois de matar o brinquedinho deles na frente deles.

— Você precisa da vantagem de jogar em casa, porque sabe o que eles farão com você em igualdade de condições. Você sabia que não poderia eliminá-los na casa daquele alvo.

— Alvo? O que eles têm te ensinado? Você não fez os cursos pré-requisitos sobre como viver uma vida de dificuldades para entrar nesta classe.

— Você não sabe nada sobre mim.

Ele solta uma risada vazia e segura minha coxa com um aperto que não consigo me livrar.

— Eu sei o suficiente.

Um formigamento agudo percorre meus braços e mãos, e mudo meu peso para aliviar a pressão crescente. O veículo para e meu coração também. As dezenas de incógnitas passam pela minha cabeça e abafam qualquer pensamento racional.

A porta à minha esquerda se abre e mãos envolvem meus braços e me puxam para fora do carro. Vomito palavrões sob o capô e chuto as pernas até que meus pés toquem o concreto. A porta de uma garagem se ergue na minha frente, clicando e estalando enquanto o motor zumbe, então, provavelmente, estou em uma casa. Penso em gritar, mas se eles forem descarados o suficiente para trazer uma mulher encapuzada pela garagem, duvido que haja alguém por perto para ouvir meus pedidos de ajuda. Fazer isso só iria irritá-los, então mantenho minha boca fechada enquanto eles me levam para frente.

— Escadas — diz uma voz rouca atrás de mim.

Meu pé procura o primeiro degrau e subo desajeitadamente uma escada que parece não ter fim. Quando chegamos ao topo, sou conduzida por outra porta e meus pés se conectam com o barulho familiar do piso de madeira. O homem atrás de mim agarra meus ombros, me vira para encará-lo e me empurra para trás até que minha coluna toque em algo frio e alto. Ele corta a fita no meu pulso e prende outra coisa em seu lugar. Tateio ao redor com as pontas dos dedos até que minha mente consiga juntar as peças em uma imagem: estou algemada a uma porra de um poste.

O capuz é retirado da minha cabeça e eu aperto os olhos contra a luz brilhante da sala. À medida que meus olhos se ajustam, minha boca se abre. Estou amarrada a uma espaçosa sala de estar, diminuída pelos tetos mais altos que já vi e pelas janelas que encheriam o quarto de luz solar, se não fosse tarde da noite. As madeiras lisas brilham e sofás e cadeiras vermelhos macios cercam uma lareira gigante.

Meus olhos se movem para os homens. George - vestindo um terno de três peças em um tom ostentoso de azul bebê - está entre quatro homens musculosos. Ele não é nada do que eu esperava. Ele é muito mais velho do que parecia e é meio baixo. Mas acho que ele não precisa ser grande quando tem os dublês de Vin Diesel como amigos.

— Então você é a razão pela qual meus padrinhos estão agindo de forma suicida? — George pergunta. Ele dá um passo em minha direção e seus homens refletem cada movimento. Ele levanta uma mecha do meu cabelo, franze a boca e depois abaixa a mão — Meio claro se você me perguntar. Você não acha? — Ele se volta para seus homens.

— Ela parece melhor do que quando estava chapada. — Essa voz sobe pela minha espinha e arrepiando os cabelos da minha nuca. Me recuso a acreditar até que ele entre na sala, e então não posso negar o que está bem na minha frente.

— Mickey? — Eu respiro.

— O que? Você não acreditou em mim quando eu disse que te encontraria se você me deixasse? — Ele se aproxima e sua colônia envia um milhão de lembranças terríveis à superfície da minha mente. — Eu fiquei de olho em você o tempo todo que você esteve na rua. Perdi você um pouco quando roubou aquele carro, mas quando descobri que os filhos de George usavam uma marca e modelo semelhantes, juntei dois mais dois.

— Então, Karson realmente não contou a George? — Eu pergunto — Foi você?

— No começo eu não tinha certeza, mas quando vi aquele pequeno vídeo, não havia como negar. Sua tatuagem delatou você. — Ele arrasta o dedo ao longo da curva do meu seio e eu me afasto — Ótima atuação, aliás. Ele me perguntou se eu achava que era real, mas eu conheço você. Eu disse: “Essa é minha Lee, mas ela não está morta” — Ele me circula.

— Eu não sou mais sua, Mickey.

— Você está certa, você não é. Não depois que você estiver

esgotada. Eu esperava que você pulasse no primeiro pau que visse, mas os Kursickis? Você se envolveu com pessoas muito más. Muito pior do que eu.

— Como você os conhece? — Eu pergunto, meus olhos se estreitando.

— Todos trabalhamos no mesmo circo, mas atuamos em picadeiros diferentes. Sou um dos traficantes de George, mas conheço bem as principais atuações de George. Sua dupla mortal e ousada.

Vai entender, porra. Apenas minha sorte.

Ele passa a mão firme pelo meu cabelo.

— Você está bonita. Saudável — ele sussurra em meu ouvido, e eu me afasto de suas palavras, me esforçando contra as algemas. Sua mão desce pelo meu pescoço e roça o corte no meu seio esquerdo. Ele rasga minha camisa, expondo meu mamilo. — Já que você gosta de mostrar seus peitos para homens aleatórios.

Recusando-me a dar-lhe a satisfação de uma reação, coloco meu lábio inferior na boca para parar o tremor. Enrolo os dedos dos pés, deixando a tensão percorrer minhas panturrilhas para não chutá-lo. Se ele souber o quanto está me machucando, fará mais. Pior.

Mickey enfia a mão no bolso e tira um comprimido. A visão disso me dá água na boca. Faz meus dedos se desenrolarem. Ajudaria a aliviar um pouco a dor na minha cabeça por causa do local onde me bateram quando me levaram.

Eu não deveria querer aquela pílula.

Mas eu quero.

Estico a língua e permito que Mickey coloque o comprimido em minha boca, depois engulo a seco, e engulo com arrependimento e culpa imediatos.

— Boa menina, Lee. Você é sempre mais flexível quando está chapada.

George solta uma risada e dá um tapa no ombro de Mickey, então todos saem da sala. Quando minha cabeça começa a girar alguns minutos depois, só consigo pensar em Gentry e Karson. Quando eu estava com eles, não ansiava mais por comprimidos ou fugas. Eu estava feliz. Havia encontrado a liberdade. Agora estou enjaulada novamente.

Eu caio no chão.

— Por favor, se apressem — eu sussurro antes de fechar os olhos e deslizar sob as ondas.

Gentry. Karson. Eu quero eles. Eu confio neles. Preciso deles para me salvar novamente, para me libertar.

Meus olhos se abrem quando um peso imenso pressiona meu corpo. Tão pesado. Viro a cabeça e olho pela janela. Ainda está escuro lá fora, mas a lua mal se moveu no céu. Não saio há muito tempo, mas já passou tempo suficiente para me deixar incrivelmente desorientada e confusa. O que Mickey me deu? Algo mais forte do que estou acostumada, isso é certo.

O metal crava-se em meus pulsos enquanto meus braços se esticam para trás. Tento balançá-los contra o poste, mas tudo acontece em câmera lenta – uma desconexão entre meus movimentos e meu cérebro.

Um aperto áspero puxa meu queixo para baixo. O peso acima de mim é George, e minhas coxas estão espalhadas ao redor dele. Como se estivesse tentando gritar debaixo d'água, minha boca se abre e produz um grito silencioso. Seus dedos cravam em minhas coxas enquanto tento chutá-lo.

— Bom dia — ele diz enquanto se inclina e aperta minhas bochechas, me forçando a fechar a boca.

Não consigo nem senti-lo entre minhas pernas. Ou estou muito

alta ou ele é muito pequeno. Eu só sinto o impacto de seus quadris batendo em mim. A familiaridade é demais. Meu padrasto está morto, mas George é uma reencarnação da pior espécie. Assim como Martin, ele roubou minha voz. Ele me silenciou.

Estou tão cansada. Cada respiração tira muito de mim. Reúno força suficiente para afastar meu rosto de seu alcance, mas minha cabeça apenas pende para o lado. Uma luminária do outro lado da sala chama minha atenção, e a luz fica embaçada enquanto tento focar na sombra com borlas. Movo meu olhar para a mesa de mogno abaixo dela, mas tudo fica confuso até se tornar apenas uma variedade de cores e formas à distância.

Eu vou morrer? Estou prestes a ter uma overdose com este saco de ossos velhos dentro de mim?

Quando penso que minha situação não pode piorar, as palavras vêm de algum lugar distante de mim.

— Sua vez. — George diz enquanto sai de cima de mim.

Um dos guardas se ajoelha e aproxima o rosto do meu. Eu me afasto de seu hálito quente, mas meu desgosto não o detém. Ele levanta minhas coxas e as coloca sobre os joelhos.

E começa de novo.

Capítulo Vinte e Seis

Karson

Não estou mostrando como Gentry, mas estou *chateado* com isso. Está fodido. Tentamos mantê-la no carro para protegê-la de nós. Protege-la do nosso trabalho. Se a tivéssemos levado conosco, ela estaria segura agora.

— G?

— Não faça isso, Karson. Não fale a menos que esteja dando instruções para chegar à casa de George.

Abro a boca e fecho novamente. Eu normalmente o pressionaria um pouco mais, o irritaria um pouco mais, mas ele está além do ponto sem volta. Se eu abrir aquele saco de batatas fritas entre nós, ele corta minha jugular com a faca.

Não sei mais o que dizer. Eu não posso consertar isso. Mesmo que não seja minha culpa, não posso fazê-lo acreditar em mim. Só posso ajudar a recuperá-la e deixar Gentry descobrir a verdade para que ele possa parar de ficar tão chateado. Ele não tem escolha a não ser trabalhar comigo de uma forma que não trabalhamos juntos há anos. Sabíamos o movimento exato que o outro faria, como uma dança fodida. Sincronização serial. Pela primeira vez, em muito tempo, ele precisa da minha ajuda e, por mais que seja uma droga, é uma chance de provar que não sou *tão* idiota quanto ele pensa.

Meu estômago ronca e envia uma pontada de fome por dentro.

— Você acha que deveríamos parar para comer? — Eu pergunto.

Ele olha para mim.

Não estou sendo chato, estou morrendo de fome.

— Não. Não vou parar por nada até chegarmos lá. Cada minuto extra que ela está com George... — Suas mãos apertam o volante com força. A coisa grita, e eu me preocupo que ele esteja prestes a quebrá-la ao meio.

— Tudo bem. — Assumo o risco e pego o saco de batatas fritas do console central. O celofane grita como um motor a jato neste espaço silencioso, então abro o saco e levo um único chip à boca.

Mas Gentry estende a mão e arranca-o da minha mão.

— Cara, relaxa! — Eu digo — Eu quero encontrá-la também. Ela cresceu comigo, acredite ou não, mas ainda sou um ser humano e preciso comer. E mijar.

— Não podemos.

— A pequena ladra é durona, G. Ela vai ficar bem. — Tentar me relacionar ou confortar alguém não é meu forte, mas estou tentando, porra. Posso matar alguém, mas vá se foder se tiver que me conectar com alguém em um nível pessoal.

Exceto Leana.

Além do meu irmão, a dinâmica estranha entre mim e a ladra é o mais próximo que já senti de cuidar de uma pessoa. Eu a deixei roubar uma parte do coração que eu tenho.

— George é um homem que até *nós* tememos, então como você espera que Leana sobreviva à sua ira? — Gentry diz — Sempre passamos muito tempo com ele e é por isso que queria que esta corrida fosse a última.

Meus olhos se voltam para ele.

— Não tenho medo desse saco de merda. Estou pronto para virar a bunda dele há muito tempo. Não se esqueça de que eu não me importei quando ele quis me matar.

— O que você vai fazer, Karson? O que você realmente acha que será capaz de fazer quando enfrentá-lo?

Seguro minha pistola em uma mão, minha faca na outra e agito-as no ar.

— Vou encontrar sua bunda velha e humilhá-lo. Ou morrer tentando. Você só se preocupa em pegar nossa garota enquanto estou ocupado.

Os lábios de Gentry se contraem, mas se contraem nos cantos.

— Se eles a tocarem, você não será o único a humilhar.

Ele para o SUV em frente a um grande prédio. O armazém é enorme – ainda maior do que me lembro – mas meu estômago revira quando vejo o estacionamento vazio. George está em um dos três lugares, mas fiz a escolha errada. Ele não está aqui.

Saímos do SUV e a primeira coisa que faço é mijar nos arbustos. Gentry suspira e abre o zíper da braguilha para fazer o mesmo. O pouco tempo que leva para fazer xixi o enerva e o deixa nervoso. Um comentário sarcástico se esconde debaixo da minha língua, mas deixo passar. Ele sente que cada segundo é importante, mas George não *a quer*. Ele nos quer. Bem, ele quer matar todos nós, sem dúvida, mas irá mantê-la viva até chegarmos lá. Esse é o tipo de merda doentia que eu faria, de qualquer maneira.

Ando pelo lado de fora do prédio com Gentry. Espiamos pelas janelas cobertas de sujeira. Quando verifico as duas únicas entradas, há uma camada de espuma nos botões. Ninguém vem aqui há algum tempo.

— Ele não está aqui, G. — Minhas palavras não são suficientes para fazê-lo parar de procurar, e tenho que puxar fisicamente sua bunda gigante em direção ao carro. — Vamos, cara. Você não aguenta sete segundos para mijar, mas vai ficar chafurdando em um prédio vazio por uma eternidade?

— Foda-se! — Ele ruge antes de se virar e me dar um soco no rosto.

Ele me deu muitos socos ao longo dos anos — provavelmente mais vezes do que posso contar — mas nunca senti tanto ódio em seu

punho cerrado. Meus braços vão para trás, para me preparar para uma colisão e caio no concreto quebrado. Mesmo que ele tenha me dado um soco, não vou revidar. Ele está sofrendo mais do que eu agora.

— Sinto muito, Gentry.

Algo neste pedido de desculpas parece ressoar mais nele do que as desculpas no hotel. Este é absorvido. Talvez porque eu quis dizer este.

Ele sacode a mão e geme antes de me ajudar a ficar de pé.

— Onde é o próximo?

— O clube dele — eu digo.

Gentry inclina a cabeça.

— Você realmente acha que ele a levaria para um clube?

— Há um porão inteiro com paredes à prova de som e uma entrada lateral. Você não tem algo assim, a menos que planeje trazer algumas pessoas que não querem estar lá.

— Entre no carro — ele responde.

Dirigimos pela cidade até chegar à boate. Uma porrada de veículos lota o estacionamento aqui, mas não sei se algum pertence a George e seus homens. Só posso esperar estar certo desta vez.

Gentry estaciona, enxuga os olhos e sai do carro, então escondemos nossas armas e seguimos em direção à entrada. Assim que entramos, a música bate no meu peito e fico hipnotizado pelas luzes estroboscópicas piscando sobre os corpos sombreados na sala ao lado. O segurança nos encara, como se tivéssemos dizendo “Vou foder seu chefe antes de cortar a garganta dele” escrito em nossas testas. Ele se levanta e caminha em nossa direção.

Gentry corre para frente e o empurra contra a parede antes que ele possa sacar sua arma, batendo em seu pódio de merda no caminho. Pego minha faca e seguro-a contra sua garganta, e de repente o grande e assustador segurança está quase mijando nas calças.

— Onde está seu chefe? — Gentry pergunta.

— Joe está lá dentro — diz ele com a mandíbula tensa.

— Não Joe. Seu verdadeiro chefe. Onde está George? — Ele o sacode, o que raspa minha lâmina em sua pele.

— Ele se foi desde ontem à noite — o segurança quase choraminga — Não sabemos para onde. Ele não nos conta nada.

Gentry dá um tapinha na bochecha do homem.

— Se eu descobrir que você o está protegendo, voltarei aqui, cortarei seu pau, enfio na sua boca e sufoco você com ele. Estamos entendidos?

Guardo minha faca no bolso e o encaro.

— Cristalino — ele diz.

Gentry o joga contra a parede mais uma vez antes de soltá-lo, então tira a pistola do coldre e a guarda no bolso.

— Estou aceitando isso pela minha inconveniência — Ele se afasta e faz sinal para que eu o siga.

— Tem mais ideias brilhantes? — Gentry diz com os dentes cerrados enquanto corremos de volta para o SUV.

Antes que eu possa atender, o telefone dele toca pela primeira vez desde que Leana foi levada. Arranco-o de suas mãos e abro a mensagem antes que ele tenha chance. Tenho a sensação de que sei quem está entrando em contato nesta bela noite, e Gentry não será capaz de lidar com o que suspeito que estará embutido nesta mensagem. Meus ombros caem quando abro.

— O que é? — Ele pergunta.

Eu não respondo, o que provavelmente é bastante alarmante, considerando que eu nunca calo a boca.

— O que é isso, droga!

Minha boca se abre antes que eu possa impedir. Ele já me viu

foder um ferimento de faca antes. *Nada* faz minha boca ficar aberta. O que significa que é realmente algo sério. E isso é.

— Dê para mim — ele ordena.

Eu balanço minha cabeça.

— Confie em mim quando eu disser não. Você não quer ver isso. Se isso está *me deixando* tão chateado, isso vai quebrar você.

Ele agarra meu pulso e o dobra para trás, mas eu agarro o telefone, mesmo quando sinto meus ossos ficarem tensos a ponto de quebrar.

— Pare! Pare! Você pode assistir, mas não agora. Espere até pouco antes de entrar na próxima parada. O vídeo mostra onde eles estão. Eu sei para onde ir, mas nunca chegaremos lá se você olhar aquele vídeo.

Ele solta meu braço.

— Onde eles estão?

— É uma péssima ideia ir para lá assim. Eles vão nos dominar.

— Temos quatro pistolas, várias facas e uma vingança. Do que mais precisamos? Agora me diga.

— É a casa dele, Gentry. Ele tem guardas, cães de ataque treinados e quem sabe o que mais?

Gentry contrai a mandíbula e balança a cabeça.

— Não podemos deixá-la. Temos que tentar. Ela não estaria nessa bagunça se não a tivéssemos levado junto nessa maldita jornada. Se não tivéssemos entrado no carro dela e a trazido para este mundo fodido onde ela não pertence.

— Nós vamos descobrir isso — eu digo.

Não tenho certeza de como faremos, mas não temos outra escolha.

Capítulo Vinte e Sete

Gentry

Qualquer chance de sair vivo significa trabalhar de mãos dadas com meu irmão e confiar nele de uma forma que não fazia há muito tempo. Eu nem sei se sou capaz disso. Terei que confiar nele como se ele não tivesse me traído tantas vezes. Terei que colocar meu bem-estar em seu colo e confiar que ele estará ao meu lado.

Sozinhos, não podemos vencer.

Juntos? Talvez tenhamos uma chance.

Karson medita silenciosamente ao meu lado enquanto viajamos por estradas sinuosas em direção à casa de George. Suas unhas cravam nas coxas de vez em quando, como se ele estivesse revivendo o vídeo em sua mente. Aperto o volante. Ela estava sendo torturada? Tocada? Fodida? Eu rosno com o pensamento. Ele está certo em reter esse vídeo até chegarmos lá.

O homem ao lado dele agora está controlado.

Preso.

Reprimido.

Quando eu vir esse vídeo, me tornarei o velho eu, e o velho eu junto com o Karson atual pode ser o suficiente.

Entramos em uma estrada arborizada que serpenteia colina acima. À medida que nos aproximamos do topo, a enorme mansão aparece, iluminada contra o céu totalmente negro. Holofotes pousam no perímetro como sentinelas mecânicas com corpos altos e negros e cabeças brilhantes. Há também um maldito posto de guarda. Dois, na verdade.

Isto vai ser divertido.

Somos executores, não assassinos, mas se você nos irritar o suficiente, talvez mudemos nossa linha de trabalho. E George levou isso longe demais.

Apago os faróis e puxo o SUV para a floresta. Um aterro bloqueia a visão da mansão, o que significa que eles também não podem nos ver. Faço um gesto para o telefone, e Karson o coloca na palma da minha mão e se vira. Quando ligo a tela e passo o dedo pela rachadura gigante no vidro, a mensagem de George aparece.

Estou apenas olhando para a imagem da capa, mas é o suficiente para fazer meu sangue ferver sob a pele. Leana está deitada no chão de madeira, com o cabelo loiro espalhado ao redor da cabeça. Seus olhos estão fechados e ela parece estar dormindo. Clico no vídeo e um ícone gira na tela preta antes de começar. O operador de câmera dá um zoom em Leana. O rosto dela está voltado para a câmera, mas ela não se move, mesmo quando o cinegrafista coloca o pau na boca dela. Então seus olhos tremulam e ela solta um gemido fraco.

Ela está drogada.

A câmera se move para baixo e foca na camisa rasgada e no peito nu. Ele se move mais para baixo e não quero olhar, mas não consigo desviar o olhar. Ele para nas coxas pálidas, que se prendem às pernas de alguém de calça preta.

Então, o cinegrafista fala.

É o George.

— Você quer sua garota, Gentry? Venha buscá-la. Já viemos buscá-la várias vezes.

É a primeira vez que Karson ouve o áudio e suas mãos se fecham em punhos quando ouve as risadas dos outros homens na sala. Ele estava totalmente correto quando escolheu esconder isso de mim.

Estalo o pescoço, depois os nós dos dedos, e expando o peito com uma inspiração profunda para enviar outra onda de estalos pela minha

espinha.

— Pegue a porra da mão.

— O que? — Karson pergunta com os olhos arregalados.

— A mão do pastor. Pegue. Isto.

Ele mantém os olhos em mim enquanto volta e agarra o apêndice selado a vácuo. Coloco as pistolas e facas no painel, depois pego minha pistola e a guardo para garantir que esteja carregada. Enfio meu pente extra no bolso. Não carrego mais do que isso, porque nunca precisei. Se ficar sem munição em um carregador, uso minhas mãos. Ou minha lâmina. Verifico a Glock que tirei do segurança. Dez balas. Califórnia — legal.

Coxo, mas são dez a mais do que eu tinha.

Guardo a Glock no bolso, coloco a lâmina no quadril e enfio a pistola maior na parte de trás da calça enquanto saio do carro. Enfio a mão no bolso livre, mas a folga se destaca um pouco, roçando a parte inferior do meu braço. É chato, mas eu preciso disso. Karson me segue, pegando uma de suas pistolas e deixando uma bala cair em sua mão aberta. Ele o coloca no bolso.

Eu fico olhando para ele.

— Por quê?

Ele desliza a arma no coldre em seu quadril.

— Eu sempre escondo uma bala antes de acertar. Desde que começamos.

Ele dá de ombros.

— É sorte.

Eu balanço minha cabeça.

— Se você tivesse sorte, você não teria sido um homem marcado há não muito tempo. Parece um mau presságio, se você me perguntar.

— Você tem sua mão. Eu tenho minha bala. Não julgue o que levo

para a batalha — ele diz com escárnio.

Touché.

Chegamos ao topo da barragem e eu me agacho. A vista da mansão é suficiente para fazer meu sangue ferver. É uma grande exibição de arquitetura requintada e artesanato impressionante, com entalhes intrincados e detalhes ornamentados adornando a ampla fachada de tijolo e pedra. Tudo isso pago com sangue e drogas. Meus olhos se concentram na entrada, que é emoldurada por dois pilares imponentes, cada um com uma lanterna de ferro forjado que lança um brilho quente sobre a entrada. As portas duplas são feitas de madeira escura e pesada e apresentam entalhes intrincados de vinhas e folhas, dando a impressão de um jardim escondido. Há muita coisa escondida além dessas portas, e não é a porra de um jardim. Examino os gramados bem cuidados e vejo os postos de guarda.

— Pegue esse — eu sussurro para Karson enquanto empurro meu queixo em direção à mesa mais distante. Ele gosta de correr, então vou deixá-lo correr. — Vou pegar este. — Aponto para a cabine mais próxima, ele balança a cabeça e sai correndo.

Eu me esgueiro pelo perímetro, tentando evitar o holofote balançando na grama. Ele funciona em um padrão, examinando cada seção antes de passar para a próxima. Espero até que ele passe antes de caminhar entre as sombras e acabar ao lado da barraca. Quando dou uma rápida olhada lá dentro, um jovem está mexendo no CCTV. Com base na maneira como seus dedos se movem e alcançam o walkie-talkie em seu ombro, só posso presumir que ele avistou Karson. Eu me inclino para dentro e coloco a mão em volta da boca do homem antes que ele possa apertar o botão do microfone. Ele joga o corpo para trás, tentando me jogar contra a parede. Com um golpe rápido da minha faca, enfio a lâmina na base do seu crânio e empurro até ouvir um estalo satisfatório. Seus braços ainda se mexem. Eu poderia ter quebrado o pescoço dele, mas quero que George veja o sangue nas minhas roupas. O sangue de seus homens.

Agarro o microfone do homem e tiro o rádio do cinto. Prendo-o,

baixo o volume e vou em direção à outra caixa para ver se Karson precisa de ajuda. Quando me inclino, vejo um homem muito morto com um Karson muito determinado parado sobre ele, esfaqueando seu peito e abdômen com um propósito muito determinado. Eu não o paro. Ele está descontando sua raiva da única maneira que sabe. Finalmente, um suspiro sai de seus lábios e ele recua com os olhos vítreos.

O rádio faz um barulho antes que uma voz confusa rompa a estática.

— Eu e Roy vamos para os fundos da casa fumar. Somos só nós, então não solte os cachorros.

Karson estava certo. Eles têm malditos cachorros.

Nós olhamos um para o outro e acenamos com a cabeça. Dois homens sozinhos nos fundos da propriedade? É a situação principal para nós. Quando estamos prestes a sair da cabine, um rosnado profundo ressoa na linha das árvores. Antes mesmo que eu possa reagir, o som de patas batendo no chão se aproxima. Atravesso a porta e enfrento o enorme míssil de pele vindo em minha direção. Uma coleira de corrente emite uma melodia misteriosa a cada movimento que o pastor alemão faz.

— Não quero matar um cachorro — digo. Eu vou, mas não quero. Foi meu irmão quem trouxe animais mortos para casa, não eu.

Karson dá um passo na minha frente, mas o cachorro está focado em mim. Assim que sua forma ganha destaque, tiro Karson do meu caminho e olho para o cachorro. Suas patas cravam no chão enquanto ele desacelera até parar na minha frente, seus olhos castanhos treinados em mim enquanto sua cabeça inclina. Ele se levanta e se senta ao meu lado, olhando para mim com a boca coberta de baba.

Assassinos reconhecem assassinos, eu acho.

Karson saca sua lâmina e eu agarro seu pulso para impedi-lo de esfaquear o cachorro.

— Deixe-o — eu digo.

— Lembre-se do motivo pelo qual você está aqui, Gentry. Este cachorro pode ser usado contra nós mais tarde.

Ele tem razão. Mas se existe um Deus, e se Ele está observando, precisamos de todo o carma que pudermos conseguir. Esfrego a cabeça do cachorro, agarro sua coleira e olho para Karson. Este cachorro pode ser usado contra alguém...

Mas não seremos nós.

— Vá! — Digo, e o cachorro avança para chegar até Karson, suas patas levantando terra enquanto eu o mantenho no lugar.

— Espero que você também conheça o comando 'desligar' — diz Karson enquanto dá um passo para trás.

— Descansar! — Eu digo, e o cachorro passa de urso pardo a ursinho em um instante, embora seu foco permaneça em Karson.

— Quando diabos você aprendeu os comandos alemães?

— Eu estava pensando em conseguir meu próprio cão treinado para o meu negócio antes de ter que contratar um tipo diferente de cachorro. — Seguimos em direção aos fundos da casa, e o cachorro permanece ao meu lado, a coleira tilintando a cada passo.

— Traga o vira-lata assassino. O que poderia dar errado? — Karson brinca.

Retiro a coleira e a jogo na grama.

Nós nos escondemos nas sombras enquanto rastejamos pelo perímetro do jardim da frente não tripulado. Quando chegamos aos fundos da casa, o cheiro forte de fumaça de cigarro paira no ar, e três homens estão sob uma luz, e não dois. Porém, apenas um deles tem rádio.

Eu olho para Karson — Se você puder evitar, não use armas e não deixe que cheguem ao rádio.

Karson joga sua lâmina para cima e a pega — Sem problemas.

— Vá! — Rosno para o cachorro. Ele corre em direção aos

homens.

— Droga, eu disse a ele que éramos só nós! — Um homem grita e o grupo se dispersa.

O cachorro se agarra ao homem do meio. Outro corre direto para nós e antes que ele possa fazer qualquer coisa, Karson enfia sua lâmina na órbita do olho do homem. Ele o puxa e enfia no espaço macio abaixo da mandíbula do homem, usando tanta força que emerge da ponte do nariz.

— Vá! — Grita o homem caído no chão, o que só continua a alimentar o cachorro. Idiota. O vira-lata assassino solta a perna e vai em direção à garganta.

Eu agarro sua nuca.

— Descansar!

Ele solta o homem e eu o redireciono em direção à figura escura que foge. Eu dou o comando e o libero. O homem com o ferimento na garganta vai buscar o rádio. Ele aperta o botão, enviando um grito pelo meu próprio receptor, mas eu monto nele e uso minha faca para acabar com o que o cachorro não conseguiu. Minha lâmina corta seu pescoço como manteiga, espalhando no tecido até criar um buraco quando sua cabeça se separa do pescoço. Ele dá uma patada em minhas mãos por alguns segundos, depois para.

Rosnados vêm da esquina e eu sigo os sons. Quando viro a esquina, a arma do guarda está apontada para o cachorro com um aperto mortal em sua panturrilha. Karson vira sua faca, pega-a e a lança pelo ar. A lâmina afunda entre os olhos do homem e a parte superior do corpo cai para trás. Fiel ao seu nome, o vira-lata assassino se recusa a desistir, mesmo depois de a luta ter sido vencida.

— Descansar! — Eu ordeno, agarrando sua nuca até que ele solte o homem. Eu volto com ele e afago sua maldita cabeça. Reconheço a sede de sangue em seus olhos. Não somos muito diferentes. Alguém teve que treiná-lo para fazer o que nasci para fazer, mas somos praticamente iguais. — Deita. — Sua barriga atinge o chão ao meu

comando — Fica. — Viro-me para Karson — Quando você aprendeu a atirar facas?

— Como você acha que eu matei todos aqueles esquilos e essas merdas quando éramos crianças? — Karson diz com um encolher de ombros — Não consegui comprar uma arma com dez anos. Graças a Deus. — Ele se inclina e arranca a faca da testa do homem — Se as pessoas não ouvissem nenhum latido, eu ficaria chocado. Hora da arma?

Retiro minha pistola do coldre e Karson faz o mesmo. Mantemos nossas armas ao lado do corpo enquanto caminhamos em direção à parede de janelas com uma porta resistente ao lado. Espio pelo vidro e olho ao redor do interior da mansão, mas ela está vazia. Essas janelas são um recurso realmente estúpido. Desistir da segurança para observar as colinas atrás deste lugar? Sábio.

Karson aparece atrás de mim, fumando o cigarro do morto.

— Sério? — Eu pergunto.

— É uma pena desperdiçá-lo. — Ele olha de volta para o cachorro — E ele?

— Ele ficará parado até que alguém o liberte. Ele estará mais seguro aqui do que lá dentro.

Nós nos expomos enquanto caminhamos pelas janelas e abrimos a porta dos fundos, deixando marcas de lama nos tapetes caros quando entramos. Peças de arte sofisticadas revestem as paredes e tudo em mármore me cumprimenta em todos os lugares que olho. George é literalmente tudo o que odiamos. Tomar Leana apenas elevou esse ódio a um nível pessoal.

Quando chegamos ao final do corredor, olho para cima e vejo uma câmera de segurança.

— Foda-se — murmuro.

— O que? — Karson olha para cima. — Oh! — Ele dá um sorriso para a câmera e seu dedo médio.

Botas batem no corredor, e posso ver os reflexos de seus donos nas malditas paredes elegantes. Karson e eu apontamos nossas pistolas e pegamos os primeiros homens desprevenidos. Seus camaradas atordoados quase caem sobre eles enquanto eles se orientam e trocam os rifles.

Eu quero um *desses*.

Karson e eu trabalhamos em uníssono, eliminando a onda de homens à medida que avançamos. As balas ricocheteiam e quebram paredes e vasos, espalhando vidro, cerâmica e mármore por toda parte. Chego até um dos homens com um rifle e arranco-o de suas mãos frias. Assim como eu, um homem desarmado agarra Karson por trás – o idiota provavelmente deixou cair a arma em pânico – e os dois lutam corpo a corpo.

Karson é muito mais musculoso e robusto do que o homem de terno à sua frente. Não é uma luta justa. Com as mãos calejadas cerradas, Karson avança com um soco poderoso, mas o traje ágil se esquivia do golpe com um passo para o lado. Karson rosna antes de retaliar com um chute rápido no joelho do homem, fazendo-o tropeçar. Então ele avança, dando uma série de socos em seu rival.

Alguém aparece na esquina com uma pistola em punho, e eu aponto o rifle e o deixo cair antes de voltar minha atenção para a dança violenta à minha frente. Karson e eu costumávamos brigar quando éramos mais jovens, e estou satisfeito em ver o nível de habilidade que provavelmente veio de enfrentar alguém tão grande quanto eu. Mas isso é diferente da forma como lutamos. Ele adora machucar as pessoas, mas a cada golpe forte parece que ele está lutando por *ela*.

— Acabe com ele, irmão — digo a ele, e não posso deixar de chamá-lo de irmão. Neste momento, enquanto ele luta por uma razão diferente da sua preocupação egoísta com a morte, vejo-me nele pela primeira vez em muito tempo. Ele se torna o irmão para mim que era antes de tudo. Antes, eu o odiava.

Karson acena com a cabeça, o suor escorrendo pela testa. Ele desfere golpe após golpe, seus punhos chovendo com a brutalidade que

conheço e adoro. O homem tenta revidar, mas ninguém se compara a Karson quando ele é tão homicida. Tão determinado a matar. Ele se joga para frente, pousando no homem enquanto ele cai para trás. Ele enfia os polegares enluvados nas órbitas dos olhos e seus globos oculares eventualmente murcham com um esmagamento sob seu peso. Ele morde o lábio inferior com o som, amando demais.

Definitivamente, somos parentes.

Esse som enojaria minha pequena andarilha, mas, para mim, é uma sinfonia tocada sobre o silêncio da morte. Para Karson, é um gemido sussurrado em seu ouvido. Estamos tão fodidos.

Karson se levanta com um suspiro de satisfação e continuamos pelo corredor. Troquei minha pistola pelo rifle e varro os cômodos com o cano. Há uma sala no final do corredor, escondida atrás de portas de madeira escura. Respiro fundo antes de envolver a maçaneta com a mão, porque pode ser o último suspiro.

Contanto que eu salve Leana, não me importo.

Capítulo Vinte e Oito

Leana

Acordo com sons de tiros. Pelo menos, acho que é isso que ouço. Faço um inventário de mim mesma enquanto tento me sentar. Estou dolorida entre as pernas, e o suor seco e pegajoso gruda nas minhas coxas. E meu peito. E minha bochecha. Eu engasgo quando me lembro do que eles fizeram comigo e da maneira como eles se revezaram com meu corpo.

Os guardas sacaram as armas e agora tenho certeza de que ouvi tiros. Recebo energia para me sentar diante da perspectiva de meus homens invadindo aquelas portas, mas estou absolutamente horrorizada com a minha aparência quando eles me virem.

Suja. Usada. Coberta pelo gozo de outros homens.

As portas se abrem e, como dois anjos da guarda psicopatas, estranhos e cobertos de sangue, Gentry e Karson atacam com armas em punho. As balas zumbem ao meu redor e não consigo me esquivar nem fazer nada para defender meus ouvidos de cada explosão ensurdecedora.

— Eu quero George vivo! — Gentry grita, sua voz tensa como se estivesse com dor. O sangue escorrendo do rasgo na manga confirma meus medos. Mal consigo ver alguma coisa através da fumaça e dos vidros quebrados, mas me concentro naquele rastro vermelho que vaza dele.

— Aqui, Gentry! — Karson grita — Todo mundo está embaixo. Chame Leana! — É a primeira vez que o ouço dizer meu nome, e é um dos sons mais doces, que enfeita meus ouvidos zumbidos.

Gentry passa por mim. Depois de avaliar meu corpo, ele enxuga meu rosto, espalhando sangue em mim, em sua tentativa de me limpar.

— Oh, andarilha — ele diz. Seu corpo treme quando um terremoto de emoções o percorre.

Ele estica a mão e toca as algemas, depois tira um pequeno chaveiro do bolso. Ele encontra uma chave de algema genérica no anel e libera meus pulsos. Esfrego minha pele ferida no momento em que estou livre. Gentry tira a camisa e me ajuda a vesti-la, cobrindo meu peito nu. Não sei onde estão minhas calças.

— Onde ele está? — Eu grito.

— George está aqui — diz Karson do outro lado da sala.

— Não, onde está Mickey? — Eu pergunto. Não o vejo entre os corpos.

— Quem é Mickey? — Gentry pergunta, claramente confuso sobre como eu poderia tratar qualquer um desses filhos da puta pelo primeiro nome.

Meus olhos se estreitam.

— Meu ex, aquele que me deixou com hematomas. Ele conhece George. Trabalha com ele. Estava aqui. Foi ele quem disse ao George que eu estava com você. Nunca foi o Karson.

— Te disse! — Karson grita do seu lado da sala antes de disparar uma bala na cabeça de um corpo ainda em movimento.

Uma expressão de alívio passa pelo rosto de Gentry antes de ele se virar para mim.

— Como ele é?

— Um idiota.

Seus lábios se contraem para cima.

— Vamos encontrá-lo, mas precisamos cuidar do nosso amigo lá.

Sigo Gentry, que parece um maldito deus grego enquanto sua forma musculosa e sem camisa atravessa a destruição. Karson mantém George preso de braços, com um cigarro pendurado nos lábios enquanto o mantém no lugar. O corpo de Gentry continua a tremer

enquanto ele se ajoelha e para as pernas agitadas de George. Ele rasga a calça e a cueca boxer do homem caído, deixando sua bunda nua para todo mundo ver.

— Que porra é essa? — George grita, se debatendo com mais violência. Gentry pega sua faca e faz um corte profundo em sua bunda, deixando uma mancha de sangue em sua fenda, então ele tira algo do bolso. Uma bolsa com... algo dentro. Ele rasga o plástico com a faca e eu dou uma boa olhada nele.

— Por que ele tem uma mão, Karson? — Eu pergunto, minha boca aberta.

Ele dá de ombros.

— Para isso, eu acho.

— Para que?

— Não, não, espere! — George grita.

— Shh, George — Gentry murmura — Só vai doer muito. — Os músculos de Gentry flexionam quando ele enfia a mão — primeiro os dedos — dentro do cu de George.

George solta um grito horrorizado.

— Oh Deus, pare! — Ele chora.

Não tenho ideia do que estou vendo, mas Gentry é tão lindo em sua raiva predatória.

— O pastor manda lembranças — ele rosna enquanto empurra a mão até que ela desapareça completamente.

George com certeza chora muito por alguém que não se importava com as minhas dores.

Ando até ele e caio de joelhos na frente dele.

— Agressão sexual é uma droga, não é, George? — Tiro o cigarro dos lábios de Karson e coloco entre os meus. Inspiro longa e profundamente, depois sopro a fumaça no rosto de George antes de pressionar a cereja em chamas contra sua bochecha. Eu não me afasto,

nem mesmo quando ele grita para eu parar.

Karson endurece ao testemunhar minha depravação, e o sorriso feroz em seu rosto faz meu rosto corar.

— Mate-o — diz Gentry enquanto desce dele. Ele não se preocupa que George tente se levantar, porque suas pernas estão presas atrás dele por causa da intrusão em sua bunda. Karson saca sua lâmina e enfia no pescoço de George, finalmente silenciando seus gritos.

— Temos que encontrar Mickey — digo a Gentry.

Ele olha para o outro lado da sala, para uma porta que parece um armário de casacos, e deixa a intuição guiá-lo. Alguém grita quando Gentry quase arranca a porta das dobradiças, então ele alcança a escuridão e puxa alguém pelos cabelos.

É o Mickey.

— É ele? — Gentry pergunta, sacudindo-o pelo couro cabeludo.

— Sim.

— Foi você quem machucou minha garota. — Gentry diz enquanto o levanta.

Mickey se debate.

— Ela não é *sua* garota. Ela é minha.

— Que coisa absolutamente suicida de se dizer — diz Gentry. Ele se vira para mim — Ele fodeu você também, não foi, andarilha?

Quando eu aceno, ele enfia o punho na barriga de Mickey e o faz cair de joelhos antes de chutá-lo para o lado.

Karson se junta a eles e se inclina até que sua respiração esteja próxima o suficiente para bagunçar o cabelo de Mickey.

— Ela não é sua. Ela é *nossa* — ele rosna.

— Segure-se nele — diz Gentry enquanto atravessa a sala e me guia de volta até Karson e Mickey. Ele me puxa e me beija apesar de tudo o que foi feito comigo. Sua mão sobe pela minha coxa e agarra

minha bunda. — Deixe-me te foder na frente dele, andarilha.

— Por que perguntar? Apenas pegue — brinca Karson, sua frustração sexual induzida pelo assassinato assumindo o controle.

A mão de Gentry envolve meu queixo e o levanta.

— Ela já teve o suficiente tirado dela — ele rosna.

— Ponto justo — concorda Karson.

— Não diga sim para ele, Lee — diz Mickey enquanto tenta se livrar do aperto firme de Karson.

— Foda-se, Mickey. Você não é mais meu dono. Mas, para que conste, não planejei dizer sim a ele. — Viro-me para Gentry — Eu planejei dizer sim, senhor.

— Tive uma ideia — diz Gentry, seus olhos brilhando como luzes sádicas de Natal — Traga-o para o poste e algeme-o. Assim como eles a mantiveram.

Karson faz o que ele manda, arrastando um Mickey agitado pela maldita floresta. O clique metálico das algemas provoca um arrepio estranho na minha espinha.

— Mantenha as pernas dele presas — acrescenta Gentry.

Karson o segura pelas pernas, ficando extremamente zeloso com tudo o que ele acha que Gentry planejou. Ele é um feijão saltitante de excitação sombria. Gentry me arrasta até Mickey e pisa em sua perna direita, afastando a mão de Karson. Gentry me empurra de joelhos entre as pernas de Mickey.

— Se ele a chutar, corte-o da garganta até o cu — diz Gentry enquanto cai de joelhos e se inclina para recolocar o aperto na perna de Mickey.

Espero que ele não planeje que eu chupe o pau do Mickey. Estou na posição precisa para isso e não estou interessada. Abro a boca para protestar, mas Gentry me entrega sua faca.

— Esculpa algo na porra da barriga dele — diz ele.

Karson rasga a camisa de Mickey e ele chuta e sacode furiosamente na minha frente.

— Lee, esta não é você! — Ele implora — Olha o que eles estão obrigando você a fazer!

Meu aperto dobra na alça.

— Eles não estão me *obrigando* a fazer nada.

— Vamos, eu te amo! Lembra de todas as coisas que fiz por você? Você nem estaria viva agora, se não fosse por mim.

Gentry rosna atrás de mim e aponto a ponta da lâmina para a pele de Mickey. Ele contrai o abdômen peludo, tentando evitar o aço frio. Eu quero fazer isso. Quero fazê-lo sofrer como ele me machucou. Mas, assim como antes, estou presa no lugar. Mesmo depois de tudo que ele fez comigo, não posso fazer o que quero. Minha moral desembainha espadas e ataca as sombras de minha alma, e estou cimentada no lugar enquanto espero para saber meu destino.

Karson coloca a mão sobre a minha e enfia a faca na carne de Mickey.

— O primeiro corte é o mais difícil. Não para mim, mas para a maioria. — Ele afasta a mão para controlar a nova luta de Mickey.

Mickey solta um grito e quase posso ouvir uma música de violino entrelaçada em algum lugar daquele som. Eu meio que gosto de ouvir sua dor.

Sem mais ajuda de Karson, termino a primeira carta. O canal se enche de sangue enquanto sua pele se espalha, e passo para o próximo. Enquanto transfiro anos de dor para o cabo da faca, a mão livre de Gentry sobe pela minha coxa e passa pela minha bunda. Ele levanta minha camisa, amontoando-a em meus quadris.

Mickey começa a perder a consciência por causa da dor, mas continuo esculpindo.

— Fique acordado — diz Gentry enquanto se inclina para frente e dá um tapa na bochecha de Mickey — Eu quero que você me veja

libertar o que você pensou que poderia possuir.

O pau quente de Gentry pressiona contra mim enquanto começo outra carta. Ele me inclina para frente, quase empurrando meu rosto no sangue de Mickey para que ele possa cuspir saliva quente em minha boceta. Meus olhos encontram os de Mickey pela primeira vez — realmente se encontram — e vejo angústia em seu rosto. É muito mais do que a dor física que estou causando.

E eu amo isso.

Gentry puxa meus quadris em direção a ele e empurra dentro de mim com uma fome incontrollável. Seu impulso forte me faz ofegar, e eu sopro uma respiração cheia de prazer nas marcas na pele de Mickey.

— Vocês estão todos tão fodidos — Mickey reúne forças para dizer.

— Afirmativo — diz Karson.

— Corte ele enquanto eu fodo com você, andarilha — diz Gentry — Continue se vingando.

Tento fazer o que ele manda, mas cada impulso me empurra para frente e mancha a carta na qual estou trabalhando. Mas eu continuo. Mickey solta gemidos de dor na minha frente, Gentry solta gemidos de prazer atrás de mim, e sou arrastada por um vórtice de emoções conflitantes ao meu redor e dentro de mim.

Não preciso da ajuda de Karson com a próxima carta, mas olho para ele. Ele está quase espumando pela boca com o que está testemunhando: Gentry me fodendo enquanto eu esculpo meus sentimentos na barriga do meu ex.

— Continue — diz Gentry — Não vou durar muito mais assim. Sua boceta precisa ser reivindicada por mim novamente. Por alguém que matará qualquer um que tentar tirar você de mim.

— Ou eu — Karson sussurra em uma voz tão baixa que quase não ouço. Isso faz meu coração inchar até pensar que isso pode interromper a próxima respiração dos meus pulmões.

Termino a última carta no momento em que Gentry bate os quadris em mim pela última vez. Ele se mantém dentro de mim, saboreando-me enquanto me preenche, então se inclina para ver o que escrevi. Em um arranhão aleatório, rabisquei uma única palavra em letras maiúsculas.

BOCA

Gentry passa o braço em volta do meu peito e me aperta contra o dele.

— Boa garota. Bem-vinda ao lado sombrio.

— Ainda não — diz Karson, entregando-me sua lâmina maior. Ele se senta, segura a perna de Mickey sob o joelho e se inclina, sorrindo para mim com um orgulho sádico — Você tem que matá-lo, ladra — Ele esfrega a mão no lado esquerdo do peito — Esfaqueeie aqui, se quiser que ele morra rapidamente. — Sua mão desce até a barriga de Mickey, abaixo da minha escrita — Ou aqui, se você quiser que ele sofra.

Levo a lâmina para ambos os pontos, tentando decidir o que parece certo. Memórias passam pela minha mente e sou forçada a reviver tudo o que Mickey fez comigo. As coisas que deixaram hematomas no meu corpo. E na minha alma. As drogas que ele me deu, a maneira como ele me deixou doente para que eu não pudesse ir embora. Sim, sofri muito nas mãos dele.

Enfio a faca em sua barriga e ele se inclina para frente, com os olhos arregalados. Seu corpo pressiona a lâmina enquanto ele se contorce, e fico emocionada ao imaginar todas as formas como ela deve estar rasgando suas entranhas. O sangue jorra de sua boca, e eu retiro a lâmina da carne de Mickey e passo os dedos sobre a mancha vermelha e lisa que marca o aço.

Karson se levanta, abrindo o zíper da calça na minha frente.

— Eu sei que Gentry diz que não podemos aceitar, mas se eu não entrar na sua boca, ladra, vou explodir. Eu nunca estive tão excitado na minha vida. — Ele prende o cabelo na base do meu pescoço, e eu levanto meu peito e agarro sua coxa enquanto seu pênis salta do tecido

— Deixe-me sentir seus lábios ao meu redor.

Fraco demais para se mover, Mickey encara a cena acima dele com olhos vidrados.

— Lee — ele murmura.

— Surpreso que ela deixe dois homens como nós entrarem nela, mas ela odiou cada momento com você? — Karson diz com uma risada. Sua mão envolve minha garganta e me puxa para sua pélvis, e eu coloco seu pau em minha boca. Os halteres batem em meus dentes enquanto ele empurra o fundo da minha garganta com um gemido selvagem. Ele empurra contra meu rosto, mas sinto sua excitação aumentada com cada pulsação de seus quadris.

— Eu vou gozar — ele rosna, e puxa seu pau de volta para encher minha boca completamente — Não engula — ele diz enquanto tira da minha boca.

Eu odeio segurar o gozo na boca, mas faço o que ele diz, porque estou curiosa para ver o que ele está planejando.

Karson estica a cabeça de Mickey, mantém a boca aberta e me dá um sorriso doentio.

— Cuspa meu gozo na porra da boca dele — ele ordena.

Gentry sai de mim.

— Mantenha suas coxas juntas, andarilha, e não deixe uma gota de mim no corpo dele.

Aperto as pernas enquanto avanço e me inclino sobre a boca aberta de Mickey. Seus olhos estão fixos em mim, sua respiração fica irregular e ofegante enquanto a morte aperta seu controle. Aproximo-me, até que nossos lábios quase se tocam, e cuspo o gozo de Karson em sua boca.

Karson esfrega a garganta de Mickey com a mão enluvada, como se estivesse tentando fazer um gato engolir um comprimido.

— Beba tudo — diz Karson — Seja um bom menino e engula meu

gozo. Quero que meu gosto esteja em sua língua quando você encontrar o diabo pelo que fez com ela.

Em vez de engolir, Mickey respira fundo novamente e suga o esperma para a traqueia. Seu corpo se move no piloto automático e tenta expulsá-lo com uma tosse fraca, mas isso apenas empurra mais sangue do ferimento em seu abdômen. Depois de mais alguns suspiros distorcidos, ele se acalma.

Karson balança a cabeça.

— Tsk, tsk. Se você tivesse engolido, não teria morrido sufocado. Que pena.

Desço de Mickey e Gentry fecha o zíper da calça jeans e dá um passo em minha direção. Ele coloca a mão entre minhas pernas, junta o esperma que escorria pelas minhas coxas e o empurra de volta para dentro de mim. Ele me puxa para ele, com os dedos enterrados profundamente dentro de mim.

— Não importa quem tocou em você ou quem entrou em você, você ainda é nossa. E vamos mostrar isso a você. — Seu braço me envolve e ele me puxa contra seu peito — Eu faria qualquer coisa por você.

— *Faríamos* qualquer coisa por você — acrescenta Karson enquanto pega meu jeans no armário de casacos.

O fato de esses homens ficarem tão excitados com o homicídio é incrivelmente alarmante. Há uma excitação doentia que os enche de alegria enquanto traça seu caminho em suas veias. É doentio. É nojento.

Mas estou começando a entender esse desejo carnal.

Capítulo Vinte e Nove

Karson

Quando saímos, o cachorro ainda está esperando deitado. Suas patas traseiras se mexem enquanto observa Gentry, aguardando o comando de soltura. Gentry diz outra palavra em alemão, e o cachorro corre em sua direção e se senta em sua perna, olhando para cima com expectativa.

— Gentry fez amizade com um cão de ataque? — Leana pergunta.

— Eu sei. É constrangedor — eu digo.

Ela balança a cabeça.

— Não, é fofo.

Quando Gentry dá um tapinha rápido no cachorro, ela pensa que pode fazer o mesmo. Eu a agarro pela cintura e a puxo para mim.

— Ele pode acariciar o vira-lata assassino, mas isso não significa que você deva — eu repreendo. Não posso permitir que ela seja atacada depois de tudo o que passamos para recuperá-la.

Recuso-me a ser tão aberto e vulnerável quanto Gentry, mas estou *muito* feliz por tê-la resgatado. Não apenas porque ela nos deixa fazer coisas erradas com ela ou porque ela não reage da mesma forma que os outros ao nosso redor. Mas porque eu *gosto* dela. Gosto da pessoa que posso ser perto dela. A maneira como posso estar perto de Gentry por causa dela. Ela traz à tona algo quente em dois assassinos muito frios.

— Você destruiu as câmeras, certo? — Gentry pergunta enquanto se vira para nós.

— Não só destruí o disco rígido, mas também o levei comigo —

digo a ele enquanto tiro o plástico destróçado do bolso — Não é possível recuperar o que não existe.

Gentry luta contra um sorriso.

— Por que essa é uma das coisas mais inteligentes que você já fez?

— Eu não conto tudo o que faço e não sou tão estúpido quanto você pensa.

— Vamos para o hospital por causa do seu ferimento à bala? — Leana pergunta.

Tão ingênua.

— Não vamos a hospitais — diz Gentry rindo — Nós cuidaremos disso. De qualquer forma, está preenchido. — Ele estremece enquanto esfrega o dedo no sangue coagulado que cerca o buraco.

Gentry e eu sempre lidamos com os ferimentos causados por tirar a vida de alguém. Ou, neste caso, lutar com as pessoas que tentam nos impedir de salvar alguém. Não há nada que você não possa aprender na internet.

Seguimos em direção ao SUV, e o cachorro permanece ao lado de Gentry, acompanhando-o.

Paro de andar.

— Não podemos manter o vira-lata assassino — digo a Gentry. A julgar pela suavidade em seus olhos, é exatamente isso que ele está pensando.

Leana para e se vira para mim.

— Por que não? Veja todo o sangue seco no pelo dele. Ele é um de nós.

— Absolutamente não! — Eu digo — Já pegamos uma ladra perdida. Não precisamos adicionar outra complicação às nossas vidas.

Leana assume uma postura desafiadora, cruzando os braços sobre o peito.

— Não terminamos com a onda de assassinatos? Seu chefe está morto, então não é como se outro emprego estivesse prestes a surgir.

Eu combino sua postura e dou um sorriso malicioso para garantir.

— Não, ainda temos mais um emprego e o pagamento é bom demais para deixar passar.

Gentry não ouve nenhum de nós. Ele já continuou em direção ao SUV... com a porra do cachorro.

Corro para alcançá-lo.

— Ei, você não me ouviu? Não vamos levar esse cachorro.

Ele para e me encara, e o maldito canino faz o mesmo. Está começando a me assustar.

— George pode estar morto e podemos estar trabalhando em nosso último trabalho lucrativo, mas ainda sou o chefe do *meu* negócio, Karson. Não se esqueça disso.

Com um suspiro, desisto. Se ele quiser ficar com o cachorro, isso é por conta dele. Ele pode resolver a logística.

Quando chegamos ao SUV, subo no banco do motorista. Gentry fica feliz em me deixar dirigir, e a ladra e a bagagem peluda vão para o banco de trás. Não podemos ir para um hotel como este, então procuro no telefone um acampamento e sigo naquela direção. Depois de uma viagem de trinta quilômetros por algumas estradas vicinais, entramos no parque como se pertencêssemos àquele lugar e estacionamos em um local vazio.

— Coloque isso no painel — diz Leana enquanto me entrega um passe amassado. Inteligente. É o passe do último acampamento e, se ninguém olhar a data, parece bastante oficial. Contanto que ninguém mais venha a este local.

Alguns restos de madeira de nossa última viagem de acampamento estão na parte de trás do SUV. Eu as agarro e jogo na fogueira. Tiro um cigarro do maço e acendo-o, depois pego alguns

gravetos e acendo a lenha. Finalmente pega e coloco o isqueiro no bolso. A fumaça se acumula e chamas alaranjadas queimam as toras. Gentry se aproxima e tira a camisa, expondo o tiro. Um fio de sangue escorre do ferimento sempre que ele se move. Precisamos cuidar disso.

Tiro minha faca da bainha e seguro a lâmina sobre o fogo. O metal muda de um cinza frio para um leve brilho, e eu o afasto antes que fique muito quente.

— O que você está fazendo? — Leana pergunta enquanto olha para o fogo com os olhos arregalados.

— Cauterizando — diz Gentry, puxando-a para ele com o braço bom.

— Mas...

— Apenas fique comigo — diz ele.

— Isso vai doer — digo a Gentry com um sorriso malicioso.

— Sim, eu sei, e você vai adorar — ele retruca enquanto a puxa para mais perto. Em vez de morder alguma coisa, ele está se preparando para a única coisa que lhe traz conforto. O cachorro se aproxima e cai aos pés de Gentry com um bocejo. É como uma pintura fodida de Norman Rockwell.

Agarro o ombro de Gentry e o puxo para frente enquanto empurro a lâmina contra sua pele. A carne chia e ele morde o lábio para não gritar. Ele fica tão estoico quando sente dor. Juro que ele faz isso só para estragar minha diversão.

Inspirando lentamente, deleito-me com o cheiro de carne queimada da mesma forma que alguém respiraria um pouco mais fundo ao passar por uma padaria. Delicioso.

— Agora as costas. — Mergulho a lâmina no fogo mais uma vez.

O suor se acumula na testa de Gentry, e a ladra parece enjoada, o que estou gostando. Coloquei a lâmina no ferimento de saída e ela fumea e chia assim como a frente. Suas costas se curvam, mas ele faz pouco mais para indicar como a dor atinge sua coluna.

— Vocês são tão fodidos — Leana diz através de uma piada enquanto o cheiro chega até ela.

— Sim — Gentry e eu dizemos em uníssono.

O sangramento parou, Gentry avalia o tratamento do ferimento e acena com a cabeça.

— Vou tomar banho — diz ele, olhando para o prédio do outro lado da rua. Ele baixa o olhar para Leana. — Parece que você também precisa de um.

Ela concorda. Manchas escuras de sangue seco marcam a pele pálida. Isso me lembra da noite em que ela se fingiu de morta para nós, e meu pau endurece com esse pensamento.

Estendo a mão e a puxo para mim.

— Tenho uma ideia diferente — digo.

Gentry se posiciona, erguendo seu peito enorme em minha direção.

Antes que ele possa me dizer por que não posso tê-la agora, eu digo a ele por que posso.

— Você sempre a consegue do jeito que você quer, G. Elogie-a e agrade-a. Seja muito gentil com ela — Afasto o cabelo loiro do rosto dela — Eu quero transar com ela do meu jeito. Quero brincar com minha fantasia. — Quero que ela se finja de morta para mim novamente. Mas desta vez, quero abrir suas coxas enquanto ela jaz sem vida diante de mim. Viro-me para Leana. — Você me deixaria brincar com você, não é? Deixar-me foder seu cadáver?

Que merda de pergunta para se fazer a uma pessoa. Mas ela não é qualquer pessoa. Ela é *nossa* pessoa e não é normal.

Ela engole em seco, como se estivesse engasgada com uma bola de golfe, depois olha entre nós, dividida, mas não assustada. Ela pede permissão a Gentry, mas não preciso da permissão de nenhum deles. Independentemente do que eles sintam, *terei* seu corpo sem vida embaixo de mim.

Ele dá um passo em direção a ela, imprensando-a entre nós.

— Você quer isso, andarilha? — Não consigo ver o olhar que ela dá a ele, mas isso produz uma carranca em seu rosto. Ele se inclina e a beija antes que seus olhos escuros se elevem até os meus e me perfurem. — Tudo bem, Karson, mas não a machuque e *não* a mate de verdade. — Ele se afasta. — Fodida aberração.

Em vez de ir para o chuveiro, ele se joga em frente ao fogo com o cachorro. Ele realmente precisa se limpar, mas, pelo menos, está me deixando sozinho para fazer o que preciso com Leana. Não vou pressioná-lo.

Eu a levo em direção ao lago próximo e um plano se forma em minha mente. À medida que a água aparece, a lua cheia também aparece. Ele paira baixo no céu – um grande e brilhante orbe de luz que me permitirá ver tudo e gravar tudo em minha memória. A água ondulante capta cada raio de luar e é muito bonita.

Mas não tão bonita quanto minha ladra ficará quando eu terminar com ela.

— Tire as calças — digo enquanto começo a tirar as minhas.

— Você realmente vai fazer isso?

— Absolutamente. Quero te foder enquanto você finge que está morta. Honestamente, se eu não gostasse de você, eu te foderia até morrer.

Seus olhos se arregalam, mas sua expressão se estabiliza.

— Isso é uma loucura.

— Bem, *eu sou* louco.

Ela não discute. Em vez disso, ela lambe os lábios, respira fundo e tira as calças. Suas mãos vão para a camisa, mas eu a alcanço e a detenho.

— Deixe.

Eu a guio em direção à água e o fundo arenoso acaricia nossos

pés. Permanecendo na parte rasa, eu a coloco de joelhos antes de colocá-la de costas. Ela não está totalmente submersa, mas cada vez que a água chega à costa, cobre mais dela. Os seus seios sobem acima da linha de água, os mamilos formando picos apertados no topo de cada monte. As ondas suaves puxam seu cabelo, escurecendo os fios loiros enquanto eles afundam sob sua cabeça. Sim, ela parece gostosa.

— Isso é tão fodido, Karson — ela diz, mas não sinto falta daquele brilho animado em seus olhos. Ela pode não estar totalmente bem com isso, mas está curiosa.

— Mesmo quando eu fizer alguma merda que você não vai gostar, preciso que você confie em mim. Apenas fique quieta — Eu sei que ela gosta de elogios, mas não consigo dizer alguma merda desagradável e chamá-la de minha boa menina como Gentry faz. Procuro a próxima melhor coisa — a única coisa que consigo dizer.

— Seja minha garota morta.

Prendo suas coxas nas minhas enquanto caio de joelhos e afundo um pouco no fundo arenoso. A água fria sobe até minhas bolas, apertando-as, mas eu me inclino e empurro dentro dela. Deixo-a ofegar, deixo-a viver um pouco mais enquanto empurro mais fundo.

— Confie em mim e não se mova — lembro a ela enquanto me inclino sobre ela — Mantenha os olhos fechados. Separe esses lindos lábios como você fez quando nos fingimos de mortos antes.

Coloquei minha palma contra sua bochecha.

— Vou afogar você agora.

Antes que ela possa dizer qualquer coisa, viro sua cabeça e empurro sua boca e nariz para baixo da água. Suas mãos agarram meus pulsos e ela se debate. Sua boceta apertada em volta de mim enquanto ela luta. Deixo sair um gemido de prazer, e enquanto o seu corpo se contorce, recuo as minhas ancas para poder fodê-la com mais força. Eu amo a luta dela. Adoro como a boceta dela aperta o meu pau.

Suas mãos caem dos meus pulsos e ela fica mole. Eu a seguro lá por mais algumas estocadas, então agarro suas bochechas e coloco sua

boca acima da água. Seus lábios estão perfeitamente separados, os olhos fechados e ela está imóvel. A água bate em seu estômago e peito, e não consigo dizer se ela está respirando. Para todos os efeitos, ela parece morta – uma mulher afogada no meu pau. Sem vida e bonita.

A água diminui e flui enquanto tiro minha mão de seu rosto e a mergulho na água. Fios de cabelo sedosos lutam com meus dedos, mas eu os solto e os coloco em seu ombro. Não importa o quanto eu a foda, ela mantém os olhos fechados. Esses lábios se separaram. Ela permanece em silêncio durante cada estocada violenta. A única indicação de vida é a contração sutil de sua boceta ao meu redor e a leve e quase insignificante inclinação de sua pélvis. Uma mulher morta definitivamente não faria isso, mas não posso culpá-la por gostar disso tanto quanto eu.

Eu me inclino sobre ela.

— Você é tão sexy assim, ladra. Fria. Morta. Linda. — Juro que vejo os cantos dos lábios dela se contorcerem, mas ela não quebra o caráter. Se seu professor de teatro pudesse vê-la agora... Bem, eles provavelmente me prenderiam, mas também ficariam bastante impressionados.

Enterro meus dedos em sua pele enquanto a fodo com mais força, e a areia abaixo de nós se espalha com a força de cada impulso. Eu levanto a parte superior de seu corpo para fora da água e sua cabeça pende para o lado. Gotas de água escorrem por sua pele gelada e seu peito cheio não sobe nem desce. É o suficiente para fazer minhas bolas apertarem.

Estendo a mão e agarro sua garganta, puxando-a para mim e beijando-a. Somente quando seus lábios encontram os meus é que sinto a respiração escapar em seu suspiro, mas suas pálpebras permanecem fechadas.

— Abra os olhos — eu digo.

Eles se abrem e nunca senti tanto por uma pessoa. Quem deixa alguém como eu realizar uma fantasia doentia como essa?

Minha pequena ladra, é ela.

Encho sua boceta, me enterrando dentro dela. Eu sei que Gentry não quer que eu goze em sua boceta assim, mas a água lavará meu pecado. Eu sorrio contra sua boca quando me imagino explicando minhas transgressões ao guarda nos portões de pérolas. Eu mato para viver, mas também gosto disso, e fodo o pseudocadáver da garota do meu irmão. Imagino o choque e o horror no rosto de São Pedro antes que as nuvens escurecessem, se abrissem e me engolissem para o inferno.

Vale a pena. Vale cada maldito segundo disso.

Capítulo Trinta

Leana

Quando voltamos ao acampamento, Gentry ainda está sentado em frente ao fogo. Seus olhos se movem para os meus depois de queimarem Karson. Minha camisa encharcada satura meu jeans e meu cabelo úmido gruda em meu rosto.

— Vocês dois foram nadar? — Ele pergunta, e não sinto falta do ciúme entrelaçado em sua voz. Eu gosto disso. Sua propriedade é minha fraqueza.

— Algo assim — diz Karson enquanto caminha até o SUV para trocar de roupa.

Gentry entra em mim, inalando o cheiro de sexo e natureza. Sua mão quente envolve minha nuca e me puxa para ele.

— O que ele fez com você, andarilha?

Eu não sei o que dizer. Como posso descrever o que aconteceu? Mais importante ainda, como posso explicar que gostei?

— Podemos conversar sobre isso mais tarde? — Eu pergunto em um sussurro. Com isso quero dizer quando tive mais tempo para processá-lo. Ou não.

Karson aparece atrás de Gentry, com a camisa pela metade.

— Eu coloquei o rosto dela debaixo d'água até que ela parasse de se contorcer, então eu a fodi enquanto ela se fingia de morta para mim.
— Ele puxa a camisa sobre a barriga.

Então Gentry faz a temida pergunta enquanto seus olhos escurecem.

— Onde ele foi?

— Dentro de mim — eu sussurro, desviando o olhar de seu olhar aquecido.

Gentry se vira para Karson, dando-lhe um empurrão que, estou surpresa, não o mandou para o próximo local.

— O que eu te disse sobre entrar na boceta dela? Eu deixei você apreciar o corpo dela, que é muito meu. Pare de trair a confiança que devolvi a você. Derrame sua carga em qualquer outro lugar, mas a boceta dela é minha. Eu sou o único que pode criá-la.

Suas palavras, sua demonstração possessiva de força fazem minha pele esquentar e minhas coxas apertarem. Seu corpo passa de estressado e tenso, e desmorona quando ele pisa em mim. Ele agarra meu queixo e levanta meus olhos para ele, então se inclina e me beija.

Ele se afasta e fala com Karson, mas mantém o olhar fixo em mim.

— Fique com o cachorro. Eu ainda preciso tomar banho. — Ele abaixa a voz para que só eu possa ouvi-lo — E reivindicar o que me pertence.

Karson murmura algo sobre ser babá da arma de destruição em massa de quatro patas, mas permanece parado enquanto Gentry me leva em direção aos chuveiros. Ele já está com minha bolsa na mão, então ficou pensando nisso enquanto Karson e eu estávamos fora.

Uma luz ganha vida quando entramos na pequena área do chuveiro, e um brilho amarelo pálido toma conta de nós. O lugar é bem cuidado e cheira bastante limpo. Tiro a roupa molhada e vou para o chuveiro, apertando um botão na parede várias vezes para poder molhar o cabelo com algo mais quente que a água do lago. O fio do chuveiro fica mais forte e enfio a cabeça embaixo da corrente.

Gentry entra na porta da cabine, um sorriso sexy puxando seus lábios para cima, nos cantos. Ele segura um pequeno frasco de shampoo de viagem na mão, que passa para mim. Ele tira a roupa e fica ao meu lado. O calor de seu corpo me aquece instantaneamente. A água diminui, lembrando-me de apertar o botão novamente.

Faço um gesto para Gentry entrar na água. Enquanto ele limpa a pele e envia uma onda vermelha para o ralo, coloco um pouco de shampoo nas mãos e me inclino para ele.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta.

— Ajudei Karson com sua fantasia. E a sua?

Ele zomba.

— Minha fantasia envolveria sua barriga inchando com meu filho — ele sussurra, passando a mão do meu abdômen até minha boceta.

— Isso não é algo que eu possa cuidar agora, mas e a sua outra coisa?

— O que Karson disse a você? Não dê ouvidos a...

Eu o interrompo pressionando meus seios contra seu peito e passando as mãos em seus cabelos. No momento em que meus dedos encontram seu couro cabeludo, seu pau duro se contorce contra meu estômago. Ele abaixa a cabeça para que eu não tenha que me esforçar tanto para lavar seu cabelo. Seus lábios se abrem e gemidos suaves passam por eles.

— Porra, andarilha — ele rosna.

Esfrego seus fios sedosos, girando as pontas dos dedos em círculos enquanto me movo do topo de sua cabeça até a nuca. Sua cabeça se levanta e ele agarra a base de seu pênis. Ele pode realmente sair disso tão rápido?

Sua outra mão arrasta a minha do cabelo até a nuca, e ele fala com respirações irregulares e frustradas.

— Você sabe que não quero desperdiçar uma gota do meu gozo — diz ele com as sobrancelhas levantadas.

Ele me levanta e envolve minhas pernas em volta dele, me abaixando até que seu pau quente pressione contra minha entrada. Ele agarra minha bunda e empurra dentro de mim. Eu suspiro quando ele me estica. Queima, como se eu estivesse sendo empalada por uma

tocha. Em vez de empurrar, ele aprofunda seu pau até não conseguir colocar mais um centímetro de carne dentro de mim. Ele aponta para o cabelo e eu obedeço alegremente.

Eu deslizo os fios escuros e grisalhos enquanto os esfrego. Enfio as pontas dos dedos em seu couro cabeludo, passando-as contra sua pele. Ele geme e se contorce dentro de mim. Palpitações. Seus dedos machucam minha bunda enquanto ele aperta. Seus olhos estão fechados, como se o momento mais eufórico que ele já conheceu fosse agora, com minhas mãos em seu cabelo e seu pau na minha boceta.

Ele me puxa mais fundo enquanto se aproxima, cada respiração áspera mais irregular que a anterior. Arrasto meus dedos para baixo e esfrego o cabelo atrás de suas orelhas, e ele solta o gemido mais sedutor que já ouvi. Se minhas pernas já não estivessem em volta dele, eu não seria capaz de me manter de pé.

— Estou gozando — ele rosna.

Eu grito quando ele agarra minha bunda e derrama seu gozo dentro de mim. Meus dedos se apertam de dor, passando de lavar seu cabelo para agarrá-lo com força. Ele geme, coloca o braço embaixo de mim e me levanta de seu pau antes de colocar meus pés nos ladrilhos lisos. Minhas pernas tremem e estou muito dolorida, mesmo sem um único impulso dele. Mas isso me deixa querendo mais. Ele me puxa para debaixo do chuveiro e me beija enquanto o shampoo cai de seu cabelo como um véu de espuma.

— Você quer vir, não é, minha andarilha? A minha garota?

Concordo com a cabeça, porque nunca quis nada mais.

— Sim, senhor.

Ele alcança entre minhas pernas, mas no momento em que roça meu clitóris, Karson abre a porta do banheiro e assobia.

— Temos que ir. Agora — diz Karson antes de bater a porta.

Gentry geme.

— Eu vou compensar você.

Concordo com a cabeça, desapontada, mas compreensiva. Quando Karson diz que é hora de ir, provavelmente é por um motivo. Nós nos vestimos às pressas e enfrentamos os primeiros raios do sol enquanto caminhamos para fora do prédio escuro. Uma van está parada ao lado do nosso local... deve ser o lugar *deles*. Gentry lança um aceno de desculpas para eles e entramos no SUV. Karson controla o volante e nos indica a saída do parque. Nós escapamos antes que alguém perceba.

— Quanto tempo eles estavam esperando? — Gentry pergunta.

— Apenas alguns minutos. Eu disse a eles que paramos para tomar banho e não percebemos que o local estava ocupado. E então eu fui e peguei vocês dois.

— Eles pareciam suspeitar de alguma coisa?

Karson balança a cabeça.

— Na verdade, não. Karen parecia irritada, mas provavelmente era porque seus pirralhos estavam gritando lá atrás. Não tenho ideia de por que a reprodução é o seu fetiche — Karson finge uma piada.

Gentry dá de ombros.

— Gosto da ideia de engravidar minha doce andarilha. Mas realmente lidar com o produto disso? Não, obrigado.

— E se eu engravidasse? — Pergunto enquanto me inclino para frente, colocando minha cabeça entre eles.

— Nós lidaríamos com isso — diz Gentry.

— Lidar com isso como você lida com as coisas? — Pergunto, passando o dedo pela garganta.

Gentry ri.

— Não, de alguma forma criaríamos uma criança em um mundo de homicídios, eu acho. Eles se tornariam como nós, e é por isso que não sou o tipo de pai, mesmo que eu ame o risco que corro cada vez que preencho você.

Karson limpa a garganta.

— Uma vez sonhei que tinha um filho. Peguei a coisinha e comi — Minha boca se abre e ele me lança seu sorriso Karson — Então, vou dizer que provavelmente também não sou adequado para pai.

Graças a Deus, estou tomando controle de natalidade. Isso é tudo que estou dizendo. Eu gosto do fetiche de criação de Gentry e adoro ser preenchida por ele, mas me recuso a trazer um bebê para um mundo onde ele se tornará um serial killer ou será comido.

Mesmo que eu esteja em um mundo onde eu mesmo enfrento essas opções.

Capítulo Trinta e Um

Gentry

É estranho olhar para o telefone no painel e saber que ele não tocará mais. George está morto, com a mão de um pastor tão enfiada no rabo que nem a funerária vai encontrá-la. Espero que ele esteja com os punhos cerrados por toda a eternidade. Mesmo assim, não desperdiçaremos a última marca da nossa lista.

Leana se inclina no banco da frente, a mão coçando preguiçosamente a cabeça do cachorro.

— Para onde estamos indo agora?

— O último trabalho em nossa turnê mágica de assassinato — diz Karson.

Ela franze a testa.

— Ainda estamos fazendo isso?

— Sim, nós estamos. Estamos contando com um grande pagamento para que possamos ficar quietos por um tempo — explico — Não é como se houvesse uma seção de classificados de assassinos de aluguel. Teremos trabalho lento depois disso, mas não será como agora. A esposa que odeia o marido. O empresário com muito dinheiro e ódio por um concorrente.

Estou um pouco nervoso com o fim dos trabalhos, e não é só pelo aspecto financeiro. O que acontecerá comigo e com Karson quando não tivermos uma saída para nossas tendências assassinas? Matamos desde que éramos crianças e não creio que possamos simplesmente desligar isso. Estou mais preocupado que possamos canalizar essa agressão para Leana.

Eu gostaria de pensar que não nos voltariamos contra ela, mas

quando a sede de sangue bate, esquecemos quem é importante para nós. Quem esteve lá por nós. Por mais que eu queira mantê-la por perto, pode não ser seguro para ela. Deixá-la ir depois desse ataque pode ser a melhor coisa que podemos fazer por ela, mesmo que seja uma droga para nós.

Ela se recosta, mas continuo olhando para ela pelo espelho retrovisor. Só de vê-la me dá uma ereção. Lembrando como me senti quando ela lavou meu cabelo. Como as pontas dos dedos dela arranharam minha espinha enquanto percorriam meu couro cabeludo. Ela queria me agradar realizando minha fantasia. Minha esposa nunca me satisfaz como Leana fez. Ela zombou de mim. Mas quem estou enganando? É um fetiche engraçado.

Mas pelo menos o meu fetiche não envolve garotas mortas.

O ciúme aquece meu peito ao pensar nela agradando Karson tão bem quanto ela me agrada. Imagino-o transando com ela, com os olhos fixos na frente dela. Seu corpo estava frio por causa da água. Ela provavelmente era uma garota tão boa para ele.

Do jeito que ela sempre é para mim.

— Ele fez você gozar? — Pergunto a Leana.

Ela quase cospe a água que acabou de colocar nos lábios.

— O que?

— No lago. Ele fez você chegar lá? — É a única coisa em que consigo pensar. Preciso garantir que vou agradá-la melhor do que Karson, e não tive a chance de agradá-la no chuveiro. Não é minha intenção ficar com tanto ciúme só de pensar neles, mas é um monstro feio que não consigo tirar do ombro.

— Não — diz Leana — Eu não gozei no lago.

Karson olha para mim.

— Posso não a ter agradado naquela época, mas a fiz gozar nos três minutos enquanto você estava no banheiro do hotel chique. Ela estava jorrando na minha mão. Então ela se sentou em uma poça para

ir até a próxima batida — Ele lambe os lábios enquanto olha para ela pelo espelho retrovisor.

O monstro feio no meu ombro ruge.

— Posso fazer isso mais rápido — rosno para Karson.

Sentindo a tensão crescente, o cachorro ruge com um rosnado baixo no banco de trás. Karson fecha a boca. O que quer que ele tenha pensado em dizer, ele pensa melhor.

— Por favor, parem de lutar — diz Leana com um gemido — Achei que já tínhamos superado isso.

Karson e eu já passamos por muita coisa, mas compartilhar minha andarilha está se mostrando cada vez mais difícil. E ela *é* minha. Não sei como acalmar essa necessidade possessiva de mantê-la para mim. Cria-la depois que Karson a toca deveria ser suficiente, mas não é.

— Três minutos — Karson murmura com um sorriso malicioso.

É preciso toda a força para não alcançá-lo e estrangulá-lo.

Leana

A competitividade entre os dois está crescendo e o crescente empurra e puxa me intimida. Seria o sonho de qualquer garota ter dois irmãos sexy ansiando por ela, mas é aí que os irmãos são normais. Eu me preocupo que esses dois se voltem um contra o outro por minha causa. Uma briga provavelmente terminaria em fatalidade — eu ou um deles — e não quero isso.

O que *eu* quero?

Eu não quero pensar sobre isso. Estou acordada há muito tempo e estou cansada. Agora que eles pararam de discutir, gosto do silêncio, especialmente porque não precisamos mais nos preocupar com aquele toque genérico esquecido por Deus.

O cachorro geme e se estica ao meu lado. Sua cabeça cai no meu colo e eu brinco com suas orelhas.

— Precisamos dar um nome a esse cara.

— Ele já tem um nome — diz Karson — É Murder Mutt.

Reviro os olhos.

— Você poderia imaginar passear com ele no parque e chamar seu nome? Receberíamos tantos olhares.

— Você poderia se imaginar andando na porra do parque? — Karson pergunta.

Justo.

— Bem, somos todos assassinos. Ele precisa de um nome que se encaixe — Lembro-me do meu conhecimento sobre serial killer — Eu sei! Vamos chamá-lo de Sam!

Gentry se vira para olhar para mim, seu rosto contorcido de desgosto.

— Sam? Que tipo de nome idiota é esse para um míssil de pele assassino como ele?

— David Berkowitz — diz Karson ao se deitar em um motel barato — Quando ele foi pego, ele disse à polícia que um cachorro chamado Sam orquestrou tudo e ditou quem ele deveria matar.

— Sim — eu digo, genuinamente confusa — Como você sabia disso?

Gentry balança a cabeça.

— Ele adora assistir cenas de crimes reais.

Estranho, mas tudo bem.

— Então podemos chamá-lo de Sam?

— É isso que você quer, andarilha?

Aceno com a cabeça e sorrio.

— Então o nome dele é Sam — diz Gentry com um suspiro.

— Jesus Cristo na cruz. Vocês dois me deixam doente — diz Karson ao sair do SUV.

Karson entra para conseguir um quarto, para que possamos tirar uma soneca até o anoitecer. Estamos todos exaustos e precisamos dormir um pouco antes de seguirmos em frente. Dirigir, matar e foder por quase vinte e quatro horas seguidas faz isso com uma pessoa. O lugar não é dos mais bonitos, mas eu não poderia me importar menos. Eu só quero deitar. Levamos o cachorro para o nosso quarto e nos amontoamos na cama. Fecho os olhos e começo a cochilar.

— Já pensamos nisso? — A voz de Karson rompe minha névoa pré-sono, mas mantenho os olhos fechados e escuto.

— Nós meio que nos comprometemos com isso. Além disso, precisamos do dinheiro. Lembre-se, tudo acaba para nós depois desse golpe. Pelo menos por enquanto.

— Sim, mas este é um alvo final arriscado, G. Não gosto exatamente da ideia de derrubar Ralph Weeks logo depois de...

Meus olhos se abrem.

— Ralph Weeks? O ator?

Gentry me acena.

— Não fique animada. Você sabe o que acontece quando fazemos uma visita às pessoas. Mas se você for uma boa garota, antes de cortarmos a garganta dele, vamos conseguir um autógrafo para você.

— Com sangue — acrescenta Karson.

— Ele acabou de terminar aquele filme, *The Glass* — eu digo — Ele está muito gostoso agora e deveria ter muito dinheiro. Por que ele pararia de pagar George?

Karson olha para mim e dá de ombros.

— Pessoas ricas fazem merdas estúpidas. Achem que eles são intocáveis. Estamos prestes a provar o quão palpáveis eles são.

Isso parece muito pior do que os outros trabalhos. Não conheço o cara, mas conheço o cara. Não é apenas uma pessoa sem nome ou um ser humano idiota.

— O que ele fez? — Eu pergunto, esperando que ele tenha feito algo para merecer o que esses caras têm reservado para ele.

— Ele é um drogado, para começar — Gentry diz enquanto olha para o teto — Ele tem um monte de drogas a crédito e agora não quer pagar. — Ele se mexe e olha para mim — Você vai ficar bem com isso?

Eu aperto meus lábios. Não, não estarei. Eu sei o que é precisar de drogas tão desesperadamente que você vai passar por um inferno para consegui-las. Meu hábito forçou esses homens a cuidar de mim quando eu estava no meu nível mais baixo, e acho injusto que o mesmo hábito custe a vida de outra pessoa em suas mãos.

Esfrego a barra da minha camisa entre os dedos, presa em uma prisão de culpa que eles não compartilham. É solitário ser a única com sentimentos humanos normais. Baixo o olhar e me concentro no tecido macio.

— Andarilha? — Gentry diz — Você vai ficar bem?

Eu balanço minha cabeça.

— Se eu pedisse para você pular esse trabalho, você ouviria?

Karson ri, e isso me dá vontade de dar um soco nele. Os lábios de Gentry se apertam. Ele parece dividido entre o que quer dizer e o que acha que deveria dizer.

— Eu acho que se...

A voz de Karson endurece.

— Fale por você mesmo. Você a deixaria impedir um trabalho como esse, sabendo que depois não teríamos emprego? Eu farei isso

com ou sem você, G. — Seus olhos encontram os meus — Eu gosto de você, ladra. Mais do que gostaria de admitir. Mas você está errada por colocar sua culpa em nós. Somos criminosos, lembra? Não podemos colocar nosso conjunto de habilidades em um currículo. Esta é a vida que escolhemos desde que éramos crianças. A violência sempre foi a única coisa para a qual estamos qualificados.

Gentry estreita os olhos para Karson.

— O que Karson quer dizer, eu acho, é que se você quer esta vida conosco, você tem que aceitar certas coisas. Não posso sustentar você sem o dinheiro desse golpe.

— E o maldito cachorro, G! Não se esqueça disso! — Karson balança a cabeça — E não, eu quis dizer que ela não pode ser uma vadia sobre o que já estamos fazendo.

— Chega, Karson! — Gentry se encaixa.

— Estou apenas dizendo. Ela precisa aprender a ser um pouco egoísta, se quiser ficar conosco.

Eu sei que eles estão certos, mas isso ainda entra em conflito com a minha humanidade. Não posso evitar que isso pareça errado. Mesmo assim, não quero perdê-los, porque estar com eles é a única coisa que parece certa em nosso mundinho fodido.

— Vamos dormir um pouco — diz Gentry. Ele se vira de lado e me puxa para ele. — Temos que fazer esse trabalho e precisamos de cabeças claras quando isso acontecer.

O sono pode clarear minha cabeça, mas não fará nada para a poluição que cerca meu coração.

Capítulo Trinta e Dois

Gentry

Dormimos até que a noite possa nos esconder com segurança de olhares indiscretos, então seguimos em direção ao nosso alvo final. Estacionamos perto da floresta e escondemos o SUV atrás de um arbusto denso. Deixamos Sam no motel, mas quase desejei que o tivéssemos trazido agora. Ele é uma arma extra que talvez precisemos.

Saio do carro e abro a porta de Leana.

— Eu preciso que você espere.

Ela me silencia com o olhar do inferno.

— Você vai me deixar terminar? Você precisa esperar do lado de fora quando chegarmos ao prédio. Deixe-nos conhecer o terreno e então você poderá entrar como sempre faz.

— Você ainda quer me impedir de ver partes de você. — Ela balança a cabeça — Eu vi você enfiar uma mão desencarnada na bunda de outro homem. Não há muito mais para ver.

Bom ponto.

Eu me afasto da porta dela e a deixo sair.

Espero uma equipe de segurança pesada, mas caminhamos pela floresta sem problemas. Avistamos o que parece ser uma caixa de segurança escondida atrás de um enorme pilar de mármore, mas está vazia. Eu balanço minha cabeça. O ponto de segurança é que eles estejam presentes. Óbvio. Não escondido atrás de mármore rico.

— Tem uma porra de um lago — diz Karson enquanto atravessamos o amplo gramado atrás da mansão gloriosamente excessiva de Ralph. Ele se agacha, o dedo pairando acima da água. Um

enorme koi surge com a boca aberta para ele. — E há um peixe grande — Ele zomba — Tão dramático.

— Você vai parar de brincar? — Eu rosno.

— Sabe — Karson diz enquanto acompanha meu passo — eu vi nosso último assassinato no noticiário do motel.

— Porra — eu amaldiçoo. A desvantagem da morte de George é a falta de uma equipe de limpeza. Os corpos que deixamos para trás serão encontrados muito mais rapidamente. Isso aumenta a chance de ser pego. Não estou muito preocupado, no entanto. Karson e eu não tínhamos ninguém para limpar a merda quando éramos crianças, e nos demos bem.

Leana faz um pequeno barulho, mas não diz nada. Ela não quis ficar no carro e agora está arrastando os calcanhares enquanto caminhamos. Agarro seu braço e coloco um par de luvas em sua mão, depois afasto seu cabelo do rosto.

— Tem certeza de que vai ficar bem? — Eu pergunto. Ela absolutamente não parece bem.

— Ela nunca vai ficar bem com isso, G. É isso que a separa de você e de mim. Mas ela vai superar isso e é aí que ela se mistura conosco — diz Karson. Tão confiante. Tão certo.

Ela solta um suspiro, porque sabe que é verdade.

— E se a polícia vier? — Ela pergunta enquanto calça as luvas e prende o cabelo em um rabo de cavalo.

Eu seguro seu queixo.

— Vou colocar uma bala na sua linda cabeça antes que Karson e eu saíamos em um momento de glória — digo a ela com um sorriso malicioso.

— Pare. Estou falando sério.

— Eu também estou — Eu absolutamente vou acabar com seu sofrimento antes de deixá-la ir para a cadeia, e com certeza não vamos

voltar para uma cela de boa vontade. — Espero que eles não venham.

Quando chegamos à entrada em frente à mansão, fico impressionado com seu tamanho. Uma despesa tão desnecessária para um homem solteiro e seu filho de meio período. A extravagante obra-prima do projeto arquitetônico possui colunas imponentes, varandas ao longo de todo o segundo andar e janelas do chão ao teto. A cabine de segurança perto da frente também está vazia. Eu esperava mais um desafio.

Quando chegamos à grande porta em arco — provavelmente destinada a parecer histórica — Karson começa a trabalhar nas fechaduras. Assim que ouço o clique e a abrimos, entramos em um saguão escuro e vazio. Não tem como esse cara estar aqui.

Uma luz de alarme pisca ao nosso lado. Pelo menos o cara era inteligente o suficiente para manter o sistema ligado. Este é um alarme silencioso, destinado a trazer a polícia aqui antes mesmo de sabermos o que aconteceu. Normalmente, isso significa que temos cerca de um minuto para desarmar a coisa.

Esfrego meu dedo enluvado na parte externa do alfinete e aponto minha lanterna sobre ele.

— É melhor adivinhar, G — diz Karson atrás de mim.

— Cale a boca, Karson — rosno, tentando me concentrar.

Tento o aniversário de Ralph: 0417. *Pin inválido*. Em seguida, tento o aniversário da ex-mulher dele. *Inválido*. Minha pesquisa foi em vão. O suor se acumula na minha testa. Temos de três a cinco tentativas antes que isso nos bloqueie e então estamos fodidos. Levanto o dedo para tentar o aniversário do filho, mas a pequena mão de Leana envolve meu pulso. Ela pega a lanterna, se aproxima do bloco de alfinetes e digita quatro números antes que eu possa impedi-la. O alarme pisca em verde e é desativado.

— Como? — Eu pergunto a ela.

Ela dá de ombros.

— Vi um leve desgaste nos botões. Um dois três quatro. Presumi que eles estavam em ordem e que o cara era um idiota. E pronto!

Agarro seu rosto e a puxo para mim para um beijo. Minha pequena andarilha inteligente. Eu deveria ter notado isso primeiro, mas minha mente estava em muitas outras coisas. Pego a lanterna dela e encontro o interruptor de luz.

Acendemos as luzes e o piso de mármore imaculado brilha para nós. Uma grande escadaria leva ao segundo andar, e um lustre sobre a mesa da sala de jantar reflete a luz do hall de entrada. Lustres são um requisito idiota para essas pessoas. Você já conseguiu se não tiver um?

— E agora, G? — Karson pergunta — Esse piano está coberto, assim como algumas das obras de arte. Se ele estiver hospedado em outro lugar, provavelmente escondeu seu dinheiro em outro lugar.

Encolho os ombros e desligo a lanterna.

— Vamos dar uma olhada. Ele definitivamente ainda está morando aqui. O sofá está descoberto e o controle remoto da televisão está na mesa ao lado. Além disso, este é o endereço que George nos deu muito antes de a merda dar errado. Esta é a casa certa.

Subimos as escadas, varrendo o local do quarto principal. Quando o encontramos, no final do corredor ecoante, ele é maior que todo o meu apartamento. Padrões intrincados revestem o papel de parede, seccionado por acabamentos de madeira. Uma lareira domina o quarto, rivalizada apenas pela enorme cama king-size que fica de frente para ela. Que foddidamente romântico.

Karson e eu abrimos as portas do armário e vasculhamos as roupas. Essas pessoas têm tantos malditos armários. Karson afasta um espelho e expõe um cofre. Nosso dia de pagamento.

Tento o aniversário dele novamente, o da esposa, o do filho e, finalmente, o simples alfinete numérico que ele estupidamente usou para proteger toda a porra da sua casa. A luz verde piscando mostra que nosso querido amigo Ralph não é apenas previsível, mas extremamente burro. Prendo a respiração enquanto abro o cofre. Nós

realmente precisamos disso. Para ela. Para nós.

Pilhas de dinheiro olham para nós, altas como os pilares do lado de fora deste lugar. Solto um suspiro de alívio. É mais do que esperávamos. A ansiedade sobre o nosso futuro evapora e me faz sentir alguns quilos mais leve.

— Encha os sacos — digo a Karson antes de sair do armário.

— Você encontrou algo? — Leana pergunta.

— Tudo isso — eu rosno enquanto a puxo para mim. Eu a beijo. Pela primeira vez, por causa dela, tudo está indo perfeitamente bem. Eu a solto assim que Karson sai do armário e, no momento em que o faço, ela cai na cama com um suspiro contido.

Maldição.

— Você está deixando a porra do seu DNA por todo aquele cobertor — eu respondo, agarrando seu braço e puxando-a para uma posição sentada.

Karson cai ao lado dela com um sorriso malicioso.

— Sério? — Eu pergunto.

— Ela já está nisso. É melhor tirar o melhor proveito disso. Vamos apenas levar a porra do cobertor chique conosco — diz Karson, apoiando-se no cotovelo.

Ele não está errado. Já estragamos tudo.

Sua mão serpenteia ao redor de Leana e a puxa para ele, e um rosnado baixo sai da minha garganta.

— Vamos, G. Só preciso de três minutos, lembra?

— Não vamos brincar aqui — digo a eles. Ele tem sorte de eu não querer ser pego. Caso contrário, eu pintaria a porra das paredes com um tom berrante de vermelho Karson.

Leana agarra minhas calças e me puxa para mais perto.

— Por que não brincamos um pouco e depois saímos daqui? Você

conseguiu o dinheiro, então não há necessidade de matá-lo.

Antes que eu possa responder, Karson se senta e balança a cabeça.

— Foda-se. Por mais que eu adorasse foder seus miolos na cama desse idiota rico, temos algo a fazer. Não vou deixar um trabalho inacabado e tenho certeza de que não vou desperdiçar a chance de assassinar uma celebridade.

Lágrimas enchem os olhos de Leana. Ela realmente pensou que poderia fazer a diferença. Ela acreditava que poderia mudar a opinião de Karson no último segundo e salvar este homem de seu destino. Nem mesmo eu consegui impedir Karson de fazer o que foi obrigado a fazer. É como tentar ensinar um tigre a viver um estilo de vida vegano. Não está acontecendo.

— Você está chorando, ladra? — Karson pergunta — Não chore, porra. Esse cara é um viciado em merda. Ele não vale suas lágrimas.

Ela olha para ele, sem vergonha da dor visível em seus olhos.

— Eu também era uma viciada em merda. Quando vocês dois me encontraram, eu estava tão viciada naquela merda que tive vontade de morrer. Se você não tivesse me salvado, eu provavelmente estaria a dois palmos de profundidade. As pessoas podem mudar, Karson. Eles podem limpar suas coisas e encontrar... — Ela para. Sua voz embargada — Eles podem encontrar algo pelo qual viver.

Não suporto vê-la assim. Se ele for estúpido demais para consolá-la, terei que fazê-lo. Posso ser péssimo nisso, mas estou aprendendo. Vou contra meu melhor julgamento e sento na cama. Quando eu a puxo para mim, ela não resiste e apenas se inclina contra meu peito.

Olho para Karson por cima da cabeça dela e ele apenas desvia o olhar. Estou prestes a tentar ajudar Leana a entender quando uma porta bate lá embaixo. O tempo de raciocínio acabou.

— Hora do show — diz Karson com uma risada alegre.

Deixando Leana na cama, vou para o lado de Karson. Se ele não

consegue entender o ponto de vista da minha andarilha, não tem jeito. Não vou deixá-lo fazer esse trabalho sozinho.

Karson

— Karson — Leana implora, sua voz é um mero sussurro.

— Proteja isso, ladra. Estamos fazendo o que viemos fazer aqui, que é matar esse filho da puta.

Gentry olha para ela, e a expressão de dor em seu rosto me enoja. Principalmente, porque eu também sinto isso. Quero dar a Leana o que ela quer, porque ela me deu muito, mas não podemos desistir agora. É tarde demais. O filho da puta está em casa, pelo amor de Deus. Não fugimos de ataques com o rabo entre as pernas e com certeza não vamos começar hoje. Vou sufocá-lo como estou sufocando a centelha de culpa em minhas entranhas.

Sua mão roça meu braço antes de eu puxá-lo de seu alcance e deixar ela e Gentry para trás. Gentry irá me seguir, no entanto. A única coisa que parece melhor do que a boceta de Leana é o assassinato a sangue frio. Ela precisa entender que, embora a consideremos mais elevada do que jamais sustentamos outra pessoa, inclusive uns aos outros, ela não pode transformar nossos corações de duas pedras sem vida em carne pulsante. É apenas quem somos.

Nenhuma quantidade de amor pode mudar isso.

Os passos pesados de Gentry seguem os meus enquanto descemos as escadas e ficamos cara a cara com o homem do momento. Os olhos de Ralph se arregalam no momento em que nos vê.

— Pessoal, esperem — ele começa. Ele nunca viu nossos rostos

antes. A maioria deles não sabe, mas sempre parecem saber quem somos, como se estivéssemos usando capas e carregando foices. Eles sabem que estamos chegando. É apenas uma questão de quando. E onde. Eles também sabem que não há como escapar quando chegarmos lá.

— Ralphie, garoto — eu digo. Ele se vira para correr, mas eu saco minha pistola — Eu não faria isso. Eu *realmente* não estou com vontade de perseguir você.

Ele para no meio do caminho e lentamente se vira para mim. Gentry anda ao meu redor, e sua estatura autoritária faz Ralph engolir em seco.

— Você cheirou todo o seu pagamento, Ralph? — Gentry levanta a sacola — Bem, tudo menos isso.

— Vamos lá pessoal! Você conseguiu o dinheiro. Dê para George e ficamos empatados! — Ele implora. Seus olhos se arregalam quando ele olha para trás, o que significa...

Porra, ladra.

Ela parece uma garotinha quando desliza ao lado do meu irmão. Eu desvio minha atenção dela e volto para a tarefa em questão. Especificamente, as mãos de Ralph, que precisam ser cortadas imediatamente. Meus olhos se fecham por um momento enquanto as brasas da culpa tomam conta de meu interior e queimam um pouco mais. Balanço a cabeça e coloco a mão na lâmina em meu quadril, mas então meus olhos pousam nela em vez de no meu alvo. Como diabos posso matar Ralph quando não consigo nem mesmo matar os sentimentos nojentos em meu íntimo que me dizem que o que estou fazendo vai machucar a única pessoa que não quero machucar?

Pego minha faca e entro em Ralph, que recua ao meu toque e mijá nas calças. Nunca quis matar mais rápido, e esse pensamento me aterroriza. Gosto de ir devagar e saborear cada momento antes que o coração deles pare de bater e a diversão *desapareça* para mim.

— Karson! — Ela implora, e a angústia em sua voz alcança meu

interior e destrói a pedra que cerca meu coração.

Não, isso não pode acontecer. Este é um momento terrível para se ter consciência. Se eu conseguir um depois, tudo bem, mas não quando Ralph tiver visto nossos rostos. Ele tem que morrer. Período. Fim da história.

Ainda... Eu não posso, porra.

Solto um suspiro longo e prolongado. A raiva range os dentes contra meus pulmões e meu peito queima com a raiva crescente. Nada disso é direcionado a ela, no entanto. Ou o rico pedaço de merda na minha frente. É tudo dirigido a mim mesmo.

Jogo Ralph contra a parede e encosto a faca em sua garganta. Ele se debate na minha frente.

— Por favor — ele implora, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto — Meu filho. Meu filho precisa de mim.

Em vez de aumentar minha culpa, suas palavras a sufocam. Gentry e eu não tínhamos um pai que se importasse conosco, e Leana estava ainda pior. Se esse idiota morrer, ele pelo menos deixará seu filho com uma tonelada de dinheiro para viver. Nosso pai nos deixou com uma bagunça para limpar.

Pressiono a lâmina contra sua pele.

— Por favor — Leana implora atrás de mim — Não o deixe viver pelo filho. Deixe-o viver por mim. Mostre-me que você acredita em mim, porque é isso que você fará se der a ele uma segunda chance.

Minha mão bate na parede ao lado de sua cabeça.

— Você merece morrer, Ralph — digo na cara dele — Você deveria estar morto. Eu deveria torturar você até seu último suspiro, especialmente quando você usa seu filho como moeda de troca, quando você não consegue nem ficar limpo o tempo suficiente para passar algum tempo de qualidade com ele.

Ele treme, sua garganta batendo na minha lâmina a cada gole.

— Mas eu não vou matar você. Por causa dela — Faço um gesto em direção a Leana — Porque ela andou com sapatos como os seus. Não o couro rico e caro que você usa, mas os blocos de cimento que se agarram aos seus pés quando você está alto — Respiro fundo — Ela quer que mostremos a você uma fração da simpatia que demonstramos por ela, o que é incrivelmente nojento. Mas isso é importante para ela, então é importante para mim.

Ele tenta agradecer, mas pressiono a faca contra seu pomo de adão e ele fecha os lábios.

— Eu não terminei, porra. Aqui está o que vai acontecer. Pegaremos o dinheiro e deixaremos você vivo, e você não chamará a polícia. Se você fizer isso, enviarei alguém da porra da prisão para encontrar você e seu filho. Não me obrigue a fazer isso — Bato a ponta da faca em seu nariz — Em seguida, você vai sair das drogas. Conheço todos os seus traficantes, garoto Ralphie, e não seria preciso muito dinheiro para que eles misturassem fentanil em sua próxima dose para que você pudesse tirar uma boa soneca. Você não seria a primeira celebridade que derrubamos.

Seus olhos se arregalam de medo, e ele quase parece mais apavorado de viver sem drogas do que de morrer pela minha faca.

— Não posso passar pela abstinência. Isso vai me matar!

— Se ela pode fazer isso, você pode descobrir. Estes são os meus termos.

Ele fecha os olhos e tenta engolir novamente, mas a lâmina não permite.

— Ok, ok! — Ele se engasga.

Eu o agarro pela nuca e o levo até Leana. O choque enche seus grandes olhos azuis. Mesma menina.

— Agradeça a ladra por salvar sua bunda.

— Obrigado! Obrigado! — Ele chora.

Reviro os olhos.

— Prometa que você vai conseguir ajuda — ela diz a ele.

Ele concorda.

— Eu prometo.

Contra tudo da minha natureza, eu o deixo ir e ele cai no chão. Não consigo nem olhar para Gentry, porque não tenho ideia de qual é a expressão dele. Esteja ele feliz ou chateado, acabarei irritado com ele. Enquanto caminhamos em direção à porta, Gentry dá uma despedida.

— E mude seu código de segurança. Jesus, uma criança poderia ter adivinhado isso — ele grita por cima do ombro. Luto contra um sorriso, porque ele não adivinhou.

Minha boa ladrazinha fez isso.

Capítulo Trinta e Três

Gentry

Sinto como se o mundo implodisse. O chão abaixo de nós se despedaçou e tudo o que conhecíamos foi destruído quando ele se desfez. Karson recusou uma morte. Ele deve estar doente. Seriamente doente. Talvez até morrendo.

— Venha aqui. Deixe-me verificar sua testa.

Eu me inclino e estendo a mão em direção ao seu rosto, mas ele afasta minha mão.

— Foda-se — ele diz — É culpa dela.

— Minha culpa? — Leana pergunta, surpresa genuína colorindo seu tom. Ela sabe muito bem que a culpa é dela. Nenhum de nós deixaria um alvo vivo assim.

Mas ela iria.

— Sim, você teve que se aproximar e parecer muito triste — Karson nos acena enquanto acelera seus passos para chegar à nossa frente. É uma longa caminhada por este maldito quintal.

— Desde quando você se importa se alguém está triste? — Ela pergunta, e eu deixo a resposta levantar os cantos da minha boca.

Tão tagarela. Eu amo isso.

Karson para e se vira.

— *Sua* tristeza é a *única* que me incomoda. Não dele. Não minha. Sua. — Ele desvia o olhar. — E eu odeio isso. Não sei como Gentry concilia sentimentos e pensamentos homicidas no mesmo corpo. Ele mente. Como você é um assassino com consciência, G? Não faz nenhum sentido para mim. Não gosto da sensação e não quero *esses*

sentimentos. Eu estava bem do jeito que estava!

Eu inclino minha cabeça para ele. Ele nunca *estava bem*. Ele nunca esteve bem um dia em sua vida.

— Tudo bem! — Ele responde antes de se afastar de nós novamente.

Puxo Leana para mim enquanto caminhamos.

— Você sabe que isso foi incrivelmente idiota, certo?

Ela sabe. Não é preciso ser alguém que mata para viver para saber que isso foi idiota. Esse pedaço de merda pode chamar a polícia antes mesmo de chegarmos ao nosso carro.

— Então por que você não parou? — Ela estala, e eu aperto seus lados.

— Por um lado, fiquei chocado demais para impedir. Mas também, de qualquer maneira, eu não o teria deixado matar Ralph. Tão estúpido de fazer, mas foi para você. Se formos apanhados, voltaremos ao plano. Vou colocar uma bala na sua cabeça — inclino-me e beijo sua testa — e depois saio para uma troca de tiros.

Ela se afasta de mim assim que chegamos ao SUV.

— Esquecemos o cobertor — ela diz enquanto entra no banco de trás.

— Ele não fará merda nenhuma — diz Karson enquanto sobe no banco do passageiro — Ele provavelmente ainda está se limpando. O cara mijou nas calças. Além disso, você não fica cara a cara com os ceifadores duas vezes. Ele não vai gostar do que acontecerá com ele se eu tiver que visitá-lo novamente. Nem mesmo você poderia salvá-lo, ladra. — Karson dá um soco no painel e olha pela janela — Eu odeio não me sentir um assassino agora.

— Confie em mim, você é um assassino — diz ela — Só não desta vez.

— Não se acostume com isso — diz Karson — Nem sempre serei

altruísta. Na verdade, provavelmente raramente serei, então lembre-se deste momento em que você pensa que sou um idiota egoísta.

Isso soa mais como Karson.

Voltamos ao estacionamento do motel, e Leana e Karson parecem mais do que felizes em passar o resto da noite aqui, mas tenho outra coisa em mente. Eu digo a eles para pegarem suas coisas e levarem Sam antes de pegarmos a estrada novamente.

Leana

Quando Gentry chega ao caro hotel anexo à vinícola, quase posso perdoá-lo pela longa viagem. Ele tem que “lubrificar as rodas” com um pouco de dinheiro para permitir que o cachorro entre conosco, mas acabamos pegando o elevador para um quarto mais sofisticado do que o de antes, completo com área de estar e acesso à sala do clube. Só estou surpreso com uma coisa.

Uma cama king-size aguarda no quarto.

— Três minutos? — Gentry diz assim que colocamos nossas malas no chão.

Karson revira os olhos.

— Isso de novo não.

— Eu posso levá-la em dois — Ele captura minha boca e puxa meu lábio inferior entre os dentes. Quando ele me solta, ele me joga na cama e abaixa minhas calças até poder tirá-las. Ele me vira e levanta meus quadris até que eu esteja pronta para ele — Tempo certo.

Antes que eu saiba o que está acontecendo, ele enterra o rosto na minha boceta. O ciúme alimenta sua língua e ele encontra meu clitóris

inchado com facilidade. Meus gemidos ganham intensidade quando ele coloca as mãos em volta das minhas coxas e me puxa contra seu rosto. Sons de prazer saem dos meus lábios, mais fortes e mais rápidos, até que minhas coxas tremem contra seus lábios. Ele enfia as pontas dos dedos na minha pele para me firmar.

Estou tão perto e tenho certeza que ele pode sentir isso. Ele afunda um dedo dentro de mim para me levar ao limite, e eu engasgo com o aumento repentino do prazer que corre entre minhas pernas. Ele empurra os dedos mais fundo, procurando o próximo gemido e tirando-o de mim com facilidade.

Ele quer me fazer gozar com mais força e rapidez do que Karson poderia, e isso é algo que Karson nunca entenderá. Ele nunca saberá o que é precisar me agradar tão desesperadamente.

E tudo bem.

Gentry nunca saberá o que significa me aceitar de forma egoísta e usar meu corpo para satisfazer sua própria necessidade faminta. Ele não consegue entender o que significa tirar de mim, porque está muito ocupado.

E tudo bem.

São as duas forças opostas que, de alguma forma, me mantêm unida.

Não consigo controlar o orgasmo enquanto ele me atravessa. Aperto seus dedos e grito, estremecendo e agarrando o edredom para me manter de pé. Não quero me afastar da boca dele. Não quero que esse sentimento pare.

Quando ele sai de mim, viro a cabeça e vejo que os olhos de Karson estão fixos em nós. Saber que ele viu seu irmão me tirar do sério me faz querer mais. Acabei de ser alimentada, mas ainda estou com muita fome.

— Dois minutos e trinta e cinco segundos — diz Karson enquanto vira o telefone para nós, exibindo o cronômetro.

Gentry se senta na cama e me puxa para seu colo. Seu pau duro pressiona minha bunda nua, e fico feliz em saber que não sou a única que quer mais — Eu conheço seu corpo, doce andarilha — diz ele. — Eu sei disso melhor do que meu irmão.

— Quem fez melhor, ladra? — Karson pergunta.

Eu balanço minha cabeça. Não posso comparar Gentry e Karson. Eles quase se tornam um só quando se trata de matar, mas quando se trata de se importar ou amar alguém, eles são um mundo à parte.

— Por favor, não me peça para escolher entre vocês — eu digo — Não há como escolher. Eu preciso de vocês dois. Preciso do seu egoísmo, Karson — Viro-me para Gentry — Mas eu também preciso do seu altruísmo.

Karson se aproxima e se inclina para me beijar. Sua mão envolve minha nuca enquanto ele me puxa para mais perto de sua boca. Eu o beijo, esperando que Gentry me afaste a qualquer momento, mas ele não o faz. Estou pressionada entre eles e nunca estive tão excitada.

Quando Karson me solta, viro-me para Gentry.

— Você está bem com isso?

Ele se inclina e me beija.

— Eu nunca ficarei bem em compartilhar você, mas Karson não é o único disposto a fazer uma mudança por você. É isso que você quer, não é?

— Sim, senhor — eu digo.

Ele rosna contra minha boca e me beija mais uma vez.

— Basta lembrar a quem você pertence, andarilha.

Karson vira minha cabeça para ele novamente.

— Ladra — ele sussurra contra minha boca — quero que meu irmão estique sua boceta enquanto eu afundo dentro de sua bunda perfeita.

Nunca fiz isso antes, mas não acho que isso importe para Karson.

— Venha aqui — diz Gentry, baixo e suavemente enquanto se deita de costas. Ele me arrasta sobre ele, e eu monto em seus quadris largos, sentindo o comprimento de seu pau duro através de sua calça jeans. Há algo tão erótico em usar seu zíper, mas eu quero mais. Eu *preciso* de mais. Ele se abaixa e desabotoa a calça jeans, liberando seu pau. Ele está tão excitado que a pele nua queima quando eu me abaixo contra ela — Eu não posso esperar mais um momento para esticar sua doce boceta — ele rosna antes de enterrar o rosto em meu pescoço e morder minha carne.

— Por favor, senhor — eu imploro — Posso ficar com seu pau? — Gemidos pontuam minhas palavras enquanto seus dentes afundam mais fundo.

— Você sabe que adoro quando você me chama assim — ele sussurra — Eu não posso te dizer não quando você é uma garota tão boa.

Eu choramingo enquanto ele desliza a mão entre nós e desliza a cabeça latejante de seu pênis em direção à minha entrada. Quando ele puxa meus quadris para baixo, sou empalada de prazer e dor, impiedosamente rasgada em duas. Eu grito e ele abafa meus gritos com o ombro enquanto me puxa contra seu peito.

— Desculpe, andarilha — Ele afasta meu cabelo da minha bochecha suada — Egoísta da minha parte pegar sua boceta assim, eu sei, mas eu precisava sentir você perto de mim.

A queimação diminui entre minhas pernas e me deixa com uma sensação de calor e plenitude, mas os cabelos da minha nuca se arrepiam enquanto mãos seguram minha cintura, logo abaixo das de Gentry. O calor do corpo de Karson me aquece por trás. Ele se aproxima e morde meu ombro antes de empurrar meu peito para o de seu irmão. Suas mãos apalpa minha bunda, empurrando as pontas dos dedos em minha carne com um grunhido baixo.

— Gentry pode ser dono de sua boceta, pequena ladra, mas sua bunda é minha — diz ele enquanto suas mãos me abrem. No momento em que ele faz isso, meu corpo fica tenso, e Gentry estremece com essa

pressão renovada.

— Espere, Karson — diz Gentry. Ele levanta meu queixo, forçando meus olhos a encontrar os dele — É isso que você quer?

Odeio que ele pergunte, porque não tenho certeza. Com base na forma como meu corpo respondeu, certamente parece que não quero isso, mas quero *querer*. Só estou com medo.

— Não vou machucá-la, G — diz Karson — Não mais do que o que acontece quando coloco meu pau perfurado em um buraco tão apertado.

Suas palavras me deixam ainda mais tensa.

— Você não está ajudando.

Karson se inclina, coloca a mão na minha nuca e me levanta em sua direção, aproximando meu ouvido de sua boca.

— Deixe-me entrar em você, ladra. Vou lhe mostrar que Gentry não é o único amante generoso.

Eu suspiro, exalando um longo suspiro enquanto ele solta meu pescoço. O suor escorre pelas minhas costas e preciso tirar essa camisa. Eu a tiro e me inclino para frente, colocando meu peito nu contra a camisa de Gentry. Enterro meu rosto no tecido enquanto as mãos de Karson vagam pela minha bunda novamente. Ele abre o zíper da calça jeans e me abre novamente. Saliva quente escorre entre minhas nádegas e me cobre.

Estou com muito medo.

Karson coloca seu pau para mim e eu me preparo para sua intrusão. Em vez de empurrar dentro de mim, ele descansa entre minhas bochechas enquanto suas mãos acalmam minha parte inferior das costas com uma carícia suave e carinhosa. Atrevo-me a dizer... amorosa?

Eu relaxo um pouco, e ele não pede permissão quando uma mão sai das minhas costas e guia seu pau dentro de mim. Mordo a camisa de Gentry enquanto sua cabeça me abre, os piercings passando pela

minha abertura. Ele empurra mais dentro de mim, mais devagar do que eu esperava, então espera até que eu me estique ao redor dele antes de empurrar mais.

As pontas dos dedos dele cavam nas minhas costas.

— Não se acostume com minha gentileza, ladra — ele rosna — Pretendo perfurar sua bunda no momento em que você parar de lutar comigo.

Eu não estou lutando com ele. Estou tão cheia do pau do seu irmão, e não há muito espaço dentro do meu corpo. Justamente quando penso que não aguento nem mais um centímetro de Karson, ele empurra até que sinto os pelos macios de sua pélvis contra minha bunda. Há muita fricção quando ele tenta recuar, então ele cospe novamente, cobrindo seu pau. Quando ele avança novamente, ele desliza dentro de mim. Estou tão cheia.

— Porra, ladra — Karson grita, suas palavras misturadas com prazer selvagem.

Gentry não consegue se mover muito embaixo de nós, mas permanece enterrado tão fundo que posso senti-lo na parte inferior do abdômen. Ele puxa meu rosto em sua direção para que possa me beijar, e seus lábios me fazem esquecer tudo enquanto Karson arranca o vislumbre de humanidade e fode minha bunda impiedosamente. Grito na boca de Gentry e ele engole toda a dor.

— Boa menina — ele sussurra.

A mão de Karson passa pelo meu cabelo e ele estica meu pescoço enquanto me fode.

— Ela não é uma boa menina — ele rosna — Ela é uma ladra suja.

Há uma vantagem competitiva em suas palavras, e isso vai direto para a minha pélvis e se enterra entre elas. Sou puxada da sensualidade suave de Gentry e empurrada para o aperto áspero e apaixonado de Karson. Eu me sinto tão viva, poupada pelas mãos da morte que agarram partes do meu corpo. Meus quadris. Meus ombros. Meu peito. Eu os sinto em todos os lugares.

Gentry levanta os quadris, acompanhando o ritmo de seu irmão, para que eu permaneça completa e desconfortavelmente empanturrada. Movo meus quadris com as estocadas de Karson. Eu gosto da sensação. Como é sujo e cru.

Gentry me puxa para ele, envolvendo seus braços em volta de mim.

— Eu vou gozar, andarilha — ele geme, deixando os movimentos de Karson e minha boceta latejante trabalharem nele. Seus quadris sobem para encontrar os meus enquanto ele me preenche.

— Bom. Agora ela pode ser minha — diz Karson.

— Sem chance. Vou mantê-la recheada com meu pau para que ela não perca uma única gota do meu gozo.

— Egoísta — Karson corta.

— Sim, às vezes — As pontas dos dedos de Gentry afastam o cabelo da minha bochecha enquanto ele me olha nos olhos — Ela é minha pequena errante procriável — ele diz, e foda-se se isso não me faz vibrar — Minha.

— Nossa — Karson corrige enquanto bate na minha bunda — Há uma razão pela qual ela não escolhe entre nós. Você gosta de como nós *dois* usamos você, hein, pequena ladra? Você gosta de como Gentry te fode como se ele te amasse e eu te fodo como se eu te odiasse.

— Sim — eu choramingo.

É verdade. Karson está fodido além da compreensão, e ainda assim meu corpo ainda anseia por seu toque áspero e selvagem. Quase tanto quanto desejo a mão protetora e amorosa que pertence a Gentry. E eu não vou escolher. Não agora. Não depois de termos conseguido chegar a este momento.

— Você quer que os dois buracos sejam preenchidos? — Karson pergunta enquanto coloca uma mão no meu quadril e a outra no meu ombro, mas não espera pela minha resposta. Nunca foi uma pergunta.

Ele me fode com mais força e mais rápido, a dor oca de seu pau

pulsando através de mim. Eu gemo, amando a fricção enquanto seus pênis colidem dentro de mim. É doentio e distorcido, mas foi isso que me tornei.

E o que eles sempre foram.

Karson retarda as estocadas fortes que batem contra a parte de trás das minhas coxas.

— Vou encher você, ladra. Reivindicar oficialmente esta sua bunda apertada — ele rosna enquanto seus quadris gaguejam, e com um gemido que provoca arrepios na minha espinha, ele goza.

O suor escorre pelo meu corpo enquanto as mãos de Gentry vagam sobre mim, brincando com meus mamilos enquanto todos nós ofegamos por ar. Estou fodida e cheia, e eles estão vazios e saciados. O calor de seus corpos pressiona contra mim até que sinto que somos um. Estou dolorida e usada, mas estou mais contente do que nunca. Mais livre do que jamais me senti.

Eu me inclino e beijo Gentry, o homem que protegerá o que é dele a qualquer custo. Karson agarra meu cabelo e me puxa em sua direção, e eu o beijo também. O homem que vai conseguir o que quiser, independentemente das repercussões.

E então há eu. Bem no meio, onde eu pertenço.

Epílogo

Um ano depois

Gentry

O cheiro de sangue é quase insuportável. Não de uma forma desagradável, mas da mesma forma que algo muito doce pode quase fazer você se sentir mal. Esta noite foi uma morte tão desleixada – sangrenta pra caralho, com a quantidade perfeita de tortura para Karson. Mesmo que Leana ainda não tenha dado o tiro mortal desde o ex, ela participa da tortura quando sente que a vítima merece. O que é fofo, porque ela já insistiu tanto que ninguém merece a morte. Muitas pessoas merecem a morte, mas menos merecem a vida. Eu certamente não mereço. Especialmente não *nesta* vida com ela e a porra do meu irmão.

E Sam. Ele nos cumprimenta na porta quando entramos no apartamento, feliz por cheirar o sangue em nossos corpos. Às vezes o levamos junto nas matanças — o vira-lata assassino é um Kursicki, de ponta a ponta — mas o deixamos para vigiar o apartamento esta noite.

A única desvantagem desta vida é ter que compartilhar Leana. Odeio entregá-la a Karson, porque a quero para mim, mas *ela* quer nós dois e consegue o que quer. Se ela não quiser escolher entre nós, não a obrigarei. Nenhum de nós o fará.

Enquanto tiramos nossas roupas, Karson se vira para mim com um sorriso.

— Ouvi falar de uma maneira de ganharmos algum dinheiro extra — diz ele — Tem um lutador chamado Ambrose não muito longe daqui e ele está fazendo barulho no ringue. Podemos brigar nos finais de

semana quando não estamos ocupados. Haverá um bom dinheiro se vencermos.

— Não vou chutar sua bunda por dinheiro — digo enquanto tiro minha camisa — Farei isso de graça.

Leana fica nua em frente à porta do banheiro e acena para nós.

— Pare com essa merda competitiva e vamos ficar limpos.

Tiramos o resto das nossas roupas e nós três estamos nus quando chegamos ao chuveiro. Com as endorfinas da matança, nós a arrastamos e fechamos a porta. O spray envia água tingida de sangue para o ralo, purificando-nos dos nossos pecados.

Até a próxima vez, claro.

— Minha ladra — Karson sussurra enquanto beija a nuca dela.

— Você vai parar de me chamar assim? — ela pergunta — Eu roubei um carro.

Tão tagarela. Como sempre.

— Você roubou mais do que isso — diz Karson rindo.

Eu inclino minha cabeça para ele. Se ele disser alguma merda da Hallmark como — Ela roubou meu coração — eu atirarei nele. Mesmo que seja meio verdade. Eu a chamo de andarilha, porque ela me levou a lugares dentro de mim que eu nunca teria entrado sozinho, e ela é definitivamente uma ladra por roubar nossos corações. Ela também alimentou a humanidade à força goela abaixo. Mas que merda doce? Essa é a minha metade da equação fodida. Eu sou o idiota. Eu colocaria uma faca no meu próprio peito por ela. Eu a amo mais do que amo matar, e nunca pensei que isso seria uma coisa para mim. Ela até me faz amar meu irmão novamente, como uma extensão dela.

— Eu te amo, andarilha — eu digo enquanto a puxo para mim e a beijo.

— Eu também te amo — Seu olhar salta entre nós — Vocês dois.

Karson - porque ele ainda é um mega idiota - puxa-a contra seu

peito e sussurra algo em seu ouvido. Aprendi a controlar o ciúme. Em vez de permitir que isso criasse ódio, deixei que alimentasse meu desejo e necessidade. Eu sempre a quero mais quando sei que meu irmão também a quer. Quero fazê-la gozar com mais força, mais rápido e melhor do que ele.

Karson e eu nos entreolhamos antes de colocarmos um dos braços dela acima da cabeça. Minha mão livre percorre a curva de seu seio, onde uma nova tatuagem fica logo abaixo da flecha – a palavra — Kursed — escrita em uma mistura de nosso sangue. Ela é nossa, completa e totalmente.

E ela é Amaldiçoada.

Todos nós somos.

— Quem pode fazer você gozar mais rápido, ladra? — Karson pergunta, me provocando com as palavras tanto quanto ela — Eu ou meu irmão?

Tiro minha mão de seu peito e a coloco entre suas pernas com um sorriso — Tempo certo.

Notas

[←1]

A ação de manter sua vagina no pênis de alguém para mantê-lo bem, duro e quente.

[←2]

Ato sexual que envolve a passagem do sêmen ejaculado da boca de uma pessoa para a de outra.

[←3]

redrum é um bordão para pessoas que secretamente só querem matar todo mundo. Redrum significa assassinato ao contrário. “Murder”

Criança brincalhona.

[←5]

Uma pessoa considerada variadamente como ineficaz, tola, desagradável, desprezível, etc.